

Swami Purana

por

Swami Satyananda Saraswati

DEVI MANDIR

Versão em Português - 1999

Swami Purana

por

स्वामि सत्यानन्द सरस्वति

Swami Satyananda Saraswati

Publicado por

Devi Mandir Publications

Swami Purana, Primeira Edição Copyright@ 1994
Segunda Edição Copyright@ 1998
Devi Mandir Publications
5950 Highway 128
Napa, CA 94558 USA

Comunicações: Telefone e Fax: 1-707-966-2802
E-Mail: shreemaa@napanet.net
Por favor visite-nos no World Wide Web em
<http://www.shreemaa.org/>

Todos os direitos reservados
ISBN 1-887472-61-4
Library of Congress Catalog Data
CIP 94-094303

Swami Purana, Swami Satyananda Saraswati
1. Religião Hindu 2. Adoração à Deusa
2. 3. Espiritualidade. 4. Filosofia. I. Saraswati,
Swami Satyananda

Versão para o português - 1999

Introdução

As histórias do Swami Purana compreendem uma antologia da sabedoria do Sanatana Dharma, o eterno Ideal de Perfeição, uma arca do tesouro do folclore da Índia antiga, e uma moderna aplicação hoje destes ensinamentos clássicos. Esta coleção representa um pequeno balde tirado do inenso oceano de sabedoria espiritual. Estas histórias originaram-se dos Védas e Upanishads, foram ampliadas nos Puranas, aumentadas através dos épicos de Ramayana e Mahabharata, e explicadas no Srimad Bhagavat e no Devi Bhagavatam. Elas têm sido arranjadas em uma cronologia da Satya Yuga para o começo da Kali Yuga, e são ligadas por uma linhagem de eventos desde o desaparecimento de Sati, a esposa de Shiva, e a destruição do Deus do Amor, até o nascimento do Rei Janamejaya e o começo da Era da Escuridão.

As histórias são cheias de muitos níveis de significado, e são muito divertidas. Você irá desfrutar lendo-as em voz alta, representando as partes, e compartilhando esta herança com suas crianças e seus amigos.

Possa Deus abençoa-los com Sabedoria e Paz.
Shri Maa e Swamiji

Índice

Shiva Bebe o Veneno	7
Os Filhos de Brahma	7
A Dádiva de Daksa	8
Batendo o Oceano de Leite	8
Mohini Engana os Ashuras	9
As Filhas de Daksa e a Maldição de Candra	10
O Nascimento de Sati	12
A Inimizade de Daksa Com Shiva	13
O Casamento de Shiva e Sati	13
Shiva Vê Mohini	14
O Sacrifício de Brahma	15
A Maldição de Nandi	16
Sati Testa Rama	16
Sukracharya Realiza Tapasya	18
A Maldição de Bhrgu Muni	19
A Tapasya de Sukracharya	21
Brhaspati Torna-se o Guru dos Ashuras	22
O Lamento de Sati e o Yajña de Daksa	23
Sati Deixa Seu Corpo e os Shakti Pithas	25
Tarakasura e a Celebração do Shivaratri	26
A Divina Mãe Promete Tomar Nascimento	28
O Nascimento de Parvati	28
Senhor Shiva Reduz Amor a Cinzas	32
Shiva Testa Parvati	35
O Casamento de Shiva e Parvati	35
Menaka Ascende aos Céus	36
A Maldição de Jaya e Vijaya	36
Madhu e Kaitabha	37
Hiranyaksa e Hiranyakasipu e a História de Prahlad	38
Ekavirya e Ekavali	42
Visvarath Conquista a Índia	45
A Vaca de Vasistha	46
Visvarath Torna-se Visvamitra	48
As Origens da Dinastia Solar	49
Chyavana Muni e Sukanya	50
A História de Sudarsana	57
Sudarsana e Sasikala	58
A História de Satya Vrat	63
Satya Vrat Vai ao Céu	67
Varuna Concede Um Filho a Harischandra	71
A Inimizade Entre Vasistha e Visvamitra	77
O Teste de Harischandra	78
A História de Ganga	92
Kapila Muni Amaldiçoa os Filhos de Sagar	96
Bali e o Vaman Avatar	98
Vedavati Amaldiçoa Ravana	101
A Maldição de Narada	102
Rama	104
Lavanasura	110
Lav e Kus	111
Maha Bisa e Ganga	114
Visvamitra e Menaka	116

Sakuntala	118
Bharat Dá o Trono para Santanu	125
Santanu Casa-se com Ganga	126
O Nascimento de Matsyagandha	128
O Nascimento de Veda Vyasa	131
A Sabedoria de Veda Vyasa	132
O Nascimento de Suk Deva	133
A Discussão sobre Casamento	134
O Rei e o Pundit	135
O Debate Continua	136
Suk Deva Visita o Rei Janaka	139
O Casamento de Suk Deva	142
Santanu Reunido Com Devavrat	143
Devavrat Torna-se Bhisma	144
O Casamento de Vicitravirya e a Maldição de Bhisma	147
Satyavati Chama Veda Vyasa	149
Pandu Casa-se com Kunti e Madri	151
A Maldição de Pandu	153
Os Cinco Filhos de Pandu Retornam para Hastinapura	155
Yudhisthira torna-se o Herdeiro do Trono	157
O Casamento de Draupadi	159
Dois Herdeiros ao Trono	160
A Linhagem de Krsna	161
Nara e Narayana e o Nascimento de Urvasi	162
As Maldições de Sadgarbha	163
O Nascimento de Krsna	164
As Encarnações de Deuses e Ashuras	165
Krsna Ergue a Montanha Govardana	166
A Morte de Kamsa	167
Os Pandavas em Indraprasta e o Sacrifício Rajasuya	167
Arjuna Casa-se com Subhadra e o Nascimento do Deus do Amor	168
A Fraude no Jogo de Dados	169
A Tapasya de Arjuna	172
Bhima Convida Hanuman	174
Arjuna Completa seu Curso	176
Arjuna o Professor de Dança	177
Draupadi e a Morte de Kitchat	177
Guerra!	181
Pariksit e a Vinda de Kali	182
O Rei Janamejaya e o Grande Yajña	186

Shiva Bebe o Veneno

Havia uma classe de demônios chamados Hlalala (Veneno Mortal), que surgiam da batida do oceano de leite. Este foi o veneno que Shiva consumiu para salvar a existência de seus efeitos mortais. Os Deuses, incluindo Shiva e Vishnu, lutaram com aqueles demônios por mais de sessenta mil anos. Por um momento os demônios tinham conquistado os três mundos, e feito os Deuses subservientes, como tinha ocorrido em muitas ocasiões.

Por fim Shiva veio e bebeu o veneno, depois do quê seu pescoço ficou azul, este foi o fim daqueles demônios. Bem, Shiva e Vishnu voltaram para suas esposas gabando-se da habilidade deles em derrotar os inimigos. Suas esposas começaram a rir com o egoísmo chauvinista de seus maridos, e deram-lhes uma suave advertência de que a Shakti é a energia de tudo em todas as coisas e que se alguém era merecedor de louvor pela vitória, este alguém seria as esposas que são feitas de Shakti. Embora as esposas estivessem sentadas em casa, elas raciocinaram, que foram elas quem deram suas energias para seus maridos e pela qual a vitória foi conquistada.

Os cavaleiros tomaram isso como ofensa e insultaram suas esposas, depois disso as Deusas partiram. Para ensinar aos seus maridos uma lição de humildade, elas decidiram tornarem-se imanas, e foi exatamente isso que fizeram. Sentaram-se em meditação e ficaram imperceptíveis. Repentinamente, os honens caíram sem energia, sem bilho, sem inspiração, e toda a tarefa de criar, preservar e transformar a existência caiu sobre os ombros de Brahma, que foi o único que não tinha antagonizado sua esposa, e portanto, tinha a capacidade de fazer alguma coisa.

Os Filhos de Brahma

Brahma teve muitos filhos; de fato, ele é chamado Prajapati, o Senhor de todos os seres nascidos. Narada veio de seu olho; Daksa, veio de seu polegar direito, e a esposa de Daksa veio de seu polegar esquerdo. Então vieram os quatro Kumaras: Sanat, Sanaka, Sananda e Sarataka Kumara; os quatro eternos jovens meninos que ensinaram a sabedoria dos Vedas aos Rsis. Eles eram eternamente puros, como um cristal claro e radiante. Brahma também deu nascimento a Vashista, o ser sábio, e a Narada Muni. Um dia Brahma ficou zangado e do franzir de sua testa veio Rudra. Estes foram alguns dos mais famosos filhos de Brahma.

Cada qual engajado em seu respectivo curso de ação. Vashista tinha a habilidade de ensinar sabedoria. Os quatro Kumaras ensinavam a pureza e clareza das Escrituras. Narada era a mosca dos três mundos, ele estava sempre espalhando mexericos. Daksa, que significa habilidade, a mente, energia mental, buscou tornar-se mais poderoso.

Depois de gastar algum tempo criando, preservando e transformando o universo por si mesmo, Brahma começou a sentir-se cansado. A medida em que estava atarefadamente engajado em seus presentes esforços, ele não tinha tempo de realizar qualquer prática espiritual para ele mesmo. Assim, ele chamou todos os seus filhos para ver se eles não poderiam encontrar um meio de ajudá-lo. Ele lhes pediu para praticar tapasya, austeridades espirituais, para agradar a Mãe Divina, e pedir a Ela que mais uma vez se manifestasse como as esposas de Shiva e Vishnu, e para retornar com a energia que eles precisavam para continuarem com suas funções. Brahma prometeu que aquele entre seus filhos que convencesse a Mãe Divina a tomar nascimento em sua casa, este, se tornaria o mais poderoso homem da criação.

A Dádiva de Daksa

Todos os filhos foram executar austeridades para propiciar a Mãe Divina e fazer com que Ela se manifestasse na criação novamente. Daksa foi com os outros para se engajar na disciplina espiritual, e tomou-se extremamente inspirado. Ele desejou aquele poder que seu pai tinha prometido e assim ele sempre fazia um pouco mais. Ele ficou de pé em um pé só e elevou as mãos aos céus. Ele cantou mantras enquanto sentado na neve e no sol ou na chuva. Ele nunca se moveu, nunca desistiu, nunca desviou-se de seu ininterrupto, incansável voto de austeridades purificadoras. Por mais de cem mil anos ele sentou-se em meditação, executando muitas severas austeridades. Ele desejava que a Mãe Divina se manifestasse novamente na criação, e se casasse com Shiva para aliviar o fardo do ombro de seu pai, mas, o mais importante, ele desejava que Ela nascesse em sua casa.

Finalmente, a Mãe Divina ficou satisfeita com aqueles esforços e apareceu diante de Daksa e os outros sadhus que meditavam. Ela lhes disse que estava satisfeita com eles, e disse, "Escolham uma dádiva."

Daksa imediatamente respondeu, "Eu desejo que você tome nascimento em minha casa!"

A Deusa disse, "Tudo bem, eu o farei."

Então os outros irmãos disseram, "Desejamos que você se torne a esposa de Shiva e Vishnu novamente, e dê a eles a energia pela qual eles possam executar suas funções na existência. Nosso pai ficou cansado por criar, preservar e transformar este universo, assim por favor dê a Shiva e Vishnu, as Shaktis pelas quais eles possam fazer cada qual a sua parte."

A Deusa disse, "Eu lhes concederei esta dádiva. Nascerei na casa de Daksa e realizarei austeridades necessárias para ser aceita em casamento por Shiva, e Minha outra manifestação tomará nascimento do oceano de leite e se casará com Vishnu. Isto acontecerá quando todos os seres cantarem meu mantra HRIM."

Batendo o Oceano de Leite

Os Munis, os grandes sábios da criação, ficaram satisfeitos com as dádivas que receberam e retornaram ao seu pai para lhe contarem. Então Brahma instruiu os Deuses a bater o oceano de leite para fazer o néctar da imortalidade. Ele lhes disse que usassem o monte Meru como uma bateadeira, e para recrutar a ajuda dos ashuras, as pessoas que sempre pensam em si mesmas, para bater o grande oceano de leite. Com grandes esforços todos eles trouxeram a montanha Meru para a margem do mar para usa-la como uma bateadeira. Mas aí! Se eles dembassem a montanha no mar, todo o leite se espalharia. Vishnu veio em sua encarnação como uma Tartaruga para alcançar o propósito da criação. "Coloque a montanha em minhas costas e eu a colocarei no mar," instruiu ele.

Isto foi feito e a grande montanha flutuou para o mar da consciência nas costas da grande Tartaruga, Kurma Avatar. Depois disso, Vasuki, o rei das serpentes, fez de si mesmo uma corda. A serpente amarrou-se ao redor da montanha, enquanto os Deuses movimentavam de um lado e os ashuras de outro. Eles alternadamente começaram a puxar, e a grande montanha bateu a infinita expansão da consciência para frente e para trás até seu conteúdo começar a vir para fora.

Os Deuses e ashuras bateram o oceano de leite, de onde veio Mahalaxmi, a Mãe Prakriti, a matéria primordial da qual toda a criação nasce. Os Deuses correram na frente para escoltá-la até Vaikuntha, onde Vishnu a saudou com grande prazer e graça própria de um cavalheiro.

Mohini Engana os Ashuras

Muitas outras coisas vieram daquele oceano, todas muito numerosas para mencionar. E então Dharmatara apareceu, segurando uma tigela cheia com o néctar da imortalidade. Ele estava brilhando radiantemente com a riqueza da realização. Seu brilho irradiava-se em todas as direções.

Todos os Deuses e ashuras correram para pegar a tigela. Esquecendo-se de todo o decoro, eles a agarraram das mãos da Deidade, e então resultou numa grande luta. Cada um desejava ser o primeiro a beber o néctar. Ashuras lutavam com ashuras, Deuses lutavam com Deuses. Em um momento os Deuses conseguiram segurar a tigela, mas os ashuras a roubaram. Devido ao tremendo tormento que causaram uns aos outros ninguém foi capaz de beber. Então os ashuras conseguiram segurar a tigela, e os Deuses lamentaram, "Nós estamos condenados! Agora os ashuras beberão o néctar antes de nós. Ajude-nos Vishnu! Protegei-nos! Venha nos socorrer! Por favor salve-nos, ó Senhor!" Vishnu, que está sempre preparado para salvar devotos, tomou a forma de Mohini. Mohi significa a ignorância das ligações egoístas. Mohini é Ela que Seduz a Consciência na Ignorância de Ligações Egoístas. Esta Mohini era bela além do que se pode acreditar. Todos os que a viam imediatamente tornavam-se absorvidos em contemplar sua incomparável beleza, e a luta parou abruptamente.

Mohini perguntou inocentemente, "Sobre o que vocês estão discutindo?"

"Nós obtivemos a tigela do néctar da imortalidade, produzido da batida do oceano da consciência pura. Quem será o primeiro a bebe-lo?" foi a resposta dos Deuses e Ashuras.

"Isto é simples," disse Mohini. "Eu irei dividi-lo para vocês. Não há necessidade de lutar. Eu os servirei. Vocês devem apenas sentar-se em duas filas: os Deuses em uma fila e os ashuras em outra fila, e eu darei a cada um a porção que lhe é devida."

"Certo Mohini. Está é uma idéia maravilhosa. Aqui está o néctar," foi a imediata resposta dos Deuses e ashuras. Os ashuras alegrenmente entregaram a tigela de néctar para Mohini. E formando suas filas, todos sentaram-se. "Tudo certo, estamos prontos Mohini."

Mohini pegou a tigela de néctar e caminhou pela fila dos ashuras dando a cada um copo de vinho, e depois caminhou pela fila dos Deuses e lhes deu o néctar enquanto os ashuras olhavam. Quando ela se aproximava do fim da fila dos Deuses, alguns dos ashuras perceberam que Mohini estava dando todo o néctar para os Deuses. Vendo que agora a tigela estava quase no final sem qualquer porção para os ashuras, eles ficaram agitados. Rahu correu para a fila dos Deuses, sentou-se e começou a beber uma porção. Agri avisou Vishnu que Rahu estava bebendo, e Vishnu imediatamente arremessou seu disco e cortou a cabeça de Rahu. O néctar tinha chegado até sua garganta, assim a cabeça de Rahu tornou-se imortal.

Os Deuses beberam todo o néctar; os ashuras tinham sido enganados. "Aquele Mohini é a Mãe de Vishnu!" exclamaram eles. "Vishnu sempre ajuda os Deuses, as forças da unidade! Ele nunca ajuda os ashuras, as forças da divisão! Nós fomos enganados, saiam fora!" Os Deuses ficaram extremamente felizes, mas os ashuras foram para casa desapontados.

As Filhas de Daksa e a Maldição de Chandra

A filha de Bahma, Prasuti, tomou-se a esposa de Daksa. Daksa e Prasuti deram nascimento a cinquenta filhas em seus esforços de trazer a Mãe Divina. As primeiras vinte e sete filhas foram dadas em casamento à Chandra, a Lua. Chandra disse para suas vinte e sete esposas, "Não quero qualquer problema entre vocês. Estou dando a cada uma de vocês treze graus e vinte minutos de céus, e isto será sua própria região." Estas vinte e sete partes de treze graus e vinte minutos fizeram os trezentos e sessenta graus dos céus, e Chandra, a Lua, move-se entre suas esposas. Todo mês ele circunda os céus para visitar todas elas.

Estes são os nomes das vinte e sete esposas que foram dadas a Chandra: Asvini, Bharani, Krtika, Rohini, Mrgsirsa, Ardra, Punarvasu, Pusa, Aslesa, Mgha, Purva Phalguni, Utara Phalguni, Hista, Citra, Swati, Vskha, Auradha, Jyestha, Mil, Purva Sacha, Utara Sacha, Sravan, Dhanista, Sattara, Purva Bhadrpad, Utara Bhadrpad e Revati.

Elas ficaram acostumadas a esperar cada uma a sua vez de compartilhar algum tempo com seu marido. Elas davam a ele todo seu amor e de toda maneira cooperavam umas com as outras.

Mas quando Chandra foi a casa de Rohini, ele parou por um tempo e se apaixonou completamente. Todas as outras esposas começaram a reclamar e disseram, "Ei Chandra! Você tem que gastar a mesma quantidade de tempo com cada uma de nós. Por que está ficando só com Rohini?"

Chandra respondeu, "Estarei com vocês dentro de pouco tempo. Espere a sua vez." Mas Chandra não se moveu.

Então todas as outras senhoras foram até a casa de seu pai, Daksa. Elas disseram, "Pai, que tipo de marido o senhor nos deu? Ele está tendo um relacionamento especial com Rohini, ignorando o restante de nós completamente."

Daksa foi até Chandra e disse, "Chandra, você tem vinte e sete esposas. É melhor tratar aquelas outras vinte e seis igualmente. Eu estou lhe avisando."

Chandra disse, "Ó sim, Pai. Eu certamente obedecerei." Mas Chandra não partiu, ficou lá por mais tempo com Rohini.

Todas as esposas ficaram zangadas e voltaram até a casa do pai pela segunda vez e disseram, "Pai, ele não partiu! Nós ainda estamos esperando que nosso marido venha a nós e cada uma de nós ter nossa justa vez. Que tipo de marido o senhor nos deu negligentemente!"

Daksa voltou até Chandra e disse, "Chandra, eu o avisei. Eu lhe disse que era melhor você tratar todas as minhas filhas igualmente. Você deu a elas treze graus e vinte minutos de céus. Agora por que você não viaja ao redor para visitá-las cada qual em sua vez? Você está somente ficando e desfrutando com Rohini? Eu o amaldiçoô! Seu corpo murchará até sumir!"

Daksa jogou um pouco de água Ganga que bateu em Chandra, e a Lua começou a diminuir. Ele ficou nervoso a medida que começou a ficar menor, menor, menor. Ele pensou, "Ó que farei? Estou diminuindo até sumir!" E ele continuava a ficar menor e menor até que pensou, "Preciso chamar alguém para me ajudar, e é melhor que seja alguém que responda muito rapidamente. Deixe-me chamar Shiva para me ajudar!" Ele começou a recitar o mantra: "Om Namah Shivaya. Om Namah Shivaya."

Imediatamente Shiva veio e perguntou, "Chandra, como você conseguiu ficar tão pequeno?"

"Foi a maldição de Daksa. Você precisa me ajudar, Shiva. Você sabe que eu sou muito devotado a você. Você tem que me salvar!"

Shiva disse, "Eu não posso retirar a maldição que Daksa lhe deu. Mas darei a você uma benção, se você fizer algo para mim." Chandra estava desesperado e disse, "O que farei por você?"

"Você se tomará um ornamento em meu cabelo e de lá você inspirará a devoção nos corações de todos os devotos."

Chandra disse, "Certamente irei! Agora salve-me!"

Shiva disse, "Está bem. Quinze dias do mês você irá diminuir, e quinze dias do mês você crescerá novamente."

De forma que é o que aconteceu à Lua. Quando ele cresce ao máximo, é a lua cheia; e depois começa a diminuir novamente. Mas Chandra aprendeu sua lição, e agora ele faz sua peregrinação regular ao redor dos céus para visitar todas as suas esposas cada qual em sua vez.

Daksa deu suas treze filhas seguintes para Kasyapa Mini. Kasyapa é o Pai da Criação, e a mais famosa de suas treze esposas foi Aditi. De Aditi os doze Adityas nasceram os doze primeiros Deuses, conhecidos nos tempos Védicos. Das outras esposas de Kasyapa vieram as outras formas de vida na criação. Então Daksa deu mais dez filhas para Drama e ele disse, "Drama, case com estas dez garotas." Drama casou-se com as dez filhas de Daksa, e as estabeleceu em dez direções, depois do que ele orgulhosamente proclamou, "Minha Shakti enche o universo." Estas foram as primeiras cinquenta filhas de Daksa.

O Nascimento de Sati

Um dia Brahma foi até a casa de Vishnu em Vaikuntha e disse, "Vishnu, você sabe, é tão estranho como Shiva está sentado no topo de sua montanha, Kailasa, todo por si mesmo, Não fazendo nada. Algumas pessoas são boas para algumas coisas, outras pessoas estão boas para outras coisas; mas Shiva não está bom para nada! Ele não tem ajudado nem um pouco desde que sua esposa o deixou. Nós temos que encontrar uma companheira satisfatória para Shiva, para inspira-lo e dar a Ele a energia para fazer alguma coisa. Me foi dito que se nós todos recitássemos o Maya Bija HRIM, a própria Divina Mãe se manifestaria para casar-se com Ele."

"Vamos pedir a Shiva que nos ajude com a japa," sugeriu Vishnu.

Brahma exclamou, "Esta é uma idéia maravilhosa! Então quando a Mãe Divina encarnar em uma forma perceptível, nós a daremos à Shiva, assim ele terá uma bela esposa para inspira-lo.

Sentindo-se inspirado Brahma foi com Vishnu até a casa de Shiva no Monte Kailasa. Lá eles encontraram Shiva sentado em profunda meditação. Brahma e Vishnu cantaram hinos e canções de louvor a Ele, após Shiva retomar de seu divino transe, deu-lhes as boas vindas com respeito. "O que posso fazer para ajuda-los, Brahma e Vishnu?" perguntou Shiva.

Brahma respondeu, "Shiva, precisamos de alguma assistência em cantar o mantra da Mãe Divina, HRIM. Estamos tentando propiciar a Mãe para que Ela conceda bem estar aos três mundos, Shiva, você nos ajudará?"

Shiva concordou e imediatamente começou a cantar o mantra, Brahma também cantou o mantra, assim como também Vishnu e os outros Deuses. Lentamente todos os munis começaram a cantar, e então seus discípulos, e logo todo o poder do mantra se espalhou pelos três mundos. Então a Divina Mãe sabia que o tempo tinha chegado.

Daksa e Prasuti tiveram sua quinquagésima primeira filha. Quando ela saiu do útero, ela estava brilhando intensamente! Daksa disse para Prasuti, "Esta criança é a personificação de Todo Ser. Nós a chamaremos Sati, Existência Verdadeira." A criança começou a irradiar o poder de bem estar material em todas as direções, e Daksa ficou satisfeito.

A Inimizade de Daksa com Shiva

Certa vez o Rsi Durvasa foi banhar-se no rio Jamuna, onde ele teve uma visão da Mãe Divina. Tão logo ele a viu, começou a cantar o mantra HRIM e a cantar outros hinos de louvor para Ela. A Mãe ficou satisfeita e pegou uma guirlanda de flores de Jasmin de seu pescoço e colocou nas mãos do Rsi. A guirlanda tinha uma fragância tão doce que as abelhas ficavam se aglomerando ao redor dela, assim ele a colocou no seu próprio pescoço e procedeu para retornar ao seu ashrama. Quando voltava para sua morada, ele passou pela casa de Daksa, e decidiu que prestaria seus respeitos a mais nova criança nascida, Sati. Todos sabiam que Ela era uma encarnação da Mãe Divina, e seria uma grande honra poder vê-la. Quando ele lá chegou, saudou Daksa e curvou-se diante da criança, depois disso notou que Daksa não tirava os olhos da guirlanda que ele estava usando. Daksa perguntou, "Durvasa, onde você conseguiu esta guirlanda?"

Durvasa respondeu, "A própria Mãe Divina deu-me."

Daksa pediu, "Por favor dê para mim."

Durvasa pensou por um momento, "Não há nada nos três mundos que seria negado ao homem cujas austeridades trouxeram a Mãe Divina para tomar nascimento em sua casa." Depois do que ele anunciou, "Claro, você pode ficar com ela." Ele pegou a guirlanda de seu pescoço, a qual ainda estava com as abelhas ao redor e a deu para Daksa, depois saiu.

Daksa ficou muito contente por ter a guirlanda, e imediatamente levou-a para o seu quarto, e a colocou perto de sua cama. Bem à noite, quando ele foi dormir com sua adorável esposa, ele tomou-se extremamente intoxicado por respirar profundamente a fragância daquela guirlanda. Naquela intoxicação, ele mal conseguia controlar suas emoções. Ele começou a se comportar com uma imperdoável natureza animal, durante a qual ele ralhava com sua amável esposa e usou linguagem má. Quando acordou de manhã e percebeu seu comportamento errôneo, ele ficou muito confuso. Então ele lembrou que um dos nomes de Shiva é Pasupati, Senhor dos Animais. "Se eu tive qualquer comportamento animal, isto foi falta de Shiva, não minha", argumentou ele. "Shiva é o Senhor dos Animais." Repentinamente ele culpou Shiva por todas as coisas erradas que ele tinha feito na noite. Esquecendo o desejo de suas austeridades anteriores, para ter sua filha casada com o Senhor Shiva, ele desenvolveu uma inimizade com Shiva e o amaldiçoou.

O Casamento de Shiva e Sati

Quando Sati cresceu um pouco, a primeira palavra que veio de Sua boca foi, 'Shiva'. Daksa disse, 'Sati, Shiva é um faquir desnudo. Ele vive no topo de uma montanha por si mesmo. Adore algum outro Deus.' Mas desde Sua infância Sati amava somente Shiva. Ela preparava Shiva Lingams, e realizava pujas todos os dias. Muito rapidamente ela cresceu transformando-se em uma amável jovem radiante com a bem aventura da Consciência Infinita. Um dia Ela disse, "Pai, irei executar tapasya, praticar muitas austeridades espirituais para conseguir Shiva como meu marido." Daksa disse, "Não! Não faça isso! Escolha qualquer outro Deus que você goste. Olhe para Vishnu; Ele senta-se em um palácio de ouro. Olhe Indra, Ele monta em um grande elefante. Shiva! Não escolha Shiva!"

Sati disse, "Minha mente está feita. Eu terei somente Shiva." Ela começou a fazer tapasya. Ela sentava-se no fio e na chuva usando somente um pano e cantando, "Om Namah Shivaya." No meio do calor no verão, acendia quatro fogueiras e sentava-se entre elas com o sol sobre sua cabeça, o sachana dos cinco fogos, e ela cantava, "Om Namah Shivaya, Om Namah Shivaya." Ela permanecia de pé na chuva e na neve. Ela ficava sem comida. Ela tomava somente água, e então parava até isso e tomava somente ar. Ela continuou neste caminho por muitos, muitos dias.

Daksa estava no fim de sua graça. "Minha Deusa," ele pensou. "Ela está fazendo tapasya para casar-se com Shiva! Ela não sabe que terá um tempo de vida cheio de pobreza e miséria estando casada com Shiva? Shiva não tem nada! Ela deveria escolher qualquer outro Deus! Por que Shiva? Como encontrarei um modo de detê-la? Terho que encontrar uma solução! Eu sei, chamarei para o Svayanbara dela, a cerimônia de selecionar um marido. Convidarei todos os reis do mundo e todos os Deuses do céu, exceto Shiva, e direi a ela que pode escolher qualquer um que deseje!" Daksa preparou o Svayambara. Nesta cerimônia a noiva escolhe entre todos os convidados presentes. Os Deuses, reis, toda a nobreza dos três mundos foram convidados para a bela arena sacrificial. Todas

as coisas estavam brilhando, com ouro e flores em todo lugar. Todos estavam vestidos em seus mais finos trajes, esperando fazer parecerem mais belos, esperando fazer com que fosse o escolhido por Sati. No Swayambara a menina é dada uma mala de flores e deixado livre uma vaga na arena sacrificial para examinar todos os candidatos e decidir sobre o pescoço de quem ela colocará a guirlanda da vitória. Quem quer que ela selecionasse seria seu marido. Sati pegou a mala em suas mãos e olhou ao redor procurando Shiva. Mas ela não viu Shiva. Ela sentiu um inenso pesar de tristeza no coração. "Como posso escolher?" Ela pensou "Shiva não está aqui." Ela olhou em todas as faces da sala, mas não encontrou a face de Shiva. Então ela pegou sua guirlanda da vitória, e segurou-a perto do coração com uma prece: "Se eu sou Sati, então esta mala será usada por Shiva." Com esta oração, ela jogou a mala no ar. Quando ela abriu seus olhos, de pé no meio da arena sacrificial estava o Senhor Shiva usando a mala da vitória! Daksa desmaiou de aflição, enquanto Sati estava muito feliz! Daksa não tinha outra escolha a não ser realizar o casamento, assim Shiva e Sati voltaram para Kailasa, onde eles passaram muitos belos dias sentados na bem-aventurança da infinita consciência. Eles discutiram as escrituras e meditaram sobre seus conteúdos, e compartilharam toda a bem-aventurança de sua união divina.

Shiva Vê Mohini

Um dia Shiva foi até a casa de Vishnu em Vaikuntha e saudou-o com respeito, "Olá Vishnu!"

"A que eu devo a honra dessa visita?" Vishnu estava muito satisfeito.

Shiva disse, "Vishnu, eu ouvi sobre como você enganou os ashuras e deu todo o néctar para os Deuses. Ouvi tudo sobre Mohini, e que poder ela tem, como ela pode ser cativante. Vishnu, posso ver Mohini? Poderia mostrá-la para mim?"

"Isto não é necessário Shiva", respondeu Vishnu. "Você não precisa ver Mohini."

"Ó Vishnu, eu ouvi toda a história. Mohini é tão maravilhosa que os ashuras deram o néctar da imortalidade somente para A contemplar. Deixe-me vê-la ao menos uma vez."

"Bem, se você realmente deseja assim."

Subitamente Vishnu tornou-se Mohini. Shiva olhou assombrado. Ela era muito cativante. Shiva esqueceu todas as coisas e tornou-se arrebatado. Ele até esqueceu Sati, sua amada esposa, que estava de pé ao lado dele. Mohini estava elegantemente adornada com os mais finos ornamentos, e sua beleza natural era pontuada com um brilho de luminosidade. Ela estava vestida um pouco escassamente, com apenas um pano de algodão leve envolvendo seu corpo. Cada curva de sua perfeita figura era visível através do fino tecido que ela vestia.

Mohini estava segurando uma bola bem em frente de Shiva. A bola caiu de suas mãos e rolou. Ela correu atrás da bola. Shiva correu atrás de Mohini. Ela começou a correr mais e mais rápido e Shiva a perseguia logo atrás. Sua roupa afrouxou e se agitou no vento. Shiva ficou estático ao ver seu corpo voluptuoso. Mohini correu mais rápido e Shiva correu para acompanhá-la.

Shiva estava respirando muito pesadamente, e repentinamente ele ficou tão excitado que demorou seu sêmen. Quando aquele sêmen do Senhor tocou a terra, manifestou-se como ouro, prata e todas as riquezas preciosas. Tão logo seu sêmen caiu, ele ficou surpreso. "Como pode isso acontecer? Eu não sou um grande Yogue? Como posso esquecer meu próprio Ser? Que poder tem Mohini que me fez esquecer até mesmo minha esposa Sati e meus anos de tapasya, esquecer todas as coisas por ver Mohini! Vishnu, eu reverencio sua Maya, e me curvo ao poder de Mohini!"

Vendo a consternação de Shiva, Vishnu tomou sua própria forma novamente. "Sim Shiva, ninguém pode resistir ao poder de Maya. Esta Mohini é toda poderosa. Mas porque você pediu para vê-la por si mesmo e porque realizou o poder da natureza dela por si mesmo, hoje eu lhe concedo uma bênção: Daqui para frente somente você permanecerá livre de Mohini. Ninguém nos três mundos, mas só você terá a capacidade de resistir a Mohini.

O Sacrifício de Brahma

Brahma estava realizando um grande sacrifício, para o qual Shiva e Sati foram convidados a assistir. Quando Daksa entrou no hall do sacrifício, todos na sala levantaram-se para saudá-lo. Todos se curvaram com as mãos postas: "Namaste, Daksa Prajapati. Com toda a Energia da Consciência nós nos curvamos à energia manifesta dentro de você. Namaste. Sua tapasya foi vitoriosa! Você está brilhantemente radiante e sabemos que você é a pessoa que fez a Mãe Divina tomar nascimento em sua casa. Prajapati, você é o Pati, o Senhor de todo praja, todos os seres nascidos, o Senhor de todos os Seres."

Todos se levantaram para mostrarem respeito. Somente Brahma e Shiva permaneceram sentados. Então Daksa pensou, "Brahma é meu pai, e não há razão para ele levantar-se para saudar seu filho. Mas todos nos três mundos levantaram-se para mostrar-me honra e respeito, exceto Shiva. E ele é meu genro. Que tipo de imprudência é esta? Eu posso entender meu pai não se levantar, mas meu genro? Eu estou furioso!"

Daksa caminhou até Shiva e disse, "Shiva, você é uma pessoa de comportamento asqueroso. Você é o mais baixo dos baixos. Você fica cercado de fantasmas e duendes, e está sempre tomando intoxicantes. Agora está mostrando tal desrespeito a mim? Shiva, eu o amaldiço! Você vive sem uma casa e sem um telhado, e seus devotos serão como você. Eles irão todos ser mendigos, irão todos ser paupérrimos, irão todos ser bêbados enlouquecidos e hippies, cada um deles.

Eles tomarão intoxicantes. Não saberão pronunciar corretamente o Sânscrito! Este é o tipo de devoto que você terá!" E ele pegou um pouco de água e arremessou em Shiva. Shiva somente ficou sentado lá, e não reagiu a nada.

A Maldição de Nandi

O amigo de Shiva e principal discípulo é um devoto chamado Nandi, o touro. Nandi não podia tolerar este ultraje e insulto ao seu Senhor. Ele veio e disse, "Ei Daksa, você sabe com quem está falando? Este não é um hippie comum com quem você fala. Este não é só um dos sadhus, nem somente um dos Deuses. Este é Mahadeva! O Devo dos Devas, Deus dos Deuses. Ele é o mais elevado, a Consciência de Bondade Infinita. Ele é a Suprema Consciência, o Guru de todos os gurus.

Ele não tocou seus pés por desrespeito. Ele não o fez porque não deseja que nada de mal aconteça a você. Todos sabem que se alguém que está mais alto toca os pés de alguém que está mais baixo, obviamente alguma coisa ruim irá acontecer. Ele está tentando salvar você da desgraça. E veja você agora, ele é tão puro e livre de ira, que ele aceitou sua maldição sem replicar. Ele nem mesmo proferiu uma palavra de volta para você.

Eu sou um devoto de Shiva. Eu não sou Shiva. Não sou tão controlado quanto Shiva, e quando você amaldiçoou meu Senhor daquele modo, eu não pude assistir e amaldiçoar você de volta. Daksa, seus seguidores podem pronunciar o Sânscrito corretamente, mas não entenderão uma só palavra do que estão cantando. Eles pregarão a letra da lei mas não entenderão o espírito. Não vender seu chama, farão seus pujas somente por dinheiro. Serão todos bem alimentados, bem vestidos e bem alojados, mas suas casas e seus corações serão vazios. Eles farão uma exibição de fé para ganhar dinheiro. Mesmo se pronunciarem o mantra corretamente, eles não saberão entender a divindade. E estas são as maldições que eu lhe dou! "

Nandi jogou um pouco de água do Ganga nele. Daksa virou-se e esbravejou fora de casa. Ele foi para sua casa dizendo, "Eu mostrarei àquele Shiva, eu o colocarei em apuros!"

Sati Testa Rama

Sati e Shiva voltaram para Kailasa, ne lá continuaram a discutir sobre as escrituras, e a praticar meditação. Eles desfrutaram da bemaventurança de seu companheirismo em todos os sentidos. Um dia Shiva olhou para baixo de Kailasa, e seus olhos moveram-se em direção à floresta Dandak onde ele viu Rama e Lakshmana vagueando em busca de Sita. Shiva agarrou Sati pela mão com o maior excitação e disse, "Olhe Sati, aquele é o Senhor Vishnu! Aquele é Satcitananda, a Consciência de Infinita Bem-aventurança que se manifestou."

Sati olhou e disse, "Você sabe, eu apenas vejo dois homens chorando a perda da esposa de Rama, vagando ao redor, buscando por todo lugar. Não me parece ser Satchidananda, Existência Verdadeira, Consciência Infinita, Bem-aventurança Pura. Como pode aquele ser a Divindade Suprema?"

Shiva disse, "Sati, a Divindade Suprema é ananta, nirakara e sakara, sem forma e com forma. Quando é manifesta com forma, deve brincar a lila, o drama da forma que tomou. Mas isto não muda o fato de que ainda é a Divindade Suprema feita manifesta."

Sati disse, "Shiva, eu vejo aqueles dois homens lá vagando ao redor e chorando, 'Ó Sita, Sita! Onde você foi! Eles estão lamentando a perda da esposa de Rama, e não me parecem a Bem-aventurança manifesta. Parece que eles estão em grande sofrimento."

"Sati, se você não acredita em mim, vá até lá e veja por si mesma. Mas eu estou lhe falando que aquele é Satchidananda, Bem-aventurança Infinita manifesta."

Sati respondeu, "Eu irei ver isso."

Shiva disse, "Vá e faça qualquer teste que você queira. Eu estou certo de que você voltará e concordará comigo."

Sati mudou-se para a forma de Sita, e se colocou no meio das árvores. Rama chamava, 'Sita! E Sati caminhou pela clareira da floresta. Rama veio correndo até ela com as mãos postas e disse, 'Ó Sati, Estou contente de vê-la! Onde está Mahadeva, onde está Shiva?"

Sati ficou extremamente enbaçada e disse, "Ah, bem, ele está em Kailasa, e só me enviou para dizer 'Olá'.

Lakshmana olhou um pouco confuso e perguntou, "Sati, porque você está se parecendo com Sita?"

Sati respondeu, "Eu só desejava mostrar a você o quanto eu amo Sita. Eu realmente respeito sua esposa, e espero que você a encontre logo. Desculpe-me mas tenho que ir agora. "

Sati voltou para Kailasa e Mahadeva perguntou, "Você encontrou a resposta que você procurou?"

Sati disse, "Ó sim Shiva. Mahadeva. Aquele é definitivamente Satchidananda. É a manifestação da Existência Verdadeira, Consciência Infinita, e Bem-aventurança. Disso eu não tenho dúvida."

Shiva perguntou, "Como você chegou a esta realização?"

Sati disse, "Bem Shiva, eu acreditei em suas palavras. Não tenho necessidade de testar o Senhor, especialmente quando você disse. Tudo o que fiz foi ouvir suas palavras e tenho plena fé. Mas, meu Senhor, como Vishnu tornou-se reduzido a tal estado? Qual a causa do Supremo assumir a forma de um homem em sofrimento?"

Shiva sentou e fechou seus olhos em divina meditação e viu todo o episódio. Ele pensou, "É este o estado de meu casamento? Minha esposa mentiu para mim. Ela não acreditou em mim e está mentindo para mim posteriormente? Ela foi lá e testou Rama, e agora voltou enbaçada para me falar?" Repentinamente um beatífico sorriso divino veio em Sua face.

"Por que você está sorrindo, Senhor?" perguntou Sati, incrédula.

"Toda vez que eu me lembro da divindade de Shri Rama, eu sorrio de deleite. Embora eu não respeite o seu desvio do caminho da verdade, eu nunca posso conter-me ao desfrutar das manifestações do Senhor."

Shukracharya Realiza Tapasya

Há muito tempo, quando os Deuses estavam lutando com os asuras, veio um tempo em que os asuras estavam sendo duramente derrotados. Os Deuses tinham infligido duras perdas sobre eles, e em grande consternação

os ashuras correram para tomar refúgio em seu Guru, Shukracharya. "Ó Guruji, os Deuses estão nos golpeando duramente e causando-nos todo tipo de aflição. Por favor encontre um meio pelo qual possamos derrotar os Deuses e fazer os ashuras vitoriosos. Por favor diga-nos o que fazer."

Shukracharya calculou o horóscopo e vendo a posição dos planetas, instruiu seus discípulos como se segue: "Ó Ashuras, para cada evento há um tempo e um lugar apropriado, conforme as circunstâncias e desígnio da natureza. Portanto toda a existência é requerida a fazer o melhor esforço possível para realizar os ideais pelos quais cada indivíduo se esforça. A observação da presente circunstância indica que os ashuras não podem tornar-se vitoriosos agora. Precisamos de maior conhecimento e assistência. Irei ao Senhor Shiva e realizarei uma disciplina pela qual possamos obter este conhecimento. Eu procurarei o mantra pelo qual os ashuras possam ser vitoriosos. Portanto, abaixem suas armas e desistam de lutar até eu retornar. Digam aos Deuses que vocês desejam viver em paz, e estão renunciando à luta. Até eu retornar não lutem com os Deuses em nenhuma circunstância. Sem o mantra de Shiva vocês não terão sucesso."

Shukracharya foi para o Monte Kailasa. Quando chegou, ele curvou-se profundamente ao Senhor Shiva e disse, "Ó Devo, Devo Mahadevo - Ó Senhor dos Senhores do Universo, eu venho a você com toda a sinceridade, tomando refúgio. Eu desejo um mantra pelo qual os ashuras alcancem a vitória sobre os Deuses."

Shiva respondeu, "Saudações, ó guru dos ashuras, Shukracharya. Bem você sabe que é impossível para mim fazer voltar um devoto sincero que vem buscar refúgio. Contudo, é muito difícil para mim dar o mantra com o qual os Deuses possam ser derrotados. Para ganhar este tal mantra você terá que realizar uma difícil tapasya, sem dúvida!"

"Estou pronto para executar qualquer coisa que você diga." Respondeu Shukracharya.

"Então fique sobre sua cabeça respirando fumaça por cem anos e não esqueça de dizer meu nome nem mesmo uma vez, ou não receberá o mantra."

Com grande prazer Shukracharya amarrou seus pés no galho de uma árvore e acendeu um fogo no chão por baixo. Ele começou a respirar a fumaça e cantar, "Om Namah Shivaya, Om Namah Shivaya."

A Maldição de Bhrgu Muni

Quando Indra soube que o Guru dos ashuras estava executando tapasya para conseguir um mantra pelo qual os Deuses pudessem ser derrotados, ele convocou todos os exércitos divinos. "Venham, devemos atacar nossos inimigos enquanto estão fracos, ou teremos que lutar uma batalha ainda maior com eles no futuro. Shukracharya, o Guru deles, está fazendo tapasya para obter um mantra do Senhor Shiva pelo qual os Deuses possam ser derrotados. Enquanto eles estão pretendendo ser cidadãos amantes da paz, eles estão de fato amando-se para a vitória! É nosso dever atacá-los agora!"

Indra e o exército dos Devas caíram sobre os desarmados ashuras e começaram o ataque. Então os ashuras começaram a chorar, "Nós estamos condenados! Até mesmo os Deuses perderam toda a honra! Eles estão atacando inocentes desarmados que estão cuidando de seus próprios negócios e não causando dificuldades aos outros! Ó quem irá nos salvar? Rápido, tomemos refúgio no ashram de Bhrgu Muni!"

Então os ashuras fugiram para o ashram de Bhrgu Muni, com os Deuses os perseguindo logo atrás. Os ashuras passaram pelos portões do eremitério, bateram na porta fechada e entraram antes do avanço do exército dos Deuses. Os três ashuras imediatamente curvaram-se à esposa de Bhrgu Muni que estava de pé diante deles. "Salve-nos, reverenda Mãe! Ó salve-nos!" eles pediram.

"Qual é o problema sobre a terra, ó ashuras?" perguntou ela.

"Nós estávamos ocupados com nossos próprios negócios, exatamente como seu filho, nosso Guru, Shukracharya, tinha nos instruído. Não estávamos causando nenhum dano a ninguém. Mas aqueles Deuses não deixam ninguém viver em paz. Veja! Eles estão nos atacando, embora não tenhamos cometido nenhuma falta por nós mesmos. Nós tomamos refúgio em seu ashram, reverenda Mãe! Por favor salve-nos dos Deuses!"

A Reverenda Mãe espondeu, "Meu marido, Bhrgu Muni, está fora, na floresta executando tapasya. Meu filho Shukracharya também está fora do ashram realizando um voto estrito para propiciar o Senhor Shiva. Portanto, eu sozinha devo oferecer abrigo aos devotos que vêm buscando refúgio. Ó ashuras, eu irei protegê-los até meu marido chegar. Então ele decidirá o que será feito."

Indra bateu fortemente na porta. "Abra! Temos que punir aqueles ashuras! Abra!"

Os ashuras se agacharam de medo, enquanto a Reverenda Mãe caminhava para o portão do ashram. "Você não pode vir aqui Indra. Estes devotos tomaram refúgio neste ashram e é meu dever de dhama proteger aqueles que buscam ajuda! Se você entrar por força, terá transgredido as leis do dhama!"

"Estes ashuras estão se fazendo passar por seres pacíficos, enquanto de fato o guru deles está no topo da montanha Kailasa executando tapasya para tomar iniciação no mantra pelo qual os Deuses possam ser derrotados. Agora é nosso dever golpear nossos inimigos antes que se tornem fortes. Sabemos que eles pretendem se passar por pacíficos. Abra a porta ou iremos arrombá-la!" gritou Indra. Os Deuses começaram a bater na porta, e dentro de um instante as portas se abriram, e o poderoso exército entrou no ashram sagrado. Os Deuses puxaram suas armas e começaram a bater nos ashuras. Estes choravam na luta, "Reverenda Mãe! Você prometeu nos proteger! Salve-nos! Salve-nos!"

A Reverenda Mãe começou a cantar um mantra diante do fogo sagrado, e repentinamente todos os Deuses começaram a cair no sono. Vendo os Deuses cair no sono no meio da batalha, Indra ficou muito alarmado. "Vishnu! Vishnu! Você deve nos proteger! Pare a Reverenda Mãe de colocar nosso exército para dormir. Se nós incorremos em algum pecado por isso, poderemos realizar uma compensação depois!"

Vishnu chamou seu infalível disco. O disco começou a girar em seu dedo quando ele apontou em direção da Reverenda Mãe meditando. O disco voou e cortou a cabeça da esposa de Bhrgu Mini de seu corpo. Imediatamente Bhrgu Mini levantou-se de sua meditação na floresta e com muita raiva retornou ao seu ashram "Indra!" trovejou a voz do grande Muni. "Você não tem conhecimento de qualquer dhama! Podemos atribuir a você a violação de todo decoro. Você não tem escrúpulos. Você atacou seres desarmados. Você ordenou que seu exército atacasse o ashram de um Muni, um templo de Deus. Você matou uma Brahmin e mesmo uma mulher! Indra! Você não pode fazer nada e nada do que fizer irá me surpreender. Eu o amaldiçoo, Indra! Embora você seja o Rei dos Deuses, você negligenciou o caminho do Dhama na mais desprezível provocação, e virá o tempo de Deuses superiores a você. As pessoas irão questionar a necessidade de fazer oferendas a Indra, e em muitas terras você será esquecido completamente!" Bhrgu Mini aspergiu água Ganga para certificar-se de que a maldição iria se frutificar.

Então Bhrgu Muni pegou mais um pouco de água Ganga nas mãos e virou-se para Vishnu. "Vishnu, estou surpreso com você. Você é supostamente o mantenedor do dhama. Você é supostamente o Purushottama, o exemplo de retidão e devoção nesta existência. Aqui está você perpetrando este odioso crime de matar uma mulher, matando uma Brahmin, transgredindo o que é certo! Eu o amaldiçoo! Repetidas vezes em que a retidão retroceder diante da injustiça nessa terra, quando o dhama tornar-se fraco e o adharma forte, então você terá que encarnar no útero de uma mulher, nascer sobre esta terra, lutar com as forças da iniquidade, e de novo estabelecer os padrões de moralidade e devoção pela qual a humanidade é distinguida dos outros animais! Embora você seja a divindade feita manifesta, ainda assim, você usará uma forma terrestre, você estará sujeito aos prazeres e dores da existência manifesta. Além disso, já que hoje você me causou dor devido à separação de minha esposa, você também experimentará a mesma dor!" Bhrgu Mini atirou aquela água do Ganga diretamente em Vishnu, enquanto o Senhor Vishnu humildemente aceitava a maldição.

E então Bhrgu Muni caminhou sobre o corpo decapitado de sua querida esposa, apanhou o corpo e disse, "Agora Deuses e Ashuras, eu mostrarei o poder de minha tapasya!" Ele começou a fazer uma repetição silente do mantra. Repentinamente para a surpresa de todos, a cabeça da Reverenda Mãe foi atada novamente ao seu corpo. Então Bhrgu Mini respirou vida em sua alma, e a Reverenda Mãe reviveu para a vida. Uma aclamação de triunfo elevou-se dos Deuses e ashuras em honra ao tremendo poder espiritual de Bhrgu Mini. Com grande abatimento Indra e os outros Deuses retornaram ao céu.

Tapasya de Shukracharya

"O que aconteceu com Shukracharya? Perguntou Sati. Shiva continuou sua história: Noventa anos se passaram e Shukracharya não esqueceu o mantra. Indra ficou apavorado e foi ao seu Guru, Bhaspati, o Guru dos Deuses, e pediu ajuda. "Guruji, que faremos? Se Shukracharya tiver sucesso em conseguir o mantra, então os Deuses serão destruídos! Quem protegerá as forças do dharma na criação? Temos que encontrar um caminho."

Bhaspati disse a Indra. "Ó Indra, para cada evento há um tempo apropriado e local conforme as circunstâncias e desígnios da natureza. Ainda assim toda a existência é requerida a fazer o melhor esforço possível para realizar os ideais pelos quais cada indivíduo se esforça. Assim parece altamente possível que Shukracharya possa realizar o objetivo de sua tapasya, então é conveniente que tentemos estabelecer um aliado no acampamento dele. Envie sua filha, Jayanti, para ficar sua amiga, procuraremos uma oportunidade de tirá-lo de seu caminho." Indra chamou sua filha, Jayanti. "Jayanti, eu estou dando você para Shukracharya, com a ordem de cultivar sua amizade por servi-lo e oferecer devoção amável."

Jayanti foi para onde Shukracharya estava executando sua tapasya e começou a assistir o muni meditativo. Ela conseguiu flores para o seu puja, cozinhou sua comida e limpou os utensílios. De noite quando ele terminou sua meditação, ela massageou seus pés, esfregou suas pernas e de todo modo tornou-se uma companheira em sua vida. Por dez anos Jayanti prestou seu amável serviço ao seu querido Shukracharya, e sua delicada Shakti era uma tremenda inspiração nas dificuldades da tapasya dele. Por fim Shiva iniciou Shukracharya no mantra pelo qual os Deuses seriam derrotados. Ele ficou muito satisfeito de ter conseguido a meta de sua tapasya. Ele falou à Jayanti com grande apreciação, "Seu compartilhar comigo no rigor de minha tapasya tem sido uma tremenda inspiração para mim. Foi sua oferenda amável que motivou-me na busca do sucesso em meu mais apreciado objetivo, Jayanti, eu lhe concedo a dádiva de sua apreciada aspiração."

"Meu Senhor, meu Guru, meu pai deu-me à você com ordem para cultivar sua amizade por servi-lo com a oferenda de minha amável devoção. Assim como eu o servi por prestar toda atenção às suas necessidades por dez anos, irá você reciprocamente dar-me toda sua atenção pelos próximos dez anos?" Shukracharya concordou. "Mas só posso ficar dez anos Jayanti. Depois tenho que retornar aos ashuras."

Shukracharya e Jayanti construíram uma pequena cabana na floresta, e começaram a desfrutar das afeições entre duas pessoas somente atendendo um ao outro. Eles estavam muito felizes e apaixonados.

Enquanto isso Indra retornou a Bhaspati e disse, "Guruji, ele obteve o mantra pelo qual os Deuses podem ser derrotados! Você deve fazer algo para nos ajudar!" Bhaspati disse, "Agora eu não tenho nenhum outro caminho mas atuar para a assistência dos Deuses." Imediatamente ele disfarçou-se na forma de Shukracharya e foi ao acampamento dos ashuras.

Brhaspati Torna-se Guru dos Ashuras

O falso Shukracharya entrou no acampamento dos ashuras, e todos reuniram-se ao redor e curvaram-se com devoção e respeitosa boas vindas ao seu amado Guru. Shukracharya retribuiu suas saudações amáveis, e sentou-se e começou a ensinar. "Ashuras, eu retomei de uma difícil tapasya que o Senhor Shiva tinha prescrito por cem anos, e alcancei o sucesso. O Grande Senhor abençoou-me com o conhecimento de como os ashuras podem ter sucesso na vida e como alcançar nossa meta. Somente podemos ter sucesso pela clara definição, organização cuidadosa e disciplina regular. É totalmente esbanjador para nós gastarmos nossas energias em conflitos desnecessários com os outros. Por que não negociar para a resolução harmoniosa das metas comunitárias, ao invés de interesses individuais e desejos egoístas? Coloquemos longe toda a inimizade com os Deuses. Cultivemos a paz e a consciência contente. Estudemos as filosofias e sistemas de yoga, assim podemos buscar a união com nosso apreciado ideal."

Os ashuras ouviram encantados. Que filosofia nova ele estava expressando, totalmente estranha aos seus pensamentos. Por dez anos os ashuras ouviram com extasiada atenção aos brilhantes discursos do Guru dos Deuses na forma de Shukracharya, e buscaram praticar seu ideal. Por dez anos a paz e a harmonia reinaram sobre a terra, nos céus e na atmosfera. Por dez anos o verdadeiro Shukracharya desfrutou de sua relação com Jayanti.

Após dez anos Shukracharya deixou Jayanti. O falso Shukracharya estava dando um discurso quando Shukracharya entrou no ashram. Ele viu o falso Shukracharya com grande assombro, e imediatamente reconheceu o ser interior de seu adversário. "Ó ashuras," ele chamou em voz alta. "Por que vocês estão ouvindo este falso profeta! Não acreditem nele! Ele é de fato o Guru dos Deuses. Eu sou o verdadeiro Shukracharya."

O falso Shukracharya corajosamente proclamou, "ashuras, tenho estado aqui nos últimos dez anos, e tenho sempre inspirado dentro de vocês a mais nobre conduta a qual um indivíduo pode inspirar. Eu vim aqui imediatamente após minha tapasya com o Senhor Shiva estar completa e tenho compartilhado a sabedoria pela qual viemos para a harmonia com toda a existência e atingimos nosso mais elevado potencial. Onde esteve o falso pretendente estado e o que esteve fazendo?"

Shukracharya ficou furioso. "Ashuras não o ouçam. Ele está aqui para enganar vocês. Não acreditem nele. Eu tenho o mantra do Senhor Shiva e sou eu quem os farei vitoriosos!"

Os ashuras ficaram com raiva dele. "Onde esteve nos últimos dez anos? O que o fez merecer nossa confiança?" eles gritaram.

Shukracharya novamente falou irado, "Eu sou o verdadeiro Shukracharya, seu Guru. Se vocês abandonarem seu Guru e prestarem desrespeito a ele, eu os amaldiçoarei! Vocês nunca irão derrotar os Deuses!" E ele arremessou água do Ganga sobre os ashuras, que ficaram chocados com a confusão, e ele saiu da cena.

Depois que Shukracharya se foi, Bhaspati na forma do falso Shukracharya, levantou-se e curvou-se diante da assembléia de ashuras. "Ashuras", ele anunciou. "É hora de eu voltar para minha morada celestial." Com isso ele assumiu sua real forma e subiu aos céus.

Quando os ashuras realizaram seu grande erro em acreditar no falso guru, eles correram atrás do verdadeiro Shukracharya e curvaram-se aos seus pés de lótus. "Nós cometemos um erro, nosso Pai! Nós cometemos um erro! Nós sucumbimos na lógica da divindade e assim fomos incapazes de reconhecê-lo. Por favor perdoe-nos. Não nos abandone a uma vida de contínuas derrotas!"

Shukracharya olhou seus discípulos com grande compaixão. "Meus discípulos, não há nada que eu possa fazer. A maldição foi dada e não pode ser removida. Sempre que a devoção é forte o bastante para focar a atenção, lá a dualidade não será capaz de permanecer. Os ashuras por fim serão derrotados. Qualquer aspirante que persiste na prática da auto purificação irá por fim tornar-se puro."

O Lamento de Sati e o Yajña de Daksa

Shiva concluiu a história. Ele olhou profundamente em seu próprio ser e vagueou na meditação. Por cinquenta milhões de anos ele permaneceu tranqüilo e imóvel.

Sati estava sentada do lado de fora olhando o Yogue em meditação, pensando, "Ó, o que eu fiz foi muito errado. Meu Senhor nunca voltará de sua meditação? Nunca prestará atenção em mim novamente? Como eu pude fazer tal terrível coisa como mentir ao Senhor dos Senhores, o Deus dos Deuses, sendo mentirosa para meu próprio marido?" Sati perguntava-se a si mesma.

A medida que os anos passavam Sati tomou-se repugnante consigo mesma, pensando, "Eu sou indigna da verdade do Senhor do Universo. Se houvesse ao menos um meio de eu tornar-me purificada, eu poderia recuperar o seu favor. Eu não deveria ter mais um corpo, uma natureza que é infiel ao Senhor." Deste modo por cinquenta milhões de anos Sati se entristeceu e se lamentou por seu mal comportamento.

Bem, cinquenta milhões de anos depois Daksa Prajapati estava pronto para instituir uma nova criação com a qual Bahma tinha confiado a ele. Ele desejou conduzir o maior sacrifício de todos os tempos para iniciar o processo da criação, e ele convidou todos que são algo no céu para assistir. Ele convidou todos os Deuses, todos os kinaras, todos os Apsaras, todos os Gandarvas e seres celestiais, e todos os seres divinos do céu e da terra, exceto o Senhor Shiva. "Eu mostrarei àquele Shiva", disse ele. "Aquele Pashupatinath."

Sati olhou para fora de Kailasa e viu todos mais finamente adornados, correndo para a casa de seu pai. Ela parou alguém e perguntou, "Onde você está indo?"

A resposta foi, "Você não sabe? Seu pai, Daksa Prajapati está fazendo o mais elevado sacrifício de todos os tempos. Todos foram convidados. Ele dará muitos presentes e muitas dádivas. Que sacrifício! Nunca houve um sacrifício como este em toda a história!"

Sati foi até onde Shiva estava sentado e disse, "Ó Shiva, Há um grande sacrifício na casa de meu pai. Vamos."

Shiva respondeu, "Nós não fomos convidados."

Sati respondeu, "Ó venha Shiva. É a casa de meu próprio pai. Por que precisaríamos de um convite?"

Shiva disse, "Acredite-me. Nós não receberemos qualquer respeito lá. Não devemos ir."

Sati disse, "Por favor, Shiva, não podemos ir? É a casa de meu próprio pai, e eu não preciso de convite para ir à casa de meu próprio pai. Que tipo de filha necessita de um convite para ir à sua própria casa? Eu tenho que ficar aqui sentada olhando você meditar? Não podemos fazer alguma coisa para alegrar nossas vidas?"

Shiva disse, "Nós não iremos."

Neste momento Sati ficou inflexível e disse, "Shiva, eu quero ir!"

E Shiva disse, "Está certo, se você quer ir, vá. Eu lhe darei companhia e transporte. Nandi carregue Sati até o sacrifício e deixe todo o exército de fantasmas e goblins, todos meus companheiros, irem com ela e esteja certo de que ela não terá problemas."

Sati montou em Nandi, o touro, e com todos os companheiros de Shiva foi para a casa de seu pai. Ela caminhou para a arena sacrificial, mas Daksa não a reconheceu. Um Mini, de nome Dadichi, olhou ao redor da assembléia e disse, "Todos foram convidados, mas não vejo um lugar para o Senhor Shiva."

Daksa disse, "Não há lugar para Shiva aqui. Shiva não foi convidado."

Dadichi disse, "Não pode haver qualquer sacrifício sem Shiva. Que tipo de tolice é essa? Você pensa que será capaz de completar um Yajña sem convidar Shiva? Impossível! Daksa, tome cuidado, eu estou lhe avisando! Este sacrifício não se completará até você convidar Shiva. Por favor, vá convidar Shiva. Nenhum sacrifício pode ser completo sem uma oferenda ao Senhor Shiva."

"Aquele rude hippie! Ele anda com fantasmas e goblins e toma intoxicantes por todo o dia. Eu não o convidarei para entrar em minha casa! Ele não é bom, aquele Shiva."

Dadachi declarou para a assembléia dos Munis, "Eu não ficarei em um sacrifício onde Shiva não tenha sido convidado, e se qualquer um de vocês quer o meu conselho, deveriam se levantar e saírem."

Ninguém se levantou, mas só Dadachi, e ele saiu.

Sati caminhou até seu pai e disse, "Que tipo de Yajña é este? O que meu Senhor fez para que você queira insultar-nos assim, convidando todos menos sua própria filha e seu marido?"

Daksa disse, "Filha quem te convidou para vir aqui? Se você quer ficar, vá para dentro dos aposentos e fique com as mulheres. Eu não falei para você vir aqui. Não me fale sobre como conduzir meu sacrifício. Aquele Shiva não tem lugar aqui. Isto é tudo!"

Sati Deixa Seu Corpo - Os Shakti Pithas

Sati disse, "Pai, estou insultada por usar este corpo que foi gerado de você. Agora estou lhe dando este corpo de volta! Ela sentou-se em meditação e no fogo do yoga sua alma ascendeu ao céu. Imediatamente Shiva, que estava sentado no Monte Kailasa, sentiu que sua Shakti tinha desaparecido. Ele puxou um tufo de cabelo de sua cabeça e arremessou no chão. Este quebrou-se no meio, e de uma metade do cabelo veio Vithada, o

Excelente Herói. Do outro tufo de cabelo veio Mihakali. Ele chamou todos os exércitos de fantasmas, goblins e todos os seus amigos: "Destruam o sacrifício e cortem a cabeça de Daksa de seu corpo!" Shiva deu sua ordem.

Os exércitos de Shiva imediatamente marcharam para a guerra. Eles marcharam diretamente para a arena sacrificial, e todos os Deuses fugiram aterrorizados. Mihakali girava sua espada e Vibhadra atacava com sua lança. Eles combateram todas as forças de defesa. Eles apagaram o fogo, pararam o sacrifício e então cortaram a cabeça de Daksa de seu corpo. "O sacrifício foi aminado!" disse Brahma. "Que faremos agora? Como teremos uma criação?"

Brahma foi até Vishnu e disse, "O que podemos fazer para que o sacrifício se complete?"

Vishnu disse, "Vamos perguntar ao Senhor Shiva."

Vishnu e Brahma foram juntamente com todos os Deuses até ao Monte Kailasa e disseram "Shiva, temos que completar este sacrifício para evoluir uma nova criação. Por favor esqueça os erros de Daksa e deixe o sacrifício ser completado."

Shiva, que é tão rápido para perdoar assim como para se zangar, disse, "Pegue a cabeça de uma cabra e coloque em Daksa, e diga o mantra para ele voltar a viver. Tudo será esquecido e o sacrifício completado." Então o próprio Shiva, foi e pegou o corpo de sua Sati. Elevando-o sobre os seus ombros, ele começou a dançar. Ele estava dançando a dança da destruição. Ele estava tão intoxicado neste espírito que todo o mundo começou a tremer. E os Deuses disseram "Ó estamos condenados! Shiva está dançando a dança da destruição. Como iremos fazê-lo parar? Vishnu, salve-nos!"

Vishnu pensou, "Bem, o que farei?" Então ele pegou seu arco, e cortou o corpo de sati em cinqüenta e um pedaços (o Devi Gita diz cento e oito) com suas flechas. Shiva estava dançando ao redor de todo o cosmo. E aqui caiu um braço, ali caiu uma perna, lá caiu o olho dela, e quando todos os pedaços tinham caído de seus ombros, Shiva sentou-se e parou a dança. Quando ele voltou ao seu sentido, ele sentiu-se muito só e abatido, e no mais profundo desespero ele começou a vaguear em busca dos pedaços caídos. Onde quer que ele encontrasse um pedaço do corpo, ele se sentava e meditava. Em sua mente ele colocava aquele pedaço de volta com as outras partes, e deste modo ele tentou reconstruir o corpo de Sati. Por isso existem cinqüenta e um Shakti Pithas, ou em alguns textos cento e oito. Onde quer que tenha caído um pedaço da Mãe Divina, este local tomou-se um pitha. Onde tem um templo da Mãe Divina, muito perto tem um templo para o Senhor Shiva. Há um templo onde o pedaço do corpo de Sati caiu, e também um templo onde Shiva sentou-se para meditar.

Tarakashura e a Celebração do Shivaratri

Shiva estava muito desnudo. Ele costumava se cobrir de cinzas, e especialmente desde que ele perdeu sua amada esposa e dona de casa, ele de fato não tinha nada limpo além disso para usar. Ele estava vagueando neste estado desnudo e intoxicado, meditando na presença da Deusa, quando um dia ele veio para uma aldeia Bahmin. Ele se encaminhou para o poço daquela vila, onde inúmeras jovens solteiras da aldeia estavam pegando água, e pediu, "Dê-me um pouco de água para beber. Estou com sede."

As jovens olharam aquele faquir desnudo, gritaram e saíram correndo para a vila. Quando os Bahmins vieram ver o que tinha acontecido, eles encontraram Shiva em pé perto do poço totalmente desnudo. Eles ficaram muito zangados e disseram "Shiva, você não tem vergonha? Você não tem senso. Nossas jovens meninas têm cultivado o mais elevado padrão de pureza e modéstia e aqui está você sem nenhuma vergonha, caminhando completamente nu em nossa aldeia. Que tolice é essa! Nós amaldiçoamos você Shiva! Seu lingam caíra!"

Shiva não disse nada, mas instantaneamente seu lingam caiu. E quando isso aconteceu, simultaneamente toda a paixão foi escoada do universo. Todos os animais pararam de procriar, e todas as plantas pararam de produzir. Mesmo a terra parou de girar e o sol parou de mover-se em seu curso. Não havia nenhuma atração para conduzir qualquer lei de gravidade, e todas as leis de movimento tornaram-se inúteis.

Os Deuses disseram "O que está acontecendo na terra? Ninguém parece estar fazendo um sacrifício! Não tivemos nosso alimento hoje. Ninguém está nos alimentando! Você sabe o que acontece quando os Deuses não são

alimentados? Eles não mandam as chuvas. Se não chove, nada cresce sobre a terra. Os homens ficam fracos, os Deuses ficam fracos, e a criação pode deixar de existir. Quem nós chamaremos para ajudar?"

Bem neste tempo, havia um ashura chamado Tarakashura. Tarak significa iluminador, e ashura significa dualidade. Tarakashura é o Iluminador da Dualidade. Ele fez uma severa tapasya, uma grande penitência.

Então Brahma veio a ele e disse, "Que dádiva você deseja? Escolha alguma dádiva e concederei seu desejo."

Tarakashura disse, "Eu quero ser imortal. Desejo nunca morrer." Brahma disse, "Isto é impossível. Todas as coisas que nascem devem morrer em um tempo ou outro. Escolha outra dádiva."

Tarakashura pensou por um momento e então disse, "Se eu tenho que morrer, então desejo que minha morte ocorra somente nas mãos do filho do Senhor Shiva."

"Ó que alegria!" ele pensou. Shiva não tem um lingam, e mesmo se tivesse, ele não tem uma esposa. Eu certamente viverei muito, muito tempo antes que Shiva consiga ter um filho!"

Brahma disse, "Tata-stu, eu darei a você esta dádiva!"

Então Tarakashura, o Iluminador da Dualidade, conquistou toda a terra e fez todos na terra serem servos do Iluminador da Dualidade. Ele então marchou em direção aos céus e sentou-se no trono de Indra. Ele atirou todos os Deuses e Deusas para fora do céu, e tomou-se o Senhor dos três mundos. "Eu quero que todos sirvam ao Iluminador da Dualidade. Ninguém irá adorar os Deuses. Nem desperdiçar tempo com meditação. Somente sirvam-me. Eu serei o único ser adorado nos três mundos," ele ordenou.

Com essas notícias os Deuses ficaram extremamente deprimidos, e neste estado abatido eles perguntavam uns aos outros, "O que faremos? Shiva não tem um lingam, a Mãe não tem um corpo. Precisamos do filho de Shiva para conseguir livrar-se deste malvado ashura."

Indra recordou a maldição de Brgu Mini, "As pessoas irão mesmo questionar a necessidade de fazer oferendas à Indra, e em muitas terras você será completamente esquecido!"

"Tudo isso é depressivo! Como combateremos em tal estado? Bem, a primeira coisa que temos que fazer é fazer Shiva capaz de ter um filho. Vamos pedir a ele para colocar seu lingam de volta.", disseram os Deuses.

Brahma e os outros Deuses, juntamente com todos os Brahmins, foram até onde Shiva estava sentado, e disseram, "Shiva, por favor, coloque seu lingam."

Shiva disse, "Não foi minha ideia tirá-lo, de fato foi a maldição destes santos Brahmins que fizeram isso. Portanto eu não vou recolocar o lingam até que cada um de vocês adrem este lingam com leite, ghee e mel. E curvando-se com o mais elevado respeito peçam bênçãos ao lingam. Toda noite irão sentar-se e cantar canções de adoração e devoção ao lingam. Após celebrar o Shivaratri então eu o recolocarei. Mas lembrem-se de sua promessa de observar o voto de Shivaratri todo ano."

Então todos os Deuses e Brahmins, celebraram o Shivaratri em cada detalhe meticuloso. Shiva ficou satisfeito, e colocou seu lingam, abençoando a criação com a capacidade de procriar.

A Divina Mãe Promete Tomar Nascimento

Então os Deuses e Brahmins, os Rsis e munis, todos foram aos Himalayas. Lá eles começaram a realizar várias formas de tapasya para pedir que a Mãe Divina fizesse sua presença manifesta. Eles recitaram hinos para a Deusa e cantaram as histórias de Suas manifestações. Eles realizaram sacrifício de fogo e yoga asanas, pranayama, mudras e kryas, japa e tapa e de todo modo que sabiam eles invocaram a Mãe Divina. Eles rogaram a Ela que por favor fizesse Sua presença manifesta.

Quando eles se perderam no êxtase da devoção, a Mãe Divina veio e lhes falou. Ela disse, "De que maneira pode seus desejos serem realizados?"

"Tarakashura, o Iluminador da Dualidade alcançou a dádiva de que somente filho de Shiva poderia destruí-lo. Com o poder desta dádiva ele tem feito o mal sobre a terra. Portanto, pedimos a você que venha e se manifeste numa forma personificada. Por favor, Mãe, case-se com Shiva novamente, e dê-nos o filho que irá liderar os exércitos da divindade para a vitória na batalha."

A Mãe Divina disse, "Eu aceito sua proposta, se Shiva me quiser. Eu tentarei realizar o desejo de vocês. Tomarei nascimento na casa de Himalaya, e executarei tapasya para conseguir o perdão de Shiva. Se ele tornar-se gracioso e assim desejar, eu me casarei com Shiva novamente, e quando Shiva aceitar-me como sua esposa, iremos dar nascimento a um filho que liderará os exércitos da divindade para a vitória."

Ouvindo essas notícias, Himalaya começou a chorar. "Mãe, o que tenho que fazer para merecer a honra de tê-la tomando nascimento em minha casa? Como agirei quando me tomar o pai da Mãe Divina? Que tipo de casa deverei ter quando a Mãe Divina nascer? Que tipo de tapasya deverei realizar? Qual deve ser o meu modo de vida? Como devo falar? Como agir? Como devo considerar você? Como devo servir você? Como poderei amar você tão puramente de modo que sua missão possa ser realizada? Por favor explique-me isso " A discussão destas questões dos Himalayas constituem os ensinamentos do Devi Gita.

O Nascimento de Parvati

Após a Mãe Divina dar sua promessa aos Deuses de que ela tomaria nascimento na casa do Himalaya. O Himalaya voltou para sua casa e esperou a chegada Dela com grande antecipação.

Finalmente Sati ia renascer na casa de Himalaya. Assim, ela era a filha da grande montanha, Parvat, e foi chamada Parvati. Parvati tomou nascimento na casa de Himalaya, e foi um grande regozijo. Himalaya executou muito pujas de adoração e deu tremendos daksinas como presente aos Brahmins, aos pobres e aos sem casa.

Desde sua infância, a primeira palavra que saiu de sua boca foi 'Shiva'. A medida que ela crescia, adorava fazer Shiva lingams, realizando pujas para eles, e de muitos modos aumentando sua devoção a Shiva. Ela aprendeu todos os seus mantras e todas suas canções, e os muitos modos de como propiciar o Senhor.

Parvati cresceu sendo uma jovem muito devotada. Ela tornou-se mestre de todas as sessenta e quatro artes que qualquer jovem merecedora de casar-se com o Senhor, deveria possuir. A seguinte é uma lista das artes que Parvati dominava:

1. gitam = cantar
2. vadyam = tocar instrumentos musicais
3. nrtyam = dançar
4. natyam = união da dança, canto e tocar instrumentos
5. alekhyam = escrever e desenhar
6. vesesaka-cchedyam = tatuar
7. tandula-kusuma-balivikarah = formar e adornar um ídolo com arroz e flores
8. puspastarana = fazer arranjos de flores em camas, sofás ou no chão
9. dasara-vasanaga-ragah = manchar, pintar, colorir ou de outro modo pintar cabelos, unhas, corpos ou dentes
10. mani-bhumika-karma = fixar vidros coloridos ou gemas no chão

11. sayana-racanam = a arte de fazer camas ou estender almofadas ou tapetes para recostar
12. udaka-vadyam = fazer vasos de água para som de notas musicais
13. udaka-ghatah = armazenar água em vasos ou cisternas
14. citra yogah = fazer pinturas, enfeites e decorações
15. malya-granthana-vikalpah = confeccionar os rosários, colares, guirlandas e coroas
16. kesa-sekharapida-yojanam = amarrando o cabelo com turbantes, laços ou cobrir com flores
17. nepathya-yogah = fazer cenas ou estado de representações
18. karna-pattra-bhagah = fazer ornamentos de orelha
19. gandha-yuktih = preparar perfumes
20. bhusana-yojanam = colocação formal de ornamentos, jóias, gemas e adornos em vestidos
21. indra-jalam = mágica ou feitiçaria
22. kaucumara-yogah = rapidez e destreza em habilidades manuais
23. hasta-laghavam = cozinhar
24. citra-sakapupa-bhaksya-vikara-krya = preparar limonada, sherbets e várias bebidas com sabor e cor
25. panaka-rasaragasava-yojanam = cozer e costurar
26. sucivapa-karma = fazer flores, animais, pássaros, etc., de fio ou corda
27. vina-dama-ruka-sutra-krida = solucionar mistérios, enigmas, linguagem oculta, verbal, quebra-cabeça, etc.
28. prahelika = um jogo que consiste de repetir versos, e quando uma pessoa termina, outra tem que começar imediatamente, repetindo outro verso, começando com a mesma letra com a qual o verso do último a recitar terminou. Quem não consegue repetir é considerado perdedor e está sujeito a pagar um confisco ou aposta de algum tipo. A arte de propor enigmas.
29. pratima = fazer figuras e imagens em argila
30. durvacaka-yogah = estudo das sentenças difíceis de pronunciar como um poema humorístico ou trava-língua
31. pustaka-vacanam = leitura de livros, incluindo cantar e entonar
32. natajakhayika-darsanam = A arte do gesto e dança
33. kavya-samasya-purnam - completar estrofes de poemas compostos por outros
34. patika-vetrabana-vikalpah - a arte de fazer coisas grosseiras e comuns parecerem tão finas e boas como a excelente seda
35. tarku-kamani = arte de fiar ou tece trabalhos
36. taksanam = carpintaria ou arte de construir oficinas ou comerciar, também o conhecimento de cortar coisas
37. vastu-vidya = arquitetura ou arte de construir

38. rupa-ratna-pariksa = conhecimento sobre ouro e prata, jóias e gemas
39. dhatu-vadah = Química e mineralogia
40. mani-raga-jñanam = conhecimento das qualidades das gemas
41. akara-jñanam = conhecimento de louvor
42. vīksa-yur-veda-yogah = conhecimento de jardinagem, tratamento de doenças, de árvores e plantas, de alimentá-las e determinar suas idades
43. mesa-kukkuta-lavaka-yudha-vidhih = briga de galo, codorna e carneiro
44. suka-sarika-pralapanaam - falar a língua dos papagaios
45. utsadanam = a arte de falar por cantar as formas das palavras. É de vários tipos. Alguns falam por cantar o início e o fim das palavras, outros por adicionar letras desnecessárias entre cada sílaba ou palavra, etc. como um grosseirão.
46. kesa-marjana-kuusalam = molhar e trançar os cabelos com unguentos e perfumes
47. aksara-mustika-kathanam = entender escritos em cifras ou códigos
48. mlechitaka-vikalpah = a capacidade de entender língua estrangeira
49. desa-bhasa-jñanam = falar os dialetos de uma região
50. puspa-sakatika-nimitta-jñanam = vários arranjos de flores, como cestas, etc.
51. yantra-matrka = preparar yantras ou diagramas místicos, amuletos, etc.
52. dharana-matrka = exercícios mentais, tais como completar estrofes ou versos recitando parte deles; ou provendo uma, duas ou três linhas quando as linhas restantes são dadas indiscriminadamente de diferentes versos, assim como fazer o verso todo com respeito ao seu significado, ou arranjando palavras de um verso escrito irregularmente por separar as vogais das consoantes, ou deixá-lo completamente de fora, ou colocar no verso ou prosa sentenças representada por sinais ou símbolos. Há muitos outros semelhantes exercícios
53. sampatyam = o conhecimento inspira riqueza e bem estar, ou sucesso e realização
54. kavya-krya = compor poemas
55. krya-vikalpah = conhecimento das regras da sociedade, e como prestar respeito e elogios aos outros
56. calitaka-yogah = conhecimento da arte da guerra, armas, exércitos, etc.
57. abhidhana-kosa-chando-jñanam = conhecimento de usar vários vocabulários e ritmos em verso ou linguagem
58. vastra-gopanani = a arte de distinguir indivíduos
59. dyuta-visesah = várias maneiras de jogar
60. akarsana-krida = a capacidade de puxar ou atrair alguém
61. balak-kridanakani = destreza em esportes juvenis
62. ithihasam = conhecimento da história
63. vainayikinam vidyanam jñanam = conhecimento da boa conduta moral

64. vajjayikinam vidyanam jñanam = conhecimento que confere ou prediz a vitória

Parvati tomou-se mestre de todas elas. Desde sua juventude ela decidiu realizar tapasya, forte disciplina espiritual, para obter Shiva como seu marido. Ela foi à sua mãe, Menaka, e disse, "Mãe, eu estou indo realizar tapasya. Estou determinada a ter Shiva como meu marido. Você me abençoa?"

Menaka respondeu, "Eu não estou certa sobre sua escolha, mas eu abençoo sua tapasya."

Usando somente um pano, Parvati foi sentar-se na geleira, onde cantou, "Om Namah Shivaya." Ela ficou submersa nas águas frias e geladas que corriam ao dissolver a geleira e cantava, "Om Namah Shivaya." Ela jejuou em água, jejuou em ar, jejuou sem mesmo tomar ar, e de muitas maneiras ela privou-se como num sacrifício para mostrar o seu amor ao Senhor Shiva.

Senhor Shiva Reduz Amor a Cinzas

Todos os Deuses estavam extremamente ansiosos devido ao desejo pelo filho que viria do Senhor Shiva para matar o malvado Tarakashura, o Iluminador da Dualidade. Os Deuses se reuniram e disseram, "Vamos encontrar um modo de ajudar Parvati. Vamos ajudá-la em seu objetivo de casar-se com Shiva."

Na assembleia dos Deuses foi decidido, "Kama Deva, Deus do Amor, pegará sua flecha florida e disparará no Senhor Shiva. SEJA PRECISO! Assegure-se de que Shiva se apaixonará por Parvati, e rapidamente ele a aceite como sua esposa."

Kama Deva disse, "Certamente este será o meu fim. Eu devo atirar uma flecha em Shiva? Deixe-me atirá-la em qualquer outro! Eu estarei mais que disposto. Mas em Shiva? Ele é o mestre de todas as paixões. Ele recebeu a dádiva de Vishnu que somente ele ficaria livre de Mohini. Como posso inflamar Shiva com a paixão?"

Os Deuses disseram "Você tem que tentar! Esta é a única salvação para os Deuses. Devemos dar a Parvati toda a assistência disponível. Agora vá! Pegue sua esposa, Rati, a Primavera, junto com todas as suas cúmplices, todos que possam ajudar e auxiliar na realização da arte do amor. Pegue-os a todos e vá atirar sua flecha em Shiva."

Recebendo as ordens da assembleia dos Deuses, o Deus do Amor marchou para a realização da tarefa que lhe foi nomeada. Ele viu Shiva profundamente absorvido em perfeita meditação, e o Deus do amor orou por sucesso em sua tarefa. Todos os Deuses e Deusas do céu ficaram de pé atrás das árvores observando a cena de longe. Rati deixou a primavera começar, e os pássaros começaram a cantar e as abelhas começaram a zumbir. O ar estava perfumado com a fragrância de flores frescas, e o cenário era próprio para o Amor. O Deus do amor puxou seu arco e deixou correr sua flecha. A flecha acertou Shiva.

Shiva foi despertado de sua meditação. Ele olhou a flecha que o acertou e disse, "Que é isso? Uma flecha com uma flor na ponta? Ele pensa que eu vou cair vítima do Deus do Amor? Ele pensa que fará de mim um escravo da paixão?"

Shiva ficou irado. De seu terceiro olho veio uma luz radiante de fogo, e ela brilhou diretamente em direção do Deus do Amor, que foi imediatamente reduzido a cinzas.

Todos os Deuses exclamaram "O não! O que nós fizemos? Shiva! Agora você queimou Amor em cinzas. Como terá qualquer amor no universo?"

"Esta ideia foi de vocês, Deuses? Vocês pensaram que eu, o Senhor Shiva, cairia com as flechas floridas do Deus do Amor?" perguntou Shiva. "Impossível! Este foi um plano muito mal concebido!"

"Mas, Shiva," responderam os Deuses. "Sati, sua esposa, tomou nascimento como Parvati, a Filha da Montanha. Ela está fazendo tapasya para casar-se com você novamente e tê-lo como seu próprio marido. Veja, o Iluminador da dualidade, tem atirado todos os Deuses do céu. Ele tornou-se forte com a benção que Brahma deu a ele, de que somente o filho de Shiva seria capaz de derrotá-lo. Nós estamos dependentes de você! Precisamos que você se case com Parvati e nos dê o filho que irá remover nossas dificuldades!"

Shiva respondeu, "Eu estou sempre pronto e disposto a ajudar os Deuses em qualquer propósito nobre. Se devo casar-me, casarei; mas não devido a paixão inspirada pelas flechas do Deus do Amor! Me casarei para o propósito de proteger o Dharma e não devido ao Deus do Amor ter atirado uma flecha em mim para tentar contagiar-me com a paixão. Se realmente Parvati é Sati, então certamente concordarei em casar-me com ela."

Rati, a Primavera, esposa do Deus do Amor, foi até Shiva chorando em desespero. "Shiva, hoje você fez de mim uma viúva. Como desfrutarei minha vida sem meu marido? Como passarei minha vida como uma viúva? Há alguma tristeza maior que ser privada de meu amado marido?"

Shiva disse, "Eu dou a você uma dádiva. Seu marido viverá eternamente, e ele será o mais forte e mais dinâmico de todos os Deuses, mas ele permanecerá invisível. Embora ele toque os corações de todo ser vivente."

Recebendo a dádiva de Shiva, Rati ficou satisfeita. Ela disse, "Shiva, quando eu serei capaz de ver meu marido novamente?"

Shiva respondeu, " Primavera, seu marido irá encarnar como o filho de Ajuna e Subhada, a irmã de Krishna. Seu nome será Abhimanyu. Nesta ocasião você tomará nascimento na casa de Mitsyanaras, o Rei de Chedi, e seu nome será Utara. Utara e Abhimanyu se abraçarão novamente, exatamente como Amor e Primavera fazem agora."

Rati ficou muito feliz com esta dádiva, e nessa felicidade ela orou ao Senhor Shiva.

Os Deuses ficaram satisfeitos de ter recebido o consentimento de Shiva. Eles imediatamente enviaram mensagens aos Himalayas: "Himalaya, nós trazemos a você alegres notícias. O senhor Shiva consentiu em casar-se com Parvati."

Himalaya também ficou satisfeito. Mas Menaka, sua esposa, ficou extremamente angustiada. Ela disse, " Himalaya, o Senhor Shiva senta-se nu sobre o topo da montanha. Ele não é um noivo justo para nossa Parvati."

Himalaya respondeu, "Menaka, você não sabe quem o Senhor Shiva é. Parvati tem feito tapasya só para esse propósito de conseguir o senhor Shiva como marido. Os Deuses mesmo desejam Shiva como marido dela. Por favor, aceite isso."

"Tudo bem," concordou Menaka. "Permito que ocorra o casamento."

Shiva Testa Parvati

O Senhor Shiva disfarçou-se como um caçador, aldeão nativo, e foi para onde Parvati estava realizando a tapasya. Ele disse, "Ó jovem, que tapasya você está realizando?"

Parvati respondeu, "Eu quero casar-me com o Senhor Shiva."

O caçador riu, "Há, há! Senhor Shiva! Você quer dizer aquele sadhu nu que vive no topo da montanha sozinho por si mesmo, que senta o dia todo em meditação, que se associa com fantasmas e goblins e que está sempre intoxicado; você quer se casar com este senhor Shiva?"

"Sim, este Senhor Shiva, o Senhor dos Três Mundos!"

"Ó não! Uma jovem tão bela quanto você e hábil nas sessenta e quatro artes merece um marido melhor que este."

"Quem pode ser um marido melhor que o Senhor Shiva?"

"Eu!" respondeu o caçador.

"Huh!" disse Parvati. "Saia daqui agora mesmo! Deixe-me sozinha! Eu não terei nenhum outro a não ser o Senhor Shiva como meu marido! Eu não ficarei ouvindo seus insolentes insultos! Eu não terei ninguém, só Shiva!"

Quando Shiva ouviu aquelas palavras, ele assumiu sua forma e disse, "Que assim seja, eu aceito."

O Casamento de Shiva e Parvati

Parvati retornou à sua casa e mensagens foram enviadas ao Himalaya para fazer os arranjos para o casamento de sua filha. Toda a cidade e todos os palácios foram garbosamente decorados para receber a festa dos noivos, e a ponte foi adornada em glorioso esplendor. A procissão do casamento ocorreu. Shiva saiu do Monte Kailasa acompanhado por todos os seus amigos, os fantasmas e goblins, e exatamente quando ele alcançou os arredores da cidade, ele pensou, "Farei uma brincadeira com todas aquelas pessoas."

Shiva transformou-se num homem torto, contorcido e feio, dançando freneticamente nas ruas. O desfile nupcial marchou pela cidade e em direção ao pavilhão nupcial onde a cerimônia de casamento aconteceria.

Menaka olhou para baixo, para a festa do casamento e exclamou, "Quem é aquela monstruosidade lá embaixo?"

Parvati olhou e respondeu, "Aquele é o meu Shiva!"

E Menaka disse incredulamente, "Aquele é o seu Shiva? De modo algum! Onde está seu pai? Himalaya! Não podemos prosseguir com este casamento! Não permitirei que minha filha se case com aquele monstro contorcido lá embaixo!"

Himalaya disse, "Menaka, você fica fora disso. Tudo já foi arranjado. Nós estamos fazendo um trabalho dos Deuses. Parvati, o que você diz?"

"Aquele é o meu Shiva!" respondeu Parvati. "Eu quero me casar com ele!"

"Menaka," continuou o Himalaya. "Você não tem nada a dizer. Se você deseja participar, fique aqui e fique quieta. Caso contrário, você irá para o seu quarto e fechará a porta."

Menaka exclamou, "Minha filha! Minha única filha! Ao menos diga a Shiva para colocar uma boa forma e uma coroa em sua cabeça, e vir ao casamento como um Deus digno."

Himalaya desceu para falar com Shiva e disse, "Shiva, por favor assumo uma forma bela só para agradecer minha esposa."

Shiva respondeu, "Certo". E instantaneamente tomou-se muito belo, enfeitado com ouro e jóias, sedas finas e panos de cetim Com o disco da Lua como sua coroa. Todos os três mundos regozijaram-se e celebraram o casamento de Shiva e Parvati. E que casamento foi aquele! As conchas soavam e os tambores tocavam quando os mantras védicos eram recitados. Todos os Deuses e Deusas do céu fizeram chover flores e bênçãos sobre o divino casal. E todos esperaram pelo nascimento do filho que livraria os Deuses do domínio do Iluminador da Ignorância.

Menaka Ascende ao Céu

Depois do casamento de Parvati e Shiva, Indra chamou Menaka, "Menaka, você completou seu trabalho neste mundo. Você deu nascimento à Divina Criança, Parvati, e a deu em casamento. Agora volte a viver em Indra Loka, no céu."

Menaka ficou satisfeita que seu kama no mundo estava completo, e ela ficou feliz em retornar ao seu abrigo em Indra Loka. Com grande prazer ela deixou seu corpo terreno e ascendeu aos céus.

A Maldição de Jaya e Vijaya

Certa vez os quatro Kumaras: Sanatana, Sanaka, Sananda e Sanat Kumara foram até Vaikuntha, a casa do Senhor Vishnu. Eles desejavam ter uma audiência com o Senhor. Quando eles chegaram encontraram o portão da casa trancado, e Jaya e Vijaya estavam de pé ao lado da entrada protegendo a privacidade do Senhor.

"Temos que ver o Senhor," declararam os quatro irmãos.

"Estamos pesados," responderam Jaya e Vijaya, "mas o Senhor está dentro do apartamento interno desfrutando de algum tempo privado com a Deusa Laksmi. Ninguém pode entrar para perturba-los."

Os quatro irmãos explicaram, "Nós somos devotos puros do Senhor, não há tempo em que o Senhor não fique acessível à Pura Devoção! Portanto por favor informe ao Senhor que chegamos e que pedimos uma audiência imediata com Ele."

Jaya e Vijaya novamente barraram o caminho. "Nosso Senhor é um homem ocupado, sempre lutando com ashuras, ou tentando satisfazer os devotos. Ele dificilmente tem uma oportunidade de relaxar sozinho com sua esposa. Por que vocês não voltam amanhã?"

Os quatro irmãos ficaram impacientes. "Sabemos que vocês estão somente realizando seu dever e tentando servir o Senhor. Contudo, mesmo com a melhor das intenções, ninguém tem autoridade de separar um devoto puro do Senhor. Portanto, nós iremos certamente os amaldiçoar. Mas devido vocês terem cometido um erro na realização de seu serviço ao Senhor, iremos deixar vocês decidirem a natureza da maldição. Vocês podem escolher entre sete nascimentos em famílias de Rsis, ou três nascimentos em famílias de ashuras."

Jaya e Vijaya consideraram a decisão. "Sete nascimentos no mundo dos mortais é muito tempo para ficar longe do céu. Será melhor tomar três nascimentos na forma de ashuras, e voltar rapidamente."

Então os quatro irmãos pegaram um pouco de água do Ganga e pronunciaram a maldição, "Nasçam como ashuras por três nascimentos!" Eles jogaram a água sobre Jaya e Vijaya, que ficaram destinados a manifestarem-se no mundo.

Madhu e Kaitabha

O primeiro nascimento que eles tomaram foi como os irmãos Madhu e Kaitabha, também conhecidos como o Muito e o Pouco, que tentaram matar Brahma quando ele estava sentado no lótus no umbigo de Vishnu. O Muito

e o Pouco tinham designado que toda a existência ficasse em ação, e em nenhum tempo eles permitiam a um indivíduo ficar tranqüilo. Se alguém tinha Muito, então deveria ter que ficar livre de um pouco. Se alguém tinha Pouco, então deveria obter mais algum.

Vishnu estava mergulhado no descanso místico da divina união nesse tempo, assim Brahma cantou um hino de louvor para a Mãe Divina, Yoganida, Deusa do Sono Místico, para despertá-lo de seu sono e alertá-lo para o ataque. Por cinco mil anos o Senhor Vishnu lutou com os dois ashuras. Realizando que eles eram invencíveis, ele começou a orar à Mãe Divina para mostrar-lhe como derrotá-los. A Mãe Divina prometeu que Ela os pegaria pelo excesso de egoísmo que eles tinham.

Então Vishnu disse para aqueles dois ashuras, "Estou extremamente satisfeito com a coragem de vocês na batalha. Desejo dar-lhes uma dádiva. Escolham a dádiva de mim."

Aqueles ashuras, Madhu e Kaitabha, responderam, "Ah, Vishnu! É sempre o mais forte quem dá dádivas ao mais fraco. Vendo que nós somos mais fortes que você, e você não tem meio de nos derrotar, então é você quem deve nos rogar por uma dádiva. Vá em frente e peça. Qualquer coisa que você peça não te será negada."

Vishnu pediu, "Eu desejo saber de ambos vocês os meios de suas mortes."

Sendo enganados pela Mãe Divina, os ashuras responderam, "Você só poderá nos matar onde não haja água. Mas, veja você, todo o mundo está inundado, assim não há lugar algum onde possamos ser mortos."

Vishnu então os pegou em seu colo, e expandindo sua forma universal, ele os matou com seu disco.

Hiranyaksa e Hiranyakasipu e a História de Prahlad

A seguinte encarnação de Jaya e Vijaya veio na forma dos irmãos Hiranyaksa e Hiranyakasipu. Hiranyaksa escondeu a terra debaixo das águas do mar. Toda a criação chamou o Senhor Vishnu para que nascesse para salvar a terra. Vishnu veio como um javali, mergulhou em baixo das águas do mar, e levantou a terra com Suas presas. Ele colocou a terra sobre as águas, e matou o demônio Hiranyaksa na batalha.

Então o irmão Hiranyakasipu reinou em seu lugar. Hiranyakasipu tinha obtido a dádiva de que ele não podia ser morto nem de dia nem de noite. Ele não podia ser morto nem do lado de dentro, nem do lado de fora. Ele não podia ser morto por homens nem por animais. Ele não podia ser morto por qualquer arma conhecida pelo homem. Com o poder dessa dádiva, Hiranyakasipu conquistou a terra e os céus. Então ele fez uma lei de que nenhum outro seria adorado a não ser ele mesmo. Ele encarcerou todos os Rsis, destruiu os templos e fez todos os adorarem.

O rei foi abençoado com um belo filho chamado Prahlad. Ele era uma criança divina, e a primeira palavra que veio de sua boca foi, "Vishnu".

O rei tomou-se muito zangado com sua esposa. "Onde meu filho aprendeu uma palavra como esta? Você tem que ver melhor sua educação. Eu não terei semelhante blasfemador dentro de minha própria casa. Ninguém irá dizer o nome de meu arquinimigo!"

Quando o menino cresceu, ele adorava sentar-se para adoração, e gostava muito de canções devocionais ao Senhor. O rei chamou um professor. "Ensine meu filho os modos próprios do comportamento de um ashura. Eu não quero que ele coloque essas imperfeitas idéias em sua cabeça sobre adoração, meditação e respeito aos Deuses, mas é melhor você ensiná-lo que somente eu devo ser adorado. Você deve fazê-lo esquecer todas essas coisas sobre Vishnu!"

Os professores levaram-no para a escola. "Agora classe, nós nascemos na raça ashura, e é nosso dever lembrar que estes corpos que usamos são para ser satisfeitos a todo tempo. A única adoração ordenada aos ashuras é a adoração ao nosso rei, e não temos nenhuma outra responsabilidade na vida que não seja desfrutar através de nossos sentidos tanto quanto nos for possível. Esta é a marca de um verdadeiro ashura..."

No intervalo Prahlad foi para o pátio com as outras crianças. "Eu tenho um grande jogo para brincar," ele disse. "Vamos pretender ser Rsis meditando sobre o Senhor". Ele mostrou para todas as outras crianças como meditar. Ele igualmente prendeu seu cabelo no alto em um nó, e as crianças realizaram adoração exatamente como os Rsis.

"Ó Rei! Ó Rei!" dizia o professor. "É melhor ter seu filho fora de minha escola. Ele está corrompendo os outros estudantes. Ele ensina sobre os Deuses, sobre puja e meditação. No intervalo ele tem realizado todas as coisas que nós somos contrários. Por favor tire aquela criança de minha escola antes que ele contagie todas as outras crianças!"

O rei chamou seu filho, Prahlad. "Meu filho, por que você não pode ser como as outras crianças? Por que você está sempre se metendo em problemas? Quando você aprenderá a ser um bom ashura e respeitar as leis e costumes de nossa sociedade?"

"Pai," respondeu o jovem Prahlad. "Eu nunca fiz nada que fosse contra o dhama. Eu nunca tive qualquer comportamento que desrespeitasse o meu Senhor. Qual é a queixa contra mim?"

"Que Senhor é este que você está buscando agradar?" perguntou o rei.

"Todos sabem que há somente Um Deus da criação, pai."

"E qual é o nome pelo qual você chama este Deus? "

"Ele tem muitos nomes, mas eu o chamo Vishnu," respondeu o filho.

"Vshnu! Meu arquiinimigo! Como você ousa falar o nome dele em minha casa! Quem quer que fale este nome em meu reino será punido com a morte."

"Pai, como você pode ser tão antagonista ao Senhor? Deus protegerá qualquer devoto que se render a Ele."

"E quem é este Deus?" perguntou o pai.

"Vishnu", respondeu Prahlad.

"Capitão da Guarda!" chamou o rei. Leve este pecador ao topo de uma montanha e atire-o do mais alto pico. Esteja certo de que ele cairá e morrerá. Veremos se Deus pode salvá-lo, quando este deus viver diante de você já tenha decretado sua morte."

Os soldados escoltaram Prahlad ao mais elevado pico da montanha. Antes de empurrá-lo do topo, o capitão perguntou, "Você tem alguma última palavra?"

Prahlad proclamou, "Jaya Vishnu!". E os soldados o empurraram do topo.

Quando Prahlad caiu no espaço abaixo, Vishnu enviou sua águia, Garuda, para pegar a criança no ar. Eles voaram diante dos soldados, e deslizaram gentilmente ao chão.

"Nós tentamos atirá-lo da montanha, meu senhor, " gaguejou o capitão da Guarda. "Mas o carregador de Vishnu, aquela águia, veio no caminho e o salvou."

"Então amarre-o e atire ao mar". Gritou o pai.

O Capitão da guarda escoltou o prisioneiro até o oceano, e fez seus soldados amarrarem pesadas correntes no corpo de Prahlad. O capitão perguntou, "Você tem alguma última palavra?"

Prahlad proclamou, "Jaya Vishnu!" e os soldados o empurraram na água. Prahlad afundou. Vendo seu devoto em grande perigo, o Senhor Vishnu tomou-se um peixe. O Matsya Avatar. O peixe gigante nadou até onde Prahlad caiu, enganchou a corrente ao redor de sua barbatana e rapidamente nadou para a superfície, deixando o menino na orla.

"Maharaj," gaguejou o Capitão da Guarda. "Mesmo o mar não tomou esta sua criança. Agora o que faremos com ele?"

O rei olhou assombrado. Então chamou sua irmã, Holika. Holika tinha recebido a dádiva do fogo divino de que nada poderia queimá-la. "Holika, pegue Prahlad em seus braços e segure-o em um intenso fogo, assim ele será queimado!"

Os soldados acenderam o fogo, e Holika abraçou Prahlad em seu seio e eles pularam no fogo. Prahlad fechou os olhos e recitou os nomes de Vishnu. As chamas subiam e os engoliam completamente. Prahlad continuou seu japa. Quando ele abriu os olhos, ele viu que o fogo tinha queimado sua tia, mas ele nem mesmo sentiu o calor. Desde este dia nós celebramos a salvação de Prahlad e a morte de Holika com o Festival de Holi.

O rei ficou enfurecido. Não havia nada que pudesse matar esta criança? "Onde este Deus Vishnu vive, que você tem tanta fé de que ele irá protegê-lo em todas as circunstâncias?" ele perguntou ao filho.

"Vishnu vive em todo lugar." Respondeu o jovem devoto.

"Ele vive nos pilares do palácio?" perguntou o poderoso rei puxando sua espada.

"Sim, Pai, ele será encontrado mesmo nos pilares do palácio." respondeu Prahlad.

O rei golpeou o pilar com toda sua força. A pedra rachou e se esmigalhou com um tremendo barulho, caindo ao chão e revelando um grande ser sentado em um trono lá dentro. Ele não era nem homem nem animal. Tinha a metade homem e metade leão, e ele era terrivelmente horrível. Hiranyakasipu correu para a porta. Quando ele alcançou o umbral, ele pode ver que era crepúsculo, o sol estava se pondo. Não era dia ou noite. Então o grande animal, Narsingha, agarrou o rei e o arrastou até ao portal, onde ele não estava nem do lado de dentro, nem do lado de fora. E usando as garras de suas mãos, o Avatar de Vishnu rasgou o estômago de Hiranyakasipu e bebeu o sangue. Prahlad cantou hinos de louvor ao Senhor Vishnu, e por todo o reinado de Prahlad, houve paz e prosperidade naquela terra.

Ekavirya e Ekavali

Um dia o Senhor Vishnu entrou nos apartamentos internos em Vaikuntha, onde viu Laksmi olhando da janela. Ele a chamou, mas ela não prestou atenção. Ela meramente mantinha-se de pé olhando para fora da janela. "Laksmi." chamou Vishnu. "O que você está olhando?"

Laksmi estava tão atenta ao que estava olhando que nem mesmo percebeu que o Senhor havia entrado.

"Laksmi", chamou Vishnu novamente. "Onde está você?" E nenhuma resposta.

"Laksmi", chamou Vishnu novamente "O que você está olhando com tanta atenção que até mesmo ignora seu marido? Você esqueceu da presença de seu Senhor?" Vishnu veio para perto da janela e olhou para ver o cavalo Uchchaisrava, o cavalo da sabedoria, que foi produzido do batimento do oceano de leite, voando pelo céu.

"Ó Laksmi, se você está tão enamorada de cavalos desça na terra e torne-se um cavalo!" disse Vishnu zangado.

"Ó meu Senhor, o que você disse?" perguntou a pasma Laksmi.

"Eu disse vá para a terra e torne-se um cavalo! Respondeu o irado Vishnu.

"Por que você tem que me fazer isto? Por uma pequena falta minha, você está me dando uma tal grave maldição?"

"Nós temos algum karma para realizar."

"Como me tornarei livre desta maldição?" perguntou Laksmi.

"Quando chegar o tempo eu irei como garanhão e teremos um filho que é destinado à grandeza."

Laksmi foi para a terra na forma de uma égua. Dia e noite ela repetia os mantras do Senhor Vishnu, e buscava pelo aparecimento do seu Senhor. Deste modo cem mil anos se passaram. Ela não podia calcular onde Vishnu estava ou o que possivelmente o estava mantendo longe. Finalmente ela teve uma idéia. Ela disse, "Om Namah Shivaya," e imediatamente o Senhor Shiva apareceu.

"Olá Laksmi", Shiva estendeu suas saudações. "O que você está fazendo aqui na forma de um cavalo? Onde está o Senhor Vishnu?"

"Eu tenho esperado por Vishnu pelos últimos cem mil anos." Respondeu a impaciente Laksmi.

"Então por que você me chamou?" perguntou Shiva.

"Shiva, eu tenho que lhe falar a verdade. Um dia o Senhor Vishnu estava sentado em profunda meditação. Por muito tempo ele não se moveu o mínimo. Ele apenas sentou-se lá absorvido. Quando ele despertou, eu perguntei-lhe, 'Devadeva, Jagannath, Deus dos Deuses, Senhor do Universo, todos procuram por seu amparo e proteção, toda a existência medita em você. Em quem você estava meditando?'"

"Então meu Senhor respondeu, 'Minha amada Laksmi, eu estava meditando no Senhor Shiva. Verdaderamente Ele é meu Ser interior. Por isso depois de cem mil anos cantando o nome de Vishnu e ele não apareceu, eu pensei em chamar você.'"

"O que posso fazer por você, Laksmi?" Perguntou Shiva.

"Por favor, lembre ao meu Senhor que eu o estou aguardando, assim como por seu comando."

Shiva foi para Vaikuntha e disse, "Olá Vishnu, o que aconteceu com você? Você parece terrível, como se Laksmi não estivesse em casa. Parece que você não lava ao seus pratos há muito, muito tempo. Onde está sua esposa?"

Vishnu ficou atordado com a lembrança. "Shiva, você tem que me desculpar. Eu tenho uma função muito importante para executar na terra."

Vishnu desculpou-se e desceu para a terra onde tomou-se um garanhão. Laksmi viu o garanhão e o reconheceu imediatamente e eles deram nascimento a um lindo filho.

"Venha, Laksmi vamos retornar para Vaikuntha." Disse Vishnu.

"Você não tem coração? Como pode deixar este pobre e indefeso bebe sozinho?"

"Nosso karma está completo. Vamos para casa." Disse o Senhor.

"Senhor, eu não posso deixar minha criança como esta", disse Laksmi.

"Está bem". Disse Vishnu, e transformou o bebe cavalo em um humano. "Vamos". Disse ele.

Com isso ele subiu na atmosfera em direção à Vaikuntha. Laksmi deu uma última olhada em sua criança e seguiu para a casa de seu marido.

Justamente então o rei Turvasu vinha, montando em sua camuagem diante de seu exército. "Quem abandonou aquela criança sozinha no deserto?" assombrou-se o rei. "que belo menino! Eu tenho praticado ascetismo pelos últimos cem anos para ter um filho divino. Certamente este é o filho que Deus prometeu. Eu o levarei para casa e o criarei como meu próprio filho."

O rei levou a criança para a camuagem e retornou para casa. Ele criou o menino até que ele tomou-se um guerreiro bem educado e de boas maneiras e de coragem superior. Ele era conhecido como Ekavirya, o Guerreiro da União, ou Ele que tem atenção. Turvasu realizou todos os ritos de passagem de seu filho e observou sua educação. Quando ele se convenceu de que Ekavirya estava totalmente qualificado, ele colocou seu filho no trono para governar a terra, e com sua esposa foi executar tapasya na floresta.

O rei Ralhya tinha uma bela filha chamada Ekavali, o Espírito de União. Ela tinha nascido do fogo divino no momento da oferenda sacrificial. A princesa Ekavali gostava de brincar entre as flores, e todo dia ela ia com suas amigas para fora dos portões da cidade para brincar entre as flores silvestres da margem do rio. O rei informou a sua filha que ele se preocupava com sua segurança, e construiu um belo jardim dentro do palácio para ela brincar, mas Ekavali achou o jardim muito doméstico e mais uma vez saiu para brincar. Então o rei enviou uma escolta de soldados para guardar a menina quando ela brincava fora dos portões da cidade.

Um dia o malvado rei Kalaketu, o Fomecedor da Escuridão, veio até onde as meninas estavam brincando. Vendo a beleza da princesa, ele e seus soldados atacaram os guardas. Tendo pegado os guardas inadvertidamente, eles foram dominados por sua força superior, e Kalaketu roubou a princesa Ekavali. Kalaketu manteve sua prisioneira na torre do palácio junto com a amiga dela, Yasovati. Ele ordenou que Ekavali se casasse com ele, mas a princesa não concordou. Ela chorou muito. "O que nós fizemos?" Perguntou ela à Yasovati.

Yasovati respondeu, "Eu conheço o mantra HRIM o mantra da Deusa Mãe Divina. Eu farei japa, e Ela fará meu caminho limpo assim eu posso pedir ajuda."

Justamente então um bonito e jovem príncipe vinha montando diante de um grande exército. "Ó jovem por que você está chorando? Ninguém deve ficar triste neste reino, especialmente enquanto eu estou pronto a servi-la."

"Minha amiga e eu fomos roubadas pelo malvado rei Kalaketu. Ele derrotou nossos guardas, fez-nos prisioneiras, e nos fechou lá em cima da torre do palácio. Eu consegui escapar, mas a princesa Ekavali é ainda mantida presa. O malvado rei Kalaketu diz que ela deve se casar com ele, mas ela diz a ele que desde sua infância os astrólogos disseram que ela estava destinada a casar-se com um homem chamado Ekavirya." Explicou Yasovati.

"Eu sou Ekavirya!" declarou o príncipe. "Onde é o palácio do malvado rei? Estou pronto para enfrentá-lo em uma guerra! Eu libertarei minha esposa e livrarei a terra da Escuridão."

"Não, meu príncipe. Primeiro você deve ficar bem armado. Busque a iniciação do Guru Dattatreya no Triloki Tilakam, o mantra que é a mais elevada expressão dos três mundos. Então iremos lutar."

Ekavirya curvou-se diante de Dattatreya. "Guruji, por favor me inicie no mantra do Triloki Tilakam, pelo qual eu posso matar o malvado rei Kalaketu, o Fornecedor da Escuridão, e libertar minha esposa."

Dattatreya explicou, "HRIM, a totalidade de Maya; Gauri, Ela Quem é Raios de Luz; Rudra, a Aliviadora dos Sofrimentos; Dayite, Doadora de Compaixão; Yogeswari, o Supremo Ser de União; Hum, cortai o ego; Phat, purificar; Svaha, Eu sou um com Deus! Vá meu filho," Dattatreya disse em bênção, "Derrote o malvado rei!"

Ekavirya marchou na batalha e venceu o malvado Fornecedor da Escuridão, o rei Kalaketu. Ele libertou a princesa capturada Ekavali e quando Yasovati explicou para sua amiga o que tinha acontecido, ela disse para Ekavirya, "Por favor leve-me ao meu pai. Ele abençoará nosso casamento conforme os costumes de nossa família."

Então Ekavirya levou Ekavali para casa de sua família, e o rei Rabhya e sua família celebraram o divino casamento conforme as tradições de todos os ancestrais. Ekavirya e sua consorte Ekavali estabeleceram a adoração da Mãe Divina em seu reino, fixaram novos ideais de respeito durante seu reinado. Os nomes de seus filhos foi Krtavirya, e o filho Kartavirya. Assim foram as origens da dinastia dos reis Haihaya

Visvarath Conquista a Índia

Havia um grande rei chamado Ghade que tinha um tremendo domínio e era um rei muito virtuoso e dharmico. Ghade tinha um nobre filho cujo nome era Visvarath.

Quando Visvarath cresceu a uma idade satisfatória, rei Ghade disse, "Filho, eu decidi retirar-me para a floresta para praticar tapasya pelo resto de meus dias. Por favor fique com a responsabilidade de manter e proteger esse reino. Devotarei o resto de minha vida à disciplina espiritual." Visvarath respondeu, "Pai, o primeiro dever de um filho é realizar os desejos de seu pai, e de todo modo possível ajudar ao pai a alcançar emancipação. Portanto se é seu desejo que eu tome a responsabilidade sobre o reino, eu não tenho nada a dizer. Mas por favor, discuta esse assunto com nosso guru e seus ministros. Apresente esse assunto diante das pessoas, e então deixe que elas determinem se desejam ou não ter-me como rei."

Ghade pensou, "Que nobre filho eu tenho."

Ele chamou os Gurus da terra, os Brahmins e representantes das pessoas de seu reino e disse, "Eu desejo dedicar-me ao caminho da auto-realização durante meus últimos dias na terra. Decidi retirar-me para a floresta, e levar uma vida de ascetismo. Onde eu possa praticar meditação e contemplar uma vida religiosa livre de responsabilidades de ser um rei. Eu determinei que meu filho Visvarath irá tomar-se rei em meu lugar." E todas as pessoas reunidas, todos, gritaram "Visvarath, ki jay! Que nobre rei nós temos! Que grande exemplo! Que filho maravilhoso teremos como nosso governante!" As pessoas unanimemente reconheceram Visvarath como o rei do país. Ghade retirou-se para a floresta com sua rainha, e lá começou a praticar tapasya.

Algum tempo depois Visvarath começou a pensar, "Um rei da classe dos guerreiros só será bem sucedido se expandir as fronteiras de seu reino. Não é suficiente que tenha recebido esta nação como herança de meu pai, que a construiu para mim. Deverei passar a mesma coisa para meu filho? Devo adicionar à herança que recebi de meus ancestrais. Só então poderei passar meu legado para meus próprios filhos. Ele chamou todos os sábios e eruditos homens do seu reino e disse, "Decidi ir à guerra para expandir as fronteiras de meu reino."

Todos os gurus, Sannyasis e bhramins unanimemente disseram "Rei por favor não faça isso! Nós somos saudáveis, ricos e vivemos em paz. Temos abundância. Por que ir para a guerra? Se você pegar todos os homens do campo para serem soldados em seu exército, quem irá colher a colheita?" Visvarath não ouviu. Ele disse, "Meu dharma como um rei ksatriya é lutar. Devo lutar e realizar meu dharma. Que tipo de fama e glória receberei se apenas pegar a herança de meu pai e passá-la ao meu filho? Ninguém se lembrará. Somente se eu aumentar a riqueza de minha família, valor e fama serei recordado. Tomarei todos os fazendeiros e os alistarei em meu exército. Que sejam preparados para marcharem para a guerra! "

Por ordem do rei todos os cidadãos foram alistados no exército e treinados para a guerra. Visvarath marchou em conquista, Em pouco tempo ele subjugou todos os reinos vizinhos e moveu-se por todo o império para conquistar toda a Índia. Vitória após vitória, ele marchou adiante até que ninguém sabia os limites do reino. Somente após tomar tributo de muitos reis e tomar as coroas das cabeças de muitos príncipes, ele ficou satisfeito, e então ele virou-se e retornou para casa.

A Vaca de Vasistha

Ele tinha marchado em direção à casa por muitos dias e suas tropas estavam cansadas e famintas. Quando ele chegou ao eremitério de Vasistha Muni, Vasistha ficou muito satisfeito de ouvir que Visvarath, o rei tinha vindo visitar seu ashrama. Ele enviou Sannyasis e Bahmcharis para encontrar o rei e escoltá-lo ao eremitério com honra e respeito.

Vasistha disse, "Meu rei, gostaria de ser meu convidado para a ceia?"

Visvarath respondeu, "Tenho um tremendo exército comigo. Como é possível para o rei banquetear-se enquanto seus soldados têm fome?"

Vasistha disse, "Não, não! Isto não é possível! Eu convidei todos vocês. Por favor permita-me o privilégio de estender minha hospitalidade a todos vocês."

Visvarath ficou feliz em aceitar o convite de Vasistha. Vasistha foi à sua vaca, Nandi. Ele disse, "Nandi, temos visitantes hoje. O rei veio com todo seu exército. Vamos oferecer hospitalidade de Brahmins."

Nandi abriu sua boca e para fora saiu suntuosas refeições, pratos cheios de comida. Vasistha apertou os tberes de Nandi e o leite jorrou em baldes, de onde veio coalho e ghee, que produziram muitos pratos e doces. Muitas coisas foram feitas com o leite de Nandi. Todos os soldados do tremendo exército sentaram-se para comer, e se um soldado desejasse um prato particular, a ordem era dada a Nandi, e imediatamente aquela comida vinha. Aquelas eram as mais suntuosas, saborosas, sensuais delicias que alguém podia possivelmente imaginar.

Visvarath estava surpreso. "Que maravilhosa comida você preparou Vasistha! Como pode alimentar tantas pessoas?"

Vasistha disse, "É minha vaca sagrada, Nandi."

Que vaca surpreendente você tem, Vasistha. Penso que Nandi é a Kamadhenu, a vaca que dá satisfação e realização de todos os desejos."

"Sim, de fato ela é," concordou Vasistha.

Visvarath ficou muito satisfeito, e ele curvou-se ao Guru Vasistha, e retornou com seu exército para o reino. Quando ele marchou para seu reino ele viu que toda a terra estava estéril. Ele olhou as expressões cansadas das faces de seus cidadãos e viu que eles tinham estado vivendo em uma pobreza miserável. Ele foi montado como um rei vitorioso pelas ruas principais da capital, todavia ninguém tinha energia para vir dar-lhe as boas vindas. Quando ele chegou ao palácio, seus ministros vieram saudá-lo.

"Que aconteceu ao meu reino?" perguntou Visvarath. "Não há ninguém aqui para saudar-nos ou gritar pela volta de seu rei vitorioso para casa? Que tipo de súditos são esses? O que tem acontecido aqui?"

Os ministros responderam "Vossa majestade, quando o senhor levou todos os homens para lutar em suas guerras, não ficou ninguém aqui para ceifar a colheita. Quem estava aqui para atender aos campos? Seus súditos estão famintos. O que faremos com todo esse ouro que trouxestes? Poderemos comê-lo?"

O rei pensou, "Que pode ser feito agora? Como poderemos alimentar todos os cidadãos?" Então ele lembrou-se da suntuosa refeição que ele recebeu no ashram de Vasistha. Assim ele tomou a decisão de retornar ao ashram e trazer a vaca, Nandi, para seu capitólio.

Imediatamente ele prosseguiu para o ashram de Vasistha e disse, "Vasistha, por favor dê-me sua vaca."

Vasistha disse, "Rei não posso dar-lhe minha vaca. Esta é Nandi. Eu faço todos os meus yajñas de seu ghee. Ela é um membro de minha família."

Visvarath disse, "Vasistha, eu darei cem vacas à você. Dê-me aquela vaca."

Vasistha disse, "Rei, sinto muito. Fique com suas cem vacas. Aquela é minha Nandi. Eu não posso dar a você a minha vaca."

Visvarath disse, "Tudo bem Vasistha, eu darei a você mil vacas. Mas dê-me aquela vaca."

Vasistha disse, "Ó rei, fique com suas mil vacas. Aquela é minha Nandi. Eu faço todos os meus yajñas do ghee preparado de seu leite. Eu não darei a você esta minha vaca."

Visvarath disse, "Eu preciso daquela vaca, e se você não me dar esta vaca agora mesmo. Eu a irei pegar à força."

Vasistha disse, "Você pode tentar tomar a vaca à força, se gosta de roubar de um Brahmin. Mas rei, eu não darei a você a minha vaca."

Visvarath disse, "Capitão da Guarda, amare uma corda ao redor do pescoço daquela vaca e traga-a ao meu capitólio!"

O Capitão da Guarda chamou seus soldados, "Soldados, coloquem uma corda ao redor do pescoço daquela vaca!"

Os soldados fizeram como foi ordenado e colocaram a corda ao redor do pescoço de Nandi e começaram a puxar. A vaca disse, "Vasistha, você me deu para aquele rei?"
E Vasistha respondeu, "Não."

"Então por que esses soldados colocaram uma corda ao redor de meu pescoço e estão tentando me puxar para longe?"

"Nandi, eu nunca disse a eles que podiam fazer isso. Eu nunca concordei em deixar você ir, nem por força nem por nenhum preço."

"Você não fez?"

"Não!"

Repentinamente Nandi mugiu, e de sua boca vieram legiões de soldados, pesadamente armados, e começaram a correr para atacar o exército do rei. O exército do rei começou a lutar, mas todos os seus soldados foram derrotados. Todo o exército estava perdido. Então os soldados de Nandi foram para cima de Visvarath. Ele correu! Os soldados correram atrás com as armas prontas para atirar. Ele correu ao redor de todo o continente, com os soldados correndo logo atrás. Ele correu e correu muito rápido, mas os soldados continuavam atrás. Ele correu em círculo e voltou ao ashram de Vasistha, onde caiu aos pés de Vasistha chorando, "Salve-me! Eu tomo refúgio em você. Por favor poupe minha vida, eu irei para a floresta praticar tapasya. Também, me tomarei um Brahma Rsi!"

Vasistha disse, Certo, eu o pouparei. Vá realizar sua tapasya, e veja o que você realiza dentro de você mesmo."

Visvarath curvou-se ao Brahmin Vasistha. Ele largou a amadura e as armas e colocou uma roupa de um ermitão, e foi para a floresta começar a praticar austeridades.

Visvarath torna-se Visvamisra

Assim Visvarath começou sua tapasya. Ele sentou-se absorvido em profunda meditação por longos períodos de tempo. Quando ele sentou-se na mais profunda meditação, ele emitiu uma vibração tão forte que as três Deusas vieram Mihakali, Mihaksmi e Mihasaraswati. Cada qual colocou sua essência, a essência da sabedoria que elas personificavam. Aquelas essências de sabedoria uniram-se e se manifestaram como GAYA - sabedoria: TRI - três; GAYATRI, a personificação das três formas de sabedoria: Criação, Preservação e Transformação, ou Sattva Guna, Tama Guna e Raja Guna. Esta essência de sabedoria tomou-se uma Deusa conhecida como Gayatri. Ela veio à Visvarath em sua meditação abençoou-o, e revelou a ele o mantra Gayatri:

"Om Bhur Bhuvah Svaha Tat Savitur Varenyam Bhargo Devasya Dimahi Dhiyo Yo Na Pracodayat."

Om	O Infinito Além da Concepção
Bhur	O corpo grosseiro de percepção sensoria
Bhuvah	O corpo sutil de concepção mental interna
Svah	O corpo causal de reconhecimento intuitivo
Tat	Aquele
Savitur	Luz da Sabedoria
Varenyam	Mais elevado
Bhargo	Riqueza
Devasya	Dos Deuses
Dimahi	Nós meditamos sobre
Dhiyo Yo Nah	Dai-nos
Pracodayat	Aumento, literalmente, ascensão

Visvarath começou a meditar sobre este mantra e recitá-lo repetidas vezes. Gayatri veio à Visvarath em sua meditação e disse, "Visvarath, Camuagem do Universo, eu dou a você outro nome conforme sua nova característica. Porque você trouxe esta nova realização à humanidade, você atuou como um amigo. Portanto dou-lhe o nome de 'Visvamrta', o Amigo do Universo."

Assim Visvarath tomou-se Visvamrta. Ele continuou sua tapasya e sua meditação, e tomou-se um Raja Rsi, um vidente entre os reis. Através de mais purificação ele tomou-se um Deva Rsi, um vidente entre os Deuses. Ele continuou a realizar sua tapasya por muitos, muitos anos até que sua força e poder estavam em condições inabaláveis. Ele não podia ser movido. Estava completamente absorvido em seu sadhana e tapasya, e ainda continuou a meditar...

As Origens da Dinastia Solar

Brahma deu sua sabedoria aos Sete Rsis, que hoje abençoam os céus como a Usa Major. Seus nomes são Marichi, Atri, Angira, Pulastya, Pulaha, Kratu e Vasistha. Estes foram os sete rsis originais, ou Videntes da Mais Elevada Divindade. Em cada Kalpa ou período de tempo, sete outros rsis tornam-se videntes de sabedoria.

O filho mais velho de Marichi foi Kashyapa. Diksha deu treze de suas filhas em casamento à Kashyapa. Entre as esposas de Kashyapa, duas foram mais famosas. Uma foi Diti, Da Terra, e a outra foi Aditi, Dos Céus. De Aditi vieram os Devas, todos os Deuses ou Seres Radiantes. De Diti e suas outras esposas vieram os ashuras, daityas, yaksha, pannagas, as bestas da terra e os pássaros do ar. Todos esses vieram da geração de Kashyapa.

Entre os Deuses havia um filho que era extremamente famoso cujo nome era Surya, o Sol, a luz da sabedoria e calor da devoção. Seu outro nome era Vaivasvan, Ele Quem Premeia o Universo. Ele teve um filho chamado Vaivasvat Manu. MAN significa mente e U significa protetor. Assim MANU significa o Protetor da Mente. Ele protege com Vaivasvat, a universalidade da luz de sabedoria e o calor da devoção. Ele é o Manu presidente do sétimo Manvantara, que é o período particular de tempo no qual estamos vivendo. Cada período de tempo tem um particular Protetor Universal da Mente, cujo trabalho é estabelecer respeito para a regra de razão. O protetor atual é a Luz Universal.

Vaivasvat Manu tinha um filho chamado Ikshvaku, que é o progenitor da Dinastia Solar dos Reis sobre esta terra. Ikshvaku estabeleceu o capitólio de sua cidade em Ayodhya, e Brahma errou Vasistha para tomar-se o guru de família. Vasistha objetou a este posto, mas Brahma assegurou-lhe que as gerações de Ikshvaku seriam famosos sustentadores da Verdade. "Mesmo Rama nascerá nesta família." Brahma disse, "Você pode imaginar a honra de tomar-se o preceptor do Senhor?" Depois disso Vasistha cedeu e aceitou a posição como o Guru dos Reis de Ayodhya.

Chyavana Muni e Sukanya

Ikshvaku tinha um filho chamado Saryati, que era uma gema entre os honens. Ele era muito generoso, um rei virtuoso, que atuava de todo modo como um pai para os súditos de seu reino. Saryati tinha um tesouro particular pelo qual ele era extremamente apaixonado. Ele tinha uma jovem filha de nome Sukanya, cujo nome significa, "A Magnífica Deusa Virgem."

Sukanya costumava sair do palácio para brincar com suas amigas. Acompanhada pela guarda do rei, elas iam para a floresta colher flores e caçar pequenos animais, jogar bola e brincar, brincar.

Sukanya adorava brincar na floresta. Um dia o rei saiu com toda sua contingência de soldados para fazerem exercícios. Ele levou sua filha Sukanya juntamente com todas as suas amigas com ele. Ele determinou uma área numa trilha muito sagrada da floresta para elas brincarem. Colocando soldados ao redor da área, ele deixou sua filha e suas amigas livres para andar e brincar enquanto ele ia supervisionar as manobras de seu exército.

Quando Sukanya estava brincando perto daquela trilha, ela deparou-se com um inenso fogueiro. Era um volumoso amontoado de terra que as fogueiras tinham amontoado. Parecia muito misterioso, uma visão muito estranha de se ver. Havia duas bolas de fogo irradiando do monte de barro. Sukanya ficou assustada e encontrando uma vara, ela empurrou-a para dentro das brasas ardentes.

Imediatamente ela ouviu um gemido e ficando assustada com o som ela saiu correndo. Ela juntou-se às suas amigas e não disse nada sobre o incidente. Depois de brincar alguns momentos ela se esqueceu de tudo.

Repentinamente todos os soldados do exército do rei tiveram seus intestinos parados. O Capitão da Guarda veio ao rei e disse, "Ó rei, todos os nossos soldados estão em aflição. Ninguém pode passar sem eliminar qualquer fezes ou urina. Todas as eliminações deles ficaram paradas. O que faremos? Os soldados estão em grande sofrimento."

O rei disse, "Chamarei o ministro. Ministro, os soldados estão sofrendo", disse ele.

O ministro respondeu, "Vamos buscar a causa deste sofrimento. Ovi dizer que Chyavana Muni, o grande Rsi tem estado realizando tapasya nestas redondezas. Talvez, possivelmente, isto tem algo a ver com uma não autorizada interrupção de suas devoções. Vamos ver."

Os soldados do rei saíram e foram buscando pelo Muni, quando um soldado passou pela montanha das fogueiras de onde saía um som de gemido. Ele viu uma vara empurrada no buraco do barro e imediatamente começou a limpar o barro. Ele ficou muito surpreso de encontrar Chyavana Muni, que tinha estado sentado em Samadhi por um tão longo tempo, que as fogueiras tinham coberto seu corpo completamente com barro. Ninguém podia dizer que a figura era um sadhu sentado, através das duas rachaduras no barro, embora seus olhos brilhassem como brasas ardentes da luz de sua tapasya.

O soldado disse, "Muni, quem fez esta coisa terrível com você? Quem colocou estas varas em seus olhos? Eu trarei o rei aqui." Descobrimo o Muni e fazendo-o ficar confortável, ele correu até onde estava o rei.

Saryati rapidamente veio com seus ministros. "Ó Muni, meus ancestrais têm sempre convidado sadhus para vir realizar tapasya aqui livres do medo de qualquer tipo de dano. Agora alguém o injuriou enquanto você estava sentado em meditação nesta trilha sagrada, mesmo enquanto todos os meus soldados estavam aqui para protegê-lo

Eu sou o rei desta nação, e não descansarei até encontrar os culpados que foram responsáveis por colocá-lo em tal sofrimento."

O Mini disse, "Ó rei, você não precisa ir longe para encontrar, por que a pessoa que fez isso em mim foi sua filha, Sukanya."

"Minha filha, Sukanya, aquela angelica e doce menina? Ela só gosta de brincar e se divertir na floresta. Ela nunca machucaria alguém."

"Chame Sukanya," ordenou o Muni.

Sukanya foi trazida até seu pai. "Sukanya, este é Chyavana Mini, o mais velho e venerável sábio cuja reputação é conhecida ao longe. Alguém perfurou os olhos dele com estas varas e ele mencionou seu nome."

"Sim, Pai, é verdade. Eu o fiz por acidente. Eu vi o fogo brilhando na montanha das fogueiras e não sabia por que, mas eu enpurei a vara para ver se ia se mexer. Então ouvi um gemido e fiquei assustada e saí correndo."

"Você vê," disse o Muni "foi sua filha que me fez ficar cego."

Saryati, o rei, disse, "Muni, como posso expiar essa má conduta? Como posso recompensá-lo? Darei a você aldeias para seu suporte, centenas de servos cuidarão de você. Farei o melhor devido essa perda. Conceda o perdão à minha filha. Ó Muni, livra-me deste débito."

O Mini disse, "Sou um homem velho. Não preciso de riqueza ou aldeias. Quem deseja ser cuidado por servos que fazem seu dever ao mestre por medo ou obrigação. Agora sou cego e velho. Quem cuidará de mim com amor, ternura e compaixão? Certamente nenhum servo fará isso! Um servo somente realiza os requerimentos de seu dever, procurando depois livrar-se da servidão. Não, rei Saryati, se você deseja tranquilizar meu coração, então dê-me sua filha, Sukanya, como minha esposa."

"Sua esposa? Sukanya? Ela é a gema do palácio. Uma jovem, uma pequena menina. Ela será uma rainha. Como posso dar a gema do palácio a um velho e cego sadhu que vive nu na floresta? Ó Mini, escolha algum outro desejo. Eu lhe darei centenas de meninas, milhares de donzelas, servos, riqueza, ouro, terra. Mas por favor não leve Sukanya para longe de mim."

"Não!" disse o Muni. "Sua filha fez isso comigo e somente ela poderá servir-me com carinho e devoção."

"Mas", disse Saryati, "o dever de um pai, assim como seu deleite, é conseguir um par satisfatório para sua filha. Minha jovem e bela filha casar-se com um asceta velho e cego da floresta? Como posso pensar em tal coisa? Ela é uma menina nobre. Você é um sadhu. Sukanya cresceu com todo o conforto da vida, e você não tem nada para oferecer a ela. Ela é jovem e logo seu corpo se desenvolverá na maturidade, e ela desejará um marido apaixonado. Você não terá capacidade de satisfazer estes desejos. Ela terá desejo de ter crianças e sua idade de ter filhos já passou. De todos os modos este é um caso insatisfatório. O primeiro dever de um pai é dar à sua filha um casamento com honra e dignidade em uma relação satisfatória. Não darei minha filha à você!"

"Bem, você pode pensar sobre o assunto," disse o Muni.

Saryati retornou ao seu reino.

O Capitão da Guarda veio ao rei. "Senhor, os soldados estão gemendo de dor. Ninguém pode urinar nem defecar. Ninguém tem qualquer eliminação de qualquer tipo. Todos estão sofrendo. O senhor é o rei da nação. Por favor remova o sofrimento de seus súditos."

"Não darei minha filha ao velho sadhu! Isto não está de acordo com meu dharma. Eu queimaria no inferno por séculos se cometesse em tal ato covarde."

Algum tempo se passou, e os cidadãos estavam em agonia. Sukanya veio ao pai e disse, "Pai, decidi que quero viver uma vida dharmica. Exatamente como Savitri estava para Satyakama, que carinhosamente me criou até mesmo para

dentro da casa da morte para salvar a vida de seu marido; como Ahalya estava para Gautam; como Arundhati estava para Vasistha; como Shakti está para Shiva: todas essas mulheres são emblemas de pureza, firmeza e devoção em seus afazeres matrimoniais, deste mesmo modo, pai, por favor, dê-me em casamento a Chyavana Muni. Eu serei a Shakti dele. Ele será meu Shiva. Juntos realizaremos os quatro objetivos da vida, Dharma, Artha, Kama e Moksha. Que maior honra para uma filha de um rei do que casar-se com um Rsi e tornar-se uma grande vidente, uma Tapasvini, alguém que vive na floresta em divina contemplação, livre dos cuidados da vida mundana. Pai por favor dê-me em casamento ao Muni."

"Minha filha, não posso dar-lhe em casamento para aquele velho e cego sadhu!"

"Pai, você deve. Você deve aliviar o sofrimento de seus súditos. Você deve salvar seu exército da dor, Você deve deixar os cidadãos seguirem com seus negócios na vida, e deixar-me percorrer o caminho da auto-realização, unindo-me com Chyavana Muni, servindo-o e aprendendo sua sabedoria. Que mais fina e mais nobre união você deveria buscar para sua filha? "

Ouvindo estas palavras de sabedoria e renúncia de Sukanya, Saryati ficou muito satisfeito levando sua jovem filha na floresta, ele encontrou Chyavana Muni. Todo o reino o seguiu. Todo o exército e os cidadãos vieram ver o noivado de Chyavana e Sukanya.

Quando os sacerdotes pronunciavam os mantras e uniam os dois no sagrado matrimônio, todos os soldados e cidadãos defecaram exatamente lá. Que alívio!

Sukanya deixou a roupa de princesa real e adormeceu com roupas feitas de casca de uma árvore. De toda maneira ela adaptou-se a vida na floresta exatamente como os Munis e Rsis vivem.

Sukanya cuidou de seu marido com a maior devoção. Antes que ele acordasse de manhã, ela já tinha descido ao rio e trazido água para o banho de seu marido. Antes do alvorecer ela chamava seu marido, levava para chamar a natureza, o vestia e pegava flores e frutas para sua adoração. Ela tinha que ter tudo pronto para o puja antes que ele se sentasse para a adoração. Ela cozinhava a comida de modo que quando ele tinha completado a meditação e adoração, ela pudesse alimentá-lo. Depois, deitando-o para descansar, ela lavava os pratos e utensílios e então voltava para massagear-lhe os pés. À noite ela fazia uma fogueira e ele lhe contava histórias, os ensinamentos e tradições das grandes e nobres almas que instruem e inspiram. Deste modo ela passava sua vida na floresta, e estava muito feliz.

Os anos se passaram desse modo. A jovem menina Sukanya, cresceu e transformou-se na mais radiante gema da floresta. Sua aura de luz penetrava a atmosfera onde quer que ela passasse. Todas as bestas da floresta a protegiam de qualquer dano. Todos os pequenos animais comiam em suas mãos. Nunca houve um mulher que irradiasse tanta beleza interior como Sukanya. Sua alma era uma luz na densa escuridão da floresta.

Um dia Sukanya foi pegar frutas e amoras. Ela veio onde um fluxo seguia para um lago. Para sua surpresa os gênios Asvins, os médicos dos Deuses, estavam lá. Vendo Sukanya, os dois exclamaram "Ó que bela senhora! Você é casada ou solteira? E se você é solteira, quem é seu pai? E se for casada quem é seu marido? O que uma gema como você está fazendo na floresta? Você olha como se vivesse em um palácio celestial."

Sukanya disse, "Eu sou Sukanya, a filha de Saryati, o rei. Meu pai deu-me em casamento à Chyavana Muni. Meu marido é cego e estou aqui para conseguir frutas e nozes para nossa refeição."

"Você, uma princesa, casada com aquele velho e cego sadhu, Chyavana Muni? Que tolice é essa? Nós aprendemos que os pais gostam de dar suas filhas em casamento a um par satisfatório. Uma bela princesa como você casando-se com um velho e cego Muni e vivendo em uma floresta, vestindo a casca das árvores, e pegando frutas e raízes para comer? Isto não parece um casamento satisfatório. Deixe aquele velho homem cego. Venha conosco. Você é como uma deusa. Venha e viagem conosco pelos três mundos, e desfrute conosco como os Deuses."

Sukanya disse, "Por favor não fale assim comigo. Eu sou a esposa de Chyavana Muni. Ele é meu marido, e eu o sirvo com honestidade. Eu não partirei com vocês nem com mais ninguém. Se vocês falarem deste modo eu falarei ao Muni tudo isso. Não me falem assim!"

Os Asvins riram e disseram, "Estamos satisfeitos com sua devoção. Vá e pergunte ao seu marido se ele gostaria de ter sua visão de volta."

Sukanya imediatamente correu e foi perguntar ao seu marido. "Marido, desculpe-me perturba-lo, mas dois Deuses chamados Asvins enviaram-me para perguntar à você se gostaria de ter sua visão restaurada."

Chyavana Mini disse, "Faça tudo o que eles disserem, eu darei a você o mantra Chandl Devi. Om Him Chandikayai Namah. Realize qualquer coisa que eles digam sem questionar. Mas antes de você atuar, recorde a Deusa. Diga o mantra, Ela irá guia-la e protege-la."

Quando esta resposta de seu marido, Sukanya retornou para onde os Asvins estavam. Ela disse, "Ó Deuses, eu consultei meu marido e ele instruiu-me a fazer como vocês mandarem."

"Bom, Sukanya. Traga seu marido aqui no rio."

Ela trouxe o marido, lentamente o conduzindo até a margem do rio. Os dois Asvins, os Deuses gêmeos, então ficaram de cada lado de Chyavana Mini, e o levaram para a água. Quando eles saíram da borda, já bastante longe, eles todos mergulharam para debaixo da água. Depois de algum tempo eles subiram novamente, e todos três pareciam exatamente o mesmo de todas as maneiras. Mesmo as roupas eram as mesmas. Eles eram radiantes príncipes, fortes e heróicos, enfeitados com jóias e gemas, belos em todos os detalhes, e em uma só voz os três disseram juntos, "Tudo bem, Sukanya. Qual de nós é seu marido?"

O coração de Sukanya disparou. "Qual dos três é o meu marido? Se eu escolher a pessoa errada irei ser culpada de quebrar meu voto de castidade. Qual escolherei? Todos se parecem. A voz de todos se parece. Que farei?"

Ela estava olhando para ver qual podia ser. Qual? Se ela escolhesse incorretamente, ela seria culpada do honoroso crime de se associar com um outro homem que não fosse seu marido. Por isso ela perderia todos os méritos de sua disciplina espiritual. Qual ela escolheria?

Então, em algum lugar de dentro, ela recordou das instruções de seu marido. "Recorde a Deusa. Recorde a Mãe Divina. Om Hrim Chandikayai Namah."

Ela começou a recitar o mantra.

"Qual de nós Sukanya? Qual de nós?"

Repentinamente houve um reconhecimento do corpo sutil de seu marido. Ela não foi enganada pelo corpo material. Ela viu muito claramente o interior e escolheu, "Você é o meu marido. Por favor venha comigo!"

Chyavana Mini, em seu novo corpo, como um jovem homem, um forte e belo príncipe com olhos! Ele foi coberto com jóias, sedas e riqueza. O Mini veio e abraçou sua esposa. Então ele correu até os dois Asvins e curvou-se a eles. "Ó Deuses, vocês fizeram um belo serviço para mim. Deram-me este novo corpo com minha visão restaurada, juntamente com saúde e riqueza. Agora posso desfrutar de minha vida de casado com minha bela esposa. Como posso agradecer?"

Os Asvins disseram, "Todo sacrifício Soma é oferecido e Indra nunca nos deixa compartilhar. Ele passa o Soma ao redor de todos os outros Deuses, mas nós nunca conseguimos beber. Já estamos curiosos sobre qual é o sabor do Soma. Todos no céu conseguem algum. Todos os Deuses bebem. Mas Indra diz, "Vocês são médicos. Não bebem. Vocês são da classe mais baixa de pessoas. Não estão cheios de Deus. Não podem beber Soma."

Chyavana Mini disse, "Isto será feito. Forçarei Indra a dar-lhes o sabor do Soma."

Os Asvins ficaram felizes. Chyavana Mini também estava feliz. Ele voltou ao seu ermitério e desfrutou da companhia de sua esposa. Oh, como se amaram e desfrutaram da companhia um do outro!

Algum tempo se passou. Um dia o rei Saryati pensou, "Já se passaram tantos anos. Desejo saber como minha Sukanya está se saindo. Como ela é? Que aconteceu com ela? Eu não tenho ouvido notícias dela por muito tempo. Foi a vida da floresta demais para ela? Como ela vive com aquele velho homem? Foi ela capaz de servi-lo?"

Deste modo seus pensamentos giravam em torno de sua filha e neste dia ele resolveu, "Devo encontrá-la e ver o que aconteceu com ela."

O rei pegou seus guardas e marchou até a trilha sagrada onde Chyavana Muni estava vivendo. O rei Saryati ficou surpreso quando entrou na trilha e viu a radiante Sukarya nos braços de seu jovem amado. O rei disse, "Que covarde fui em dar minha filha para aquele velho e cego Muni! Certamente ela tomou este jovem amante e eles mataram o velho sadhu, e agora este pecado é minha responsabilidade."

O rei chamou sua filha, "Sukarya, você é a desgraça de sua nação! Você trouxe a ruína ao reino! Você destruiu a linhagem de nosso reinado! Nossa família está arruinada por sua conduta pecaminosa!"

"Papai, sobre o que você está falando? "

"Onde você encontrou este jovem príncipe com quem você está alegremente se associando? Certamente os dois conspiraram para matar o velho Muni, aquele grande sábio Bahmin, conhecedor da Verdade Suprema. Que pecado, que crime horrível!"

"Pai, este é meu marido, Chyavana Muni."

"Como aquele velho cego sábio transformou-se em um jovem e belo príncipe?"

"Pai, ele ganhou a dádiva dos Asvins. Agora precisamos de sua ajuda. Prometemos fazer um grande sacrifício de fogo para oferecer agradecimentos para todos os Deuses por dar a meu marido um novo corpo e uma nova vida. Pai, reúna todos os ingredientes para o sacrifício. Chame todos os Munis. Nós faremos um fogo sacrificial de todos os sacrifícios "

Saryati ficou excitado e satisfeito. Ele convidou todos os sábios e Munis. E reuniu os ingredientes. O próprio Chyavana Muni presidiu o sacrifício. Quando o Yajña estava prosseguindo chegou a hora de oferecer a libação do suco Soma. Ele presenteou Indra com sua porção e deu a Agni a sua porção, e Ayanan e Yama e Surya. Todos os Deuses em sua vez tomaram suas porções do Soma.

Então Chyavana Muni disse, "E agora, esta porção de Soma é para os Asvins!"

"Pare!" Indra disse, "Os Asvins não podem beber Soma."

Chyavana Muni disse, "Eu sou o anfitrião desse sacrifício, e eu ofereço Soma "

Indra disse, "Eu sou o rei do céu. Os Asvins não bebem Soma."

Chyavana Muni disse, "Eles podem beber."

Indra disse, "Eles não podem beber!"

Chyavana Muni ficou furioso. Ele foi ao fogo e começou a recitar mantras secretos. Uma nuvem negra veio do fogo e tomou a forma de um terrível ashura, Mud. Este veio e curvou-se diante de Chyavana Muni e disse, "Mestre, você chamou? Que posso fazer por você? "

Chyavana Muni disse, "Pegue Indra!"

Mud imediatamente começou a perseguir Indra, e Indra correu por sua vida. Onde ele ia, Mud estava atrás

"Pare! Pare! Salve-me!" gritava Indra.

Chyavana Muni disse, "Permita que os Asvins bebam suas porções de Soma."

Indra disse, "Está certo. Mas leve para longe este ashura. Faça-o ficar longe de mim.

Chyavana Muni chamou o ashura. "Obrigado por seu bom trabalho, Mud. Mas agora eu devo cortá-lo ao meio. Eu cortarei estas partes em outra metade novamente, porque como um inteiro você é muito poderoso. Eu o cortarei em quatro partes, e darei uma parte para a cobiça, uma parte para a luxúria, uma parte para a intoxicação e uma parte para os jogos."

Assim falando, ele cortou o demônio e distribuiu sua força. "Agora deixe que os Asvins bebam suas porções de Soma," declarou ele triunfante.

Os Asvins ficaram satisfeitos em obter sua bebida de Soma; Chyavana Muni em um novo corpo com belos olhos, desfrutou com sua esposa; Saryati, o rei, realizou seu dharma; e os cidadãos foram capazes de evacuar seus intestinos.

A História de Sudarshana

Havia um rei de Ayodhya chamado Pusa. Ele tinha um filho chamado Dhrivasandhi, que mantinha as tradições da dinastia solar. Dhrivasandhi era um rei ideal em todas as maneiras. Ele era verdadeiro, religioso e constantemente engajado em buscar o bem estar de sua comunidade. Sob sua liderança, o reino de Ayodhya prosperou.

Dhrivasandhi tinha duas esposas, a quem ele amava muito. A primeira era Manorama, a filha de Virasena, o Rei do País de Kalinga. A segunda era Lilavati, a filha de Yudhajit, o Rei do País de Ujjain. Ambas as esposas eram muito belas, e ambas eram muito amadas pelo rei Dhrivasandhi. Ambas conceberam aproximadamente na mesma época, mas Manorama foi a primeira a dar nascimento a um belo filho chamado Sudarshana, Excelente Visão Intuitiva. Menos de um mês depois, Lilavati deu nascimento ao seu filho, a quem eles chamaram Satrujit, a Vitória sobre os Inimigos. Dhrivasandhi era o mais feliz monarca vivente, e ele unia sua família com muito amor e alegria! Ele amava suas esposas imensamente, e amava igualmente seus dois filhos.

Um dia enquanto as crianças ainda eram jovens, o rei foi caçar na floresta. Ele matou muitos animais adequados ao sacrifício: veados, elefantes, javalis, coelhos e rinocerontes, e de toda maneira desfrutou completamente conforme os costumes dos reis daquela era. Enquanto ele estava caçando, um leão enfurecido repentinamente o atacou. Ele lutou valentemente com sua espada, mas o leão rasgou sua carne com as garras afiadas. Os soldados atiraram flechas, mas quando o leão parou, o rei tinha sido esfaqueado até falecer. Os soldados atiraram mais flechas no leão, que morreu imediatamente.

Depois disso os soldados enviaram uma mensagem aos ministros, e os ministros aconselharam-se com Vasistha para instalar Sudarshana, o filho mais velho, no trono. Imediatamente ambos os avós, os reis Virasena e Yudhajit vieram para Ayodhya juntamente com seus exércitos para agir em favor do filho de suas filhas. Yudhajit acusou Vasistha de conspirar com Virasena para conseguir o trono para Sudarshana por causa da sua garantia por riqueza. Tomando-se furioso em vista do trono ser negado à Satrujit, ele chamou Virasena para batalhar. Tributários príncipes vieram com seus exércitos, e o cenário foi fixado para a batalha das proporções do Mahabharat.

A nação foi à guerra em uma terrível batalha de sucessão, e havia tantos soldados quanto estrelas no céu. O sangue dos feridos e mortos corria pelo chão como um rio, e havia incontáveis causalidades na guerra. Por fim, Yudhajit atirou uma flecha que cortou a cabeça de Virasena de seu corpo, e Satrujit foi declarado rei.

Ouvindo a notícia da morte de seu pai, Manorama ficou preocupada com a segurança de seu filho. Rapidamente ela envolveu Sudarshana em um pano esfarrapado e fugiu do reino. Eles vagaram na floresta por muitos dias, até que vieram para Chitrakuta, onde tomaram refúgio no ermitério do Reis Bharadvaja. O sábio Bharadvaja disse, "Dar proteção a alguém em aflição é obter méritos até maiores que aqueles adquiridos por executar sacrifícios. Então proteger alguém quem está muito afligido pelo medo por sua segurança pessoal, alguém que está desvalido e não tem lugar para ir, deve igualmente produzir grandes méritos. Você fica aqui neste ashram e crie seu filho. Eu assumirei a responsabilidade se sua proteção "

Então Manorama ficou livre da ansiedade e vestindo-se com o vestuário de uma Tapasvini, ela começou a criar e educar seu filho no ashram do muni. Enquanto isso, Yudhajit instalou o filho de sua filha no trono de Ayodhya, e nomeou leis ministros para administrar o reino em nome da jovem criança. Ele então retornou à sua própria terra em Ujjain.

Algum tempo se passou quando Yudhajit soube por seus espões que Manorama tinha estado criando seu filho no ashram de Bharadvaja. Ele imediatamente saiu com um grande exército determinado a mais uma vez e por todas ajustar o assunto da ascensão de seu neto ao trono de Ayodhya. Yudhajit determinou matar o filho de Manorama pois assim não haveria questões futuras sobre a reivindicação do trono. Com este objetivo em mente ele seguiu para o ashram de Bharadvaja.

Seu exército cercou o ermitério com grande força e então o rei esmurrou o portão do ashram "Ó Muni! Abra seu portão e dê-me Manorama e seu filho!" vociferou o rei.

Então o Rsi Bharadvaja respondeu para Yudhajit, "Ó rei, Manorama e seu filho Sudarshana tomaram refúgio neste ashram. Ele é uma pequena criança, e ela tem estado superada pelo medo. Por favor retorne para sua casa e nos deixe viver em paz. Eles não são uma ameaça para você agora."

"Eu nunca os deixarei viver!" gritou Yudhajit. "Se você não os entregar a mim de boa vontade, então eu os tomarei a força!"

"Se você desejar os tirar pela força, então não haverá nada que eu possa fazer. Mas o resultado será o mesmo de quando o rei Visvamitra tentou tirar a vaca do ashram de Vashista", respondeu o Rsi.

Vendo a decisão de Bharadvaja, Yudhajit chamou o primeiro ministro. "Que aconteceu ao rei Visvamitra?" perguntou ele.

"Meu rei", respondeu o ministro. "Por favor não argumente com os isis. O Rei Visvamitra ficou totalmente destruído quando resolveu tomar a vaca de Vasistha. Meu rei, vamos voltar para nossas casas. Não há nenhuma dificuldade que eles possam criar agora. Espere até o tempo certo, e então iremos atacar."

Quindo o conselho do ministro, o rei Yudhajit curvou-se ao guru Bharadvaja e retornou para sua terra natal. Manorama ficou livre do medo, e Sudarshana foi educado e iniciado, e executou tapasya sob a orientação dos sábios. Sudarshana tornou-se um perito em muitas partes de aprendizagem e recebeu o darshana da Mãe Divina. Ele serviu sua mãe com grande devoção, e meditou ao longo das margens do Ganga perto de Chitrakuta.

Sudarshana e Sashikala

O rei de Benares, Subahu, tinha uma filha muito bonita chamada Sashikala, a Partícula da Lua. Um dia Sashikala ouviu sobre um maravilhoso príncipe, dotado com todas as qualidades auspiciosas, tão belo quanto o Deus do Amor, cheio de heroísmo e charme, vivendo na floresta com o nome de Sudarshana. Sashikala começou a sonhar com este Príncipe da Paz, começou a amá-lo, e começou a desejar-lo como seu marido. Um dia ela teve um sonho no qual a Mãe Divina apareceu para ela e disse-lhe, "Peça-me uma dádiva. Sudarshana é meu devoto e ele irá realizar seus desejos." Sashikala despertou e sua face estava coberta de felicidade. Todos falaram sobre o especial esplendor. Sua mãe e amigos perguntaram a ela o motivo, mas ela era modesta demais para falar.

Um dia, quando Sashikala estava sentada em um jardim, ela viu um sannyasi vindo para a cidade. Ela foi até ao sadhu e perguntou, "Ó nobre senhor, de onde você vem?"

O sannyasi respondeu, "Venho da área da floresta Chitrakuta, onde moro no ashram do Rsi Bharadvaja. Tenho uma incumbência para executar na cidade."

"O que está na área da floresta de Chitrakuta, que tem uma beleza extraordinária, que é valioso para descrever?" perguntou ela.

"A coisa mais maravilhosa que tem naquela floresta é o Príncipe Sudarshana, o filho de Manorama e rei Druvasandhi. Ele é dotado com todas as qualidades auspiciosas e de todo modo é o mais ajustado marido para princesas como você."

A filha de Subahu, Sashikala, tornou-se submergida no mar do amor. Ela não podia pensar em nada mais. Ela começou a recitar o mantra da Deusa Saraswati, 'Om Sam Sarasvatyai Namah', e começou a se derrear as bênçãos da Deusa.

Sudarshana continuou sua tapasya e tomou-se extremamente realizado e abençoado. Onde quer que ele fosse na floresta, devido ao poder de sua disciplina espiritual, parecia como se ele estivesse acompanhado por um contingente de soldados. Ele tomou-se puro e pacífico, ainda que projetasse força e poder. Todavia ele usava seus poderes para o bem. Por viver na floresta e pelas constantes meditações na Deusa, Sudarshana realizou uma felicidade mais elevada do que aqueles que obtêm a soberania de um reino.

Achando que sua filha Sashikala estava ficando desorientada pelo amor, Subahu convocou para o festival de Svayambara, a cerimônia de escolher um marido. Quando Sashikala viu os preparativos sendo feitos para a cerimônia, ela foi ao seu pai e disse, "Pai, eu tenho visto em sonho que a Mãe Divina instruiu-me a casar-me com Sudarshana, o filho de Manorama e do rei Dhruvasandhi. Portanto por favor não faça esta exibição pública."

Seu pai ficou muito irritado e disse, "Sudarshana é um menor desprotegido, exilado na floresta! Ele não tem reino, nem exército, nem riqueza; ele vive comendo raízes e frutas com sua mãe e os munis da floresta! Não é só isso! Seu avô, Virasena, foi morto por Yudhajit, o rei de Ujjain, e Yudhajit fez um voto de matar Sudarshana na primeira oportunidade para prevenir qualquer controvérsia a respeito do trono de Ayodhya. Não permitirei semelhante casamento para minha filha!"

Sashikala novamente falou à sua mãe, "O Rei Saryati deu sua filha, Sukanya, para o cego Chyavana Mini como sua esposa. A Deusa Bhagavati me disse em sonho que Sudarshana será meu marido. Uma mulher pode alcançar liberação se render-se completamente ao seu marido. Portanto eu viverei em qualquer lugar em que meu marido viva. Não me negue meu dharma. Sudarshana será meu marido."

Antes do evento de seu Svayambara, Sashikala ficou muito ansiosa. Ela chamou um Brahmin e pediu-lhe para entregar sua mensagem para Sudarshana. "Por favor venha rapidamente! Meu pai tem chamado para meu noivado e matrimônio, mas a Mãe Divina falou-me em sonho claramente que eu somente poderia casar-me com você. Por mente, palavras e ações eu já me rendi a você como meu marido, e com as bênçãos da Mãe Divina, nossa realização definitiva está assegurada. Por favor tenha fé Nela, por cujo comando existe todo esse universo com tudo o que se move e não se move, e apresente-se sem falta."

Quando Sudarshana recebeu a mensagem de Sashikala, ele perguntou ao Rsi Bharadvaja o que ele deveria fazer. Bharadvaja deu suas bênçãos para Sudarshana assistir ao festival, e sua mãe Manorama lamentava com desespero. "Você é meu único filho. Por favor não me deixe. Yudhajit já matou meu pai, Virasena, para proteger aquele reino, ele prometeu matar você. Você é um filho menor, e meu único futuro. Por favor não me deixe."

"O que quer que a Mãe Divina tenha ordenado é destinado a acontecer," respondeu Sudarshana. "Eu sou a criança da Mãe Divina, não tenho medo. Mãe, por favor tire todo o medo de seu coração."

Manorama novamente falou, "Meu filho, não posso viver sem você. Eu irei acompanhá-lo ao Svayambara."

Manorama e Sudarshana receberam as bênçãos dos santos e sábios, e foram para Benares. O rei Subahu deu-lhes as boas vindas com respeito, e providenciou-lhes uma residência como a que tinha feito para as outras famílias reais. Os reis ficaram admirados de Sudarshana ter vindo sozinho, sem medo. Yudhajit disse que aceitaria o casamento da princesa com qualquer outra família, mas se Sashikala escolhesse Sudarshana, "Ela se tomará uma viúva em seu dia de casamento!" Todos os reis reuniram-se no saguão do Svayambara, e Subahu chamou sua filha para vir. Então Sashikala enviou um mensagem ao seu pai, "Pai, eu não desejo julgar os méritos e deméritos de qualquer homem. Desejo proteger minha castidade e render-me só ao meu marido. Eu já entendi que a Mãe Divina deseja casar-me com Sudarshana, e eu o aceitei. Por favor não me faça presente no saguão público para fazer um escárnio de minha fé por ficar diante de todos aqueles honens luxuosos, para julgá-los apenas por sua aparência. Por favor cancele este evento e dê-me em casamento para Sudarshana."

Então Subahu mergulhou na depressão. Ficou ansioso pensando, "Todos esses reis vieram aqui com seus exércitos, procurando uma desculpa para começar uma luta. Eu não tenho força para conter uma ofensiva, seus números são mais que minhas forças. Sudarshana também está sozinho, uma criança sem riqueza ou exército. Como posso realizar o pedido de minha filha? Como pode um pai, que deseja a felicidade de sua filha, negar seu pedido, o qual está de acordo com o dharma?"

Então Subahu disse para a assembleia de Reis, "Ó Reis, minha filha recusou meu pedido de vir para o Svayambara, embora sua mãe e eu tentássemos persuadi-la de toda maneira. Sinto que ela está sendo um problema para mim e ela se tomará um problema para vocês também. Ninguém deseja ser atormentado por uma esposa problemática. Portanto, por favor perdoem-me. Eu não posso força-la a assistir, nem posso força-la a escolher. Eu sou seu servo. Ofereço toda a parte de minha riqueza. Por favor tome isso como um sinal de meu respeito e retornem para suas casas."

Houve um silêncio em meio da assembleia dos reis. Então Yudhajit levantou e disse, "Ó Rei Subahu, você convidou todos esses reis para assistirem à cerimônia matrimonial, e agora você está dando sua filha para aquele

pobre e sem casa Sudarshana? Que tipo de tolo você é para tomar tal decisão? É um insulto para todas as famílias reais aqui reunidas, que você escolha uma aliança com este menor que não tem exército, que está sozinho, sem força ou riqueza, ao invés de estender a mão de amizade aos mais poderosos monarcas. Não seja tolo. Dê sua filha ao meu neto, Satrujit, e dominaremos todo o norte da Índia. Eu já jurei matar Sudarshana, e se persistir neste ridículo desejo de fazer sua filha uma viúva tão cedo, então eu matarei você também."

Subahu foi com sua esposa tentar explicar a situação para Sashikala. "Filha, os reis estão enfurecidos pois percebem o grave insulto. Eles estão pesadamente armados e procurando algum pretexto para começarem uma batalha. Estamos em grande dificuldade. Não temos força suficiente para subjugar os seus exércitos. Frequentemente os membros das famílias reais são dados em casamento para auxiliar em alianças políticas. Você poderia ajudar escolhendo algum outro? Caso contrário será uma matança. Ou vamos fazer uma competição de força ou valor, assim o vencedor poderá casar-se com você. Neste caso o melhor homem vencerá e nós evitaremos a calamidade.

A determinada Sashikala respondeu, "Pai, o que você propõe é imoral. Em meu coração meu casamento já se consumou. O que você diz é que eu cometa adultério. Por favor, não me faça pensar em tal coisa. Nosso dhama instrui que a castidade e a fidelidade matrimonial são valores para serem respeitados. O adultério não é tolerado por ninguém. Então por que repetidas vezes você tem aconselhado-me a abandonar meu caminho de dharma? Por favor, pai, coloque os reis longe, sob algum pretexto até amanhã, e então realize meu casamento com Sudarshana esta noite. O que quer que a Mãe Divina tenha planejado para nós, eu aceitarei. Se significa que eu tenho que viver na floresta como um eremita, eu assim farei. Se a Deusa deseja que meu marido seja morto na batalha com seus parentes, então sacrificarei minha vida também. Se significa que a Deusa nos fará uma família real, então o que quer que a Deusa decretar, isto eu aceitarei!"

Quando a decisão obstinada de sua filha, Subahu ficou assombrado com sua fé, e confiando sua filha ao seu coração, ele determinou-se a realizar seu desejo. Ele retornou para a assembleia e disse, "Reis, minha filha não estará presente nesta assembleia hoje. Por favor, todos vocês, sirvam-se com os alimentos e desfrutem de nossa hospitalidade. Por favor retomem amanhã, e juntos decidiremos sobre uma competição que permitirá ao homem merecedor ganhar a noiva." Todos os reis concordaram e voltaram às suas respectivas acomodações. Enquanto isso o rei Subahu começou a celebrar o casamento de sua filha. Por toda a noite ele fez oferendas de puja, acompanhado por recitações de textos Sânscritos pelos eruditos Brahmins, e deu sua filha, a bela Sashikala, para Sudarshana. A noiva estava radiante como uma segunda Lakshmi, e todos estavam cheios de alegria e prazer. Quando o casamento foi completado, Subahu dirigiu-se a Minorama, "Ó filha real, eu agora tomei-me seu servo. Por favor aceite a metade de meu reino, e viva aqui com seu filho e nora. Por realizar este casamento conforme o desejo de Deus, os outros reis tornaram-se nossos inimigos. Por favor fique aqui em Benares e nos deixe protegê-la."

Minorama respondeu, "Ó Rei, nenhuma palavra pode expressar a alegria de meu coração por sua generosidade. Nenhum outro rei tem sido tão submisso à vontade de Deus assim para dar sua bela filha ao meu empobrecido filho. Mas os Reis da floresta proclamaram que meu filho será o Rei de Ayodhya. Portanto, vamos ter fé na Mãe Divina, e deixar os eventos acontecerem conforme a vontade Dele."

De manhã os outros Reis souberam que o casamento tinha se consumado, e eles foram para a cidade se aconselharem uns com os outros. Yudhajit disse aos Reis, "Ninguém pode culpar-me agora! Subahu mentiu para nós, nos enganou e desgraçou. Agora eu certamente matarei Sudarshana e Subahu. Tomarei aquela Sashikala para dar a meu neto como esposa, e todos vocês podem saquear o reino!" Os reis determinaram-se a bloquear a rota de Sudarshana quando ele tentasse deixar a cidade, para matá-lo e roubar sua esposa. Subahu soube da conspiração para atacar e tentou o melhor que pôde para manter Sudarshana em Benares. Então Sudarshana falou ao seu sogro, "Por favor conceda-nos a licença para realizar o desejo da Mãe Divina." Sudarshana colocou sua mãe e sua jovem noiva Sashikala em sua carruagem, e começou sua jornada. Ele decidiu retornar ao ashram do Rsi Bharadvaja, tomar suas bênçãos e então agir conforme fosse instruído. Subahu, temendo pela vida de sua filha seguiu atrás com o exército. Não conhecendo o medo, Sudarshana começou a aproximar-se do local da emboscada. Ele estava recitando o mantra da Deusa.

Yudhajit e Satrujit cercaram o avanço da carruagem com seus grandes exércitos, e começaram a disparar flechas e armas. Justamente então a Devi Bhagavati Chandl apareceu. Ela estava sentada sobre seu leão segurando várias armas em suas mãos. Os reis ficaram cheios de temor. Eles nunca tinham tido uma visão antes tal como esta, a maravilhosamente bela Senhora montada em um leão. O leão rugiu, e os elefantes dos exércitos ficaram com medo. Sudarshana conduziu sua carruagem pelas hierarquias dos soldados. "Façam com que eles parem! Gritou Yudajit. "Vocês estão os deixando ir porque estão com medo de uma senhora montada em um leão? Eles insultaram

todos os reis, e eu jurei mata-los!" Yudajit e Satrujit perseguiram a carruagem de Sudarshana disparando suas armas, enquanto os outros reis e soldados olhavam assombrados. Sudarshana disparou suas flechas em retomo, as quais cortaram as flechas dos inimigos em pedaços. Quando a luta ficou intensa, a Divina Mãe tomou-se furiosa. Ela começou a lutar com todas as armas. Ela arremessou Suas flechas em Yudajit e Satrujit, e ambos caíram de suas carruagens para a morte.

Então Subahu juntamente com a assembleia de Reis, começaram a cantar um hino de louvor à Divina Mãe. Ele orou com sua mais ardente devoção. A Mãe do Universo ficou satisfeita com ele e deu-lhe bênçãos: "Ó rei, tanto tempo quanto a terra permanecer, a cidade de Benares permanecerá, e tanto tempo quanto a cidade de Benares permanecer eu nunca deixarei este lugar." Sudarshana perguntou à Mãe, "Como irei servi-la?" A Deusa ordenou-lhe, "Tome-se o Rei de Ayodhya, e governe o país de seus ancestrais. Conduza minha adoração com toda a devoção, e eu nunca o abandonarei." Então Sudarshana foi coroado Rei de Ayodhya, e juntamente com sua esposa Sashikala e sua mãe Minorama, retomaram ao governo do país de seus ancestrais. Ele estabeleceu a adoração da Mãe Divina e executou Sua disciplina regularmente com total devoção. Mais uma vez Ayodhya tornou-se o Lugar sem Guerra. Subahu retornou à Benares, e começou a adorar a Mãe Divina com sua maior devoção, de modo que a Deusa sempre permaneceria em Benares.

A História de Satya Vrat

Havia um rei chamado Aruna, nascido na linhagem dos descendentes de Ikshvaku. Aruna significa Amor. O amor de Aruna é diferente do amor de paixão e fixação. É o amor que faz o homem divino. Aruna foi um rei tão maravilhoso e tinha tanto Amor, que por fim tomou-se o cocheiro de Surya, o Sol. Seu tipo de amor pode ser o condutor do transporte da Luz da Sabedoria, assim o seu amor é universal baseado em sabedoria.

Aruna veio à terra muitas gerações após Ikshvaku ter vivido, e nasceu na casa da Dinastia Solar. Aruna foi um rei muito íntegro. Ele tratava seus súditos como sua própria família, e sempre tomou decisões baseadas na retidão e justiça. Ele era um rei valoroso e nobre, que constantemente atuava com compaixão e amor universal e nunca com egoísmo.

Ele teve um filho chamado Satya Vrat, Aquele Que é Verdadeiro em Seu Voto. Satya Vrat cresceu no palácio, mas embora seu nome fosse Aquele Que é Verdadeiro em Seu Voto, ele estava sempre em dificuldades. Ele ia correr com seus amigos e criava danos. Onde quer que ele fosse, iria criar outro problema. Deste modo a criança cresceu sendo sempre xingado, mas ele era sempre muito verdadeiro em seus votos.

Um dia quando Satya Vrat era somente um adolescente, ele veio para uma vila de Brahmins quando eles estavam conduzindo uma cerimônia de casamento. Satya Vrat montou em sua própria carruagem, apanhou a noiva, colocou-a na carruagem e saiu com ela.

Os Brahmins choraram horrorizados, "Ó meu Deus, nós estamos condenados!"

Toda a aldeia foi ao Rei, incluindo todos os pundits e os sacerdotes Brahmins, e disseram "Aruna, ó rei, você é um pai gracioso, amável, generoso e sábio para suas crianças. O que iremos fazer? O dever do rei é proteger os cidadãos. Todavia aqui está seu filho, o herdeiro do trono, roubando uma garota Brahmin no dia de seu casamento. Nós queremos justiça! Quem nos protegerá se o rei não o fizer? Seu filho é o culpado! É um fato horrível ter nossa menina roubada no dia de seu casamento!"

O rei chamou Satya Vrat. "Satya Vrat, o que você tem a dizer de si mesmo?"

Satya Vrat respondeu, "Pai, não foi tudo tão ruim."

"Por que não?"

"Bem conforme a lei Hindu, o casamento não está completo até a que a noiva e o noivo tenham dado sete voltas ao redor do fogo, portanto, não sou culpado de roubar a noiva, pois de acordo com a lei Hindu ela não era casada."

"Rei, isso não se faz," reclamaram os Brahmins.

O rei voltou-se para seu Guru, Vasistha, e perguntou-lhe, "Ó respeitado Guru, o que deve ser feito para a paz e harmonia em meu reino?"

Vasistha pensou por um momento e disse, "Rei, ter um filho que cause dificuldades aos seus súditos é pior do que não ter filhos. Exile o seu filho na floresta!"

Sob as ordens do rei, Satya Vrat foi exilado na floresta. Satya Vrat sentou-se sozinho na floresta sob uma árvore e pensou, "Sou realmente tão indigno que meu pai atirou-me para fora do reino? Eu não posso ir para casa. Agora não tenho pai. Não tenho mãe. Não tenho amigos. Não tenho nada para comer. Que farei aqui sozinho? Não sei fazer puja. Não sei fazer japa. Não conheço nenhum mantra. Não conheço nada sobre tapasya. Mas agora eu faço uma promessa: "Serei realmente Satya Vrat. Falarei a verdade e farei o que digo."

Satya Vrat começou a viver na floresta. Ele fez um arco e algumas flechas e os usou para caçar no bosque. Deste modo ele esqueceu tudo sobre o reino. E ele nunca falou uma mentira. Ele viveu muito simplesmente na floresta em meio a natureza, somente tomando as mínimas necessidades da vida.

Alguns anos se passaram Então veio uma grande fome. Havia seca em toda a terra. A esposa de Msvantra estava sozinha no eremitério com todas as suas crianças, enquanto seu marido estava longe em outra terra mergulhado em meditação. Quando os dias de seca chegaram, ela viu suas crianças chorando devido a fome. Ela pensou, "O que farei? Primeiramente eu estava vivendo pacificamente com minhas crianças neste ashram Meu marido estava meditando, e eu podia pegar frutas e ervas da floresta, com o que podia alimentar minha família. Mas agora não há mais frutas ou ervas na floresta. Minhas crianças estão chorando de fome. Que farei? Não tenho escolha mas sim vender um de meus filhos. Se eu conseguir algum dinheiro, pegarei aquele dinheiro e alimentarei as outras crianças."

Assim ela pegou uma corda e colocou ao redor do pescoço de seu filho e começou a leva-lo ao local do mercado. A criança estava chorando, e a mãe também estava triste. Quando eles estavam se aproximando da fronteira da floresta, Satya Vrat viu esta lamentável visão e disse, "Senhora, o que está fazendo? Por que seu filho está chorando assim?"

A esposa do Muni respondeu, "Ó Príncipe, não temos nada para comer e não temos dinheiro. Minhas crianças estão chorando por querer comida, por isso venderei este filho e assim poderei alimentar as outras crianças."

Satya Vrat disse, "Ó Senhora, isto é uma coisa terrível a fazer. Por favor não faça isso! Volte ao seu ashram Eu sou um caçador e todos os dias colocarei algum alimento sob a árvore do lado de fora de seu ashram Você pode cozinhar a refeição e oferecer à sua família. Todo dia eu providenciarei alguma coisa. Esta é minha promessa. Eu sou Satya Vrat, Aquele Que é Verdadeiro em Seu Voto."

A esposa de Msvantra ficou extasiada de alegria. Ela pegou a corda do pescoço de seu filho e levou-o de volta ao ashram Todo dia Satya Vrat ia caçar na floresta, e encontrava um coelho ou um pássaro ou algum tipo de animal. Ele acertava o animal com suas flechas e cortava um pedaço de carne para si e o restante ele pendurava na árvore do lado de fora do ashram do muni. E todos os dias a esposa de Msvantra vinha até a árvore onde encontrava um pedaço de carne. Ela o pegava, preparava e cozinhava para suas crianças. Deste modo, um longo período se passou. Mas ainda não chovia.

Um dia, Satya Vrat não encontrou qualquer caça na floresta. Ele buscou por toda a floresta, mas não encontrou nada. Ele pensou, "Que farei? Devo dar-lhe um pedaço de minha própria carne para comer? Eu fiz o voto de prover algo para ela comer. Como posso abandonar meu voto? "

Quando ele estava assim pensando, ele olhou para uma moita e viu uma vaca. Não somente uma vaca, mas uma vaca junto com Vasistha Muni. Ele pensou, "Aquele vaca pertence ao mesmo Vasistha que aconselhou meu pai a exilar-me do reino! Eu estou zangado com ele há muito tempo. Há uma vaca e eu preciso dar algo para a esposa do muni comer!"

Ele pegou sua flecha e sem mais pensar acertou a vaca. Ele cortou a carne e pendurou na árvore. A esposa de Msvantra, sem pensar que podia ser carne de vaca, veio e pegou a carne da árvore. Ela preparou e serviu suas crianças e também a si mesma. Sem saber todos comeram a carne da vaca.

Vasistha começou a procurar por sua vaca, mas não a encontrou em lugar algum. Ele chamou, buscou e procurou a vaca por todo lugar, mas não a encontrou. Então ele sentou-se em meditação e viu que Satya Vrat tinha matado a vaca. "Aquele indigno príncipe exilado! Aquele terrível príncipe que está sempre metido em problemas! Ele matou minha vaca!" Vasistha ficou muito irado com o príncipe, ele pegou água na palma de sua mão e disse, "Satya Vrat, eu pronuncio uma maldição para você! Você se tornará Trishanku."

Três significa o número três, e shanku significa uma marca de lepra; Trishanku tem três marcas de lepra. Vasistha arremessou a água, que ligava a maldição, e imediatamente Trishanku ficou com três marcas de lepra em sua testa. Ele tinha uma aparência horrível, e sofria extremamente.

"Que horrível maldição de lepra eu recebi," exclamou Satya Vrat. "De fato não foi falta minha, pois eu tinha protegido meu voto de prover algum alimento para a esposa do Muni."

Trishanku permaneceu na floresta. Um dia, quando ele estava perseguindo um porco selvagem, ele ouviu o porco gemer, "Aim!". E Trishanku pensou, "Que tipo de barulho é esse? Aim?" Por alguma razão ele parou para repetir a mesma sílaba Aim. Trishanku começou a dizer, "Aim, Aim, Aim!" Sem entender o que estava dizendo ou o que significava, ele continuou a recitar o estranho som que ele aprendeu do porco.

Um dia a Deusa Saraswati veio abençoá-lo e disse, "Trishanku, você tem sido fiel ao seu voto, e não tem transgredido a verdade. O que você deseja de mim?"

Trishanku disse, "Desejo ter meu belo corpo de volta e ficar livre desta lepra. Quero que meu pai me dê o reino de volta, e não quero ser um desterrado vivendo sozinho na floresta."

Saraswati disse, "Tata-stu, eu concederei a você esta dádiva. Agora mesmo os ministros de seu pai estão vindo para encontrá-lo."

Saraswati dissolveu-se e Trishanku começou a resplandecer com sua bela aparência novamente. Neste momento os ministros do rei encontraram o jovem príncipe na floresta. Eles disseram, "O príncipe, seu pai tem estado ansioso por você. Por favor venha para casa."

O príncipe ficou satisfeito em retornar com eles.

Quando Trishanku/Satya Vrat chegou na fronteira do reino, seu pai foi saudá-lo. Ele disse, "Meu filho, tenho estado tão preocupado com você. Meu tempo de ir para a floresta executar tapasya chegou. Agora você deve cuidar do reino. Estou indo realizar minha disciplina espiritual pela qual poderei ascender para minha morada celestial."

Assim Satya Vrat foi coroado rei, e começou a reinar em seu reino.

Um dia, Satya Vrat foi ao Guru Vasistha, e disse, "Guruji, Vasistha Muni, por favor realize o sacrifício pelo qual eu também possa ascender ao céu."

Vasistha disse, "Isto não é possível. Você foi uma criança terrível. Você estava sempre envolvido em problemas; você foi desobediente; você roubou a esposa do Brahmin; você matou minha vaca; você é um pecador, e não pode ir para o céu. Muito menos agora."

"Por que não posso ir para o céu agora?"

"Ninguém pode ir para o céu com um corpo terreno. Assim, se você se comportar pelo resto de sua vida e não pecar mais, então poderemos realizar um sacrifício para você, e assim depois de você deixar seu corpo terreno, poderá ir para o céu. Mas o corpo ficará aqui. Ninguém pode levar seu corpo para o céu."

Satya Vrat novamente perguntou, "Maha Rsi, Guruji, Grande Ser Sábio. Você conhece todos os sacrifícios. Por que não realiza o sacrifício e assim eu posso ir para o céu agora mesmo?"

Vasistha novamente respondeu, "Eu já lhe disse que isso é impossível! Ninguém pode ir para o céu com seu corpo de agora. Espere até deixar este corpo e talvez então você possa ir para o céu se o seu karma estiver perfeito."

Satya Vrat disse, "Guruj, você está só me atontando! Você não gosta de mim desde minha infância. Foi você quem aconselhou meu pai a exilar-me do reino! Foi você quem me amaldiçoou para que eu ficasse afligido pela lepra! Se você não quer fazer este sacrifício para mim agora, então terei que encontrar outro guru que o faça para mim. Mas eu quero ir para o céu com meu corpo!"

Vasistha disse, "Você foi uma criança tola e nada mudou afinal. Agora você está se comportando como um candala, um sem casta, e eu o amaldiço! Você se tornará um candala!" Vasistha tomou um pouco de água em sua mão e arremessou em Satya Vrat.

Imediatamente, a coroa caiu de sua cabeça. Os ornamentos de ouro de Satya Vrat caíram, suas roupas de seda tornaram-se trapos esfarrapados, e ele tornou-se mais miserável e decrepito. Ele disse, "Ó meu Deus! Eu estou perdido! Não posso deixar meus súditos me verem assim. Que desgraça!"

Satya Vrat tinha um filho chamado Harischandra. Ele chamou seu jovem filho e disse, "Filho, veja a terrível condição que está me afligindo. Você tome a liderança nos afazeres desse estado. Eu irei para a floresta realizar Prayascitta, a tapasya de arrependimento. Tentarei encontrar algum meio de livrar-me desta terrível condição."

Satya Vrat Vai Para o Céu

Harischandra foi coroado como rei. Satya Vrat, Tishanku, agora sofrendo em uma condição deplorável, foi para a floresta em grande dor e sofrimento.

Alguns anos se passaram. Vsvanitra retomou ao seu eremitério após praticar tapasya. Quando ele viu sua esposa, seu coração se derreteu. Ele disse, "Minha esposa, diga-me como você passou os dias de seca e fome? Como você sobreviveu? Até eu fiquei em uma terrível condição. Nesta época, eu fiquei tão faminto que entrei na casa de um candala. Fui diretamente para dentro de sua cozinha, onde eu vi um pouco de sobra de alguma carne de cachorro que ele tinha cozinhado alguns dias antes. Eu peguei a panela e comi. Então o candala veio para casa. Ele disse, 'Ó Brahmin, o que você fez?'"

E eu respondi, 'Estou em grande sofrimento devido a minha fome, por isso furti esta carne de cachorro da casa de um candala e comi, assim posso salvar meu corpo!'

O candala disse, 'Ó Brahmin, erudito como você é, por favor, Pare! Não faça isso! Minha vida é suja. Sou sujo. Sou indigno de prover comida para um Brahmin. As panelas e utensílios são sujos, a própria comida é suja. Não é própria para um Brahmin. Por favor, não coma comida suja, porque está escrito, 'Quem come comida suja torna-se sujo também. Não sacrifique seu nobre nascimento como um Brahmin para tornar-se um candala em sua próxima vida!'

Novamente eu respondi, 'Minha primeira obrigação é preservar minha vida. Porque esta vida humana me dá a oportunidade de realizar o sadhana, a disciplina espiritual, pela qual a realização de Deus é obtida, eu sou requerido a proteger minha vida. Se cometo qualquer ofensa em assim fazer, posso sempre realizar alguma tapasya de arrependimento. Mas se permito que esta vida humana deslize entre meus dedos, antes que minha meta de Realização da Perfeição seja alcançada, então serei culpado de um grande crime.'

O candala disse, 'Ó nobre Brahmin, seja como for, eu lhe peço que não cometa este pecado de roubar carne suja de um ser impuro e comer a carne de cachorro de um candala, e certamente os Deuses o ajudarão.'

E novamente eu repeti, 'Não posso esperar mais tempo para os Deuses me ajudarem. Estou muito perturbado pela fome. Agora tomarei algum alimento para o corpo! Comerei a carne!'

Então um raio brilhante atravessou o céu. As nuvens começaram a trovejar e um raio caiu. Eu coloquei a carne no chão e corri para fora e elevei meus braços aos céus e regoziquei. Os Deuses estavam enviando a chuva! A seca se foi! A fome tinha terminado!

E assim minha querida esposa, eu voltei para casa para ver como você e as crianças ficaram durante o período da seca."

A esposa do Muni disse, 'Marido, eu também estava muito atontada pela fome. Foi muito lamentável ouvir as crianças chorarem com fome. Eles ficavam dizendo, 'Mãe, nos dê algo para comer!'

No início eu tinha um pouco de arroz selvagem e alguns grãos da floresta, mas depois não havia nada. Então eu juntei morangos e frutas, mas eles também estavam acabando. Então eu juntei raízes, mas elas também acabaram. Quando minhas crianças estavam chorando lamentando tanto por comida, eu fiquei em tal estado detestável que não sabia o que fazer. Então decidi vender um de nossos filhos. Talvez um homem rico o comprasse, e com o dinheiro da venda eu poderia comprar alguma comida para manter os outros vivos. Justamente quando eu estava no caminho para o mercado, Satya Vrat veio e disse, 'O Ser adorável, não cometa este ato horrível. Eu providerei comida para sua família todos os dias até que a fome passe.'

Todos os dias eu saía para fora do ashram e encontrava um pedaço de carne pendurado na árvore. Mas então um dia, ignorantemente aquele príncipe, Satya Vrat, matou a vaca de Vasistha. Por isso, Vasistha o amaldiçoou a ser um candala, e novamente ele foi exilado de seu reino. Agora, meu marido, tentos que fazer algo para recompensar a bondade de Satya Vrat."

Visvamitra imediatamente foi onde Satya Vrat estava na floresta. Ele disse, 'Satya Vrat, você parece estar em uma condição detestável. Como conseguiu ficar assim? "

'Eu fui ao meu guru e disse, 'Vasistha, por favor realize o sacrifício pelo qual eu posso ascender ao céu neste meu corpo.' E quando Vasistha recusou eu disse, "Vasistha, se você não fizer este sacrifício para mim, então terei que realizar com algum outro guru". Depois disso, Vasistha amaldiçoou-me e me tornei um candala. Agora você vê minha lamentável condição. Não poderei nunca ir para o céu com este corpo desprezível."

Visvamitra disse, 'Eu pessoalmente o enviarei ao céu agora mesmo com este corpo. Você fez um grande serviço à minha família, e portanto você se tornou meu grande benfeitor. Eu farei com que você consiga ir para o céu. Traga-me os artigos necessários para o sacrifício."

Satya Vrat começou a coletar todos os artigos requeridos e os trouxe ao altar sacrificial. Visvamitra convidou todos os outros Munis, "Venham ao Sacrifício!"

Mas Vasistha ordenou-lhes, "Ninguém irá!" E nenhum Muni desobedeceria a ordem de Vasistha.

Então Visvamitra disse, 'Satya Vrat, sente-se na plataforma sacrificial. Faremos este sacrifício por nós mesmos!"

Satya Vrat sentou-se, enquanto Visvamitra inflamava o fogo sagrado. Ele começou a recitar mantras e disse, "Vá, Satya Vrat, vá para o céu!"

Imediatamente, Satya Vrat ergueu-se da terra e começou a subir ao céu. Ele subiu, subiu, subiu através das nuvens, através da atmosfera, foi em direção ao céu. Alguns dos Deuses estavam sentados perto da porta do céu e disseram., "Indra! Olhe aquele candala, aquele sem casta. Aquele ser imundo está vindo para o céu!"

Indra veio correndo ao portão e disse, "Satya Vrat Trishanku na forma de um candala! O que está fazendo aqui? Volte para a terra! Nenhum candala vem pelo portão do céu!"

E Satya Vrat começou a cair. Ele caiu passando pelas nuvens e quando se aproximou da terra, começou a gritar, "Visvamitra! Visvamitra! Salve-me! Salve-me! Estou caindo!"

E Visvamitra gritou, "Pare! Eu o enviei ao céu! Ninguém tem a autoridade para rejeitá-lo! Volte para o céu!"

Imediatamente Trishanku começou a subir no ar. Quando ele foi empunado através da nuvens, ele chegou perto do portão do céu, e Indra disse, "O que você está fazendo de volta aqui? Eu o mandei ir para a terra. Vá!"

Novamente Satya Vrat começou a cair. Então Visvamitra disse, "Pare!"

E Indra disse, "Pare!"

Estava Satya Vrat preso na atmosfera, a meio caminho entre a terra e o céu. Ele não podia subir nem descer. Estava preso no meio.

Visvamitra disse, "Indra! Leve este homem ao céu!"

Indra disse, "Ele é um canalha, um sem casta, em um corpo desprezível. Não há como ele vir para o céu! Leve-o de volta à terra!"

Em grande fúria Visvamitra respondeu, "Tudo bem, veremos sobre isso!"

Ele começou a recitar o mantra Gayatri, e fez oferendas ao fogo sagrado e disse, "Todos os méritos que obtive de toda minha tapasya que tenho executado, eu dou à Trishanku! Agora Trishanku, vá para o céu."

Indra disse, "Ele não pode entrar!"

Visvamitra começou a cantar o Gayatri Mantra mais uma vez. "O que você está fazendo?" perguntou Indra.

Visvamitra respondeu, "Estou fazendo uma nova criação com um novo céu e um novo Indra! Se Satya Vrat não é bem vindo em seu céu, então o enviarei para aquele céu."

Indra disse, "Pare! Não precisamos de uma nova criação. Não quero outro céu com outro Indra. Eu permitirei que Satya Vrat entre neste céu. Mas não com este corpo! Dê a ele um corpo divino, então ele poderá entrar."

Lá no meio da atmosfera onde Satya Vrat estava suspenso, ele repentinamente tomou-se dotado com um belo e divinamente saudável corpo. Ele estava vestido em roupas de seda e ornamentos de ouro. Indra enviou os Devas com uma carruagem que voava pelo ar, e Satya Vrat sentou-se a medida que eles o escoltavam para o céu de Indra. Indra deu-lhe um lugar no céu, devido a força da tapasya de Visvamitra.

Varuna concede um filho a Harischandra

Após Satya Mat ascender ao céu, Harischandra, seu filho, começou a governar em seu lugar como o rei de Ayodhya, Rei da Dinastia Solar. Harischandra foi mais verdadeiro, o mais justo, o mais generoso Rei que Ayodhya tinha visto. De todos os reis da Dinastia Solar, Harischandra foi a gem. Sua comunidade era muito próspera, e os cidadãos viviam em paz e contentamento em todos os modos.

Mas Harischandra não tinha um filho. Ele pensou consigo mesmo, "Diz em nossas escrituras que se você não tem um filho que possa realizar os ritos funerários quando você deixa esta terra, então você não pode ir para o céu. Quem oferecerá pindas, bolos de funeral, nas cerimônias de memorial anual? Como posso ir para o céu se não tenho um filho? Não terei ninguém para cuidar de mim. Quem herdará meu trono? Minha gente ficará sem um líder, sem um protetor. Sem um defensor todo meu reino pode ser saqueado por ladrões ou inimigos. Não haverá ninguém para resguardar a paz e manter a prosperidade. Eu pessoalmente não alcançarei a salvação. É melhor eu ir até meu Guru, Vasistha e perguntar-lhe o que fazer."

Assim, Harischandra foi até Vasistha e disse, "Vasistha, com suas bênçãos eu me tomei muito bem sucedido como um rei, mas como um ser humano estou condenado à maldição. Eu não tenho um filho para me suceder. Que farei?"

Vasistha disse, "Adore Varuna, o Senhor das Águas. Varuna, estando satisfeito lhe dará um filho."

Harischandra foi realizar a tapasya. Ele começou a meditar e realizar várias formas de Yoga. De muitas maneiras ele trabalhou para propiciar o Senhor Varuna. Depois de algum tempo, Varuna veio até ele e disse, "O que você gostaria?"

Harischandra respondeu, "Senhor, não há nada tão doloroso quanto não ter um filho. Por favor, Senhor, abençoe-me com um filho."

E Varuna disse, "O que você fará por mim se eu lhe der um filho?"

Harischandra respondeu, "Qualquer coisa que o senhor deseje."

Então Varuna disse, "Se eu lhe der um filho, quero que você o dê de volta para mim. Quero que você sacrifique o filho."

Harischandra concordou, "Não há nada pior do que não ter um filho. Certamente farei qualquer coisa que você queira. Dê-me um filho e eu irei sacrificá-lo a você quando você o quiser. Eu sou Harischandra, o rei que sempre mantém sua palavra. Este é meu voto, esta é minha promessa."

Varuna disse, "Tata-stu, eu concederei a você esta dádiva. Eu lhe darei um filho."

Harischandra foi para casa e logo sua esposa ficou grávida. A alegria do rei não tinha limites! Alegria ilimitada! Ele chamou os Brahmins e realizou as cerimônias pré natais. No quinto mês de gravidez de sua esposa ele realizou o Simantarayana, a parte dos cabelos de sua esposa. Ele colocou sindhur no cabelo dela, um pó vermelho brilhante, e ofereceu madhu parka para ela beber, uma bebida fria feita de iogurte, ghee, mel e açúcar, e a abençoou. No sétimo mês ele realizou mais cerimônias. E quando a criança saiu do útero, a satisfação de Harischandra não tinha limites.

Justamente então, Varuna veio e disse, "Agora você deve dar seu filho à mim Ó Rei, você é verdadeiro ao seu voto, sacrifique o filho. Me dê de volta a criança."

O rei pensou por um momento e disse, "Senhor, esta criança apenas chegou ao mundo. Ele nem mesmo teve as bênçãos de uma celebração de nascimento. Como você pode sacrificar uma criança que nem mesmo teve uma celebração de nascimento? Isto é desconhecido nas escrituras. Senhor, deixe-me por favor somente realizar o Jata Karma, cerimônia de nascimento, e então realizarei seu sacrifício conforme prometi."

Varuna disse, "Isto parece uma idéia sábia. Vá em frente. Realize o Jata Karma."

Então o rei Harischandra convidou muitos Brahmins para reunirem-se e eles cantaram os mantras sagrados e abençoaram a criança. Harischandra deu grandes presentes para muitas pessoas. Ele estava tão feliz!

Quando a cerimônia estava completa, Varuna veio e disse, "Tudo certo, rei. Realize o sacrifício."

Imediatamente a alegria fugiu da mente do rei e ele ficou oprimido pela tristeza e atado por pensamentos, "Ó o que farei com ele agora? Não há nada mais doloroso que não ter um filho. Como posso sacrificar o filho que veio a mim pela graça de Deus? Eu tenho somente um filho." Ele disse, Varuna, você é o conhecedor do dhama. Eu tenho apenas um pequeno intelecto comparado ao seu vasto conhecimento. Você conhece o modo correto de realizar o dhama. Mas deve-me somente perguntar-lhe uma coisa: Quando realizamos qualquer sacrifício Védico, ambos, marido e mulher, devem participar. Não está de acordo com as regras que só o marido realize qualquer sacrifício sozinho. A esposa é conhecida como Bhagidar, a que compartilha igualmente. Assim como podemos realizar um sacrifício onde a esposa não pode vir? Agora é dito nas escrituras que dez dias após a criança ter nascido o pai toma-se puro. No caso de uma mulher, o tempo é de trinta dias. Assim Varuna, se tiver sua aprovação esperamos até o final do mês quando minha esposa se tornará pura, e então juntos poderemos realizar o sacrifício." Varuna disse, "Bem, isto parece ser um argumento amigável. Eu não vejo dificuldade, mas esteja certo de manter sua palavra."

O coração de Harischandra partiu de alegria! Ele estava tão feliz! Mas num instante os trinta dias se passaram. Harischandra disse, "Hum, O dia de dar um nome a minha criança está chegando."

Ele foi ao seu Guru, Vasistha, e eles examinaram os gráficos astrológicos preparados para o nascimento da nova criança. Eles deram-lhe nome de Rohitashva, o Cavalo Vermelho. Rohi tem outro significado, o Sol Nascente; o cavalo que brilha com o Sol Nascente. Quando os Deuses e demônios bateram o kshirasamudra, o oceano de leite, muitos seres saíram daquele oceano. Após Mahalaxmi veio Uchaishravas, o ashva, ou cavalo que personifica a sabedoria. Assim aqui está Rohitashva, o Cavalo, Personificação da Sabedoria que Brilha como o Sol Nascente. Este é o significado do nome dado à criança.

Harischandra celebrou o rito de passagem de dar nome à criança, e fez uma festa em todo o reino, dando grandes daksinas como presentes aos Brahmins. Eles tinham realizado todas as cerimônias no fogo do sacrifício, cantando canções de júbilo alegria, quando Varuna veio e disse, "Ó Rei, cumpra sua promessa. Sacrifique a criança!"

Harischandra disse, "Senhor, estou pronto para fazer exatamente o que o você me diz. Mas primeiro eu quero sua opinião em uma questão da lei do nosso dhama. É dito que para uma vítima ser sacrificada, ela deve ter algum dente. Como posso sacrificar um animal se ele não tem dente? Agora vejo que está escrito certo aqui nas escrituras. Senhor, se você acha que isso está errado, diga-me e realizarei o sacrifício agora mesmo. Mas se você concorda com as escrituras, então espere seis meses até realizamos Annaprasan, a cerimônia de comer a primeira comida após os dentes terem nascido. Então realizaremos o sacrifício sem qualquer hesitação. Mas não quero dar uma vítima imprópria ao seu sacrifício."

Varuna disse, "Rei, Penso que você está me colocando de fora. Mas esteja certo que não conseguirá muito prender esta criança a você! Eu concedo seu desejo. Vá em frente e realize o Annaprasan da criança, a primeira comida sólida. Então teremos o sacrifício."

Varuna desapareceu e Harischandra ficou cheio de alegria! Ele começou a brincar com sua criança e observá-la crescer.

Seis meses se passaram. Os Brahmins se reuniram para realizar o sacrifício e cantar os mantras que acompanham comer o primeiro arroz. A criança estava comendo sua primeira refeição quando Varuna veio, "Está certo, rei, realize o sacrifício agora!"

E o rei respondeu, "Senhor Varuna, você sabe, a criança ainda tem em sua cabeça o mesmo cabelo com que ela nasceu. Como posso lhe sacrificar uma vítima impura como esta? Vamos primeiro realizar sua cerimônia Gurakaran e cortar todo o cabelo de sua cabeça. Então ele será uma vítima para o sacrifício. Esta é minha promessa."

E Varuna respondeu, "Veja que suas palavras não se tomem inverdades. Não fale mentira para mim. Eu concedo a dádiva a você. Raspe a cabeça da criança e então realizaremos o sacrifício."

O tempo passou e eles rasparam a cabeça da criança e Varuna veio e disse, "Tubo bem rei, dê-me a criança."

Harischandra disse, "Varuna, estou certo de que você sabe que num sacrifício desta natureza, só a pessoa duas vezes nascida é justa para ser a vítima oferecida a Deus. Vamos primeiro realizar a cerimônia de Upanayan, que confere a ele o cordão sagrado, e o faz duas vezes nascido. Então realizarei o sacrifício sem hesitação."

Varuna disse, "Rei, penso que você está ficando muito preso a esta criança. Parece estar me levando e protelando com uma desculpa depois da outra. Mas eu permito esta demora. Vá em frente e realize a cerimônia Yajñopavitam, e o faça duas vezes nascido. Dê-lhe o cordão sagrado e o inicie no Gayatri mantra. Está escrito que para uma criança Brahmin a idade apropriada é oito anos, para a criança Ksatriya a idade é onze, para a criança Vaisya a idade é doze; e para a criança sudra a idade é quinze. Portanto, vá em frente e realize a cerimônia Upanayan."

Harischandra ficou muito feliz.

O tempo passou muito rapidamente. Quando Harischandra realizou a cerimônia de Upanayan para o filho, Varuna veio e disse, "Faça o sacrifício."

E Harischandra respondeu, "Senhor, a única vítima realmente apropriada para o seu sacrifício é aquela que tem conhecimento. Por que você permite o sacrifício de uma criança ignorante? Somente a criança que tem conhecimento pode ser oferecida. Certamente este deve ser o critério. Primeiro deixe a criança estudar com o guru. Depois de sua cerimônia Samavartan, ele retorna da casa do guru tendo estudado os Vedas, então ele virá para o sacrifício e certamente o ofereceremos."

Varuna disse, "Não se engane rei! Se você não seguir cada letra do que me prometeu fazer, eu o amaldiçoarei!"

Harischandra respondeu, "Eu nunca falei uma mentira, e prometo fazer exatamente como você me mandou. Tão logo a criança retorne do ashram do guru, realizaremos o sacrifício."

Varuna disse, "Certo, mande a criança para ser educada. Mas não se engane: você terá que realizar exatamente o que prometeu."

A criança foi enviada ao ashram do guru. Os anos se passaram rapidamente, enquanto a criança estudava os Vedas e os tratados sobre política e economia e como ser um bom pai para a nação. Quando ele teve todo o conhecimento, ele deu o dakshina ao guru e começou seu caminho de volta para casa. Quando ele estava a caminho, Indra veio e disse, "Filho, não vá para lá! Você não sabe que se for para lá seu pai terá que oferecê-lo como uma vítima em um sacrifício? Salve sua vida! Corra para as montanhas! Se esconda em uma caverna e quando seu pai morrer então nós o chamaremos. Então você virá e herdará seu reino. Não entregue sua vida agora para ir até seu pai."

Quando Rohitashva ouviu isso, ele ficou assustado não sabendo o que fazer, ele correu para as montanhas e se escondeu na caverna.

Varuna veio ao rei e disse, "Certo, rei. É tempo da cerimônia Samavartan de seu filho. Seu filho deve ter retornado e a cerimônia deve ter se completado, Agora realize o sacrifício que você prometeu!"

O rei respondeu, "Ó Senhor, meu filho ainda não voltou para casa. Como posso realizar o sacrifício?"

Varuna disse, "Tempo após tempo você tem me colocado longe por uma razão ou outra, e agora esta é mais uma desculpa! Você não tem a intenção de cumprir seu dharma! Você tem me colocado para longe e mentindo para mim tempo após tempo. Agora você vai realizar o sacrifício ou eu o amaldiçoarei!"

O Rei disse, "Ó Senhor Varuna, não estou tentando engana-lo. Estou falando a verdade! Não tenho nenhum filho para sacrificar à você. Por favor tenha piedade de mim!"

Varuna disse, "Você é responsável por isso. Como posso ter pena de você? Eu o amaldiço! Você será afligido com uma doença!" E ele arremessou algumas gotas de água no rei Harischandra.

O rei imediatamente tomou-se afligido por uma terrível doença que causava grande dor. Algum tempo se passou enquanto ele estava sofrendo as terríveis dores e desconforto da doença. As notícias disso vieram até Rohitashva na caverna onde ele estava vivendo na floresta. Ele pensou, "Devo ir ver meu pai que está sofrendo. O que é bom em ser o filho que não redime a dor de seu pai?"

Ele começou sua jornada para ver seu pai, o rei, mas Indra veio a ele e disse, "Pare, ó príncipe! Não vá! O único meio de seu pai livrar-se do sofrimento é matando você! Não convide sua própria destruição. Volte para sua caverna na montanha onde estará seguro. Quando for seguro para você vir, então nós o chamaremos."

Rohitashva tomou-se anedrontado e fugiu de volta para a caverna na montanha onde ele tinha estado. Harischandra continuou afligido pela doença. Depois disso, o rei chamou seu guru e disse, "Vasistha, o que farei? Aqui estou eu afligido pela doença e sofrimento e o único meio de livrar-me disso é oferecer meu próprio filho em sacrifício. Mesmo assim meu filho não está aqui. Agora não tenho nenhum meio de oferecer este sacrifício. Mas não posso permanecer com este sofrimento por mais tempo. Que farei?"

Vasistha respondeu, "Rei, há muitos tipos diferentes de filhos. Há um filho nascido da união entre marido e esposa; há um filho que nasce do conhecimento, por meio da iniciação; há um filho que é ganho dos espólios da guerra, que tinha sido roubado pela força das armas; há um filho a quem tem sido dado abrigo como um orfanato, que busca refúgio em um pai; e há um filho comprado por se pagar o preço justo. Portanto rei, ache outro filho!"

O rei estava extático de alegria! Ele chamou todos os ministros e disse, "Ministros, vão por todo o reino, e vejam se alguém me vende seu filho!"

Os ministros foram pelo reino e gritavam "Alguém quer me vender seu filho? O rei precisa de um filho! Alguém venderá seu filho?"

Nisso havia um pobre Brahmin cujo nome era Ajigartha. Ele tinha três filhos. Seus nomes eram Sunahpucha, Sunahshepha e Sunalangula. Porque ele era muito pobre, estava tendo dificuldades em alimentar todos os três. Quando ele ouviu sobre o desejo do rei de comprar um filho, ele pensou, "Venderei um de meus filhos, e com o dinheiro que receber, posso alimentar os outros dois. Seu filho mais velho era necessário para realizar os ritos funerários quando ele deixasse o corpo. Seu filho mais novo era muito jovem para entender porque estava indo. Ele escolheu seu filho do meio, Sunahshepha, e decidiu vender aquele filho.

O rei perguntou, "O que você quer pelo seu filho? "

O Brahmin respondeu, "Cem vacas carregadas com ouro."

O rei disse, "Vendido! Eu pago seu preço. Dê-me o filho!"

Sunahshepha estava chorando aterrorizado quando eles o amaram no poste sacrificial. Os brahmins estavam recitando os mantras do Yajña, cantando as fórmulas para o sacrifício humano. Todos os reis estavam presentes, enquanto o rei era colocado na arena sacrificial em grande sofrimento. O executor elevou sua espada para decapitar a vítima, e a vítima, Sunahshepha, chorava de medo.

Repentinamente o executor abaixou sua espada e disse, "Ó Rei, não posso decapitar esta vítima. Este jovem menino está chorando tão lamentavelmente. Por favor, mostre a ele sua misericórdia!"

O rei disse, "Por que Varuna não me mostrou misericórdia? Eu tenho tanto sofrimento! Que faremos? Há alguém aqui que irá decapitar esta vítima e livrar-me de meu sofrimento?"

Então o Brahmin Ajigartha disse, "ó Rei, dobre seu preço e eu mesmo o farei."

Todos começaram a gritar, "Uuuuh! Que tipo de pai é você? Você mataria seu próprio filho mesmo quando o executor não o fez?"

E Ajigartha respondeu, "Ninguém aqui conhece as dificuldades da pobreza. Cada um de vocês é tão piedoso porque têm em abundância, mas para livrar-se da pobreza, mesmo um brahmin pode matar seu próprio filho. Pague meu preço e realizarei o sacrifício."

O rei disse, "Eu pago o seu preço! Dê-lhe outras cem vacas carregadas com ouro."

Ajigartha tomou-se o executor que elevou a espada sobre a vítima, seu próprio filho. A vítima chorava demais. Quando ele estava a ponto de golpear, Visvamitra, de pé, gritou, "Pare! Ó Rei. O rei é o pai dessa gente. A mais elevada virtude de um rei Ksatrya é a compaixão. O sagado dever de um rei é proteger seus súditos. E aqui está você a ponto de cometer essa ação terrível de fazer um pai matar seu próprio filho."

O rei disse, "Eu tenho muita dor! Este é o único modo de livrar-me dessa doença."

"Você deve perdoar esta criança! Disse Visvamitra.

"Por que Varuna não me perdoa?" disse o rei. Nada disso foi devido a qualquer falta minha, Eu sou a vítima da circunstância."

Visvamitra correu para onde estava a criança, Sunahsepha, estava amarrada, e deu-lhe iniciação no Varuna Mantra por sussurar o bija mantra 'Van!' em seu ouvido, Sunahsepha começou a cantar ruidosamente o Bandan Mukta Sukta, que tornou-se o Vigésimo Oitavo hino do Primeiro Mandala do Rig Veda:

Namo mahadbhyo namo arbhakebhyo

Namo yuvabhyo nama asinebhyah

Yajama devan yadi saknavama

Ma jyyasah sam

Sama vrksi devah

"Eu reverencio ao Grande Ser Sábio do passado. Eu reverencio ao Grande Ser Sábio do Presente. Eu reverencio ao Grande Ser Sábio do futuro. Se há qualquer Grande Ser Sábio desconhecido em qualquer tempo, eu reverencio a todos eles. Abençoem-me todos vocês."

Então Varuna veio ao sacrifício e ordenou, "Soltem a criança!"

O rei respondeu, "Ó Senhor Varuna, se você livrar-me de minha dor e doença, eu certamente soltarei a criança."

Então Varuna proclamou, "Certo, Rei, seja livre da dor!"

Repentinamente toda a doença e dor do rei foi curada. A criança, Sunahsepha, foi libertada, e todos os brahmins na assembléia gritaram de alegria e triunfo!

Sunahsepha disse, "Ó eruditos brahmins, agora que estou livre, por favor digam-me para que casa irei? Quem é meu pai agora?"

Alguns dos brahmins disseram, "Ajigartha é seu pai."

Outros disseram, "Harischandra, o rei, pagou o preço apropriado por você. Vá para a casa do rei."

Vasista de pé no meio da assembléia disse, "Não, Visvamitra deu-lhe iniciação no mantra que salvou sua vida. Agora ele é seu verdadeiro pai espiritual. Você vai para a casa com Visvamitra."

Então Visvamitra abraçou Sunahsepha com amor paternal, e juntos retomaram para casa. Harischandra completou o Yajña juntamente com todos os ritos sacrificiais, e deu grandes daksinas aos brahmins e isis, e especialmente para seu próprio Guru, Vasista, semelhante ao qual nunca tinha sido visto outro antes. Houve uma grande celebração por todo o reino.

A Inimizade entre Vasistha e Visvamitra

Após Harischandra se livrar da maldição da doença e reunir-se com seu filho, Rchitasva, ele viveu e governou em Ayodhya junto com sua esposa Saiyya, literalmente, Ela Quem Manifesta Shiva, e seu filho. Yudh significa guerra, e A significa sem; Ayodhya é o lugar sem guerra, a terra da paz. Harischandra juntamente com sua esposa e seu filho viram o reino crescer em fama e prosperidade. Saúde, riqueza e bem estar eram desfrutados por todos os cidadãos, de todas as maneiras esta era a comunidade ideal governada por um rei ideal.

Você sabe que entre os buscadores espirituais há uma hierarquia de realização? Como em uma igreja há um diácono. E um pastor ou ministro, e acima deles há um bispo, e um cardeal, e o Papa; assim também entre os profetas do Sanatana Dharma, há uma designação de Sadhus, Sants, Swamis, Mihatras e Rsis. Estes significados têm se tomado obscurecido com o tempo porque as pessoas tomam títulos por seu próprio acordo, mas mesmo o título de Rsi inclui muitos graus. Is significa desejo, ISA, o objeto do desejo. Ra significa além disso, Ra mais Isa é igual a Rsi, e Rsi significa ele quem está além do objeto do desejo, o ser instruído, que conhece como controlar o desejo. Isa também significa perceber e governar: Percebedor de tudo, Governador de tudo. Ele que está além governa sobre tudo, ele que vê além de tudo. Rsi. Há Rsis e Miharsis, Rajarsis, Devarsis e Bahmarsis. Um Rsi é um profeta, um ser sábio, e um Miharsis é um grande profeta entre os profetas. Um Rajarsi é um grande profeta entre os reis, e um Devarsi, como Narada Mini, é um grande vidente entre os Deuses. Ele pode transferir seu corpo físico, ou transcender o plano físico, e mover-se entre os Devalokas, os reinos dos Deuses e a consciência humana, à vontade. E o Bahmarsis é o conhecedor da mais profunda essência da sabedoria da não dualidade, "Eu Sou a Divindade Suprema." Um dia Visvamitra foi visitar Vasistha, e viu que ele estava adornado com grande honra e respeito. Visvamitra perguntou-lhe, "Vasistha, de onde você recebeu tal tributo de honra? Onde consegui tal riqueza e tudo isso?"

Vasistha respondeu, "De meu discípulo Harischandra."

Visvamitra perguntou incredulamente, "Seu discípulo Harischandra deu ao seu guru tal riqueza?"

Vasistha respondeu, "Sim, é a honra que ele mostra a um Bahmarsis, um conhecedor da unidade de Brahman."

Visvamitra disse, "Vasistha, eu também não alcancei o status de um Bahmarsis? Pela tapasya de minha força de vontade eu trouxe o Gayatri Mantra para a elevação da humanidade. Pela força de minha tapasya eu enviei Satya Vrat ao céu. Pela aplicação de minha sabedoria, iniciei Sunahsepha no Varuna Mantra, e portanto salvei a vida dele. Eu também levei Harischandra da maldição de Varuna. Certamente, eu também sou um Bahmarsis. Vasistha disse, "Não, Visvamitra, você ainda não é um Bahmarsis. Há muito para você entender. Não é tão simples. Você pode ter se tornado um Rajarsi por hora, mas só devido a que você alcançou uns poucos poderes espirituais, siddhis, que você pode ostentar em público, isto não faz de você um Bahmarsis." Visvamitra ficou insultado. Desde então ele tentou roubar a vaca de Vasistha, ele tentou se igualar com Vasistha. Ele ficou muito zangado com o insulto e disse, "Eu lhe mostrarei!"

Visvamitra foi praticar mais tapasya. Ele sentou-se no silêncio da meditação e tomou-se completamente absorvido na prática de austeridades. E algum tempo se passou.

O Teste de Harischandra

Um dia Indra presidiu uma grande conferência no céu. Ele reuniu todos os Deuses, juntamente com todos os Rsis, Miharsis, Rajarsis, Devarsis e Bahmarsis. Todos foram convidados para a assembleia. Quando os participantes estavam confortavelmente sentados Indra disse, "Terho uma questão de maior importância filosófica, e peço que todos vocês deem suas opiniões." Vasistha levantou-se no meio da assembleia e disse, "Desculpe-me Indra, mas não vejo Visvamitra presente nesta assembleia."

Indra respondeu, "Visvamitra? Aquele rei que ainda está atado exibindo seu próprio egoísmo? Ele está cheio de orgulho de suas realizações. Por que deveria ter um lugar aqui para ele?"

Vasistha disse, “Sim, mas mesmo assim ele está se esforçando duramente no caminho da realização. Ele está tentando tornar-se um Brahmarsi. Portanto, ele também deveria ser consultado sobre este assunto de importância filosófica.”

Indra concordou, “Tudo bem, como você sugere. Envie um mensageiro à Visvanitra e diga-lhe que sua presença é requisitada no céu de Indra.”

Narada Muni foi enviado como o mensageiro, e foi para onde Visvanitra estava sentado em Samadhi, na total e completa absorção de sua tapasya. Narada disse, “Visvanitra, os Deuses se reuniram no céu de Indra para uma grande conferência sobre assuntos filosóficos. Todos os Rsis, Maharsis, Rajaris, Devaris e Brahmarsis se reuniram junto com eles. Vasistha sugeriu que você também deveria estar lá.”

“Você quer dizer que Vasistha me reconheceu como um Brahmarsi também?” Perguntou Visvanitra.

“Ó não, isso não foi o que ele disse! Ele disse que você está se esforçando duramente para tornar-se um Brahmarsi, e portanto sua opinião deveria ser ouvida também”

Visvanitra ficou um pouco desapontado e respondeu, “Tudo bem, irei com você.” Eles montaram sobre um carro aéreo e ascenderam ao céu de Indra. Chegando ao céu eles trocaram saudações com toda a assembléia, e então Visvanitra tomou seu assento próximo ao Guru Vasistha. Quando ele estava confortavelmente sentado Indra disse, “Agora quero apresentar minha questão. Qual é o mais forte poder sobre a terra?”

Vayu imediatamente levantou-se e respondeu, “O vento! O vento sopra qualquer coisa para longe.” Agni levantou-se e disse, “O Fogo! O fogo pode queimar qualquer coisa!” Yama levantou-se e disse, “A morte, ninguém pode escapar da Morte! E assim cada um dos Deuses teve sua vez e proclamou-se ser o mais o mais poderoso sobre a terra. Finalmente Vasistha deu alguns passos adiante da assembléia e disse, ‘Caras divindades, eu proclamarei em verdade qual é o mais forte poder sobre a terra. O mais forte poder sobre a terra é a Verdade!’ Visvanitra levantou-se e disse, “Você quer dizer que o mais forte poder sobre a terra é a Verdade? Olhe para a terra. Em toda parte há um mentiroso, um trapaceiro e um ladrão. Eles roubam por dinheiro, mentem por dinheiro e não há ninguém devotado à Verdade!”

E Vasistha respondeu, “Se houvesse um homem que sacrificasse tudo pela Verdade, que desse seu próprio ser, todas as suas ligações, todo seu egoísmo e posses, então você concordaria que a Verdade é o mais forte poder sobre a terra?”

“Visvanitra disse, “Onde há um homem como este?”

Vasistha respondeu, “O rei de Ayodhya, Raja Harischandra.”

“Harischandra?” respondeu Visvanitra. “Ele enganou Varuna no sacrifício que tinha prometido. Colocou-o para fora de tempos em tempos com esta desculpa, aquela desculpa. Ele contou uma história depois da outra para evitar ter que cumprir sua promessa! Você só está dizendo isso porque ele lhe deu muita riqueza e honra. Agora, mesmo o grande Vasistha sacrificou a Verdade para tornar-se servo da riqueza.”

Vasistha disse, “Você verá Visvanitra! Harischandra é dotado de nobreza e firmeza na Verdade.”

E Visvanitra respondeu, “Ó Vasistha, você deve estar brincando. Aquele rei é um mentiroso e irá falsear a verdade quando lhe for conveniente. Eu concordo em apostar com você todos os méritos que obtive de todos os meus pujas que realizei que você está errado!”

Vasistha olhou para Visvanitra, “Como você quiser, Visvanitra. Eu tenho firmeza de fé. Se você irá gostar de liberar-se de todos os seus méritos espirituais, que você possa assim fazer. Eu aceito seu desafio. Você pode testá-lo como queira.” A assembléia acabou com esta aposta sendo feita, e todos os Deuses foram ver o que aconteceria.

Visvanitra desceu à terra, sentou-se na floresta e começou a realizar tapasya. Um dia Harischandra foi àquela floresta caçar. Pelo poder de seu mantra, Visvanitra chamou Maya e causou uma chuva. Uma tempestade sucedeu, e Harischandra de algum modo ficou separado de seus amigos e do restante da facção de caça, e tomou-se completamente perdido. Visvanitra novamente chamou Maya e fez o sol vir. Estava muito, muito quente. Harischandra

começou a beber água. Ele ficou com fome. Suas roupas estavam molhadas. Ele estava cansado, sedento, faminto e perdido na mais densa parte da floresta. Era uma situação deplorável.

“Que grande alívio, pensou Hrishchandra a medida que desmontava de seu cavalo e ia prestar respeitos ao grande Rsi. Ele prostrou-se diante do Rsi e disse, “Ó Grande Rsi, que boa fortuna é para mim encontrá-lo aqui nesta floresta. Eu estou sedento e faminto. Estou cansado e perdi de todos os meus amigos. Eu também estou perdido e nem mesmo sei onde é Ayodhya.”

Visvanitra respondeu, “Bem vindo, ó rei. Estou satisfeito que você tenha vindo e que eu possa ser de alguma ajuda. Vá para aquela corrente de água, lave-se e mude estas roupas molhadas. Eu prepararei alguma comida para você, e depois que você tomar algum refresco e descansar, lhe mostrarei o caminho de volta à sua casa.”

O rei replicou, “Você é tão bondoso, ó grande Rsi. Você foi tão afável com meus ancestrais, e está sendo bondoso comigo.”

Visvanitra disse, “Não pense nisso.”

Como foi instruído, o Rei Hrishchandra foi lavar-se. Mudou as roupas e tomou uma água clara e refrescante. Então retomou ao eremitério do Mini. Lá comeu deliciosa comida e sucumbiu à magia que o cercava. Após descansar ele disse, “Visvanitra, estou satisfeito com seu seva, serviço abnegado que você me oferece com grande amor. Sou muito agradecido pelo modo como você salvou minha vida e me fez confortável mesmo na floresta. Você me colocou na melhor posição possível, e é sempre o maior sinal de amizade, pensar na vantagem do amigo. Escolha alguma desejo de mim.”

Visvanitra respondeu, “Ó Rei, sou um Rsi, um Mini vivendo na floresta realizando tapasya. Pessoalmente não necessito de nada. Mas veja você, tenho uma filha que está na idade de casar-se agora, e há um jovem homem com quem eu desejo que ela se case.. Mas eu não tenho dote, assim como posso realizar o casamento de minha filha?”

O Rei disse, “Miharsi, eu sou o rei de Ayodhya, o homem mais rico do país! Tenho uma grande riqueza e assim você pode dar sua filha em casamento. Não só isso, mas você foi muito bondoso em enviar meu pai ao céu. Você livrou Sunahsepha do poste sacrificial. E livrou-me da terrível maldição de doença dada por Varuna. Miharsi qualquer coisa que eu possa fazer por você, basta apenas falar. Ficarei honrado em dar-lhe o dote para o casamento de sua filha. Só me diga a quantia. Eu pessoalmente me certificarei de que a soma seja paga.”

Então Visvanitra perguntou, “Ó rei, você nunca irá mudar sua mente, ou irá? Uma vez que tenha dado sua palavra, não fará sua palavra tornar-se falsa?”

Hrishchandra respondeu, “Não . Eu sou Hrishchandra, o Rei de Ayodhya. Eu nunca falei uma mentira desde o dia de meu nascimento. Eu lhe dou minha palavra. Uma vez que tenha dado minha palavra, ela nunca se tornará falsa. Eu providerei o dote para o casamento de sua filha.”

Visvanitra disse, “Rei, agradeço muito por seu nobre oferecimento, mas veja, está no meio da noite. Não devemos querer retornarmos para Ayodhya pelos caminhos sinuosos na noite escura. Poderemos nos perder. Por que você não fica aqui esta noite? Amanhã de manhã, após um bom jejum, eu pessoalmente o escoltarei até Ayodhya. Lá você poderá colocar sua roupa real mais uma vez, e então poderá me dar o dote que necessito.”

O rei disse, “Visvanitra Mihamuni, sua hospitalidade não tem limites! Você é o mais nobre da raçaariana. É por este tipo de comportamento como o seu que nosso país tem crescido e prosperado. Porque temos líderes como você entre os Brahmins. Por favor considere-me ser seu humilde servo.”

Visvanitra preparou uma cama para o rei, e aquela noite eles descansaram. Eles despertaram pela manhã e após banharem-se, realizaram suas preces matinais. Tendo completado a adoração, comeram o jejum e começaram a jornada juntos pelos caminhos tortuosos que conduziam pela densa floresta em direção à Ayodhya. Quando eles chegaram na fronteira da floresta, Hrishchandra olhou para baixo para os vales. Lá longe, ele viu a cidade de Ayodhya, e seu coração ficou alegre! Agora era Hrishchandra quem escoltava Visvanitra, e quando eles chegaram aos portões da cidade, toda a população veio saudar seu Rei. Todos tinham estado preocupados porque o rei não tinha voltado para casa aquela noite. Todos os ministros vieram saudar o retorno do rei. E como um herói,

Harischandra proclamou ao público que sua salvação e bem estar foi devido a anável hospitalidade do Grande Rsi Vsvanitra. Ele levou Vsvanitra para dentro do palácio, lavou-lhe os pés e fez muitas preparações para ele. Então tomou seu próprio banho, mudou suas roupas, e retomando ao grande Rsi disse-lhe, "Agora, Vsvanitra, por favor fale-me o que posso fazer para satisfazê-lo. Qualquer coisa que você deseje. Eu estou muito satisfeito com a assistência que você tem dado a mim, aos meus ancestrais e ao meu reino."

E Vsvanitra disse, "Ó rei, por favor lembre-se de sua promessa na última noite. Eu preciso de um dote para dar no casamento de minha filha. Por favor dê-me o dote."

O Rei Harischandra respondeu, "Ó Grande Rsi, tome qualquer quantidade de dote que você deseje. Tome qualquer quantia de riqueza que você precise. Por favor realize seu objetivo. Você tem sido tão bondoso comigo e com minha família, e tem sido um benfeitor de todo cidadão de meu país, assim como de meus ancestrais. Somente diga-me o que deseje."

Vsvanitra disse, "Ó rei, por favor dê-me toda a riqueza que você possui."

Harischandra ficou atordado. Vsvanitra olhou a expressão na face do rei e disse, "Ó Rei, há algo errado? Você não quer dar-me seu reino? Há poucos momentos atrás você falou tão magnanimamente, 'Pegue quanto quiser Miharsi, pegue quanto quiser. Se você não quiser dar-me qualquer coisa que eu queira, só diga que cometeu um engano. Só diga que não manterá sua palavra e eu darei tudo de volta para você:'"

O rei gaguejou e disse, "Ó não Grande Rsi. Eu só fiquei surpreso. Você pode ter todo o reino!"

"Bem, então, por favor, dê-me meu reino."

Harischandra olhou ao redor do palácio, olhando ainda que fosse numa última despedida. Sua esposa, Saivya, e seu filho, Rohitasa, vieram e disseram, "Pai, meu Rei, Genitor: onde quer que você vá nós iremos com você. De fato, somos uma família. Não desejamos reino ou palácio, quando o rei mesmo, vive fora da cidade. Nós iremos com você." Harischandra concordou e disse aos seus ministros, "Ministros, amigos, oro para que vocês protejam o reino e administrem sabiamente o comportamento de Vsvanitra. Eu renuncio a toda autoridade deste reino!" E Harischandra virou-se para sair. Vsvanitra disse, "Pare rei! Eu pensei que você tinha me dado tudo no reino."

O rei disse, "E está correto."

Vsvanitra disse, "E as jóias e ornamentos que você está usando? Isso também não faz parte do reino? Dê-me isso, também!" Eles tiraram todos os ornamentos, e então reiniciaram a partida.

Vsvanitra disse, "Pare rei, você prometeu dar-me tudo ou apenas uma parte? Se deseja dar-me apenas uma parte, então admita que não quer me dar tudo, e diga que é um mentiroso e poderá ter todas as coisas de volta! Mas se deseja dar-me tudo, as vestimentas reais e todas as roupas que estão vestindo são minhas. Tire-as e as coloque aqui! Dê para estas pessoas alguns trapos de mendigo", ordenou Vsvanitra aos ministros.

Harischandra, sua esposa e seu filho, tiraram as finas sedas e cetins bordados, as roupas reais, e colocaram o trapo de mendigos, e mais uma vez começaram a sair.

Quando estavam no portão do palácio, Vsvanitra disse, "Pare rei! Você realmente deseja dar-me este reino e esta riqueza ou não?"

O rei respondeu, "Já lhe dei todas as coisas, que mais você quer?"

E Vsvanitra disse, "Sou um Bahmin. Quando você dá um presente a um Bahmin, deve dar alguma daksina. Onde está minha daksina? Eu mandei seu pai aos céus. Libertei Sunahshepha do pilar, e levei você da maldição da doença. Olhe toda a daksina que você deu à Vasishta, toda honra e riqueza que deu para ele. Você espera que eu aceite um presente sem daksina?"

Harischandra disse, "Rsi, você pode ver agora eu não tenho nada. Como posso lhe dar uma daksina?"

"Isto é para você considerar. Se não deseja dar-me todos esses presentes, tome-os de volta e diga que você mentiu. Mas se não deseja ser um mentiroso, dê-me minha daksina!"

“Mas Rsi, não tenho nada para dar-lhe. Dê-me algum tempo e darei sua daksina.”

“Quanto tempo você precisa?”

“Dê-me um mês.”

“Certo. Um mês! Mas eu quero minha daksina! Se você não me der eu o amaldiçoarei!”

Harischandra ficou com medo. Quem quer a maldição de um Rsi? Quem sabe que mal lhe acontecerá se um Rsi dá uma maldição? E ainda, como podia ser falso o seu voto? Perplexo com a situação, Harischandra foi para a floresta acompanhado de sua esposa e de seu filho. Por muitos dias eles vaguearam na floresta comendo frutos das árvores, muitas vezes incapaz de prover qualquer alimento para todos. Por fim vieram para a cidade de Benares. Quando chegaram lá, Rohitasha, o pequeno menino começou a chorar, “Papai, estou com fome. Não temos nada para comer?”

E Saihya, a esposa, disse, “Que pena! Olhe nossa posição agora. Não temos nada para alimentar nossa criança chorando. O grande Harischandra, Imperador de toda a Índia, o Rei de Ayodhya, o mais nobre de todos os Arias, que nunca mentiu, foi agora reduzido a essa posição.” Então Vswanitra veio. “Está certo rei, seus trinta dias se passaram. O mês está terminando. Dê-me meu daksina ou o amaldiçoarei!”

Harischandra disse, “Ó Grande Rsi, por favor, o sol ainda está no céu. Os trinta dias ainda não terminaram. Espere ao menos até o fim do dia!”

Vswanitra disse, “Muito bem, eu esperarei até o pôr do sol. Mas se não me der minha daksina você poderá escolher entre tomar de volta sua riqueza e admitir que você é um mentiroso, ou eu o amaldiçoarei!”

Harischandra virou-se para sua esposa Shaihya e perguntou, “Que faremos? Que faremos?”

Shaihya, a dharmica esposa, respondeu, “Ó Rei, o mais nobre dos homens que encontrei, não firme em sua decisão de verdade, eu me curvo à você. A um rei não é permitido mendigar. A um rei não é permitido negociar. Você não tem armas ou exércitos com os quais lutar. Você só tem um caminho para conseguir o dinheiro de que necessita.”

“Qual é este caminho, minha amada esposa?”

“Venda-me.”

O rei desfaleceu com o choque. “Vender minha esposa? Em que horrível situação fui colocado. Devo ter um caráter desprezível para contemplar esta situação de vender minha esposa. O primeiro dever de um homem é proteger sua esposa, que coisa terrível você está me aconselhando a fazer!”

“Não rei, não há outro caminho! Rapidamente o tempo está correndo! Você deve vender-me para pagar ao Rsi a daksina dele. Caso contrário ele o amaldiçoará. Quem sabe que dificuldades teremos? Sei que você virá de algum modo e conseguirá trazer-me de volta. Novamente nós três moraremos juntos em Ayodhya. Por favor não perca tempo! Venda-me, ó rei.”

Harischandra caminhou para o mercado. Ele começou a chamar, “Oçam, oçam! Quem quer comprar esta fina mulher dharmica? Ela é dotada com todas as qualificações: cozinha, limpa, costura, pode fazer todo trabalho da casa. Quem entre vocês bons cidadãos podem ter compaixão deste pobre homem pecador que foi reduzido a tal deplorável situação? Ajudem-me! Tenham piedade de mim e comprem minha esposa!”

Então um Brahmin veio e disse, “Que tipo de homem é você que quer vender sua esposa? Que tipo de dharma é este? Você parece um homem nobre, um homem forte, poderia ter um bom dia de trabalho! Que tipo de homem é você que está indo vender sua esposa? Ah! Tudo bem quanto quer por ela? Deixe-me ver os dentes dela. Bem, conforme nossos costumes, uma mulher como esta custa dez cestos de ouro. Aqui está seu dinheiro, dê-me a mulher!”

Ele colocou o dinheiro nas mãos do rei. Harischandra pegou o dinheiro, enquanto o Brahmin amastava sua esposa para longe. Então Visvamitra apareceu e exigiu, “Me dê o meu dinheiro! Você pagará minha daksina ou não?”

Harischandra disse, “Visvamitra, aqui estão dez bolsas de ouro.”

“O que? Dez bolsas de ouro? Pensa que isso é o bastante para mim? Foi pequeno o sacrifício que realizei quando mandei seu pai ao céu? Foi pequeno o sacrifício quando liberei Sunahshepha do pilar do sacrifício? Foi pequeno o sacrifício quando te liberei da maldição de Varuna? Eu pegarei estas dez bolsas de ouro porém traga-me mais. Não ficarei satisfeito com isso!”

“Espere Visvamitra, não me amaldiçoe agora. O sol ainda não se pôs no horizonte! Ainda há tempo.”

Então seu jovem filho, Rchitasva, começou a chorar. “Mãe! Mãe! Onde estão levando você? Para onde minha mãe está indo? Ficarei sem minha mãe?”

A esposa, Saivya, a Rainha de Ayodhya, disse lamentavelmente, “Ó Brahmin, por favor seja misericordioso e compre meu filho também, assim ele pode vir comigo. Ele pode trabalhar. Ele trará os materiais para os seus sacrifícios, pegará flores para sua adoração, cortará madeira da floresta, fará a lavanderia. Juntos iremos trabalhar para você. Por favor Brahmin, não separe uma mãe de seu filho.”

O Brahmin compassivamente concordou, “Certo, conforme nossos costumes um menino como este, com esta idade..., deixe-me ver seus dentes...sim, estão bons. Certo. Você conseguiu mais dez bolsas de ouro. Aqui estão as suas dez bolsas de ouro, e dê-me a criança!”

Harischandra pegou as dez bolsas de ouro e o Brahmin pegou a criança. Ele começou a arrastar os dois, mãe e filho, em direção a sua casa. E a nobre Saivya disse, “Eu me separe de você meu rei, com uma oração que vida após vida eu venha novamente ser a serva do grande e nobre rei Harischandra. Nunca houve um rei tão nobre, ou um homem tão firme nos princípios da verdade!”

“Venha senhora!” disse o Brahmin, enquanto puxava a corda, amastando a esposa e a criança.

“Dê-me meu daksina!” Ordenou Visvamitra.

“Aqui está, ó Miharsi! Aqui está outras dez bolsas de ouro. Por favor fique satisfeito.”

“O que? Dez bolsas de ouro? Foi pequeno o sacrifício que realizei? Olhe a honra e riqueza que você deu à Vasistha por realizar o sacrifício Rajasuya. E você está somente me dando essas desprezíveis bolsas de ouro? ? Eu mandei seu pai aos céus. Libertei Sunahshepha do pilar, e liberei você da maldição da doença de Varuna. Dê-me mais ou pegue de volta tudo o que já foi dado e diga que falou uma mentira. Ou irei amaldiçoa-lo agora mesmo!”

Harischandra disse, “Ó Miharsi, por favor espere! Espere mais alguns minutos, o sol ainda não se pôs, Ainda há tempo.”

Visvamitra perguntou, “Que mais você deixou de vender?”

E Harischandra respondeu, “Eu !. E começou a gritar, “Alguém deseja comprar este trabalhador? Estou me vendendo como escravo. As circunstâncias colocaram-me nesta posição. Alguém vai me comprar?”

Então o rei dos Candalas, os sem casta que trabalham nos crematórios, estava vindo para casa bêbado, tendo completado seu trabalho de queimar copos mortos. Ele perguntou, “Quem é que está falando, ‘Quem quer me comprar? Você pode ser um bom servo para ajudar-me a queimar copos mortos. Eu o comprei!’”

Harischandra disse, “Não, eu sinto muito. Não posso trabalhar para um candala. Sou um rei ksatriya, o Imperador de Ayodhya e não tenho permissão de trabalhar para um sem casta queimando copos em crematórios.”

Então o candala disse, “Assim então você falou uma mentira? Quando se colocou a venda não disse nada que somente uma casta especial poderia comprá-lo, e nem que faria apenas determinado tipo de trabalho. Você disse

muito alto e publicamente, 'Alguém quer comprar este trabalhador?' Agora você está mentindo por adicionar condições extras. Isso não é verdade? Você não está falando uma mentira, Harischandra?

"Não, não estou falando uma mentira."

"Então posso comprá-lo?" Perguntou o candala.

"Sim, você pode comprar-me."

"Bem, conforme os costumes um rei com esta altura, peso e boas condições físicas tem o preço de vinte bolsas de ouro. Aqui, pegue a quantia de seu preço!"
Harischandra pegou.

Visvamitra imediatamente pegou o dinheiro e disse, "Certo rei, seu débito foi pago!"

Instantaneamente as nuvens se abriam e os Deuses fizeram chover flores sobre a terra! Harischandra foi banhado com flores e ficou livre do débito!

O candala disse, "Certo escravo, carregue minha garrafa de vinho! Você irá trabalhar para mim nos crematórios. Seu trabalho será queimar corpos mortos, e coletar taxas, garantindo que eu consiga meu dinheiro. "

E ele colocou Harischandra a cargo dos crematórios. Harischandra pegava os corpos mortos que chegavam e os colocava na pira funeral. Ele empilhava a madeira e acendia o fogo. Brevemente ele começou a agir como seus companheiros trabalhadores deveriam se comportar. Ele pegava as roupas dos corpos mortos e envolvia como um turbante em volta da cabeça. Ele pegava as guirlandas dos corpos e as usava em si mesmo. De todas as maneiras começou a agir exatamente com um candala dos crematórios, e esqueceu-se totalmente da visão de ter sido o Rei de Ayodhya,

Enquanto isso sua dharmica esposa, Shaiya, era sempre molestada pela esposa do Bahmin, que nunca ficava satisfeita com nenhum trabalho que ela fazia. "Você não lavou isso bem! Você não cortou os vegetais apropriadamente. Você não cozinhou bem. Você não passou minha roupa adequadamente. Você não varreu aqui. Você não fez isso! Seu filho está chorando muito! Você está fazendo uma bagunça! Você nunca trabalhou! Você está sempre se sentando. Você é preguiçosa! Por que meu marido gastou tanto dinheiro trazendo para casa uma serva como você!" Ela continuamente a repreendia de várias maneiras.

Toda noite Shaiya, a nobre rainha, terminava seus deveres, e massageava os pés da esposa do Bahmin, e depois os pés do Bahmin. Ela sempre era a última a dormir e a primeira a levantar da cama. Ela nunca tinha o suficiente para prover sua criança. É deste modo ela se esqueceu de tudo sobre sua vida como a Rainha de Ayodhya.

Algum tempo se passou. A dona da casa sempre batia em seu filho, Rchitasva, e nunca lhe dava o suficiente para comer. Ele estava sempre vestido em trapos esfarrapados. Um dia Rchitasva foi na floresta com outras crianças para pegar madeira para o sacrifício de fogo de Bahmin. Ele foi pegando varas e ramos. Ele foi pegar um pedaço de madeira perto de um formigueiro. Uma grande cobra saiu do formigueiro e atacou o menino que caiu morto no chão. Os outros meninos correram para a casa do Bahmin para avisar a criada Shaiya, "Seu filho foi mordido por uma serpente e está morto sobre um formigueiro no meio da floresta!"

Shaiya se entristeceu e começou a chorar. A esposa do Bahmin disse, "Por que você está fazendo este barulho! É inapropriado chorar ao pôr do sol! Este é o momento para adorar. Pare de fazer este barulho!"

E Shaiya, a criada, disse, "Anada patroa, meu filho foi mordido por uma cobra e está morto sobre um formigueiro no meio da floresta. Por favor deixe-me ir e trazer seu corpo para os crematórios para realizar os últimos ritos.

A patroa respondeu, "Hih! Não só perdi o dinheiro que paguei por seu filho, mas agora vou perder seu trabalho pelo resto do dia por isso! Você pode imaginar isso? Sua trapaceira! Você me roubou, eu paguei o preço em ouro por aquele menino e paguei por você, e agora você quer sair para ver a criança morta? Eu perdi a criança, esta é a minha má sorte. Mas agora suponho que perderei seu trabalho pelo restante do dia para

completar? Você primeiro deve terminar seu trabalho, Giada, e então poderá ir! Não lhe darei o dia de folga por isso!

Shaivya lavou todos os pratos até a noite. E depois a patroa disse, “Aqui. Aqui está a roupa lavada. Quero isso dobrado e passado antes da manhã.”

Shaivya dobrou e passou as roupas e quando terminou, era tarde da noite.

E a patroa disse, “Ó Serva, venha aqui e massageie meus pés até que eu durma. Depois que eu tiver caído no sono você pode ir ver seu filho. Mas assegure-se de estar de volta de manhã para começar o trabalho em tempo. Não me engane pelo preço que paguei por você!”

A Rainha de Ayodhya massageou os pés de sua patroa, que lentamente caiu no sono. Então Shaivya correu para fora da casa sozinha na escuridão da noite e foi para a escura e densa floresta para encontrar seu filho. Com muito terror no coração ela procurava, “Onde está o corpo do meu filho, Príncipe regente de Ayodhya? Onde está aquele que nasceu no luxo, pompa e respeito do rei de Ayodhya, na riqueza do Imperador de toda a Índia?”

Por toda a noite ela buscou por toda a floresta. Então na escuridão da noite ela encontrou o corpo caído imóvel sobre o formigueiro, coberto de formigas. Levantando o corpo, ela o segurou em seu peito e começou a chorar. “Ó meu filho! Você nasceu para ser o rei de Ayodhya, e aqui está você morto como um miserável, sobre um formigueiro no meio da floresta? Que fato é este? Quais são os meios de Deus? Que Karma nos reduziu a este status?”

Ela estava chorando quando começou a carregá-lo para a margem do rio em busca de crematório. Quando ela passava do lado de fora dos portões da cidade, dois policiais a viram carregando o corpo morto, e disseram um ao outro, “Ah! É ela, a que mata as crianças no meio da noite! Certamente ela matou outra criança e está levando a vítima para um lugar para comer. Ela é uma Raksasi, uma canibal!”

A rainha respondeu, “Não, eu fui a Rainha de Ayodhya e este é meu filho. Fomos vendidos como escravos para o Brahmin e sua esposa, e meu filho foi mordido por uma cobra. Ele morreu sobre um formigueiro na floresta, e agora estou levando o corpo de meu filho para queimar num crematório.”

E os policiais responderam, “Que tolice está você falando? Agora, além de cometer este crime hediondo, você está nos contando esta ridícula mentira? Venha conosco ao magistrado!”

Eles a amarraram e levaram ao magistrado no meio da noite. O magistrado acordou de seu sono e perguntou, “Que é isso?”

“Esta é a denônia que mata as crianças de nossa cidade. Nós a encontramos com esta criança morta. Ela estava levando este corpo para comer.”

O magistrado disse, “Que seja condenada à morte! Leve-a até ao candala no crematório e mande-o cortar sua cabeça e acender a pira funerária.”

Eles a levaram ao líder dos candalas e disseram, “Candala, execute esta mulher, e queime seus restos. Ela é a denônia que mata crianças na noite. Nós a pegamos com a prova. Ela estava carregando o corpo morto de uma criança que matou, pronta para comer o resto. Agora, mate-a.”

“Espere sou um homem influente, não faço mais este trabalho pessoalmente. Vou chamar meu servo, Hrishchandra. Hrishchandra! Venha!”

Hrishchandra veio, “O que aconteceu, senhor?”

“Esta denônia foi condenada à morte, e é ordem do magistrado que nós realizemos a execução. Ele mandou-me fazer isso. Você é o meu servo. Ordene-lhe que mate esta mulher!”

“Ó Candala, não é meu chama matar uma mulher. Por favor peça a outro para fazer isso.”

“Eu disse que VOCÊ irá fazer isto! O que quer dizer com não é o seu dhama? Você foi vendido para mim. Prometeu obedecer-me como seu mestre. O que você quer? Seu dhama é fazer o que eu disser. Você matará esta mulher. Leve-a ao crematório e corte-lhe a cabeça. Ou então admita que mentiu, que não está falando a verdade e que não quer ser meu servo! Admita que pegou meu dinheiro com falsa pretensão, e em qualquer caso não estará sendo verdadeiro em sua palavra!”

Harischanda veio até a mulher, “Venha.” Ele não a reconheceu, e nem ela poderia entender quem ele era, coberto com as roupas e guirlandas de corpos mortos, pó e cheiro de crematórios.

Ele a levou ao crematório onde ela disse, “Ó Candala, entendo que você foi requerido para executar-me. Este é seu dever; este é seu dhama. Você está atado para realizar o que lhe é ordenado. Mas eu tenho somente um pequeno pedido para lhe fazer. Por favor, antes de matar-me, meu filho foi mordido por uma cobra, e seu corpo morto está do lado de fora dos portões da cidade. Eu só quero trazê-lo para cá para este crematório para queimá-lo. Eu lhe peço que por favor permita-me trazer o corpo dele aqui para realizar os últimos ritos, então poderá fazer o que quiser comigo. Prometo não fugir. Deixe-me trazer o corpo, realizar os seus últimos ritos, e então você poderá matar-me.”

Harischanda concordou, “Tudo bem, vá e traga o corpo.”

A Rainha foi pegar o corpo, e era quase alvorecer quando retornou ao crematório junto com o corpo morto da criança. Harischanda estava sentado a esperando. Ela disse, “Ó candala, minhas palavras não são falsas. Veja. Eu trouxe o corpo de meu filho morto. Agora por favor ajude-me a realizar os últimos ritos para esta amada criança. Faça uma fogueira, e queime estes restos.”

Harischanda disse, “Senhora por favor entenda que eu não sou o dono deste crematório. Eu não posso realizar ou permitir qualquer cremação neste crematório sem dar ao proprietário seu pagamento. Você deve dar-me algum ouro para realizar os ritos funerais.”

A senhora respondeu, “Eu não tenho nenhum ouro.”

“Bem, você deve conseguir algum. Eu não posso realizar nada contra meu dhama. Como posso realizar esta cremação sem dar o pagamento ao proprietário? Isso seria falso. Tem certeza de que não tem nenhum ouro?”

Então a rainha pegou seu medalhão que é um ornamento que as mulheres casadas usam. Ela disse, “Sim, candala, tenho algum ouro. Mas este ornamento foi dado por meu marido e não posso me separar dele até deixar minha vida. Por favor queime o corpo, depois corte minha cabeça e então você poderá pegar o ouro. Deste modo eu o pagarei pelo sacrifício. Você realizará todos os propósitos: terá realizado os últimos ritos de meu filho, terá cumprido as ordens do candala e do magistrado para executar-me e levará o pagamento ao proprietário deste crematório!”

Harischanda olhou para ela e disse, “Sinto muito, meu dhama não permite que eu pegue ouro de um corpo morto, principalmente de uma mulher morta. Matar uma mulher e pegar o ouro de seu corpo: este não é o meu dhama! Pense em outra maneira.”

Shaiya começou a chorar, “Que fruto de Kama trouxe-nos a esta posição? Que Kama colocou-me em tal circunstância? Olhe meu filho, o Grande Príncipe, Rohitasva, morto em um pira funerária. Onde está o abanador que usei para abaná-lo? Onde está a umbrela que usei para cobrir sua cabeça para protegê-lo do sol, do vento ou da chuva, a insígnia de sua realeza.? Onde está o Grande rei Harischandra, o mais honrado de todos os homens, que nunca falou uma mentira? Onde ele está neste momento de adversidade para ajudar sua família a sair desta dificuldade?”

Quando Harischanda ouviu o choro de sua vítima ele olhou para ela muito cuidadosamente e perguntou, “Harischanda? O que você sabe de Harischanda? Onde ouviu o nome de Harischanda?”

Shaiya disse, “Harischanda, o grande rei entre os reis, o mais verdadeiro e honrado homem que pisou na terra? Harischanda é meu marido!”

Quando Harischandra ouviu aquelas palavras, ele ficou surpreso. E disse, incredulamente, “Você é Shaivya, a Rainha de Ayodhya?”

A rainha olhou surpresa para ele e disse, “Como você sabe meu nome? Candala, por favor diga-me como sabe meu nome?”

O candala respondeu, “Porque eu sou aquele homem, o rei Harischandra!”

A rainha olhou-o coberto com as guirlandas de copos mortos, o candala dos crematórios e ficou desfalecida. Quando recobrou a consciência ela disse, “Você? O candala dos crematórios? Você é o Rei Harischandra, o mais nobre e honrado entre os homens? Ó qual foi o destino trazido à nossa família! Meu filho está morto, e eu estou para se executada, e o grande e nobre rei Harischandra foi reduzido ao estado de um candala, queimando copos em crematórios? Por que os Deuses estão nos colocando em tal teste?”

Então Harischandra pensou, “Venha, minha rainha. Isto é o bastante. Vamos acender a pira para nosso filho, Rohitasva e nós também seguiremos com ele para os céus. Juntos deixaremos o mundo.”

Harischandra começou a acender o fogo, quando Msvanitra veio e disse, “Ó candala. O que você está se preparando para fazer?”

Harischandra respondeu, “Minha esposa e eu agora entraremos na pira funerária. Paguei meus débitos. Não devo a ninguém. O sofrimento que nossa vida se tomou, ninguém sabe. Agora iremos para nosso descanso final.”

Msvanitra disse, “Por toda a sua vida você nunca renunciou a verdade. Agora, mesmo em face da maior adversidade você permanece firme em seu voto de verdade! Vasishta está certo. Você é o homem que permanece uno com a verdade. Eu aceito minha derrota diante do grande Guru, Vasishta. Eu devolvo seu reino, e admito que a Verdade é sem dúvida o mais forte poder sobre a terra. Agora por favor peça sua licença ao candala.”

Justamente então o candala apareceu. Harischandra olhou para ele e disse, “Ó candala, por favor liberte-me de todos os meus débitos.”

Então ele observou o candala tomar-se o Senhor Shiva. E Shiva disse, “Sim, Harischandra, você está livre de todos os débitos.”

Então Msvanitra disse, “Vamos chamar o Bahmin e sua esposa e pedir que perdoem qualquer débito por sua esposa e a criança.”

O Bahmin, e sua esposa vieram, e Harischandra disse, “Por favor livrem-nos dos débitos de nosso Kama. Ele olhou e o Bahmin tomou-se o Senhor Msnu, e sua esposa tomou-se a Deusa Laksni. Eles os abençoaram e disseram, “Sim, vocês todos estão livres para ir.”

Então Msvanitra disse, “Agora Harischandra, eu dou à você a minha bênção e liberdade de todos os débitos. Aceito perder de Vasishta. A verdade é sem dúvida a maior força do universo!”

Então Vasishta veio juntar-se na reunião, e disse, “Msvanitra, hoje você tomou-se um Bahma Rsi! Hoje você mostrou a mais importante qualidade de um Brahmin, a compaixão e o perdão. Por muito tempo você viveu no egoísmo de suas próprias ligações, juntamente com a ira e sem humildade, pensando que você podia controlar eventos pelo poder de sua própria vontade, você não podia tornar-se um Brahma Rsi. Mas por perdoar Harischandra, você teve exemplificada a verdadeira qualidade um Conhecedor da Divindade Suprema, e agora eu certifico sua realização!”

Então os céus se abriram e Indra e todos os Deuses vieram e disseram, “Harischandra, você ganhou um perpétuo lugar no céu. Venha ao céu conosco!”

Harischandra disse, “Ó Deuses, ó Minis, ó Gurus: o poder de um rei vem das pessoas de seu reino. Vocês não podem separar um rei de sua nação. Toda ação íntegra que um rei realiza, ele o faz em nome de sua nação. Portanto, se alcancei algum mérito de algum ato que executei, não é para minha salvação pessoal. É para a salvação de minha nação. E se vocês me levassem ao céu, teriam que levar todo meu reino junto comigo.”

Indra disse, “Agora espere um minuto, rei. Isto é impossível! Olhe seu reino! Algumas pessoas são pecadoras, algumas são santas; a maioria das pessoas estão no meio. Algumas delas têm poucos méritos, algumas têm grandes méritos; como poderão todos irem para o céu? “

Harischandra respondeu, “Tome todos os méritos que eu obtive e divida com minha gente. Em lugar de levar um só homem ao céu por muito tempo, levamos a todos por um só dia! Dê de meus méritos: se alguém precisa de um pouco mais de mérito, deem que peguem um pouco; se alguém precisa de muito, deem que tomem muito. Deem que todos tomem o que precisarem e iremos todos juntos para o céu por um dia.”

E Indra disse, “Certo, eu concordo com isso.”

Harischandra tomou-se o rei mais uma vez, e suas roupas, ornamentos e coroa lhe foram devolvidos. Shaiya foi vestida como a Rainha de Ayodhya, e Rohitasha foi trazido de volta à vida e vestido e coroado como Príncipe. Então os três montaram em um carro aéreo, juntamente com Vasistha, Msvanitra e os Deuses, e eles viajaram pelo ar até Ayodhya. Quando eles pousaram no meio da cidade, os ministros vieram correndo para fora do palácio. Toda a cidade veio saudar o grande rei, e com alegria deram as boas vindas à família real.

O rei perguntou, “Tudo certo, minha família-nação, quem quer ir ao céu? Qualquer um pode vir se quiser ir ao céu por um dia. Terminem seus afazeres, amunem suas bolsas, limpem-se totalmente de seus velhos kamas, e venham juntos!”

E alguns dos cidadãos disseram “Eu não posso deixar minhas ligações!” e outros disseram, “Sim ! esta é uma grande idéia! Vamos!” E outros disseram, “Tenho muitas posses que não quero deixar.”

Assim todos que desejaram colocaram seus afazeres em ordem e deram suas casas e propriedades para quem eles quiseram e deram seus negócios para quem eles quiseram e cuidaram de completar seus afazeres. Então o rei Harischandra junto com sua esposa e filho e todos os cidadãos do seu reino que desejaram ascenderam ao céu, onde ficaram um dia na Bem-aventura da Infinita Consciência.

A História de Ganga

Na noite de lua cheia do mês de Kártika, Radha e Kíshna, juntamente com as Gopis, Deuses e Deusas, Yaksas, Kinnaras, Gandharvas e Apsaras, todos se engajam na Rasa Lila, a dança divina e drama de néctar imortal. Quando Saraswati cantou sua bela canção, Brahma tornou-se tão encantado que ofereceu-lhe algumas jóias e gemas, e igualmente Mihadeva e Kíshna e todos os Deuses e Deusas lhe presentearam em agradecimento à bela canção que ela cantou. Então Brahma pediu, “Shiva, poderia por favor, cantar uma canção para nós?”

Quando Shiva começou a cantar, todos foram arrebatados pela doce qualidade de sua música. A canção era tão encantadora que Radha e Kíshna mergulharam juntos na Rasa, e eles ficaram tão cheios de néctar, que esta união tornou uma forma líquida e tomou-se conhecida como Ganga. Ganga nasceu da união da Rasa de Shi Krishna e Radha. Ganga cresceu transformando-se em uma bela jovem, e era muito encantadora.

Um dia, quando ela viu Kíshna sentado, Ganga tomou-se muito amorosa, e sentou-se ao lado dele. Estando cheia de desejo, ela olhou para ele timidamente, com muito amor e desejo em seus olhos. Neste momento Radha foi lá com todas as suas assistentes. Ela caminhou diretamente para seu lugar ao lado de Kíshna, olhou com os olhos vermelhos de raiva para Ganga, que imediatamente levantou-se, e então ela tomou seu assento. Ela disse, “Kíshna, nós somos mulheres. Somos naturalmente simples e ponderadas por natureza. Por que você excita esta jovem menina com paixão e luxúria? Eu tenho visto isso muitas vezes antes, e não vou tolerar mais! Eu vi você em união com Viraja, Ela quem é Livre de Paixão e Ligações. Quando Ela quem é Livre de Paixão e Ligações estava amando você, era a Consciência que estava em união sem ligação. Mas quando você ouviu que eu vinha vindo vê-lo em união com sua amada, por vergonha você correu para longe, e Viraja deixou o corpo dela e transformou-se em um rio, que mesmo nos dias de hoje corre perto de Jagannataha Puri. Quando eu voltei para casa, você foi novamente até Viraja e chorou, ‘Ó Viraja, Quem é Livre de Paixão e Ligações!’ E ouvindo sua voz ela veio e assumiu sua forma divina novamente. E você uniu-se com ela e deu-lhe sua semente, e desta semente nasceu Sagar, o Oceano.

“Outro dia eu vi você em União com Sobha, Esplendor. E quando você me viu vindo, novamente fugiu. Sobha, Esplendor, também por vergonha, deixou seu corpo e foi viver com a Lua. Por isso a Lua tem Esplendor. E então você dividiu o esplendor dela e deu um pouco para as gemas e jóias, algum para o ouro, algum para as pedras preciosas, alguns para as faces de belas mulheres, alguns para os corpos de reis.

Eu o vi novamente em União com Prabha, Bilho. Também por vergonha, Prabha deixou o corpo quando você fugiu. Então você dividiu a natureza dela e deu algumas das suas qualidades ao fogo, algumas aos Deuses, algumas ao Sol, algumas aos leões e algumas aos homens.

Outra ocasião eu o vi amando Santi, Paz. Ó Krishna, Divina Consciência, você estava tão absorvido na união com Paz, desfrutando ao máximo. Mas quando ouviu o som dos meus passos vindo, eu o vi correndo. Santi, também, deixou o corpo por vergonha, e este foi dividido e distribuído ficando um pouco para a floresta, um pouco para a Infinita Consciência, um pouco para a Mãe Divina, um pouco para os sadhus, um pouco para os seres sattvicos, e um pouco para Dharma.

Depois outra vez eu o vi em união com Ksama, Paciência ou Perdão. Você nem mesmo notou que eu estava chegando, e quando eu vi você dois em união, juntos. Seu corpo ficou escuro de vergonha. Ksama também deixou o corpo por vergonha, e você a dividiu entre as pessoas dharmicas e religiosas, entre os Deuses, Rsis e sadhus.

Agora eu entendo perfeitamente o que você está tentando fazer com esta jovem Ganga! Eu não concordo com este tipo de comportamento! Pensar que você iria agir assim em nossa própria casa e não menos! Você está constantemente flirtando com toda fêmea que chega. Você não tem respeito! Não tem vergonha! Você faz tudo o que pode para me deixar irada. E agora em minha ira, irei sorver esta Ganga em um gole!

Quando Ganga entendeu como Radha podia manifestar a ira dela, Ela se refugiou nos pés de Krishna. Ela retirou todas as águas dos três mundos para dentro dos pés dele e as escondeu ali. Imediatamente todas as águas de toda a terra, céus e atmosfera tornaram-se secas. Todos ficaram sedentos. Não havia água em nenhum lugar. Todas as águas estavam com Ganga escondidas nos pés de Krishna.

Então todas as pessoas da terra ficaram extremamente sedentas. Eles imploraram aos Deuses em agonia, “Por favor, salvem-nos! Mesmo a terra está ressecada por falta de água. Todas as plantas, animais, todos os seres vivos sobre a terra, tudo o que existe precisa de água. Por favor ajudem-nos!”

Os Deuses vieram até Radha e Krishna e cantaram um grande hino de louvor. Ouvindo as súplicas dos Deuses, Radha e Krishna perguntaram “Qual é a dificuldade?”

Rapidamente os Deuses responderam “Onde está Ganga? Sem Ganga iremos todos perecer de sede. Mesmo agora toda a vida na terra está clamando por água. Por favor se vocês sabem porquê Ganga está se escondendo, revelem-nos o seu esconderijo e a causa de sua retirada. Nós rapidamente removeremos todas as dificuldades dela, assim ela irá novamente nutrir os corações da criação.”

Krishna respondeu, “Ganga está se escondendo em meus pés por medo da ira de Radha. Digam a Radha para não se irar com ela, e estou certo que ela virá solucionar suas dificuldades.”

Brahma disse, “Radha, você é a mãe de Ganga. Você não pode prejudicar sua própria filha. Por favor deixe-a vir para nutrir a criação. Nós a daremos à Narayana como sua esposa, e ela também se casará com Shiva. Ela pode também se casar com Sagar, o Oceano, e de todas as maneiras nós a manteremos longe de seu Krishna. Mas por favor, você deve consentir que ela saia de seu esconderijo. Sem Ganga nós todos pereceremos!”

Radha concordou, mas Ganga ainda estava temerosa de ver a ira em sua face. Então Brahma colocou seu Kamandelu, o pote de água dos mendicantes, bem ao lado dos pés de Krishna, e Ganga saiu de seu esconderijo e diretamente ocupou o pote de água.

Brahma deu o pote de água para Narayana e disse, “Narayana, Ganga é uma Devi muito bela. Eu a salvei da ira do ciúme de Radha. Ela veio aqui por vontade própria buscar refúgio com você, assim, por favor case-se com ela conforme as regras dos Gandharvas para o casamento.”

Narayana ficou muito satisfeito em aceitar Ganga como sua esposa. Então eles ficaram muito tempo juntos em um feliz desfrute.

Assim Laksmi, Saraswati e Ganga eram as três esposas de Narayana representando os três gunas ou qualidades da Natureza em união com a Consciência. Laksmi é a pura e pacífica Sattva; Saraswati, a ardente e agressiva Rajas; e Ganga, a tola e dócil Tamás. Todas eram igualmente amadas e estavam igualmente perto de Hari, e todas residiam juntas na mesma casa em harmonia.

Mas um dia Ganga olhou arrogante para seu marido, Narayana, com um sorriso nos lábios. Quando Narayana viu isto, ele ficou surpreso e somriu também para ela. Laksmi viu este incidente, mas não se ofendeu. Saraswati, entretanto, sendo ardente por natureza, tornou-se extremamente zangada. Ela começou a sacudir tudo, e de muitos modos sua ira tomou-se conhecida. Laksmi, que é da qualidade pura e pacífica, começou a consolar Saraswati de muitas maneiras, mas a Raja de Saraswati não podia ser sossegada. Sua face tornou-se vermelha, ela tremia com sentimentos de paixão. Ela começou a ralar com Narayana. Ela o criticou por seu comportamento. Quando Narayana recebeu a maior parte da repreensão de Saraswati, ele parou por um momento, e, percebendo que este não era o momento apropriado de dar uma resposta, ele saiu, deixando o assunto esfriar.

Quando Narayana deixou a sala, Saraswati tomou-se destemida, e começou a tomar-se injuriosa e chamar Ganga de nones e proclamar, "Irei destruir seu orgulho hoje!" Com muita ira ela levantou-se e agarrou Ganga pelos cabelos e começou a puxá-la tentando golpeá-la. Laksmi interveio para tentar parar a luta, e Saraswati tomou-se violenta e amaldiçoou Laksmi: "Vendo o comportamento impróprio dessa buxa, você fica aí parada como uma árvore não dizendo nada em minha defesa, ou com seu modo sem graça, como um rio sem um curso próprio, você não fala desta injustiça; eu a amaldiçoô! Você descerá à terra e se tornará uma árvore e um rio!"

A Sattva Laksmi não disse nada em resposta. Ela segurou as mãos de Saraswati e permaneceu silente. Mas a tola Ganga tomou-se carregada de ira. Seus lábios começaram a tremer vendo a ardente natureza da Saraswati de olhos vermelhos, e Ganga também a amaldiçoou. "Você também se tornará um rio e irá para a terra, para as casas dos honens, e lavará as pilhas de pecados deles."

Recebendo a maldição de Ganga, Saraswati também respondeu com outra maldição à Ganga: "Você irá a terra e se tornará um rio, lavando todos os pecados da humanidade!"

Quando Narayana retornou à sala ele viu que suas três esposas tinham sido amaldiçoadas uma pela outra, e ele lhes disse, "Obviamente o mundo está precisando de vocês agora, e vocês devem todas ir e encarnar na terra. Quando por tomar uma esposa um homem não se torna feliz, imagine quão doloroso deve ser se tiver muitas esposas. Quando a casa está cheia de disputas, onde ele irá para encontrar a paz? A floresta é melhor para ele que sua própria casa. Os sofrimentos de doença ou veneno são toleráveis, mas as palavras de uma esposa briguenta são difíceis de agüentar. Aqueles que estão sob o controle dos humores de suas esposas, nunca encontrarão a paz até deixar o corpo. Eu não preciso de muitas esposas. Ganga, você vai se tornar a esposa de Shiva. Saraswati, você irá se casar com Brahma. Que a Sattva Laksmi fique aqui comigo. Aquele que tem uma casta e obediente esposa alcançará paz e prosperidade, realizará seu dharma e alcançará a liberação. Um homem com uma esposa estará no caminho natural de paz e harmonia. Muitas esposas serão um fardo para todos."

Então Narayana chamou Brahma, e disse, "Brahma, você trouxe Ganga aqui para ser minha esposa. Esta é sua responsabilidade. Agora eu a estou enviando para Shiva. Por favor leve-a e a entregue a Shiva."

Ganga entrou de novo no Kamandelu de Brahma e Brahma a levou com ele.

Kapila Muni Amaldiçoa os Filhos de Sagar

O filho de Viraja, Sagar, cresceu transformando-se em um dos mais fortes reis de Ayodhya. Ele tinha domínio sobre toda a terra. Certa vez quando ele estava realizando o Asvamedha, o Sacrifício de Cavalo, Indra veio e roubou o cavalo. Os filhos de Sagar imediatamente o perseguiram.

Indra fugiu com o cavalo roubado e o amarrou no portão de ashrama de Kapila Muni. Quando os filhos de Sagar alcançaram o ashrama, eles encontraram o cavalo roubado amarrado no portão. Entrando dentro do ashrama eles começaram a maltratar Kapila Muni: "Por que você roubou o cavalo de nosso pai? Você interrompeu o sacrifício, o que certamente não é uma conduta própria de um Brahmin. Agora iremos puni-lo e pegar o cavalo de nosso pai de volta."

Kapila Muni ficou muito zangado e disse, "Eu não roubei o cavalo de seu pai! Por que estão entrando em meu ashrama e perturbando minha meditação? Eu não sei nada sobre o seu cavalo!"

Os meninos disseram, "Esta é uma história altamente improvável, Muni! Aqui está o cavalo. Agora o puniremos. Não apenas você é um ladrão, como também é um falso e mentiroso! Você foi pego com o cavalo roubado, e ainda negou qualquer conhecimento! Certamente você será punido severamente por este mau comportamento!"

Kapila Muni disse, "Vocês duvidam da palavra de um Brahmin! Eu disse, 'Não roubei seu cavalo! Eu falei, 'Não sei nada sobre seu cavalo. E ainda assim vocês estão me insultando e insistindo em punir-me? Vocês não acreditam na palavra de um Brahmin? Eu os amaldiçô!"

Ele pegou um pouco de água em suas mãos e pronunciou a maldição, e jogando a água nos meninos, todos os sessenta mil filhos de Sagar foram imediatamente reduzidos à cinzas.

Quando Sagar soube da notícia da morte de seus filhos, ele começou a chorar. Deixando seu sacrifício, ele retirou-se para a floresta para realizar tapasya. Depois de algum tempo Brahma veio para dar-lhe um darshana e perguntou-lhe por que estava realizando tapasya

Sagar perguntou-lhe, "Como posso reunir-me com meus filhos?"

Brahma disse, "Você nascerá como o oceano, e quando Ganga vier para a terra, ela se casará com você. Quando ela se apressar em misturar as águas dela com as suas, ela passará no lugar onde as cinzas de seus filhos agora estão. Sendo tocados por suas águas purificadoras, as almas de seus filhos alcançarão a salvação, e os restos das cinzas deles serão trazidos para você no mar."

Sagar ficou muito satisfeito com esta notícia, e começou a realizar uma grande tapasya para pedir a Ganga para vir para a terra. Ele não foi bem sucedido nesta vida e deixando a forma humana, Sagar tornou nascimento como o oceano.

Seu sucessor, Anuman, continuou a tapasya para trazer Ganga para a terra, mas ele também foi incapaz de completar seu objetivo. Anuman foi seguido por Drip. Drip, também realizou tapasya com o mesmo propósito, mas ele também não obteve sucesso. O filho de Drip, foi Bhagiratha, que também realizou tapasya para trazer Ganga para a terra. Ele permaneceu sobre um só pé recitando os mantras de Ganga por milhares de anos. Obviamente na chuva, vento, granizo ou neve, Bhagiratha continuava sua disciplina sem falhar. Diariamente ele recitava o excelente hino de louvor à Ganga, que foi composto pelo próprio Narayana, com intensa devoção:

Sivasangitasammugdha srikrsnasanga samudbhavam
Radhanga dravasamyuktam tam gangam
Pranamayaham

Encantados com o canto de Shiva, Shi Krishna e Radha estavam banhando-se na transpiração de sua união. Para aquela Ganga nascida daquele suor, eu me curvo em reverência.

Yajjanma srsteradau ca goloke rasamandale

Sannidhane sankarasya tam gangam pranamamyaham

Cujo nascimento tomou lugar no festival de sentimentos de Radha (Rasa) nas regiões da Luz, quem sempre reside com Sankara, para Ganga eu me curvo em reverência.

Brahma ficou tão satisfeito com a devoção de Bhagiratha que veio e concedeu a desejada dádiva. Ganga viria à terra e lavaria os pecados dos homens. Mas ela viria à terra com tal força que lavaria mesmo a própria terra. Brahma disse, Chame o Senhor Shiva para casar-se com Ganga. Desta união ele será capaz de tomar um pouco da força dela e assim a vinda dela para a terra não destruirá a criação.”

Então Bhagiratha começou uma grande tapasya para o Senhor Shiva, e depois de milhares de anos Shiva ficou satisfeito e deu a visão de conceder a dádiva. Shiva, por favor tome Ganga como sua esposa. Una-se com ela e tome a força dela para que ela não destrua a criação.”

Shiva concordou em casar-se com ela e pegar suas águas em sua própria cabeça para deixá-las vir para a terra em velocidade menor. Então Ganga podia descer à terra sem destruir toda a criação.

Então Brahma disse para Ganga, “Tudo está arranjado. Você se casará com Shiva, como Nirayana falou. Você também descerá à terra e lavará os pecados dos homens, conforme a maldição de Saraswati. Então se unirá com Sagar, o oceano, e juntos, purificarão e nutrirão a terra.”

“Mas”, objetou Ganga. “Se eu descer à terra para lavar os pecados dos homens, minhas águas ficarão poluídas. Certamente me tornarei suja e um objeto de ódio e desprezo para todos. Se eu purificar os pecados dos homens, quem me purificará?”

Então Brahma pensou por um momento e respondeu, “Muitos sadhus e almas puras virão para suas margens e cantarão os nomes da Mãe Divina ou de Krishna ou Rama ou Shiva, ou outros nomes do Divino, seus divinos cantos purificarão suas águas e as farão o objeto do maior respeito. De fato nenhum puja será completo sem o oferecimento de suas águas. Não importa onde a adoração é realizada, sua presença será invocada.” Então Ganga ficou muito feliz, e concordou com os arranjos de Brahma.

Bali e o Avatar Vaman

Em certo tempo houve um ashura chamado Bali. Ele era extremamente dramático e um homem verdadeiro, embora fosse um ashura e representante das forças da dualidade. Ele observava o código de ética e mantinha sua palavra com a firmeza da verdade e honra. Nesta ocasião ele estava fazendo o sacrifício pelo qual tomar-se o Rei da Terra. Ele estava fazendo uma grande tapasya que estava assustando todos os Deuses, e todos os Deuses se reuniram e disseram, “Se Bali tomar-se o Senhor da Terra, então ele fará todos na terra negligenciarem os Deuses e adorarem as forças da divisão. Devemos parar esta tapasya. Vocês conhecem Shiva. Vocês conhecem Brahma; mesmo Vishnu está sujeito a dar-lhe a dádiva de sua escolha se ele não vacilar em seu sadhana. Devemos encontrar um modo de romper este yajña, e fazer com que esta adoração seja infutútera.”

Os Deuses foram até Vaikunta, a casa do Senhor Vishnu. Depois de cantarem um grande hino de louvor à Vishnu, os Deuses disseram, “Ó Senhor, Bali está fazendo um yajña pelo qual ele possa tomar-se o Senhor da Terra. Devemos encontrar um meio de detê-lo. Se ele tiver sucesso, ensinará a toda a humanidade a não adorar os Deuses, e não parará até que todos estejam tão enrolados na rede de seus kamas que digam ‘Quem tem tempo para adoração ou meditação?’ Por favor ajude-nos Senhor.” Vishnu pensou por um momento e então respondeu, “Tive uma idéia. Certamente posso colocar uma parada na ameaça de Bali tomar a terra. Deuses, ajudarei vocês em seus propósitos.”

Bali estava sentado no fogo sacrificial, oferecendo os mantras pelos quais ele poderia alcançar seus objetivos desejados. Vishnu assumiu o Vaman Avatar, a forma de um anão. Ele estava vestido como um Brahmin, usando uma mala de contas sagradas ao redor do pescoço. Ele estava brilhando com a luz da tapasya, radiante como a luz. E caminhou para a área sacrificial para perto do fogo ardente. Todos ficaram completamente espantados. A luz do pequeno anão era até mesmo maior que a luz emanada do fogo sagrado. Quando Bali viu o brilho do

visitante que tinha vindo abençoar o seu sacrifício, em tons majestosos ele deu as boas vindas ao anão e agradeceu-lhe por dar a benção de sua presença. “Peça-me uma dádiva,” ele disse de maneira real.

O anão, Vaman, respondeu, “Estou satisfeito com a devoção que você está mostrando neste sacrifício. Tenho intenção de abençoá-lo com a mais elevada realização. Veja, sou um pobre Brahmin, e preciso de um pedaço de terra onde posso manter meu corpo. Embora este corpo seja pequeno, quando eu quiser sentar-me para realizar alguma grande tapasya, alguém pode vir e fazer-me sair do lugar que eu estiver ocupando. Ó Rei, se você deseja conceder-me uma dádiva, então por favor dê-me um pequeno espaço para manter meu corpo.”

O rei Bali respondeu, “Sou o rei desta nação, governante das maiores terras e estados. Quando eu completar este sacrifício, serei o Senhor da Terra. Tenho sob meu comando aldeias, cidades e países. Sim, mesmo nações obedecem à minha ordem. Escolha qualquer pedaço de terra que você deseje, e eu certamente o darei a você!”

Então Vaman Avatar pensou por um momento e disse, “Ó rei, você pode ver que não sou um homem muito grande. De fato sou bem pequeno. Sou um Brahmin, e meu Karma me faz meditativo, e eu só quero praticar tapasya. Eu não tenho o temperamento para ser o chefe de uma aldeia, ou administrar uma cidade, ou mesmo governar cidades ou estados, e nem pensar em nações e impérios. Só quero um pedaço de terra o suficiente para sentar-me em meu asana em meditação sem ser perturbado! Ó rei, por favor, dê-me tanta terra quanto os meus pés cobrirem três vezes. Eu lhe peço três passos de terra.”

O rei disse, “Santo Brahmin, sou o governante das nações, a ponto de tomar-me o rei de toda a terra, peça aldeias para seu sustento, peça grandes pedaços de terra para seu ashrama. Peça cidades para seus devotos, você pode ter todas as áreas de montanhas, lagos, campos florescendo com a abundância da natureza! O que você fará com três passos de terra?”

“Por favor, desculpe-me rei, só preciso de um lugar para colocar meu corpo. Não estou preocupado em guardar tesouros para o futuro. Sou um Brahmin. Meu único dever é adorar Deus, não correr atrás de cidades e países de honras. Agora, se conceder-me meu desejo, conceda-me os três passos de terra, e aquele será meu lugar.”

O rei foi ao seu ministro buscar conselho. Ele disse, “Ministro, um Brahmin veio, com uma aura radiante. Eu o mandei escolher uma dádiva de mim, e ele pediu-me três passos de terra que pudesse chamar de seu, e assim ele poderia fazer tapasya sem medo de ser perturbado. Eu lhe disse para pegar toda a aldeia ou mesmo muitas aldeias, ou qualquer quantidade que ele queira. Ele respondeu que é um Brahmin e só deseja fazer tapasya, Ele não quer ser encarregado com a administração da vida de outras pessoas, ele não é um coletor de impostos, nem um banqueiro e nem um político. Tudo o que ele deseja é seu próprio espaço onde ninguém terá o direito de perturbá-lo em sua meditação. O que você acha?”

O ministro respondeu, “Não acredite nele. Há alguma coisa cômica nisso tudo. Ninguém tem a cobiça tão controlada. Não faça isso!”

O rei disse, “Eu já dei minha palavra que daria a ele qualquer quantidade de terra que ele deseje, e estou preso nesta promessa. Se eu não cumprir minha promessa e voltar atrás serei um mentiroso, e perderei os méritos que espero alcançar com este sadhana. Assim sou obrigado a dar os três passos de terra para ele.”

O ministro disse, “Se você cometer algum pecado, será possível fazer alguma compensação. Assim se você cometer o pecado de não cumprir sua promessa, poderá fazer uma compensação por isso. Mas não dê a ele os três passos de terra! Alguma coisa não está certa!”

O rei disse, “Fico muito apreensivo de incorrer a ira de um Brahmin por não cumprir a promessa que fiz anteriormente. Ele pode amaldiçoar-me em sua ira, e colocar-me em uma posição pior da que estou agora. Acho melhor dar isso a ele.”

O ministro deu sua licença com grande relutância. O rei retomou ao Brahmin e disse, “Está certo radiante Brahmin. Eu lhe concedo seu desejo. Escolha três passos de terra conforme seu desejo.”

Repentinamente a forma de anão do Senhor Vishnu começou a crescer inensuravelmente até que os seus pés cobriam toda a terra. E ele disse, “Este é o meu primeiro passo. Toda a terra me pertence.” Ele esticou seu pé

no ar, e aquele pé permeou o espaço oculto e alcançou os céus. E ele disse, “Este é meu segundo passo. Todos os céus me pertencem”

E virando-se para o rei Bali disse, “Ó Rei, com meu primeiro passo toda a terra me pertence. Com o segundo passo os céus me pertencem Onde mais darei meu terceiro passo? O que é deixado para ser chamado de meu?”

Bali, o rei, curvou-se nos pés do Senhor Vishnu e apontou para o topo de sua própria cabeça e disse, “Aqui meu Senhor. Por favor coloque seu pé sobre minha cabeça.” Então Vishnu colocou seu pé sobre a cabeça de Bali, e esta também tornou-se propriedade do Senhor.

Bem quando o pé de Vishnu foi através dos céus e continuou através do outro lado do infinito, Bahma estava sentado lá em sua residência em Satya Loka. Ele estava contemplando o cantar dos Vedas, quando repentinamente o pé veio diretamente do infinito, e entrou em Satya Loka, onde Bahma exclamou, “ Ó céus! Este é o pé de Vishnu! Que maravilhosa bênção! E ele pegou seu Kamandelu cheio com as águas de Ganga e começou a derramar aquela água pura sobre os pé de Vishnu em uma oferenda de hospitalidade que é o dever de qualquer chefe de família. Quando ele lavou os pé de Vishnu, as águas gotejaram para baixo, e Ganga voou pelo cosmos.

Ela veio dos pés de Vishnu e começou a ganhar velocidade em sua descida para a terra. Ela passou por sete Rsis que estavam meditando nos céus, a constelação da Ursa Maior: Vasistha, Visvamitra, Gautam, Bharadvadja, Atri, Jamadagni e Kasyapa. Ela lavou além de todos eles e nenhum dos Rsis poderia diminuir sua força. Ela continuou vindo com tal velocidade que eles tiveram ser levados para longe por ela , e assim eles a enviaram para Druva, a Estrela do Norte ou estrela Polar. Druva exclamou atemorizado, “Socorro! Não posso deter a força desta água!”

Agora Ganga estava caindo em uma tremenda velocidade, e ela era tão forte que todos saíram de seu caminho atemorizados. “Ela anastará qualquer coisa que esteja em seu caminho. Ninguém pode parar Ganga!”

Eles começaram a orar, “Shiva, por favor tone Ganga como sua esposa. Una-se com ela e tone a força de seu poder. Então mande-a descer à terra de um modo amável, assim ela não poderá criar nenhum dano.

Shiva concordou, “Tudo bem, eu virei e salvarei o universo.”

Sem temer ele tomou seu assento bem no meio do caminho de Ganga, e a deixou cair bem em cima de sua cabeça. Acertando na cabeça dele, a força dela foi quebrada, e ela verteu-se e desceu para a terra para cumprir a bênção dada para Bhagiratha. Este é o motivo de um de seus nomes ser Bhagirathi.

Deslizando sobre a terra, ela levou embora todos os pecados dos homens. Em seu caminho descendo as montanhas, ela nutriu e purificou a terra. Quando ela cruzou as planícies e vagueou através da grande terra de Bharat, a Terra Onde a Luz da Sabedoria Sempre Brilha, ela veio até as cinzas dos sessenta filhos de Sagar, o Oceano, que foram queimados pela maldição de Kapila Mini. Quando suas águas purificadoras tocaram aquelas cinzas, todas as almas daqueles filhos foram liberadas e se elevaram ao céu. Ganga pegou as cinzas daqueles filhos e os levou para o Oceano. Então o Oceano viu que Ganga vinha vindo carregando as cinzas de seus filhos mortos, e seu coração ficou cheio de alegria! Ele ficou muito feliz. Ele lembrou-se da dádiva que recebeu de poder casar-se com Ganga, e aceitou a sua amada esposa e permitiu que ela misturasse suas águas com as dele em um amável abraço.

Vedavati Amaldiçoa Ravana

Pulastya Mini tinha um filho chamado Vsravas. Jaya e Vjaya tomaram sua terceira encarnação como os filhos de Vsravas e sua esposa Kesini. Eles eram conhecidos pelos nomes de Ravana e Kuntlakama. Eles tinham um terceiro irmão chamado Vibhisana, que era dhármico por natureza e um grande devoto do Senhor.

Os três irmãos foram realizar severas austeridades, para propiciar o Senhor Bahma para a obtenção de poderes. Ao final Bahma veio e disse-lhes que pedissem dádivas. Ravana ganhou dez cabeças, assim ele seria invencível aos Deuses, e poderia tomar-se o governante sobre a terra e os céus. Kuntlakama desejou o assento

de Indra no trono do céu, mas Indra orou à deusa Sarasvati para por favor sentar-se sobre a língua dele, e no lugar do assento de Indra, ele pediu o assento de Indra, significando que ele iria permanecer sempre dominando. A pedido de Ravana, Bahma permitiu que Kubhakarna pudesse ser acordado por um dia, e então ele voltaria a dormir novamente. Vibhisana pediu eterna devoção aos pés de Rama.

Com a força destas dádivas, os demônios tomaram o governo do céu e da terra. Ravana comandou as forças para oprimir os seguidores de dhama, e os exércitos dos demônios dominaram todos os Deuses, Rsis e sadhus e fizeram todos subservientes ao trono de Lanka. Então Ravana pegou para si todos os tesouros dos três mundos e se orgulhava por causar sofrimento a todos os seguidores do caminho da verdade. O nome Ravana, significa "Causar choro."

O rei Hasvaroman tinha um filho chamado Kusadvaja. A própria Deusa Laksmi nasceu nesta casa e foi chamada Vedavati, a Personificação da Sabedoria. Quando Vedavati tornou-se uma jovem, ela tomou as bênçãos de seu pai e foi para a floresta realizar tapasya. Ela cantou mantras divinos com a mais sincera devoção, e tornou-se bela com a aura radiante de suas austeridades.

Um dia Ravana viu a bela Vedavati e ficou apaixonado. Ele a agarrou pelo braço e disse orgulhosamente, "Eu sou Ravana, o Causador do Sofrimento aos Deuses! Sou o Governante do céu e da terra, e o possuidor de todas as coisas belas. Portanto, você vem comigo para ser o ornamento de meu palácio."

Vedavati respondeu angustiada, "Pecador! Sou uma mulher pura, e não posso ser feita um objeto de sua luxúria. Você sujou meu corpo com seu toque impuro. Assim não posso mais continuar a usar este corpo contaminado por mais tempo. Mas prometo que retomarei para tomar-me a causa de sua destruição!"

Assim dizendo Vedavati dissolveu seu corpo no fogo da meditação, como Sati tinha deixado o corpo anteriormente, no yajña de Daksa.

O malvado rei Ravana exigia exorbitantes taxas de todos os cidadãos do universo. Mesmo os Deuses enviavam um tributo de taxas para Lanka. Então Ravana enviou mensageiros aos Rsis dizendo-lhes que pagassem as suas taxas. Os Rsis responderam que não tinham propriedade, e portanto eram incapazes de pagar. Ravana ainda assim exigiu as taxas, depois do que os Rsis declararam que a única coisa que eles tinham era o próprio sangue. Portanto eles feriram seus corpos e tiraram o sangue para enviar ao rei. Eles colocaram o sangue em um recipiente e o deram à Ravana, que deixou o recipiente sob a custódia de sua esposa Mandodari. Ele instruiu sua esposa a que não conhecesse o conteúdo daquele recipiente porque continha veneno, mas por curiosidade ela desobedeceu ao seu marido e provou o sangue dos Rsis. Imediatamente ela ficou grávida e deu nascimento a uma menina. Temendo a ira de seu marido ela colocou a criança recém nascida de volta para dentro do recipiente de onde ela tinha tomado o sangue.

Ouvindo a maldição dos Rsis de que, "Este sangue causará a deslocação ao país onde ele for mantido." Ravana enviou o recipiente para ser enterrado na terra de Mihila, para causar a destruição do rei Janaka, um ardente mantenedor do dhama. A caixa foi enterrada num campo na terra de Janaka, e uma grande seca sucedeu na terra. Os cidadãos sofreram muito por desejarem água, e os Bahmins instruíam ao rei que realizasse um yajña para trazer a chuva. Durante o yajña o rei ia arar um campo ao cantar de mantras védicos, e quando os bois estavam puxando o arado, o arado(Sit) prendeu-se em alguma forte e sólida substância debaixo da superfície. Quando os ministros descobriram a obstrução, eles encontraram o recipiente que era a casa da criança. Por isso Janaka chamou a esta menina de Sita, Ela quem se manifestou de Sit, e levando o bebe para casa a criou como seu próprio.

Enquanto isso toda a criação pedia pela libertação da opressão de Ravana.

A Maldição de Narada

Um dia Narada estava vagueando pelos Himalayas quando veio a um belo rio. A visão das montanhas e os rios, as florestas de árvores, o encheram de inspiração e ele sentou-se e começou a meditar no Senhor. Temendo que o sábio celestial estava perto de usurpar sua autoridade, Indra enviou o Deus do Arco junto com

seus cúmplices para tentar perturbar o meditativo muni. O Deus do Amor tentou com toda sua capacidade excitar a mente do meditativo muni, mas Narada estava tão profundamente sintonizado que não podia ser perturbado.

Reconhecendo sua derrota, o Deus do Amor caiu aos pés de Narada e implorou perdão. Narada, que ficou imperturbado com o assunto. Deu suas bênçãos, e Amor retornou ao céu para falar com Indra e todos os outros Deuses sobre o acontecido. Todos no céu ficaram surpresos e louvaram o sábio e o Senhor Vishnu, sobre quem ele estava meditando.

Depois disso, Narada foi ver o Senhor Shiva, e falou-lhe sobre sua experiência de vencer Amor. Shiva respondeu, "Isto que você me falou é maravilhoso, Narada, mas não deixe Vishnu ouvir sobre este incidente."

Narada concordou e partiu.

Algum tempo depois desta ocasião, Narada encontrou o Senhor Vishnu. Vishnu perguntou à Narada sobre suas aventuras e o que era novidade em sua vida. E sem pensar ou lembrar-se das palavras do Senhor Shiva, Narada narrou todo o acontecido. Vishnu imediatamente compreendeu que o orgulho tinha nascido no coração de Narada. Ninguém ode vencer Amor, exceto Shiva. A pessoa pode vencer uma pequena batalha, mas só Shiva pode alcançar a vitória. Então Vishnu pensou, "Devo cortar este egoísmo do coração de meu devoto." Então o Senhor colocou sua Maya em operação.

O Rei Silanidhi tinha uma bela filha chamada Visvamohini. Um dia Narada foi visitar o rei, e quando o rei apresentou sua bela filha para Narada, perguntou, "Qual será o futuro dela?"

O sábio olhou na menina e entendeu, "Quem se casar com esta garota se tomará imortal. Será adorado por toda a criação por todo o tempo." Então Narada disse ao rei que a menina era boa e seu futuro seria bom.

Narada saiu e pensou, "Tenho que criar um plano pelo qual esta menina me escolha como seu marido. Eu sei! Pedirei a Vishnu que faça de mim o homem mais belo. Eu irei ao Swayambara dela com as bênçãos de Vishnu e certamente Visvamohini me escolherá."

Narada foi até Vaikunta e cantou um hino de louvor ao Senhor Vishnu. Vishnu disse, "Você parece estar de algum modo ansioso, Narada. Qual é a causa desta perturbação de sua paz?"

"Vishnu", respondeu Narada. "Eu me apaixonei por uma bela princesa. Ela está para se casar logo, e eu vim aqui para conseguir suas bênçãos para que eu possa ser o mais belo homem no Swayambara dela, assim Visvamohini certamente me escolherá. Por favor conceda-me a mais bela aparência."

"Você não venceu o Amor na última vez que você me falou? Agora você está querendo uma dádiva especial para ganhar uma noiva? Está bem, eu lhe concedo a dádiva. Você terá a mais distinta aparência de todos os pretendentes do Swayambara." Assim falando, Vishnu transformou Narada em um macaco.

Narada estava certo de que era o homem mais bonito, e muito confiante ele foi ao Swayambara. Ele estava certo de que a princesa o escolheria. Além de tudo, ele tinha recebido a dádiva do Senhor do Universo.

A princesa pegou a guirlanda do casamento nas mãos, e começou a circular ao redor da sala. Todos os reis e príncipes começaram a chama-la em seus corações. Narada sentou-se erguido, muito orgulhoso da beleza com a qual tinha sido abençoado, certo de que a princesa o escolheria. A princesa veio diante dele, e para a surpresa de Narada, ela olhou para longe em aversão, e caminhou para escolher outro.

Narada ficou atordado de espanto. "Como poderia ela Ter passado por mim? Certamente sou o homem mais belo aqui presente. Quem mais recebeu a bênção de Vishnu? "Justamente então ele ouviu dois servos do Senhor Shiva rindo por detrás dele. "Como pode aquele macaco esperar ser escolhido como um pretendente a noivo?" E eles riam.

"Que macaco?" perguntou Narada duvidosamente.

Eles riam ainda mais. "Você, Macaco! Você não sabe como se parece? Vá se olhar no espelho."

Narada se apressou e correu para fora para ver seu reflexo na lagoa. A ira correu em suas veias quando ele viu o tuque de Vishnu. Ele pegou um pouco de água na mão e segurou no alto. "Então você quer humilhar meu orgulho fazendo-me de tolo? Vishnu, eu o amaldiço! Assim como você roubou minha esposa hoje, você também conhecerá a dor da separação de sua esposa! Como você me fez de tolo por fazer-me parecer um macaco, você terá que buscar a ajuda de macacos para alcançar seu propósito, e os macacos serão seus melhores amigos!"

Aceitando a maldição de Narada, Vishnu retirou sua Mîya. Quando Narada viu que tinha sido vítima de Maya, ele ficou cheio de remorso. Vishnu, entretanto o tranqüilizou e Narada deixou Satya Loka louvando a Deus.

Rama

Em tempos antigos, quando Svayambhuva Manu alcançou seu quarto estágio de vida, ele e sua esposa Satarupa foram para a floresta praticar austeridades. Eles realizaram muitas disciplinas por um longo tempo, depois disso Vishnu ficou satisfeito com eles, apareceu-lhes e mandou que escolhessem uma dádiva. Eles pediram que Vishnu encarnasse na terra como filho deles, e o Senhor concordou.

Em sua próxima vida Svayambhuva encarnou como Kasyapa Muni, o Pai da Criação, e sua esposa Satarupa tomou-se Aditi, a Mãe dos Deuses. Desde o Deus do Sol, por toda as gerações de Ikshvaku, os reis da Dinastia Solar reinaram em Ayodhya. O filho de Bhagiratha era Raghu, o rei de Ayodhya por quem a Família de Raghu é chamada. O filho de Raghu foi Arbisa, e filho de Arbisa foi Aja. Então Dasaratha seguiu como o Rei de Ayodhya. Dasaratha foi a encarnação de Svayambhuva Manu, e sua primeira esposa a manifestação de Satarupa.

Enquanto isso toda a criação orava ao Senhor para que tomasse nascimento para livrar o mundo do mal. Os Deuses foram até Vaikunta e pediram a Vishnu para que se manifestasse. Eles lembraram ao Senhor dos Mundos, as palavras de Bhrgu Muni, "Vishnu, eu o amaldiço! Repetidas vezes, quando a justiça retroceder diante da injustiça nesta terra, quando o dhama tomar-se fraco enquanto o adharma toma-se forte, então você terá que encarnar no útero de uma mulher, para nascer nesta terra e lutar com as forças da iniquidade, e novamente estabelecer os padrões de moralidade e devoção pelos quais a vida humana é distinguida da vida dos outros animais! Senhor, estamos sofrendo extremamente por causa do comportamento de Ravana. A terra não pode manter por mais tempo o fado dos pecados dele. Ravana recebeu a dádiva de que ele é invencível a todos exceto homens e macacos. Você prometeu a Svayambhuva e a sua esposa Satarupa que nasceria como filho deles. Eles já nasceram como os Reis de Ayodhya, Dasaratha e sua esposa Kausalya. Você por favor, tome nascimento como filho deles enquanto que nós, Deuses, assumiremos formas de macacos e ursos para ajudá-lo em sua divina tarefa."

O Senhor Vishnu concordou, e todos os Deuses se prepararam para ajudá-lo em seus vários papéis.

Dasaratha tinha outras duas adoráveis rainhas, Sumitra e Kaikeyi. Desejando Ter filhos, o rei pediu ao Rsi Sngi para realizar um yajña do Atharva Veda o qual produz um pote de pudim de arroz doce. Este pudim foi compartilhado com as três rainhas, e todas ficaram grávidas. Kausalya deu nascimento ao nobre e primeiro Rama. Então Kaikeyi deu nascimento a Bharat e Sumitra deu nascimento a Laksman e Satrugna.

Os quatro cresceram no palácio cercados de amor e alegria, e completaram sua educação no eremitério do Guru Vasistha. Retomando de seus estudos como homens crescidos, o Muni Visvamitra pediu a Dasaratha que enviasse seus dois filhos Rama e Laksman para ajudarem a proteger o sacrifício dele das forças de opressão de Ravana. Dasaratha tentou de todos os modos dissuadir o Rsi de levar os dois jovens que ainda eram inexperientes nos campos de batalha, mas Visvamitra insistiu. Então Rama e Laksman seguiram o muni até a floresta onde eles mataram Tadaka, um demônio canibal que perturbava muitos ascetas. Regozijando-se com a morte do demônio, Visvamitra iniciou Rama no uso de muitas armas divinas com as quais ele poderia matar demônios.

Rama e Laksman protegeram o sacrifício de Visvamitra matando Subahu e suas forças, e com uma flecha despachou o demônio Maricha voando milhares de milhas além do mar. Depois disso os dois irmãos seguiram o muni até Mithila, a Cidade do Rei Janaka, para presenciarem o espetáculo do casamento de Sita. O Rei Janaka tinha proclamado que quem pudesse erguer o arco de Shiva se tornaria ao marido de sua filha.

No caminho para a cidade de Janaka, Visvanitra contou para Rama e Laksman a história do descendente de Ganga, e Rama redimiu Ahalya da maldição do Rsi Gautam. Gautam a amaldiçoou a tornar-se uma pedra porque ela domiu com Indra. Chegando a Mihla, o rei Janaka saudou-os com grande respeito, e deu-lhes um bom lugar para descansar nos aposentos reais. Visvanitra enviou Rama e Laksman ao jardim real para colher flores para sua adoração. Lá no jardim Rama viu Sita em seu caminho para orar no templo da Mãe Divina Gauri. Quando Sita viu Rama e Rama viu Sita ambos não puderam pensar em nada mais. Cada qual reconheceu no outro o seu eterno parceiro. Sita orou para Gauri fazer de Rama seu marido, enquanto Rama prometeu que nunca teria outra para governar em seu coração.

No hall do Svayanbara, o grande arco de Shiva estava sobre uma plataforma no centro. Reis e príncipes de todos os mundos tinham se reunido lá. Mesmo os Deuses vieram dos céus para testemunharem o casamento de Sita. Um após o outro todos eles tentaram erguer o poderoso arco de Shiva, mas ninguém teve sucesso. Então Visvanitra deu sua ordem à Rama, "Levante-se Rama, erga o poderoso arco, case-se com a princesa e coloque um fim ao sofrimento de Janaka."

Rama levantou-se no meio da assembleia. Ele levantou o arco como se fosse um ramo, vergou ao arco para colocar a corada, mas com um poderoso rugido o arco partiu-se em dois. Sita veio adiante para adorar seu marido, e Laksman casou-se com a filha mais nova de Janaka, Umila, enquanto Bharat e Satughna se casaram com as sobrinhas de Janaka, Mandavi e Srutakirti.

Os quatro filhos retornaram para Ayodhya junto com suas esposas, e todo o reino regozijou-se. Então Bharat e Satughna foram visitar seu avô materno no país distante de Kaikya. Durante sua longa ausência, o rei Dasaratha teve uma conversa com o Rsi Visvanitra na qual o Rsi expôs o dever dos pais fazerem os filhos capazes, e então e então entregar a administração dos afazeres diários aos filhos e assim os pais podem buscar a liberação da alma. Inspirado pelas instruções do Rsi, Dasaratha discutiu o assunto com o Guru Vasistha, e sob a direção do Guru, convocou todos os cidadãos e reis tributários para uma assembleia.

Na assembleia foi unanimemente votado que Rama se tornasse o rei, e Dasaratha ficou muito satisfeito com a decisão das pessoas. O Guru Vasistha disse que o dia seguinte seria o melhor período para realizar a cerimônia da coroação, e que outra configuração astrológica auspiciosa estava longe. Portanto, todos os arranjos foram feitos. Apesar da objeção de Rama pela ausência de seus irmãos.

A serva de Kaikya, Manthara, ficou espantada com esta proclamação. Ela pensou que esta decisão era proposital enquanto Bharat estivesse longe para privá-lo do reino sem objeção. Nem mesmo ela podia desejar ver sua patroa Kaikya tornar-se serva da esposa rival, nem ver Bharat fraudado, sem seu reino. Assim ela instigou a fraqueza de espírito, Kaikya para conspirar contra as ordens do rei. Kaikya aceitou a serva como sua primeira simpatizante, e então fez dela um Guru para conseguir o trono para Bharat.

O rei tinha previamente oferecido a ela duas dádivas, que ela tinha se recusado a aceitar na ocasião, dizendo que falaria outra dia. Enganando o rei fazendo-o jurar por seu amor por Rama de que ele realizaria todos os desejos dela naquela noite, Kaikya pediu o trono para seu filho Bharat, e que Rama fosse banido para a floresta por quatorze anos, enquanto Bharat consolidasse seu poder. O rei foi pego em um dilema moral que ficaria com seu filho ou com a verdade.

De manhã quando Rama soube de seu dilema, ele imediatamente determinou-se a atuar de modo a provar a retidão de seu pai. Ele não deixaria nada manchar a glória de seu amado pai. Assim ele deu ao reino a notícia do momento e preparou-se para ir para a floresta. Quando Sita soube que seu marido iria para a floresta, ela também preparou-se para partir. "Onde quer que meu marido vá, em qualquer lugar que ele viva, lá estarei ao seu lado para mostrar-lhe meu amor e devoção."

Ouvindo que repentinamente Rama e Sita não seriam mais coroados como o Casal Real de Ayodhya, em grande ira Laksman desejou revoltar-se contra a injustiça do rei. Rama reprovou-o por seu mal entendimento, e pediu-lhe que ficasse no palácio para cuidar da família real em sua ausência. Mas Mãe Sumitra enviou Laksman para ser o servo de seu irmão. "Se seu irmão Rama está na floresta," disse ela, "então você não trabalha no palácio."

Assim Rama, Laksman e Sita foram para a floresta e começaram a visitar os Rsis e Sadhus. Lá eles ouviram as reclamações sobre o opressivo comportamento dos denônios, e Rama fez um voto de proteger todos os

seres da floresta. Por treze anos eles vagaram pela floresta e encontraram-se com santos e sábios, absorveram seus ensinamentos e protegeram os seus ritos religiosos. Onde quer que fossem eles lutavam contra a tirania do mal, e destruindo demônios, eles salvavam a floresta. Rama, Laksman e Sita recebiam as bênçãos de muitos grandes sábios como Bharadvaja, Atri e Anasuya, Sarbanga, Sabari, Sutiksna e Agastya. Lá também estavam muitos outros, muito numerosos para se mencionar.

Mirando no Panchavati durante seu último ano de exílio, a irmã de Ravana, a demônia Princesa Surpanakha espiou o eremitério dos três. Ela foi golpeada pela paixão ao ver Rama, e transformou-se em uma bela forma para seduzi-la. Rama recusou seu convite, assim como o fez Laksman também, depois do que, sentindo-se insultada a demônia princesa transformou-se num ogro para comer Sita. Então Laksman cortou o nariz dela com a espada.

A ferida Surpanakha apelou para a proteção de seus irmãos Khara e Dhusana, que eram os governantes da área. Ela disse que Rama e Laksman a tinham atacado sem que houvesse uma provocação, e que eles estavam amando para atacar a autoridade de Lanka. Khara e Dhusana imediatamente atacaram e Rama matou-os juntamente com todo os seus exércitos.

Então Surpanakha foi até Lanka pedir a ajuda de Ravana. Ela disse ao rei Ravana que dois honens estavam atacando seu reino, e que junto com eles estava uma bela mulher que deveria tomar-se um ornamento do palácio de Ravana. Com a instigação de Surpanakha, Ravana conspirou para roubar Sita.

Ravana ordenou ao mestre de mágicas, Maricha, filho de Tadaka que já havia testado a força das flechas de Rama, a assumir a forma de um cervo dourado. Nesta cativante forma, ele atraiu Rama e Laksman do eremitério. Vendo a oportunidade, Ravana assumiu a vestimenta de um velho sanyasi, e entrou no ashrama para roubar a desprotegida Sita. Rama e Laksman mataram o falso demônio disfarçado de um cervo dourado, e tendo que tivessem sido vítimas de um estratagema, eles se apressaram a voltar para encontrarem o eremitério vazio.

Eles vagaram de floresta em floresta em busca de Sita quando Sati desceu de Kailasa para testá-los. Deste modo eles buscavam em muitos lugares até que vieram ao demônio Kabandha. Mirando o demônio numa fogueira, eles liberaram o gandharva que tinha sido amaldiçoado pelo Mini Durvasa. Então o Gandharva direcionou-os para o ashrama de Matanga Muni para encontrarem Mata Sabari.

Encontrando Mata Sabari, Rama e Laksman aceitaram sua hospitalidade, e a instruíram no caminho da pura devoção. Então Sabari confidenciou as últimas palavras de seu Guru antes de deixar o copo há muitos anos atrás quando Rama, Laksman e Sita chegaram em Chitrakuta. Sabari tinha perguntado se ela poderia ir com ele, mas seu Guru, Matanga Mini respondeu, "Agora não. Não desperdice esta oportunidade. Rama e Laksman viram aqui em busca de Sita. Por favor diga-lhes que Hanuman e Sugriva os ajudarão a encontrá-la. Eles serão encontrados no topo da Montanha Rsayamuka." Desde este dia Sabari tinha se preparado para a vinda deles. Agora, tomando as bênçãos do Senhor Supremo, ela ascenderia para juntar-se ao seu Guru.

Rama e Laksman encontraram a Montanha Rsayamuka, encontraram Hanuman e fizeram uma aliança com Sugriva. Eles ajudaram Sugriva a reconquistara seu reino e o coroaram como o Rei do poderoso País de Kiskindha. Então as chuvas das monções vieram e Sugriva despendeu seu tempo em consolidar sua autoridade no novo reino, enquanto Rama e Laksman permaneceram por quatro meses na Montanha Rsayamuka, pensando em Sita e esperando a chuva parar.

Durante este tempo Narada veio até Rama e falou-lhe, "Eu conheço o modo de obter sucesso completo. Realize o Navaratri, voto de adoração no Outono, no mês de Asvin. Jejuando por nove noites, faça japa do mantra da Mãe Divina e realize a cerimônia de Homa no fogo sagrado. Se você realizar deste modo, com devoção sincera, você certamente derrotará Ravana e se reunirá com Sita."

Rama aprendeu o método de adoração de Narada, e observou sua execução nos mínimos detalhes. Na noite do oitavo dia lunar, a Deusa Bhagavati ficou satisfeita com sua adoração, e a Divina Mãe fez sua presença manifesta e ofereceu-lhe dádivas. "Ó Rama, você é a encarnação do Senhor Supremo. Você matará Ravana e se reunirá novamente com sua esposa Sita. É para este propósito que os Deuses pediram para você encarnar nesta forma. Agora o propósito da divindade deve ser realizado."

Recebendo a dívida da Mãe Divina, Rama enviou seu exército de macacos pelas quatro direções para buscar Mãe Sita. Na realização deste propósito Hanuman saltou sobre o oceano para achar Sita, e queimou a cidade dourada de Lanka.

Agora ciente do paradeiro dela, Shi Rama reuniu seu enorme exército de macacos e ursos na orla do mar, e enquanto os macacos e ursos construíam uma ponte através do oceano, Rama adorava o Senhor Shiva. Recebendo as bênçãos de Shiva, Rama levou seu exército através da expansão do oceano. Chegando na fortaleza da cidade dourada, um por um Rama e Laksman e os outros soldados do exército de macacos venceram os grandes guerreiros de Lanka. Por fim Rama matou Ravana, e ungiu Vibhisana como o Rei de Lanka. Tendo libertado Sita, Rama, Laksman e Sita retornaram para Ayodhya onde Rama foi coroado Rei.

Com a reunião da família, todo o reino de Ayodhya regozijou-se. Logo Sita ficou grávida, e Rsis e Minis das florestas vieram para Ayodhyaabençoar a família real.

Certo dia, tarde da noite, depois que o rei tinha se retirado, uma mulher veio ao portão do palácio buscando a ajuda do rei. Os guardas do portão disseram-lhe que era tarde e que o rei e a rainha já tinham ido dormir. Que por favor ela voltasse pela manhã. A senhora foi e não voltou na manhã seguinte.

Quando Rama ouviu sobre o incidente, ele quis saber quem era a senhora quem tinha sido negada sua assistência, e qual era o seu problema. Tinha ela encontrado uma solução? “Quando os cidadãos não estão confortáveis,” disse Rama, “o rei não tem direito de dormir em conforto. Não foi correto mandar a senhora embora. Vocês tinham que me acordar. Agora, encontrem aquela mulher. Saibam qual o seu problema e encontrem uma solução.”

Rama enviou seus espões por todo o reino para buscarem aquela mulher, mas não ficou satisfeito com as repostas que eles trouxeram. Então ele mesmo determinou-se a ir. Disfarçando-se como um negociante da aldeia, o rei vagueou de vila em vila para ouvir as conversas das pessoas. Em todas as partes entre os cidadãos isso era igual. A senhora que tinha ido ao palácio era a mulher do lavador. Ela tinha ido ao mercado na aldeia próxima, mas quando ela vinha para casa a noite começou a chover. O barqueiro disse à ela que não era seguro cruzar o rio durante a noite chuvosa, e ofereceu a ela para ficar a noite até a chuva cessar. Ele então a levaria para cruzar o rio de manhã. Quando ela chegou em casa, seu marido estava furioso. “Veja você,” disse ele, “isto é o que acontece quando os cidadãos seguem o exemplo de seu rei. Rama não pensou em nada ao trazer Sita de volta, mesmo que ela tenha vivido todos aqueles meses com o demônio Ravana. Agora, toda mulher terá uma desculpa para ficar toda a noite como ela queira, e os maridos não terão nada a dizer. Bem, eu não sou um rei. Assim no que me concerne, se minha esposa fica fora toda a noite com outro homem, ela pode muito bem ficar o resto de sua vida lá!”

Muitos dos cidadãos concordaram com o lavador. Rama mergulhou no oceano de desespero. Vendo o abatimento na face de seu marido quando ele retornou, Sita perguntou a causa de sua dificuldade. Rama não podia falar nada a ela, mas Sita olhou profundamente e entendeu toda a situação. “Meu marido e meu rei,” disse ela. “Em rei é empenhado à sua gente. Como pode você deixar a honra de uma mulher lançar sua sombra sobre a integridade do trono? A realeza deve permanecer completamente verdadeira para manter a verdade das pessoas. Um rei que não desfruta da confiança da sua gente não tem o direito de ocupar o trono.”

“Mas Sita, aquela mulher era inocente, e ela já tinha ido para outro país. Minha honra é que a ela foi negada a justiça enquanto eu descansava em meu leito. Além disso, mesmo se meus soldados a trouxessem para seu marido, se ele não tem confiança, poderiam eles manterem o casal vivendo juntos?”

“Eu não estou falando sobre a mulher do lavador.” Respondeu Sita. “Não há nada mais que você possa fazer por ela. Estou falando de Sita, sua esposa. Sua ligação comigo permite que os cidadãos dividam da integridade e da pureza do rei de Ayodhya. Olhe os exemplos de seus ancestrais. Recorde quão generoso foi o rei Shibi: Certa vez os Deuses apontaram Indra e Agni para testarem sua generosidade. Indra assumiu a forma de um falcão e Agni apareceu como um pombo. O pombo voou para dentro da corte e tomou refúgio com o rei, escondendo-se em seu colo para se proteger. O falcão o seguiu e insistiu que o pombo era sua comida lícita, e sem comida ele e sua família morreriam. Reconhecendo o dever de um rei de proteger aqueles que tomam refúgio nele, o rei Shibi ofereceu ao falcão alguma outra comida. O falcão respondeu que ele somente ficaria satisfeito com um peso igual da carne do rei para lhe servir de alimento. Então o rei colocou o pombo numa balança e começou a cortar pedaços de sua própria carne para colocar na balança e pesar igualmente. Mas não importava quanto ele

colocava, o pombo ficava mais pesado. Então o rei Shibi cortou sua própria cabeça para colocar seu corpo todo na balança. Foi quando Indra e Agni tomaram suas divinas formas, abençoaram o rei e o fizeram inteiro novamente.

“Meu rei, olhe o exemplo do rei Harischandra, que deu seu reino, vendeu sua esposa e filho como escravos, e até mesmo tornou-se um Candala dos solos de cremação para proteger sua verdade. Mesmo seu próprio pai, o rei Dasartha deu seu próprio filho, seu reino e sua vida para honrar a sua promessa. Mesmo você Rama, deu todas as coisas experimentando extremos sofrimentos na floresta para manter a palavra de seu pai. Não permita que todo este sacrifício seja jogado fora. Não destrua a reputação da Dinastia Solar. Não deixe a questão da pureza de sua esposa ou a ligação ao seu próprio conforto ficar no caninho de seu dever com sua gente!”

“Então o que devemos fazer Sita?”

“Há somente uma possibilidade, meu rei. Eu devo ir.”

“Sita deve ir? Impossível. Eu posso dar minha vida, mas não posso dar minha Sita.”

“Não, Rama. O rei é enpenhado com sua gente. Ele deve ser um sannyasy que se senta no trono. Ele não tem nada seu. Tudo que ele tem é mantido pela confiança de sua gente. Você não pode deixar este dever. Nem pode você trair esta verdade. Agora você deve permitir que Sita retorne para a floresta, enquanto Rama protege as pessoas de sua nação. Eu tenho somente uma prece a lhe fazer quando partir. Em todo tempo eu irei alegemente tomar nascimento para tomar-me a esposa de um marido divino como você. Mas por favor, em seu nascimento futuro, não nos deixe conhecer tanto sofrimento quanto nesta vida.”

Sita partiu para a floresta e tomou refúgio no ashrama do Rsi Valmiki. Valmiki a fez bem vinda com respeito e Sita começou a passar os dias de suas gravidez no eremitério da floresta. Enquanto isso, a vida no palácio tomou-se destituída de brilho. Rama tomou-se um asceta desapaixonado, dominando no chão sobre um tapete de grama Kusa, mesmo no meio do luxo e esplendor de Ayodhya.

Lavanasura

Um dia Chyavana Muni veio à corte de Rama buscando proteção. O malvado rei de Mathura, Lavanasura, tinha estado aterrorizando os Rsis da floresta. Agora, não era seguro para sadhus meditar na floresta. O asura tinha matado muitos munis e tinha aprisionado outros, e não havia refúgio para dhama em seu reino. Como poderia Rama ajudar?

O irmão mais novo de Rama, Satrugna, requisitou, “Posso Ter a oportunidade de servir?”

Rama concordou e realizou a coroação de seu irmão como o Rei de Mathura. “Após você matar o malvado rei do mal, as pessoas precisarão de uma administração eficiente para guiá-los no caminho do dhama. Portanto você deve tomar-se o rei.”

Rama presenteou Satrugna com muitas armas, e aconselhou-o a seguir as instruções dos Rsis. Ele também disse ao seu irmão que no caninho para fazer a batalha com o asura de Mathura, que ele deveria tomar as bênçãos de Valmiki Muni.

O Rei Satrugna saiu com seu exército em direção ao eremitério do Rsi Valmiki. Chegando ao ashrama do Rsi, o exército acampou, enquanto o Rei Satrugna foi tomar o darshana do Muni. O Muni o fez bem vindo com todo respeito e pediu ao rei que o ajudasse na realização de um rito. Justamente naquela manhã dois nobres príncipes da Dinastia Solar tinham nascido no ashrama. Iria Satrugna ajudar na cerimônia do nascimento? Com grande prazer o rei realizou as cerimônias de nascimento, e abençoou as crianças.

Satrugna tomou as bênçãos do Rsi Valmiki, e saiu para ajudar no serviço de Chyavana Muni. Com as bênçãos dos sábios, o rei Satrugna matou o malvado Lavanasura, e os descendentes da Dinastia Solar começaram a reinar em Mathura.

Lav e Kus

Rama e Sita tiveram dois filhos, Lav e Kus, que cresceram no ashrama do Rsi Valmiki com o amoroso cuidado de sua Mãe, mas a identidade de seu pai nunca lhes foi revelada. Suas vidas eram cheias com as bênçãos, e o Guru Valmiki ensinou-os a usarem todas as armas conhecidas. Eles tornaram-se mestres de todos os assuntos de um dharma de rei, e aprenderam a cantar toda a história do Ramayana composta pelo Rsi Valmiki.

Sita passou seus dias na vida do ashrama, realizando todas as tarefas sozinha, trazendo madeira, cozinhando, limpando e criando seus filhos. Nunca passou por sua mente desviar sua devoção dos pés de Rama. Rama passou seus dias administrando o reino e vivendo como um sannyasi mesmo enquanto no trono. Toda a família real estava tomada pela tristeza devido a ausência de Sita. Com a família real em sofrimento, as pessoas não podiam ser felizes, e mesmo embora houvesse abundância, paz e justiça, não havia alegria ou prazer. Um dia os cidadãos vieram ao rei Rama com o pedido de que a família real conduzisse uma celebração. Muitos anos tinham se passado sem nada público, e mesmo havendo paz e prosperidade em toda a terra os cidadãos desejavam participar de um grande festival. Assim as pessoas ficaram felizes quando o rei concordou em realizar o Asvamedha Yajña. Os arranjos foram feitos para o sacrifício, e todos os cidadãos e reis vizinhos foram convidados. Novamente havia excitação no ar de Ayodhya.

Então as pessoas começaram a especular, “Um rei não pode realizar qualquer sacrifício religioso sem sua esposa. Uma esposa tem uma parte igual em compartilhar qualquer atividade dharmica. Portanto se Rama está indo realizar um sacrifício, ele deve ter uma esposa. Quem sabe onde Sita está ou mesmo se ela está? Talvez nosso rei se case novamente.”

Quando as notícias de rumor chegaram ao rei, ele ficou aflito. “Como pode as pessoas terem um coração tão duro?” ele pensou. “Sita nunca deixou meu coração nem mesmo por um momento, e eles estão pensando que irei casar-me com outra.”

Então Rama tinha uma imagem de Sita preparada e colocou-a sobre a plataforma onde ela se sentaria. Todos os cidadãos ficaram maravilhados com a firme estima que Rama mantinha por Sita. Eles proclamaram, “Nosso rei deu grande honra a todas as mulheres por este ato. Ele nunca duvidou de Sita nem mesmo por um momento, ainda que tenha sacrificado sua própria felicidade e a dela devido as dúvidas das pessoas. Que honra para as pessoas terem semelhante rei.”

O Guru Vasistha oficiou as cerimônias, oferecendo oblações no fogo sagrado enquanto cantava mantras Védicos. Uma coroa dourada foi colocada sobre um cavalo branco. Sobre a coroa estava inscrito o desafio: ‘reconheça a soberania de Ayodhya ou prepare-se para a batalha.’ O cavalo era libertado para correr para onde quisesse e era seguido por um grande exército. O cavalo vagueou ao redor de todo o continente e nação após nação rendeu-se à supremacia de Rama. Finalmente o cavalo e o exército retornaram para Ayodhya onde o sacrifício seria completado. Era a última noite da jornada, e todo o exército tinha acampado perto do eremitéio do Rsi Valmiki. Então as crianças brincando espiaram o cavalo. Lendo o desafio escrito sobre a coroa dourada, Lav e Kus pegaram o cavalo. Os soldados que guardavam o cavalo disseram aos meninos que dessem o cavalo de volta, mas os dois jovens Rsis disseram, “Dê a Rama que gostaríamos de falar com ele. Dê-lhe para vir pessoalmente pegar o cavalo.”

Os soldados ficaram enfurecidos, “Não podemos dizer ao rei para vir aqui por causa de duas crianças brincando na floresta! Devolva-nos o cavalo ou os puniremos!”

“Se quiserem que nos punam mas não devolveremos o cavalo até que o rei venha buscá-lo.” Disseram os meninos.

Os soldados se apressaram para atacar, mas recitando um mantra, os Rsis os fizeram desmaiar. Uns poucos correram para falar ao Capitão da Guarda o que tinha acontecido. O Capitão ficou furioso e escoltou os soldados que estavam anedrontados com os dois meninos. Ele foi até onde os Rsis estavam mantendo o cavalo, e exigiu que fosse devolvido. Recebendo a mesma resposta, ele se adiantou para atacar. Repetindo o mantra, os Rsis o fizeram desmaiar também. Então o rei Satughna veio àqueles meninos. “Você é Rama?” perguntaram eles.

“Não. Sou o irmão mais jovem de Rama.” Ele respondeu.

“Não queremos qualquer disputa com você. Por favor volte e envie seu irmão Rama para nós. Temos uma pergunta que gostaríamos de fazer a ele.”

“Não posso falar ao rei para abandonar todos os seus deveres para vir para a floresta responder a pergunta de dois meninos! Devolvam o cavalo e vocês mesmos podem vir até Ayodhya e fazerem a pergunta.”

“Ele está tentando nos enganar, Imão. Disse Lav. “Não acredite nele.”

“Não se preocupe, Lav.” Disse Kus. “Não confio nele. Ele é um soldado muito esperto. Ele poderia nos levar ao rei e nos punir sem responder nossa pergunta. Não, rei Satughna, não iremos com você para Ayodhya. Por favor volte e diga ao Rei Rama para vir aqui!”

Satughna se preparou para atacar, mas repetindo o mantra os Rsis o fizeram desmaiar também. Um após o outro, Laksman, Bharat, Hanuman e Sugriva foram derrotados na batalha, e foram colocados sob o encanto do mantra dos Rsis.

Por fim Rama veio reclamar o seu cavalo. Justamente quando os lados estavam opostos para começarem a batalha, o Rsi Válmiki retomou ao ashrama para interceder. “Meninos, por que vocês estão lutando com nosso rei? O rei é o pai da nação. Lutar com seu rei é como lutar com seu próprio pai. Abaixem as armas!”

Lav e Kus abaixaram seus arcos e flechas, e se curvaram ante seu Guru, o Rsi Válmiki. “Agora,” continuou o Rsi Válmiki. “Por que vocês pegaram o cavalo do rei?”

“Queríamos fazer uma pergunta ao rei.” Responderam os meninos, e estavam com medo que ele não respondesse se fossemos até ele.”

“Qual é a pergunta?” disse Rama.

“Rei, ouvimos de Gurji que Shri Rama é o exemplo supremo de dhama, e nunca se desvia de seu dever em nenhuma ocasião. Então que dhama permite a um homem abandonar sua perfeita e legalmente casada esposa sozinha na floresta enquanto desfruta do reino, só porque algumas pessoas espalharam um tolo rumor? Nós aprendemos de nosso Gurji que um homem tem o dever de proteger sua esposa em todas as circunstâncias. Então como você pode ser o exemplo de dhama tendo deixado Sita ir sozinha para a floresta. Que dhama é esse?”

“O dhama de reis.” Respondeu Rama. “Um rei é um servo de seu povo. Ele deve ser capaz de sacrificar todas as coisas pela sua nação, até mesmo sua vida se requerida. Somente então alguém pode ser colocado como o governante de uma nação. Só então pode ser chamado de um rei.”

“Então a culpa pelo exílio de Sita não é sua. A culpa é das pessoas de Ayodhya. Ó Rei, nós sentimos pelas dificuldades que temos causado. Qualquer punição que você queira nos dar, nós prontamente aceitaremos.”

Lav e Kus libertaram todos os soldados do encanto dos mantras, e Rama pegou o cavalo e retornou para Ayodhya para completar o sacrifício. Então por ordem do Guru, Lav e Kus foram para Ayodhya e começaram a cantar o Ramayana. Em cada canto da rua, em cada quadra da cidade, a história do heroísmo do rei e a pureza de sua esposa fez as pessoas chorarem. Muitos cidadãos se arrependeram de suas partes no exílio de Sita e de privarem a família real da felicidade devido a um tolo rumor. Então o Rei Rama pediu aos Rsis para cantarem toda a história de Shri Rama. Eles falaram sobre o nascimento dos quatro irmãos, sua educação no ashrama do Muni Vasishta, como Rama quebrou o arco de Shiva e ganhou Sita, de seu exílio na floresta. Do roubo de Sita, da derrota de Ravana, e do retorno para Ayodhya. Então cantaram sobre a esposa do lavador e o exílio de Sita, e todos que ouviam suas canções estavam surpresos com a profundidade de seus conhecimentos e devoção. Ninguém podia resistir de se apaixonar por eles. Na conclusão eles cantaram o seu próprio nascimento no ashrama do Rsi, da pureza de Sita e o sofrimento de sua vida no exílio. “As pessoas tinham traído sua rainha com a mentira e era tempo de chamarem a Devi Sita de volta da floresta e dar-lhe a honra de seu lugar de direito no palácio. Ela é nossa mãe, e somos os filhos de Rama. Nós nos curvamos ao nosso pai.” Os dois meninos curvaram-se ante o rei de Ayodhya.

Rama disse, “Antes que vocês possam reclamar o trono do reino de Ayodhya, devem ser dadas algumas provas ao povo de que vocês são os verdadeiros herdeiros. Peçam a sua mãe para vir aqui amanhã para testificar que vocês são meus filhos e terem o direito deste reino.”

No dia seguinte Sita apareceu diante da assembléia da corte real. Todos os cidadãos de Ayodhya estavam presentes para ouvir o testemunho de Sita. Então Sita disse, “Se eu sou verdadeira, e nunca me desviei da devoção aos pés de meu marido Shri Rama, então deixe que a terra se abra sob meus pés e libere-me da existência manifesta. Eu nunca disse uma mentira, e nunca tive qualquer relacionamento com outro homem. Se sou verdadeira, então que a terra se abra sob meus pés e libere-me desta existência manifesta. Lav e Kus são os filhos de Rama. Eles são verdadeiros príncipes de Ayodhya, abençoados ao nascer pelo rei Satrugna. Se sou verdadeira, então que a terra se abra sob meus pés e libere-me desta existência.” Repentinamente a terra começou a trincar sob os pés de Sita, e então se dividiu. Justamente antes de Mãe Sita descer nas profundezas da terra, ela disse, e estas foram suas últimas palavras, “Rama, de todos os homens que caninharam nesta terra você é o mais nobre. Repetidas vezes eu encarnarei nesta terra onde quer que você se manifeste para desfrutar do privilégio de ser sua esposa.”

A terra tragou Sita, e Lav e Kus uniram-se ao seu pai, Shri Rama, para protegerem todos os cidadãos de Ayodhya.

Maha Bisa e Ganga

Muitos anos atrás na família de Ikshvaku, viveu um grande rei de nome Maha Bisa. Maha Bisa era um rei extremamente devoto, e tinha desenvolvido um tal poder espiritual que mesmo os deuses tomaram-se invejosos dele. Ele era tão firme na verdade e tão honroso em natureza, que podia mudar sua consciência à vontade. Ele desenvolveu tal equilíbrio e poder de vontade que ele podia ascender ao céu quando desejasse.

Um dia quando ele estava visitando o céu, ele viu Ganga. Ela pareceu-lhe muito bela. Ele olhou para ela e ela olhou para ele. Brahma viu isso e disse, “Ei, Maha Bisa, Grande rei, este não é o tipo de conduta que encorajamos no céu. Se você quer se comportar assim, porque não vai para a terra e seja um homem. Ganga, você também é melhor descer à terra e nascer como um homem e uma mulher. E ambos têm todo este assunto de relacionamento pessoal. Então podem voltar ao céu.”

Ganga e Maha Bisa ficaram muito tristes, mas eles tinham que obedecer às ordens de Brahma. Quando eles pediram licença, uma coisa muito interessante aconteceu.

Havia oito Vasus. O mais velho dos Vasus era chamado Dyau. Dyau significa os Céus, como no mantra ‘Santa Dyau, Santa Pthivim Pthu era outro dos oito irmãos Vasu. Seu nome significa a Terra. Um dia os irmãos estavam vagueando perto do eremitério de Vasistha, quando a esposa de Dyau viu Nandi, a vaca.

“Que bela vaca. Que vaca é aquela e que qualidades especiais ela tem?” perguntou ela ao marido.

Dyau respondeu, “Quem quer que beba o leite desta vaca, sua juventude nunca termina e ele vive no mínimo dez mil anos.”

Então a esposa de Dyau disse, “Meu querido marido, tenho uma amiga querida que ficaria muito gata de beber este leite. Por favor consiga aquela vaca para mim. Poderemos pegar algum leite da vaca e assim minha amiga ficaria livre de toda doença. Então ela pode viver por dez mil anos e ser jovem e bela. Nós também poderemos beber do leite!”

Dyau chamou todos os seus irmãos e disse, “Irmãos, vamos pegar aquela vaca.”

Assim os irmãos pegaram a vaca e começaram a ordenhá-la. Justamente então Vasistha despertou de sua meditação e olhando ao redor pensou, “Onde está minha vaca?” Ele olhou por todo o ashrama mas a vaca não estava lá. Então ele sentou-se em meditação novamente e pensou, “Onde poderia minha vaca ter ido?” Em sua meditação ele viu, “Ó os Vasus pegaram minha vaca!”

Imediatamente ele foi até onde os Vasus estavam, e ele pegou um pouco de água nas mãos e exclamou, “Vocês roubaram minha vaca! Vocês se comportaram como ladrões. Eu os amaldiço! Desçam à terra e vivam entre os homens!”

O sétimo irmão Vasu disse, “Nós não somos responsáveis, nosso irmão mais velho é que disse para fazermos isso. Estávamos somente obedecendo as ordens dele, assim não é nossa falta! Nós só fomos junto com ele. Por que deveríamos ser amaldiçoados, e como podemos nos livrar desta maldição horrível de viver na terra entre os homens? Os homens são insensíveis, e a vida na terra é cheia de ansiedade. Por favor dê-nos o meio de nos libertarmos.”

Vasistha disse, “Certo, vocês sete irmãos, se livrarão da maldição dentro de um ano. Mas Dyau, você é de fato o culpado; você viverá um longo, longo tempo na terra, e isto não será agradável. Você irá expiar seu mal comportamento.” Vasistha saiu, pegando sua vaca.

Quando os Vasus foram em seu caminho na terra, eles viram Ganga também em sua rota para a terra. Eles perguntaram a ela, “Onde você está indo, Ganga?”

Ganga respondeu, “Fui amaldiçoada por Brahma para ir à terra.”

Os Vasus disseram, “Nós também fomos amaldiçoados para irmos à terra pelo Mini Vasistha, Mãe. Poderia nos fazer um favor?”

Certamente, em que posso ajudá-los?”

“Mãe, somos Seres Divinos, residentes dos céus, criados no néctar por toda a nossas vidas. Não queremos nascer em qualquer útero terreno ordinário. Você poderia consentir em ser uma mãe para nos dar nascimento?”

“Claro.” Concordou Ganga.

E então eles Completara, “Mãe, Vasistha disse que nos livraremos da maldição de tomar um nascimento humano dentro de um ano, assim temos outro pedido a lhe fazer. Tão logo nós tenhamos nascido, nos mergulhe no rio de suas águas.”

Novamente Ganga concordou e disse, “Certo, aquele plano irá ser feito. Tão logo cada um de vocês nasçam eu os mergulharei no rio, assim vocês poderão retornar ao céu mais rapidamente. Eu farei isso para aliviá-los da maldição de Vasistha.

Este foi o plano que eles combinaram.

Visvamitra e Menaka

Antes de Visvamitra tornar-se um Brahma Rsi, existiram muitos, muitos obstáculos colocados em seu caminho. Por milhares de anos ele tinha se esforçado no caminho da realização e auto controle, mas Indra constantemente buscava meios de desviá-lo da meta. Certa vez quando Indra estava sentado no céu refletindo sobre este dilema, pensou, “Você sabe que Visvamitra Mini está realizando uma forte tapasya de ascetismo, certamente ele tentará vir para cá e tomar meu trono. Devo colocar algum obstáculo em seu caminho para humilhá-lo, e para deter seus esforços.” Assim pensando ele chamou Ramba, a Apsara, ou sedutora dos Deuses que manifesta a beleza. Ele disse, “Ramba, desça à terra e seduza Visvamitra e faça com que ele preste atenção em você. Faça-o parar sua tapasya, e parar de tentar ascender aos céus. Esta é minha ordem! Pegue-o com seu Amor. Pegue-o com sua Primavera. Pegue-o com todo o exército de cúmplices e qualquer outra assistência que você precisar, e faça aquele Rsi parar a tapasya!”

Como ordenado, Ramba foi para a floresta onde Visvamitra estava profundamente absorvido em meditação. Repentinamente o ar tomou-se cheio com os sons da primavera, e pássaros começaram a cantar. Abelhas começaram a zumbir, e havia uma fresca fragrância flutuando no ar. Uma música suave começou a tocar. Ramba mesma começou a cantar muito doce e graciosamente, e a dançar com toda suavidade. A medida em que a música tomava-se mais rápida, Ramba dançava mais ritmicamente. De todas as maneiras ela tentou desviar a atenção do Rsi de sua concentrada meditação, mas não importava o quanto ela tentasse, Visvamitra não se mexia. Então Ramba foi até onde o Rsi estava sentado em postura yóguica meditando, e colocou sua cabeça no colo dele. Nada aconteceu. Ela começou a massageá-lo e acariciá-lo e de todos os modos tentou desperta-lo para sua beleza

fascinante. Quando por fim o Muni despertou, ele olhou com assombro para a maravilhosa beleza da Apsara Ramba sentada com a cabeça em seu colo, que o convidava e o acariciava, e ele imediatamente entendeu toda a situação. Tomando-se muito zangado, disse, “O que! Você foi enviada aqui para parar minha meditação! Que tolo é Indra! Ele pensa que eu cairei nisso?”

Visvamitra olhou para ela com tal fogo de vingança, que a Apsara Ramba foi imediatamente reduzida a uma pedra. E Visvamitra voltou para sua meditação.

Indra olhou para baixo e exclamou, “Ramba! A gema de minha casa! A mais poderosa ama que eu tinha! A Beleza foi reduzida a uma pedra pelo poder da tapasya daquele Rsi! Eu não posso permitir que a um sadhu qualquer que realize tal disciplina que possa expor meu reino todo! Menaka!” ele ordenou. “Menaka. Ó Você que Vibra Com o Conhecimento!”

“Sim, meu Senhor,” Menaka apareceu com as mãos postas.

“Desça à terra e atraia a mente daquele Rsi!”

Menaka disse, “Ó Senhor, Ramba, a mais bela entre as Apsaras foi transformada em uma pedra por aquele Rsi! Por favor, Senhor, eu não quero tornar-me uma pedra. Por favor não me envie! Eu lhe rogo, Senhor, envie outra. Envie Gatachi ou Tilottama, mesmo Uvasi poderia ter muito efeito. Envie alguém, Senhor, mas por favor não me envie! Eu sinto muito. Não desejo tornar-me uma pedra ou ser reduzida a cinzas ao pé de um Rsi!”

“Não Menaka, esta é uma importante função. Este é seu trabalho! Pegue qualquer ajuda que precisar, mas faça o Mini parar sua meditação. Vá!”

Menaka não tinha outra escolha, senão obedecer. Quando ela se preparava para ir à terra, ela chamou todas as ajudantes do arsenal celeste. Ela começou a orar: “Ó por favor Senhor, protegi-me! Eu conheço o poder da tapasya deste Mini. Por favor não permita que ele me transforme em uma pedra.” E ela chamou Amor e disse, “Amor, por favor atire suas flechas naquele Rsi no momento apropriado, e assegure-se de acertar seu alvo! Faça-o se apaixonar por mim, e por favor não permita que ele me transforme em uma pedra!”

Menaka desceu à terra, e começou a praticar suas artes mágicas da sedução. Mas mesmo tentando o quanto podia, Visvamitra nem mesmo a via, de tão firme que ele estava na disciplina de sua meditação. Ele nunca nem mesmo uma vez tomou-se consciente da presença dela. Menaka dançou e cantou. Ela cozinhou deliciosas comidas e tentou de todo modo cativar o sentido daquele Rsi meditativo. Ela tentou realizar adoração a ele enquanto ele estava em meditação, mas ele permanecia inconsciente da presença dela. De todas as maneiras ela tentou cativar aquele Rsi, mas sem sucesso. Quando Visvamitra finalmente despertou de sua meditação, ela tentou habilmente colocar-se em seu caminho. Mas novamente ele caminhou passando diretamente por ela, sem o menor conhecimento de sua presença. Ela começou a servir aquele Rsi, de todas as maneiras ajudá-lo em suas metas. Ela começou a ajudá-lo em seu puja, pegando flores para a adoração e preparando seu asana. Visvamitra aceitou seu serviço, mas nunca nem uma vez, sentiu a mais leve mexida em seu coração, nem mesmo se deu conta de quem estava fazendo este seva.

Algum tempo se passou. Um dia Visvamitra foi ao rio pegar um pouco de água, onde Menaka estava tomando banho. Então o Deus do Amor, reconhecendo esta excelente oportunidade, rapidamente colocou a flecha com uma flor na ponta em seu arco, e a deixou voar com perfeita precisão. A flecha acertou Visvamitra, e repentinamente ele tomou conhecimento de Menaka e se apaixonou profundamente. Ele tentou meditar, mas viu que seu coração estava cheio de agitação, em todo o tempo Menaka caminhava em sua visão, e seu coração saltava de alegria! Menaka começou a massagear os pés deles de noite, quando ele tinha terminado sua longa tapasya. Ela colocava óleos perfumados em seu cabelo, e vinha mais e mais perto, a medida em que começavam a fazer tapasya juntos. Agora eles começaram a se sentarem juntos para meditar. Ela começou a participar de todos os pujas, e tomou-se a mais eficiente ajudante que um sadhu poderia desejar. De todo modo Menaka tomou-se a perfeita companheira, dando a ele sua rendição e apoio.

Algum tempo se passou. Visvamitra se apaixonou cada vez mais e começou a entregar-se aos encantos intencionais da bela ninfa celestial, a Apsara Que Personifica as Vibrações do Conhecimento. Depois de algum tempo, Menaka esqueceu-se da tarefa celestial pela qual Indra a tinha enviado. Ela entregou-se completamente a Visvamitra, assim como ele se entregou a ela. Logo eles estavam casados, e estavam cheios de alegria!

Sakuntala

Ménaka ficou grávida, e eles realizaram as cerimônias pré-natais da concepção para as preparações de dar à luz. Sem mesmo se dar conta, pouco a pouco Visvamitra começou a gastar mais e mais tempo com sua amada esposa, e cada vez menos tempo com sua adoração. Ele amava muito sua esposa.

Indra olhou lá do céu e ficou satisfeito.

No tempo apropriado, Ménaka deu à luz a uma bela menina. Visvamitra ficou cheio de prazer! A criança era radiante: concebida e nutrida no mais profundo respeito. Visvamitra realizou os pujas relativos ao nascimento da criança, e tornou-se perdido na bem-aventurança de sua vida de chefe de família.

Então Indra disse à Ménaka, "Seu trabalho está terminado. Você destruiu a meditação dele e o fez cativo das ligações. Minha querida Ménaka, você foi muito bem sucedida! Agora deixe a criança com Visvamitra e retorne ao céu."

Ménaka, que tinha se perdido na felicidade da fidelidade matrimonial, foi repentinamente chamada para a consciência da sua real situação. "Como eu posso deixar meu bebê recém nascido? Como posso deixar meu marido que tem se dedicado completamente à mim e confiado totalmente em mim? Que tipo de drama é esse?" perguntou ela desanimada. Este não é o drama de uma mulher e uma esposa!

Indra disse, "Você não é uma mulher nem uma esposa! Você é uma Apsara. Seu trabalho é fazer a litação do Senhor dos Devas, cativar as mentes dos Minis que se esforçam para tomarem-se Deuses através de suas tapasyas. Este é o seu trabalho. Você pensa que qualquer um que queira pode se aproximar dos céus sem ter as qualidades exigidas dos Deuses? Absolutamente não! Por isso vocês, Apsaras, devem ensinar a humanidade as lições de humildade, deixando-os saber que todos os que vivem devem atuar de acordo com a Natureza. Agora volte ao céu! Não se preocupe com os seus conceitos de certo ou errado. Podemos fazer alguma compensação mais tarde por algum erro cometido. Mas as leis do Karma e a supremacia do Destino são invioláveis. Agora deixe o bebê com o pai e volte para casa!"

Ménaka implorou, "Senhor, por favor, dê-me algum tempo. Eu não posso. Não posso deixar esta criança. Este bebê precisa ser alimentado por uma mãe. Como direi para Visvamitra, que confiou em mim e entregou-me seu amor puro, sem reservas. Certamente no fogo de sua ira ele iria me amaldiçoar, e transformar-me em uma pedra como fez com Ramba."

Indra ficou furioso. "Se você não voltar agora mesmo, então eu a amaldiçoarei e você se tornará uma pedra!"

"Ó Senhor, por favor, deixe-me ao menos falar com Visvamitra antes de deixá-lo e deixar nossa criança!"
"Está certo, mas não se demore!"

Ménaka foi até Visvamitra cheia de tristeza. "Meu marido. Tenho que lhe fazer uma confissão. Indra ordenou-me a vir aqui e destruir sua meditação. Este foi o propósito de nosso relacionamento. Agora que temos uma criança e você está comprometido com a vida de chefe de família, Indra ordenou que eu retorne para casa. Eu sei que você vai me amaldiçoar e transformar-me em uma pedra. Eu mereço isso. Meu comportamento não é apropriado para uma mulher, uma esposa ou uma mãe, e eu mereço ser amaldiçoada. Por favor vá em frente e me amaldiçoe. Isto faria minha consciência ficar melhor, recebendo o fruto próprio das sementes do Karma que semeiei. Gostaria que você me amaldiçoasse, porque sei que esta conduta traiçoeira é imprópria. Eu o amo muito meu marido. Eu amo nossa criança também. Mas se eu não voltar ao céu agora mesmo Indra me amaldiçoará e me transformará em uma pedra. Swaniji, seria melhor ser amaldiçoada por um marido correto, que por Indra por suas ações incorretas. Por favor vá em frente e me amaldiçoe."

Visvamitra olhou para Ménaka e disse, "Eu não a amaldiçoarei. Você fez seu dever, e isto não é errado. Você teve sucesso com a tarefa de Indra. Já destruiu minha meditação. Agora volte ao céu. Não consiga uma maldição de Indra e nem há necessidade de que você seja amaldiçoada por mim. Vá para o céu. Eu não preciso

de você. Você destruiu minha meditação e minha tapasya. Já teve sucesso. Agora vá! Pegue sua criança com você e vá!

“Muito, eu não posso levar a criança comigo. Ela tem que ficar na terra. Ela não é do céu, é da terra.”

“Então deixe a criança e vá. Faça o que você tem que fazer! Cuidar de uma criança é responsabilidade da mãe. Um pai não pode dar leite. Se você quer ir ao céu então vá em frente. Abandone sua criança na floresta. Eu continuarei a tapasya que você destruiu. Eu mostrarei a Indra! E Visvamitra saiu para a floresta para fazer tapasya.

Menaka começou a chorar. Ela fez uma cama de folhas no chão e deitou o bebê. Com muito sofrimento, Menaka muito tristemente ascendeu ao céu. Sozinho na floresta, o bebê começou a chorar. Um pássaro Sakun veio e abriu suas asas sobre o bebê para protegê-lo do sol do meio dia. Assim o bebê ficou nos pés do pássaro Sakun, que com as asas abertas o guardava como um sentinela.

Nesse momento, o Rsi Karva vinha no caninho com alguns de seus discípulos. “Pare!” disse ele. “eu ouço algum ruído entre as folhas da densa floresta.” Ele caninhou e olhou para baixo tendo a curiosa visão de uma bela criança sendo protegida pelas asas abertas de um grande pássaro. Ele cuidadosamente abaixou-se e pegou o bebê e o segurou perto de seu peito. Ele pensou, “Que bela e divina criança, sozinha na floresta, sem ninguém mas só um pássaro Sakun montando guarda com um sentinela! Certamente esta criança está cheia de algum grande Karma em sua história. Eu a levarei para casa e minha esposa irá alimentá-la.”

Ele levou o bebê para seu ashrama, e realizou as cerimônias pelo nascimento criança, e deu-lhe o nome de Sakuntala, Ela Quem Reside aos Pés do Pássaro Sakun.

Sakuntala cresceu no ashrama do Rsi Karva. Ela transformou-se em uma bela jovem cheia de sabedoria dos santos. Quando ela alcançou a idade de casar-se, a esposa de Karva disse ao Rsi, “Rsi, é hora de começarmos a pensar no casamento de nossa filha. Por favor encontre um marido digno para ela.”

O Rsi Karva disse, “Irei para a floresta fazer tapasya, meditarei para encontrar quem poderá ser o marido satisfatório.”

Então o Rsi juntamente com muitos discípulos foram para a floresta e começaram a fazer tapasya. Neste tempo o rei de Hastinapura, nascido na Dinastia Lunar, o Rei Dityanta veio para a floresta caçar. Um de seus ministros lhe disse, “Ó grande rei, lá está o eremitério do grande Rsi Karva, você deve ir lá prestar seus respeitos. Ele é um grande Rsi Védico, uma pessoa muito sábia e um honrado profeta.”

Dityanta foi visitar o eremitério do Rsi, e quando se aproximou do ashrama, ele viu a bela Sakuntala. Imediatamente seu coração estremeceu. Ele gaguejou por um momento e então disse para o amor de sua vida, “Ó Deusa, o que você está fazendo sentada sozinha na floresta? Qual o seu nome? Quem é seu pai? Onde você vive?”

Sakuntala com total equilíbrio disse, “Ó Rei, percebo que sua mente perdeu o controle. Sou Sakuntala, filha do Rsi Karva, que é meu pai e Guru deste ashrama. Sugiro que você espere algum tempo para o Rsi retomar, pois ele foi para a floresta praticar meditação. Quando você o encontrar esteja certo que ele lhe concederá o pedido pelo qual você veio aqui.”

O rei Dityanta era um homem jovem, muito belo, o mais nobre Rei. Ele olhou para Sakuntala e pensou, “Como posso esperar? Meu coração se partiu no momento que coloquei os olhos sobre ela. Certamente morerei se tiver que esperar mesmo mais um só dia antes de Sakuntala ser minha.”

Corajosamente ele disse, “Sakuntala, você se casaria comigo conforme as leis do casamento Gandharva? Estou certo de que seu pai aprovaria.”

O coração de Sakuntala foi roubado. Aquela noite Sakuntala foi visitar o pavilhão do rei, onde realizaram a cerimônia de casamento. Tendo consumado os votos matrimoniais, eles fizeram amor e Sakuntala ficou grávida.

Na manhã seguinte o rei disse, “Ó minha amada rainha, tenho que retornar ao meu reino agora. Tenho que preparar um local para você. Por favor use este anel com a insígnia real do meu nome inscrita nele. Eu

voltarei dentro de três dias para buscá-la. Entregando-lhe o anel, o rei partiu. Então o Rsi Karva retomou ao eremitério. Todos vieram saudá-lo, “Onde está Sakuntala?” disse ele. “Não é certo que minha filha venha saudar-me?”

A mãe disse, “Sakuntala ficou fora toda a noite. Ela não comeu nada e nem falou uma só palavra.”

“Traga-a aqui.” Disse Karva.

A mãe trouxe Sakuntala. Quando o Rsi Karva viu a face de Sakuntala, ele fechou os olhos e mergulhou na meditação. Com sua divina percepção na quietude da meditação, ele viu toda a circunstância. Ele abençoou sua filha e disse, “Sakuntala irá segurar a espada da dinastia lunar.”

Sakuntala entendeu que seu pai sabia de tudo. Eles decidiram esperar os três dias pelo rei Duryanta retomar, assim Karva iria dar as boas vindas ao noivo com a devoção de uma cerinônia Védica. Karva estava muito satisfeito. Com grande alegria ele preparou uma festa para todas as pessoas das vilas próximas, uma grande celebração em honra ao casamento de sua filha. Sakuntala estava profundamente perdida em pensamentos, ela não podia pensar em nada mais, a não ser no retorno de seu marido. Aquelles três dias pareceram uma eternidade!

No terceiro dia de espera, ela estava sentada na margem do rio, contemplando a face de seu amado inscrita sobre as águas. Ela estava perdida em meditação, sem conhecer nada mais, quando o Rsi Durvasa veio ao rio. “Minha jovem qual é o ashrama do Rsi Karva?”

Não houve resposta. “Onde é o ashrama?” Perguntou em voz alta, ficando irado por ser ignorado. “Eu perdi o caminho! Onde é o ashrama?”

Nenhum som entrou nos ouvidos de Sakuntala. Ela estava perdida em suas reflexões, ela apenas fitava as ondas das águas e sonhava em reunir-se ao seu marido.

Durvasa chamou outra vez com grande ira, “Jovem eu a estou chamando! É esta a hospitalidade que os Rsis da floresta mostram a Durvasa Mini? Você não conhece minha ira? Todos temem minha ira! Qual o caminho do ashrama?”

Ainda assim não houve resposta.

Durvasa ficou cheio de ira. Ele parou ao lado da margem do rio, pegou um pouco de água nas mãos e disse, “Você falhou em mostrar respeito ao sábio ancião! Você falhou em mostrar respeito a um hóspede em sua porta! Você ignorou a pergunta inocente que fiz! Eu a amaldiço! A pessoa em que você está pensando a esquecerá!” E ele jogou a água em Sakuntala que permaneceu totalmente inconsciente.

Mis duas de suas amigas que estavam sentadas perto dela, testemunharam a cena toda, e quando viram o Mini ir para a floresta, elas correram atrás dele e disseram, “Ó grande Rsi, por favor perdoe nossa amiga, Sakuntala. Ela está casada recentemente e foi deixada por seu marido. Ela está sempre pensando nele em quando ele voltará. Por favor retire sua maldição!”

Durvasa disse, “Bem este é certamente um comportamento melhor que o que sua amiga mostrou a mim. Mis uma vez que a maldição foi dada, não pode ser retirada. O que eu disse acontecerá. Mis devido a sua amizade, a humildade com que você está pedindo em favor de sua amiga, eu darei a você a dádiva que virá o tempo quando a pessoa com quem ela está sonhando encontrará algum objeto que inspirará sua memória. Então a maldição será retirada.” Assim dizendo, Durvasa Mini foi para a floresta.

Os três dias se passaram e tornaram-se três semanas, não havia sinal do rei. Quando três meses se passaram e não havia sinal do rei, Sakuntala estava começando a ter alguns sintomas da maternidade. Sua mãe disse ao Rsi Karva, “Ó Rsi, estou começando a duvidar se o rei Duryanta está realmente vindo para nossa filha. Talvez a tenha esquecido completamente. Agora nossa filha está começando a mostrar os sinais da gravidez. É hora de levarmos a casa do rei porque se ela está para ter essa criança, a criança deve nascer na casa do pai, não da mãe. Isso é muito importante para esta criança que é destinada a ser da família real. Rsi, é hora de enviarmos nossa filha à casa do seu marido.”

O Rsi Karva chamou dois de seus discípulos, “acompanhem nossa Sakuntala até o palácio do rei e digam ao rei que ele deve aceitar a responsabilidade do Karma que realizou, e aceitar sua esposa conforme nossas leis

da tradição Hindu. Não é digno de um rei comportar-se de tal modo irresponsável, tendo um relacionamento com uma menina Bahmin, e depois deixá-la sem mais nada dizer. Assim, agora, ó rei, faça o que é devido.”

Os dois eremitas escoltaram Sakuntala em sua jornada até o palácio do rei. O caminho passava pela densa floresta e então para a fronteira da floresta. Logo eles chegaram as margens do Rio Jamuna. Os três passageiros sentaram-se no barco para cruzar o rio. Quando o barqueiro conduzia o barco através do rio, Sakuntala ficou brincando com as ondas na água, deslizando sua mão na superfície, desfrutando do seu frescor. Ela nem mesmo percebeu quando o anel escorregou de seu dedo, e afundou nas profundezas do grande rio.

Quando finalmente eles chegaram em Hastinapura, os eremitas da floresta vaguearam entre os grandes bazares até chegarem ao palácio do rei. Os Rsis pediram para falar com o rei, e quando foram levados para a audiência, disseram, “Ó rei, fomos enviados aqui pelo grande Rsi Kárma, que lhe enviou esta mensagem. ‘Ó Rei, agora você deve tomar sua esposa, Sakuntala e assumir suas responsabilidades como um marido e um pai. Ela está grávida esperando um filho seu, e a criança deve nascer em sua própria casa. Agora, ó rei, por favor faça o que é próprio para manter as Leis do Dharma, como também honre minha filha.’

O rei Duryanta olhou para Sakuntala e voltando-se para os Rsis disse, “Vocês estão dizendo que ela é minha esposa? Eu não me lembro de nenhum casamento. Por favor diga-me, onde e quando nos casamos? Quem foi testemunha? Eu não me lembro de nada! Que coisa sem sentido é essa?”

Os Rsis foram incapazes de convencer o rei. Eles disseram, “Ó rei, somos Rsis da floresta, não iríamos mentir para você. Você se casou com a nossa filha, esta inocente menina de nosso ashrama. Agora tome sua esposa ou retornaremos ao Rsi e diremos que você se recusou a tomar sua esposa, e neste caso, ela será culpada e terá que viver sozinha, exilada na floresta. Agora rei, tome sua esposa!”

O rei respondeu, “Eu não sei o que vocês estão tentando conseguir aqui, mas lhes asseguro que terão uma decepção! Eu nunca vi esta mulher antes! Vocês estão tentando encontrar um marido para ela! Eu nunca me casei com esta menina. Bem, este rei não continuará a ouvir estas acusações injustificadas! Peguem sua filha e saiam!”

Os Rsis ficaram mortificados, quando Sakuntala falou, “Ó rei, eu confiei em você. Como eu poderia pensar que você me trataria com tal desrespeito? Agora eu lhe mostrarei a prova de nosso relacionamento. Você se lembra do anel que me deu? Você me disse, ‘Guarde isso minha amada. Eu retornarei em três dias. Irei apenas para preparar um lugar para você. Agora, rei, veja este anel!’

Ela esticou a mão para mostrar ao rei o anel com a insígnia dele, mas ficou surpresa quando viu que o dedo estava vazio! O rei disse, “Que anel você deseja mostrar-me? Mistre-me o anel! Se tenho um anel, mostre-me!”

Sakuntala disse incrédula, “Eu não sei onde ele foi parar!”

E o rei ficou zangado e disse, “Nem eu! Mistre-me o anel se quiser provar que sou seu marido! Que mulher imoral é você! Está tentando usar de subterfúgios e artifícios para fazer-me responsável por sua conduta imoral. Saiam de meu palácio! Isso é um ultraje! Voltem ao Rsi Kárma e diga-lhe para mostrar-me o anel!”

Então os Rsis voltaram-se e disseram, “Ó rei, nós acreditamos que esta menina está falando a verdade. Acreditamos que você receberá o fruto de seu Karma. Esta menina desonrada não voltará conosco. Se você não a tomar, ela terá que encontrar seu próprio caminho!”

Os dois eremitas viraram-se e saíram para seu ashrama. Sakuntala vagueou sozinha pela floresta em grande tristeza. Olhando dos céus, Menaka não podia ficar vendo o estado de sua filha. Ela desceu à terra e levou-a ao ashrama do Rsi Kasyapa, que era o pai dela. Menaka apresentou o avô à sua filha e pediu a Kasyapa que cuidasse dela. Recebendo sua garantia, ela retornou aos céus.

Recebendo uma respeitosa boas vindas do mais elevado dos Minis, Sakuntala ficou no ashrama. Kasyapa disse, “Todos os que estão tristes são bem vindos ao eremitério dos Rsis. Você pode ficar aqui, ter seu bebê, e nós ficaremos satisfeitos de aceitá-la em nossa comunidade.”

Sakuntala deu nascimento a um filho, e o Jata Karma, a cerimônia natal, foi realizada. O filho foi chamado Bharat, um nome do Sol, significando Ele Quem Manifesta a Luz da Sabedoria e o Calor da Devção. Sakuntala

criou a criança no ashrama do Mini, e ensinou-lhe todos os ramos de conhecimento. Ensinou-o a como pegar madeira da árvore e fazer ficar polida, e então a molhar e aquecer sobre o fogo para curv-la transformando num arco. Como cortar pequenos ramos das árvores para fazer flechas certeiras e fortes. Ela ensinou-o como atreusar as flechas de modo que nunca errasse a pontaria. E Bharat tomou-se o maior arqueiro de toda a Índia. Ela também ensinou-lhe as tradições de sua herança juntamente com o significado interior das escrituras, e assim a criança cresceu no ashrama aprendendo as lições de como proteger o Dharma.

Um dia uma estranha circunstância aconteceu. Um pescador estava pescando no Rio Jamuna, e em sua rede ele pegou um grande peixe. Quando ele levou o peixe para casa, ele o abriu, e dentro da barriga do peixe ele encontrou um anel de ouro. No anel estava escrito o nome de Dusyanta. Ele pensou, "Este é um inestimável anel e o nome de nosso rei está escrito nele. De nenhum modo eu poderia ficar com isso. Eu o entregarei ao rei. Talvez ele até me dê alguma recompensa por minha conduta. Se eu não fizer isso, posso arranjar problemas." Imediatamente o pescador foi ao palácio do rei, e disse ao guarda, "Guarda, tenho que ver o rei."

O guarda disse, "O que você quer dizer, pescador, que você quer ver o rei? A esta hora do dia, sem ter convocado, o que você quer para ter que ver o rei?"

O pescador disse, "Tenho algo importante para dar a ele, e devo fazer isso pessoalmente". O guarda chamou o ministro, e o ministro veio e disse, "Pescador, por que você quer ver o rei?"

Então o pescador respondeu, "Quando eu estava pescando ontem, eu peguei um peixe. E quando eu abri o peixe encontrei um anel dentro. Acredito que é o anel do rei, e quero devolver a ele. Quero que ele saiba que eu não roubei, mas o encontrei dentro de um peixe."

O ministro levou o pescador diretamente para ver o rei. Depois que o pescador contou a história para o rei, este olhou para o anel e imediatamente lembrou-se de Sakuntala. "Ó minha amada Sakuntala, minha esposa, onde está minha esposa?" Ele ficou tão feliz que deu uma grande recompensa ao pescador por ter encontrado o anel e o trazido para ele. Então ele chamou seus ministros e disse, "Ministros, enviem soldados por todo o reino. Temos que encontrar Sakuntala, minha esposa. Ela veio aqui depois que eu quebrei minha promessa de que retornaria ao ashrama dela dentro de três dias. Ela veio aqui e eu a insultei e a mandei embora! Ó minha deusa, que dificuldades ela tem experimentado! Que insulto eu cometi!"

Ele mandou todos os ministros juntamente com seu exército para procurar por todo o reino. Ele estava cheio de aflição e remorso. Ele não sabia que seu esquecimento foi devido a uma maldição do Rsi Durvasa.

Um dia seu ministro disse, "Ó rei, você não pode se sentar em seu palácio com este sofrimento. Você é a Inspiração e a Luz das pessoas. Venha, vamos caçar e esquecer estes problemas." O rei muito desanimado disse, "Tudo bem, mas meu coração não vai estar na caça."

Não obstante o rei foi caçar com seu ministro e a sua própria guarda pessoal. Ele foi mais e mais para dentro da floresta na busca de seu objetivo, até que o rei avistou um javali selvagem. Pensando que isso seria um troféu apropriado para ele, o rei começou a perseguir o animal. O javali começou a correr e se embrenhar na parte mais densa da floresta, com o rei o perseguindo. O javali estava correndo, enquanto o rei ia montado em seu cavalo mais e mais rapidamente. Deste modo o rei deixou sua área de caça, e foi para dentro da parte desconhecida da floresta. O javali correu para perto do ashrama de Kasyapa Mini, e entrou numa alameda dentro dos recintos do ashrama. O Rei veio montado em seu cavalo em quente perseguição. Ele puxou o arco e estava pronto para atreusar quando repentinamente um jovem veio para fora do ashrama e de pé diante dele disse, "Pare, ó rei! O rei puxou seu cavalo para parar, mesmo enquanto mantinha os olhos na sua mira, o javali, que estava tentando se esconder na alameda do Rsi.

"Esta é a floresta do ashrama de Kasyapa Mini, ó rei. E não é permitido caçar aqui. Este animal tomou refúgio em nosso ashrama e somos os sacerdotes deste ashrama. Nosso dever é proteger aqueles que vêm à nós buscando refúgio. Portanto, por favor, ó rei, retome, você não pode matar um animal neste lugar."

"Jovem eremita", disse o rei. "Eu não quero lutar com você. Por que está me mandando voltar? Eu sou o rei! Esta floresta e todas as outras florestas em meu reino são minhas. Eu estou perseguindo aquele animal, e vou matá-lo. Você não pode impedir seu rei de matar um animal em sua própria floresta."

O jovem eremita disse, “Ó rei, você se tornou muito orgulhoso de sua força e posses. Por favor lembre-se que é dever do rei proteger seus cidadãos. Não use sua força para oprimir outros. Este javali é um cidadão de sua comunidade. Você deveria protegê-lo. Mas devido a que você não está o protegendo, é meu dever como um eremita da floresta, proteger todos aqueles que são oprimidos. Este javali se refugiou dentro dos recintos deste ashrama, e aquele que toma refúgio no Senhor deve ser protegido a todo custo. Para lutar com ele você terá que lutar comigo primeiro!”

O rei disse, “Giança, você é só um menino pequeno! Não posso lutar com um menino pequeno, especialmente um eremita da floresta.”

O jovem disse, “Você é um grande rei, e é dever dos Brahmins proteger seu rei. Mas também é dever do rei proteger os Brahmins, especialmente quando eles são fonte de correta instrução. Assim por favor, ó rei, proteja nosso dhama, proteja os Brahmins, e deixe este animal oprimido, que buscou refúgio em nosso ashrama.”

“Fique de lado!” ordenou o rei.

O pequeno menino puxou uma flecha em seu arco. O rei disse, “Não posso lutar com um jovem menino como você. Abaixei meu arco, ou pegarei minha espada e quebrarei seu arco!” O rei elevou sua espada. O menino atirou sua flecha, que cortou a espada do rei em pedaços. O rei olhou para o menino assustado. “Eu sou Dasyanta, Imperador da Dinastia Lunar. Quem é este pequeno menino para cortar a espada de minha mão?” Ele elevou seu arco e puxando com a flecha disse, “Afaste-se, menino Brahmin! Eu vou pegar aquele javali!”

Então o jovem menino deixou sua flecha voar, a qual quebrou o arco do rei em pedaços. Ele pegou mais flechas e fez a silhueta do corpo do rei na árvore em frente a qual o rei estava. O menino disse, “Ó rei, o rei Ksatriya tem muito poder, mas os sábios Brahmins da floresta tem um poder ainda maior. É com as bênçãos dos Brahmins que os Ksatriyas reinam. Não abuse de seus privilégios reais, ou não terei escolha a não ser tirar sua vida.”

Justamente então, Sakuntala veio correndo para fora do ashrama. “Meu filho, pare! Você não pode elevar sua ama contra seu próprio pai!”

O rei olhou espantado. “Este é meu filho? Sakuntala! Minha esposa! Eu sinto muito por tudo que lhe disse! Eu sinto por não a ter reconhecido quando você veio a mim! E este é meu filho?”

Dasyanta abraçou Bharat, seu filho, e pediu perdão a sua esposa. Então Bharat e Sakuntala se uniram a Dasyanta quando ele se sentou no trono de Hastinapura. Que prosperidade o reino desfrutou enquanto Dasyanta era o rei! E quando Bharat foi coroado como Príncipe, e apontado para ser o sucessor do rei, todo o império se regozijou. Bharat conquistou toda a Índia desde os Himalayas até o grande mar, e fez todos os reis da Índia subservientes ao trono de Hastinapura. Em sua velhice, Dasyanta foi para a floresta praticar tapasya e por fim ascendeu ao céu.

Bharat Dá o Trono Para Santanu

Bharat tomou-se o rei de Hastinapura, que atualmente é conhecida como Delhi, e que rei ele foi! Mesmo hoje a terra da Índia é chamada Bharat, a Terra onde a Luz da Sabedoria sempre habita. Durante o reinado de Bharat havia paz e felicidade por todo o reino. Seu governo era preenchido com um rigoroso respeito ao Dharma.

Quando Bharat envelheceu, um dia ele foi até sua mãe e disse, “Mãe, eu tenho nove filhos. Qual deles deverá tomar-se o próximo rei?”

Sakuntala respondeu, “O mais ajustado entre eles.”

E Bharat disse, “Mas Mãe, eu tenho dificuldade de determinar qual dos meus filhos é o mais ajustado para tomar-se o rei.”

Sua mãe respondeu, “Vá e pergunte ao Rsi Karva o que fazer.”

Assim Bharat viajou até o ashrama do Rsi Karva, e curvando-se aos pés do Rsi disse, “Ó Rsi, você é o pai do meu conhecimento. Seja uma Luz para mim em minha escuridão. Eu tenho dificuldade de determinar qual de meus filhos é o mais adequado para tomar-se o rei de Hastinapura como meu sucessor.”

Karva disse, “Olhe para dentro. Deus certamente lhe dará a resposta.”

Então Bharat foi para a floresta e começou a meditar. Depois de algum tempo em profunda meditação, ele tornou-se iluminado e retornou ao seu reino em Hastinapura. Convocando uma assembléia de todos os reis vassalos, ele sabiamente proclamou a descoberta de seu conhecimento. “Um rei tem três deveres para com sua gente: a administração da lei e justiça; a proteção das pessoas e a preparação e indicação de um sucessor adequado. Pela graça de Deus, meu reinado foi próspero, tem estado seguro e o governo da justiça tem prevalecido. Meus dois primeiros deveres como rei foram cumpridos, agora, quando para o terceiro dever, o de apontar um sucessor adequado, decidi que nenhum de meus filhos são apropriadamente adequados. Portanto em no ashrama de Bharadvaja, há um jovem homem chamado Santanu. Eu o vi em uma visão que ele será o próximo rei.”

Tendo recebido uma maldição de Brahma, Maha Bisa tinha renascido como Santanu. Santanu foi trazido ao ashrama do Muni e coroado como Príncipe Regente e Herdeiro do Trono de Hastinapura. Quando Bharat deixou seu corpo, Santanu tomou-se o rei, e começou a reinar em Hastinapura e a conduzir a administração da justiça e ordem. Ele foi um grande guerreiro, e sem dificuldade foi capaz de proteger as fronteiras de seu reino.

Santanu Casa-se com Ganga

Um dia Santanu foi caçar na floresta, e quando ele foi montado em sua camuagem ao longo do Rio Ganga, deste Rio Ganga, subiu uma mulher muito bela, a própria Divina Ganga. Santanu olhou para Ganga, mas ele não podia recordar o amor anterior deles. Ele tomou-se hipnotizado por seu adorável esplendor. Ganga olhou para Santanu e reconheceu-o como Maha Bisa, mesmo neste presente corpo.

Santanu disse, “Ó Pessoa Bela, meu coração se encheu de amor. Não sei o que inspirou isso, mas por favor, tome-se minha esposa.”

Ganga respondeu, “Rei, Eu adoraria me tornar sua esposa, mas somente se você aceitar uma condição.”

Santanu respondeu, “Ó Amada, Querida de meu coração, diga qualquer condição que você queira. Eu aceitarei qualquer condição, se apenas você aceitar ser minha esposa.”

Ganga disse, “Primeiro você deve ouvir minha condição e prometer-me que você a cumprirá, e então eu concordarei em casar-me com você.”

Santanu disse, “Você tem apenas que dizer.”

Então Ganga disse, “Qualquer coisa que eu gostar de fazer, eu farei, e você nunca irá deter-me. No dia em que você tentar me deter ou questionar, ou de algum modo colocar qualquer obstáculo ou impedimento a minha realização, exatamente assim como eu vejo, neste dia eu lhe deixarei imediatamente.”

E Santanu disse, “Minha amada, não há nada que você possa desejar fazer ao qual eu coloque alguma vacilação. Você roubou meu coração. Eu concordo que você pode fazer qualquer coisa que queira. Eu me rendo a você completamente.”

Santanu e Ganga se casaram, e Santanu tornou-se perdido na alegria do amor. Ele fazia amor com Ganga todo o tempo, e ela respondia com a mais graciosa e sensual aceitação. Eles tinham o mais belo relacionamento e Ganga ficou grávida. O rei ficou dominado pela alegria! Realizando as cerimônias pré-natais ele alimentou todas as pessoas de seu reino e deu tremendas daksinas aos Brahmins. Todos deram suas bênçãos.

Quando a criança nasceu, o coração do rei pulou de alegria. As servas de ganga, a rainha, vieram ao rei e disseram, “Bdai! Amandara! Saudações ó rei! Um filho nasceu para você neste dia! Congratulações!”

Então o rei olhou pela janela e viu Ganga carregando o filho, o recém nascido, até a margem do rio. Ela atirou a criança nas águas violentas e a criança se afogou! O rei não podia acreditar. “Mulher má! Você matou nosso filho! Ele pensou. E ainda assim não disse uma palavra.

Depois de algum tempo, Ganga engravidou novamente. O rei ficou cheio de alegria! Um herdeiro para o trono! Depois que a criança nasceu, ele observou Ganga pegar aquele recém nascido também, carregá-lo até a margem do rio e jogá-lo nas águas para observar a submersão. O coração do rei se partiu em dois. E assim aconteceu com a terceira, quarta, Quinta, sexta e a sétima criança. Toda vez ele observava sua amada esposa pegar o recém nascido, herdeiro do trono, sua própria carne e sangue, e afogar nas águas do Rio Ganga. O rei olhava descrente.

Os sete Vasus já tinham se livrado da maldição de Vasistha de terem que ter nascimento humano quando o oitavo filho nasceu. Quando o oitavo filho, Dyau nasceu, e o rei olhou da janela e viu Ganga levando seu filho na margem do rio para receber o mesmo destino de seus irmãos, seu coração não pode agüentar mais. Ele correu para o rio e pulou na frente dela dizendo, “Pare! Você não pode fazer isso! Você já matou todos os meus sete filhos. O que eles fizeram a você? O que você está fazendo sua mulher má? Você está destruindo toda minha família! Pare com esta maldade!”

E Ganga disse, “Agora rei, você quebrou seu voto. Você prometeu nunca questionar-me ou me fazer parar o que quer que eu estivesse fazendo. Portanto, eu estou o deixando. Eu levarei este filho comigo e o alimentarei na floresta. Quando ele crescer, forte e independente, eu o darei de novo a você. Mas agora ele requer o amor e alimento de sua mãe. Mas agora você pode saber, os oito Vasus foram amaldiçoados por Vasistha Muni que teriam que nascer na terra. Para sete deles foi concedida a dívida de que sua estada estaria completa em um ano. Conforme combinado, aqueles sete Vasus tiveram que voltar ao céu por minhas ações. Agora esta última criança é sua. Ele será conhecido como Gangeya, Ele quem nasceu de Ganga. Também o chamaremos de Devavrat, O Voto dos Deuses. Depois que você pegar a criança novamente eu voltarei para minha morada celestial. Rei, recorde sua maldição como Mãe Bsa. Você deve permanecer aqui e completar seu Karma.”

Repentinamente Santanu ficou atordoado com a recordação. Sua mente tomou-se perdida em memórias tão distantes, e ele desprezou para pensar na promessa que tinha quebrado com sua esposa, Ganga. Igualmente ele pensou na sua própria perda e suas ligações aos seus filhos que tinham ido e a sua esposa que agora estava indo, e ele recordou sua amizade com os Deuses e da promessa deles sendo amaldiçoados a vir para a terra. Ele fitou Ganga em silêncio, e observou a medida que ela desaparecia no deserto junto com seu bebê.

Ganga levou a criança para a floresta e a ensinou como ser um rei. A criança cresceu forte, saudável e educado, tendo estudado com os mais finos Gurus disponíveis. Ele aprendeu amamentação de Parasuram, estudou as escrituras com Bhaspati, o próprio Guru dos Deuses. Ganga. Ganga viu sua saúde, riqueza e educação como possivelmente nenhuma mãe terrena podia fazer. Devavrat depois ficou conhecido como Bhisma, o Protetor da Dinastia Lunar, o Regente de Hastinapura.

O Nascimento de Matsyagandha

Muitos anos atrás no reino de Cheddi, havia um rei de nome Uparichara. Ele tinha uma esposa muito bela, cujo nome era Girika, que significa Das Montanhas. Girika tinha uma beleza radiante cheia de devoção, e ela amava seu marido muito, muito mesmo. Ele também, sempre pensava nela.

Um dia Girika acabou seu período menstrual, e tendo tomado banho, ficou cheia de desejo. Ela foi ao seu marido, o rei, e disse, “Marido, eu gostaria de ter um filho.

O marido respondeu, “Esposa, eu adoraria dar-lhe um filho agora mesmo, mas tenho algumas outras funções importantes para executar que não podem esperar. Nós fomos requeridos a oferecer uma cerimônia comemorativa em honra dos meus ancestrais mortos, o que precisa de certos tipos de carne para serem oferecidos em sacrifício. Eu irei à floresta caçar. Eu devo realizar isso por mim mesmo, pois o sacrifício é para a honra de meus ancestrais. Esta é a ordem de nosso Guru.”

Girika permitiu que ele fosse e ela manteve-se paciente. O rei foi para a floresta caçar. Depois de algum tempo ele ficou cansado de montar em seu cavalo, e sentou-se sob uma árvore para descansar. Ele começou a pensar no amor maravilhoso que ele compartilhava com Girika, e seu coração ficou cheio de amor. Ele pensou, “Como é maravilhoso Ter uma esposa vindo a mim cheia de amor e desejo. Todos no universo querem ser

desejados. Quando outra pessoa nos ama e nos deseja nós sentimos uma grande força e segurança. Então podemos dirigir esta energia para um nobre propósito. Não abençoado sou com tal amor!

Quando ele sentou sob a árvore pensando em sua esposa, ele ficou excitado e derrubou seu sêmen. Então ele pensou, "Ó perdi todo controle na contemplação de minha amada! Bem, este sêmen não deve se desperdiçar. Não deve ir sem dar fruto." Ele pegou o sêmen e o colocou numa folha. Ele dobrou a folha e chamou um falcão e disse, "Ó querido falcão, por favor leve este sêmen para minha esposa, Grika. Ela está pensando em mim e eu também estou pensando nela. Ela quer Ter uma criança. Fechada dentro desta folha está a criança que ela deseja, assim leve-a para ela imediatamente."

Obedecendo a ordem do rei, o falcão colocou a folha em seu bico e subiu no céu. Ele começou a voar por todo o reino de Cheddi, em direção ao palácio do rei Uparichara, onde sua esposa Grika estava pensando em seu marido. No caminho de seu vô, outro falcão o viu e pensou, "Hummm Que troféu tem este falcão em seu bico? Eu quero minha parte também"

Uma luta sucedeu-se no meio do ar. O falcão começou a bicar o mensageiro com tal ardor que destruiu o falcão mensageiro. A folha caiu de seu bico bem no Rio Jamuna! Então ambos os falcões, vendo que o troféu estava perdido pararam a luta e voaram para direções separadas.

Uma bela Apsara chamada Adhika desceu a terra num bom e belo dia de primavera, e decidiu banhar-se no Rio Jamuna. Ela começou a nadar e esguichar e divertir-se. Ela dançou com as flores e banhou-se no sol e pulou na água e tinha um tempo maravilhoso!

Sentando na margem do ri estava o zangado Rsi Durvasa. Ele estava realizando o Sandya Bandana, sua oração diária, e estava fazendo japa. Quando ele fez a japa, Adhika, a Apsara, estando cheia de amor e alegria, nadou e brincando segurou os pés dele. O Rsi levantou-se de sua meditação e disse furiosamente, "Que tipo de senhora é você para interromper minha meditação? Não sabe que sou o Rsi Durvasa? Ninguém pode se manter diante de minha ira! Você tem muita coragem de interromper minha meditação e meu puja nadando no rio como um peixe! Eu amaldiçoou você! Você se tornará um peixe!"

Adhika, a pobre Apsara começou a chorar. "Ó Rsi, eu não quis causar-lhe nenhum mal! Por que você me diz esta maldição de transformar-me em um peixe? Sou uma Apsara, uma bela serva dos Deuses. Não sou um peixe! Rsi, por favor tenha compaixão! Compaixão é a graça dos Brahmins. Por favor diga-me como posso ficar livre desta maldição?"

Durvasa olhou para jovem senhora que tinha uma beleza radiante e disse, "este peixe dará nascimento a duas crianças humanas, e então você poderá voltar aos céus."

Adhika, a Apsara olhou incrédula. "O que! Como pode um peixe dar nascimento a um humano? Sem falar em um humano, que dará dois humanos?"

O Rsi disse, "Assim foi dito , assim será. Seja um peixe."

A Apsara foi imediatamente transformada em um peixe. De fato não era tão ruim Ela mesma começou a desfrutar sendo um peixe. Ela podia nadar ao longo das margens do Rio Jamuna, e ouvir os mantras sendo cantados pelos homens santos que lá se sentavam. Ela começou a brincar nas águas sagradas do rio.

Um dia quando ela estava nadando, observou algo estranho parecendo uma folha. "Esta folha não é da floresta daqui," ela pensou enquanto pegava a folha em sua boca. Repentinamente ela a engoliu e ficou grávida com o sêmen do rei de Cheddi! Os dias se passaram e sua baniga ficou cada vez maior. Finalmente ela teve dificuldade em mover-se pelo rio. Ela cresceu mais e mais, e assim não podia nadar tão ligeira como de costume, estando neste estado de gravidez.

Um dia um pescador lançou sua rede no Rio Jamuna, e Adhika, o peixe, estava sem força para nadar para long. O pescador puxou a rede e encontrou este enorme e belo peixe. Ele levou o peixe para casa, abriu sua baniga e encontrou duas crianças humanas! Um era menino e a outra era uma menina. O pescador pensou, "Terho pescado nestas águas toda minha vida, mas nunca vi ou ouvi nada parecido com a história dessa pesca! Enquanto isso a Apsara, Adrika, se livrou da maldição e retornou ao céu.

O pescador realizou os samskaras do nascimento, dando uma grande festa, deu daksinas como presentes aos Brahmins, e deu boas vindas às crianças em sua nova vida na terra. Então ele pensou, “O que farei com estas crianças? Elas são a coisa mais maravilhosa como eu nunca vi ou ouvi em toda minha vida. Eu gostaria de ficar com o menino que é uma criança nobre e bela. Mas esta menina cheira tão mal, como um horrível peixe pode. Custaria de colocá-la de novo na água, porque não posso tolerar o cheiro!”

Então uma voz falou da nuvens do céu, “Pescador, Das Raj, não lance esta menina na água! O filho dela está destinado a ser um rei!”

“O que!” disse o pescador. “O filho desta garota mal cheirosa se tomará um rei? Então levarei estas crianças ao rei.”

O pescador levou as duas crianças ao rei Uparichara, o rei de Cheddi, e disse, “Ó rei, a coisa mais surpreendente de minha profissão de pescador do Rio Jamuna aconteceu hoje. Eu nunca vi ou ouvi nada assim em toda minha vida. Eu pesquei um peixe, o maior peixe que já vi, e quando abri a bodega do peixe, encontrei estas duas crianças humanas: um menino e uma menina.”

O rei olhou as duas crianças com assombro e disse, “Esta menina cheira como um peixe, assim vamos chamá-la de Matsyagandha, Ela Que Cheira Como um Peixe. O menino é realmente belo e formoso. Ele parece com o filho de um rei. Irei pegar o menino e criá-lo como meu, e o chamaremos Mitsya Raj, Rei do Peixe. Pescador, pegue a menina e a leve com você e a crie como sua filha. Eu mantereirei o filho aqui e o criarei como meu filho.” E foi isso o que aconteceu. Matsya Raj cresceu no palácio do Rei, e Matsyagandha tornou-se a filha do pescador.

Matsyagandha cresceu transformando-se numa boa jovem. Ela tinha uma beleza radiante, mas ninguém podia se aproximar dela pois ela cheirava como um peixe! Quando ela cresceu tornou-se uma grande ajudante de seu pai. Ela o ajudava a remendar as redes de pesca e a remar o barco. Ela o ajudava a preparar a comida e a limpar. E ela tornou-se cheia de devoção, Matsyagandha cresceu transformando-se em uma garota de beleza radiante.

O Nascimento de Veda Vyasa

Um dia o Mini Parasara veio na margem do Rio Januna e disse, ‘Pescador, poderia por favor transportar-me através do rio?’

O pescador respondeu, “Sinto muito, mas estou ocupado agora. Por favor perdoe-me, Mini. Não posso deixar o que estou fazendo agora. Se você puder suportar o cheiro, minha filha, Matsyagandha, o levará pelo rio.”

O Mini disse, “Terho pressa de atravessar o rio. Não me importa quem rema o barco. Deixe sua filha vir e me levar através do rio.”

Assim o pescador chamou sua filha, “Matsyagandha, por favor leve este Mini Parasara através do rio.”

Matsyagandha veio e sentou-se no barco e o Mini sentou-se no barco do outro lado dela, enquanto Matsyagandha começou a remar. Quando ela estava remando pelo rio, repentinamente o Rsi disse-lhe, “Minha querida jovem, tenho um estranho sentimento de atração por você. Me sinto compelido a fazer amor com você agora mesmo.”

Matsyagandha estava incrédula, “Como pode dizer isso? Eu cheiro tão mal como um peixe pode.”

E Parasara respondeu, “Bem, isso pode ser mudado muito facilmente. Por meu poder de yogue e por meu mantra sidhi, eu concedo a você uma maravilhosa fragrância. Sua fragrância será tão cativante que todos os animais por milhas ao redor desejam vir só para sentir seu perfume.” E assim ele fez. Repentinamente Matsyagandha emitiu o mais belo e atraente fragrância que cativava toda a vida!

Ele disse, “agora, vamos fazer amor! Não posso explicar porque tenho este sentimento. Sou um Rsi auto controlado da floresta, um sachu que executou grandes austeridades de renúncia. Não posso explicar porque, mas tenho este terrivelmente maravilhoso impulso de fazer amor com você agora mesmo.”

Mitsyagandha disse, “Mis Mini, Rsi, você não pode fazer amor num barco! Você nem mesmo sabe nadar! O que aconteceria se o barco virasse enquanto estamos fazendo amor? Como você chegaria na orla? Controle-se! Ao menos espere até chegarmos ao outro lado.”

O Mini disse, “Tudo bem Mis eu entendo que sou um Mini. Eu tenho controlado minhas paixões. Há alguma outra razão por eu estar sentindo esses sentimentos. Deve ser alguma Divina Predestinação que está me fazendo sentir isso. Eu irei esperar até chegarmos ao outro lado.”

Mitsyagandha remou até o outro lado, e o Mini disse, “Venha rápido! Vamos fazer amor!”

Vendo que não havia como escapar da paixão do Mini, Mitsyagandha disse, “Mis Mini, ainda é dia e aqui estamos na margem do rio. Qualquer um desça pelo caminho ou pelo rio poderá ver o que estamos fazendo. Eu ficarei grandemente menosprezada se fizemos esta coisa em público! Minha reputação ficará amarrada!”

Então o Mini disse um Mantra e usando seu poder de yogue, fez tomar-se noite! Ele fez nuvens baixas aparecerem do céu, e então disse, “Agora está escuro e estamos cobertos pela névoa. Ninguém pode ver o que estamos fazendo.”

E Mitsyagandha viu que não tinha como escapar. Assim ela disse, “Mini, peço-lhe que me dê três dádivas por participar disso com você. A primeira é que meu pai não saiba sobre isso, e que minha virgindade não se perca. A Segunda é que o filho nascido de nossa união seja tão poderoso como você e inteligente, um conhecedor dos todos os Vedas. E meu terceiro pedido é que eu tenha sempre este delicioso perfume e esta atraente beleza juvenil.”

E Parasara disse, “Eu lhe concedo estes três desejos! Seu filho irá reunir todos os Vedas e classifica-los. Ele será o autor de todos os Puranas, um recipiente de sabedoria e conhecimento, e ele será o principal expositor do Saratara Dharma.”

Assim o Mini deitou-se e teve a relação com Mitsyagandha. Quando eles terminaram ele foi até o rio, banhou-se e então partiu para a floresta. Ela ficou grávida.

Mitsyagandha começou a ficar maior, maior e maior! Ela foi para dentro do seu barco e remou para uma ilha isolada no meio do Rio Jamuna. Nesta ilha ela deu à luz ao seu bebê, mas assim que a criança saiu de seu útero, começou a crescer! E cresceu, cresceu, cresceu ao tamanho normal de um homem e então disse, “Mie! Pranam Eu me curvo à você. Eu irei para a floresta praticar tapasya. Muito obrigado por ser o veículo de minha entrada neste plano terreno. Eu tenho muito Karma para fazer, assim não terei tempo de ficar aqui para assisti-la. Muito obrigado por me dar nascimento. Por favor lembre-se de mim em qualquer tempo em que você estiver em dificuldades, e tão logo você me recorde, eu virei fazer tudo que você pedir. Mas tenho muito Karma a fazer agora, por favor tome um banho e vá para casa. Eu irei executar minha tapasya.”

Mitsyagandha estava muito surpresa com isso, e disse, “Eu o abençoo meu filho. Que sua tapasya seja frutífera.” Porque ele nasceu na dvīpa, na ilha, seu nome foi Dwaipayan. E porque a sua aparência era escura, seu nome foi Krsna; assim seu nome era Krsna Dwaipayan, também conhecido como Veda Vyasa.

A Sabedoria de Veda Vyasa

Mitsyagandha voltou para a casa do pescador. Quando ela retomou, seu pai notou o delicioso perfume. “De onde vem este cheiro?” ele pensou. Como Mitsyagandha vinha pela porta, ele viu que era ela quem estava exalando aquela fragrância, e ele soube que era a bênção do Rsi. Ele abraçou sua Mitsyagandha e a abençoou. Ele agradeceu a Rsi Parasara por ter abençoado sua filha com aquela deliciosa fragrância. Então o pescador viveu muito alegremente com sua filha Satyavati.

Veda Vyasa atravessou o Rio Sarasvati e começou a realizar tapasya. Ele estudou os Vedas, e dividiu todos os Vedas em várias seções e os classificou em quatro tipos de sabedoria. O Rig Veda é a Sabedoria dos Hinos; o Yajur Veda é a Sabedoria do Sacrifício; o Atharva Veda é a Sabedoria das Definições da Harmonia; e o Sama Veda é a Sabedoria da Canção.

Ele reuniu de cada um dos quatro Vedas um tattwa ou princípio básico, quatro princípios que expressam a essência dos Vedas. Do Rg Veda veio o princípio Prajñanam Brahma, a sabedoria da natureza é a Suprema Divindade. Do Yajur Veda veio o princípio, Tat Tvam Asi, Aquele Tu és. Do Atharva Veda veio o princípio, Ayam Atma Brahma, esta alma individual é a Suprema Divindade. E do Sama Veda, Aham Brahmasmi, Eu sou a Suprema Divindade. Tomados juntos, estes quatro princípios formam um belo poema: "Prajñanam Brahma, Tat Tvam Asi; Ayam Atma Brahma, Aham Brahmasmi." Em vários métodos Veda Vyasa classificou toda a sabedoria da não dualidade e tornou-se o principal expositor do Sanatana Dharma. E muitos anos se passaram.

O Nascimento de Suk Deva

Um dia Veda Vyasa estava preparando para acender o fogo Yajña. O fogo Yajña é tradicionalmente estabelecido por roçar duas varas juntas. Uma vara é colocada horizontalmente e chamada Arani, e uma vara pontuda é colocada em um pequeno corte e chamada Mantan Danda. Então a pessoa pode esfregar o Mantan Danda no Arani para trás e para frente até que a fricção das duas varas cause uma faísca de fogo. Assim nós damos nascimento ao fogo sagrado.

Um dia Veda Vyasa estava sentado para seu Homa Kunda, cantando os mantras e friccionando o Arani por meio do Mantan Danda. Justamente em cima da cabeça dele apareceu uma Apsara muito bela chamada Gtachi. Gtachi olhou para baixo vendo este belo eremita e ficou cheia de amor e paixão. Veda Vyasa olhou para cima e viu esta bela jovem cheia de paixão e amor, e ele também foi golpeado pela flecha do amor. Ele ficou apaixonado, e então irado disse, "Não estou pretendo a ficar apaixonado. Estou pretendo a acender o fogo divino."

Ele continuou a esfregar as varas e cantar os mantras e sentiu-se cada vez mais irado. Ele sabia que estava sentindo paixão por dentro, e portanto ficava cada vez mais irado. Gtachi assustou-se quando viu sua ira, e transformou-se num pássaro Suka, um papagaio, e começou a voar para longe. Exatamente nesse momento Veda Vyasa estava tão excitado que caiu seu sênen. I sênen parou justamente sobre as duas varas. Quando o sênen tocou o lugar onde o Mantan Danda estava esfregando o Arani, uma faísca de fogo subiu no ar, da qual veio Suk Deva! Ele curvou-se e disse, "Ó Pai, Namaste! Eu me curvo a você! Obrigado por trazer-me em manifestação! Agora diga-me o que vou fazer?"

Vyasa olhou seu belo filho e abraçou-o cercou-o com seu amor, mantendo-o junto ao seu peito! "Meu filho, estou muito satisfeito! Tenho um filho! Está escrito nas escrituras que um homem não pode alcançar o céu a menos que tenha um filho para quem passar sua sabedoria, e realizar seus últimos ritos funerários após ele partir. E agora minha vida está completa!"

Veda Vyasa chamou todos os Brahmins e realizou as Cerimônias de Nascimento. Ele realizou o Primeiro Alimento, e Cerimônia de Nome e disse, "Filho, você veio quando eu vi o pássaro Suk. Eu o chamarei Suk Deva, o Deus dos Papagaios, também significando Deus da Luz Sutil ou Splendor." Vyasa realizou todos os samskaras prescritos pelo Sanatana Dharma. Ele ensinou a criança a sabedoria dos Vedas, investiu-o com o cordão sagrado e disse, "Filho, agora o próximo passo na vida de um Brahmin é viver com seu Guru, sirva ao Guru, aprenda o quanto puder. Por favor, quando sua aprendizagem estiver completa por favor volte para mim. Eu o enviarei para a casa do seu Guru."

Suk Deva foi para a casa do Guru Bhaspati, onde estudou por doze anos. Ele memorizou todos os Vedas junto com os textos explicativos e comentários disponíveis, e quando terminou, ele sabia todas as tradições de Yoga e pranayam. Ele sabia como meditar e como manter seus sentidos sob controle. Ele era de todas as maneiras um pilar do Sanatana Dharma, o Ideal de Perfeição da Sabedoria Universal e Harmonia.

Depois que o período prescrito de estudos estava completo, um dia Bhaspati veio a Suk Deva e disse, "Meu filho, você aprendeu tudo o que eu podia ensinar, agora dê-me meu daksina e volte para casa de seu pai. Você não pode aprender mais nada aqui."

Suk Deva deu o daksina ao seu Guru e curvou-se aos seus pés. Agora ele era um homem e retornou ao ashrama de seu pai nas margens do Rio Saraswati. Quando Veda Vyasa viu Suk Deva vindo em direção de seu ashrama, ele largou tudo e correu para saudá-lo. Ele agarrou seu filho e beijou sua cabeça, e o abraçou e

beijou repetidas vezes, e manteve-se perto dele. Ele estava muito feliz por tê-lo de volta. “Meu filho, meu filho, você veio para casa!”

A Discussão sobre Casamento

Alguns dias depois da celebração da Cerimônia Samavartan, o retorno para casa após os estudos, com renovado espírito o pai e o filho sentaram-se na margem do rio, onde começaram a conversar. Suk Deva disse, “Pai, tendo vivido com meu Guru Bhaspati por tanto tempo, estudei todas as ciências, as várias formas de conhecimento, os Vedas e as formas de tapasya. Tenho aprendido o que significa fazer sadhana e a dedicar minha vida a Deus. Agora, Pai, qual sua ordem para mim? Qual a próxima coisa a fazer em minha vida?”

Veda Vyasa respondeu, “De acordo com nossas escrituras Hindus, toda pessoa tem quatro estágios de vida. Você completou seu Bahmachari ashrama, no qual você aprende, e agora o próximo estágio é tornar-se um Ghashtha. Gha Avastha, Ghashtha; o que vive em uma casa, é um chefe de família. O dever de um chefe de família é fazer uma contribuição para a sociedade, e guardar alguma coisa para que assim em nossa velhice não sejamos um fardo para ninguém e cuidar da família, e olhar para o progresso e elevação da comunidade. Depois disso, você pode tornar-se um Vanaprastha, literalmente, aquele que vive na floresta, e praticamente um Vanaprastha tem um pé dentro de casa e um pé fora de casa. E então muito naturalmente a pessoa evolui de Vanaprastha para Sannyasi, alguém que está estabelecido na verdade interior. Satya Nyasa Kariate, Ele Quem está estabelecido na Verdade Interior é um Sannyasi. Assim agora, meu filho, é hora de você se casar. Desfrutar sua vida no mundo, fazer sua contribuição para a sociedade, e eu ficarei muito satisfeito.

Você sabe que todos que vêm a este plano terreno têm três débitos de Karma: Devarn, Pitrim e Acaryarn; débito aos Deuses, débitos aos ancestrais e débitos aos Gurus ou professores de sabedoria. O débito de Karma aos Deuses é exonerado ao se fazer uma contribuição para toda a vida, por trabalhar para a evolução de toda a existência, por ajudar outros. O débito aos ancestrais é pago por cuidar das pessoas mais velhas como desejaríamos semos cuidados quando envelhecemos, e por nutrir a próxima geração no caninho que desejamos que o nosso mundo se tome. E o débito ao Guru ou mestres é exonerado por atuar conforme a sabedoria que eles ensinaram. Assim agora meu filho, case-se. Tome uma bela esposa, desfrute sua vida, pague seus débitos de Karma. Livre-me dos débitos de Karma, e deste modo você realizará a meta Hindu.”

Suk Deva deu sua resposta, “Pai, há algum prazer que não esteja misturado com o sofrimento? Não é verdade que o prazer e o sofrimento estão inseparavelmente ligados, e alguém que convicia o prazer, e busca os deleites de uma bela esposa, de uma família, uma casa, ou os confortos de uma boa comida, boas condições de vida, está indo também encontrar aquele sofrimento que está ligado aqueles objetos e relações? Penso que a liberdade vem a alguém que está amarrado a um pilar, mas a liberdade nunca vem para quem está amarrado a uma esposa e filhos. Se alguém está amarrado a um poste, ele pode aspirar ou esperar ficar em liberdade, mas se está ligado por ligações econômicas e emocionais de esposa e crianças, ele nunca poderá esperar ficar livre. Está alguém livre de seus filhos? Mesmo quando eles crescem é possível ficar livre? Eles ainda chamarão a Mãe!”

Você sabe, os nobres atmas, as almas nobres, que realmente encontrou o prazer no Ser, eles nunca buscam prazeres sensuais. Eles desfrutam da prazer da união com Bahman. Eu tonei Bhaspati como meu Guru com o desejo que ele me mostraria o modo de ser livre. Mas estou observando agora que mesmo o Guru dos Deuses, vi que mesmo ele não é livre. Lembro-me do dia quando sua esposa, Tara, foi ficar na casa de Chandra. Você se lembra desse incidente? Tara teve um relacionamento com Chandra, a Lua, e Bhaspati ficou muito triste. Ele ficou chorando todo o tempo, “Quando minha esposa voltará para casa? Ela me abandonou por causa de Lua! Agora, se o Guru não é livre, como pode ele ensinar o discípulo a ser livre?”

O Rei e o Pundit

Suk Deva continuou, “Há a história de um rei, que foi falado por um Pandit, ‘Você sabe que o rei Pariksit era livre, recebeu liberação total, só por ouvir o Bhagavat recitado por sete dias? Você também poderia ouvir o Bhagavat. O rei disse, ‘Tudo bem deixe-me ouvir o Bhagavat.’ E o Pandit ia todos os dias ler o Bhagavat para o rei ouvir. Então o rei disse para o Pandit, ‘Pandit, mas de uma semana se passou desde que eu comecei a ouvir o Bhagavat, e ainda não estou liberado. Ou há alguma coisa errado com o livro, ou há algo errado com o Pandit.’”

Diga-me porque ainda não sou liberado. De quem é a falha? O Pandit pensou, 'Se eu disser que livro está errado, ele me perguntará porque eu desperdicei sete dias de seu tempo para ler para ele. E se eu disser que o Pandit está errado, ele dirá, "Por que preciso deste tipo de Pandit? Dê-me alguém com conhecimento, que possa me iluminar." O que responderei?'

Então o Pandit disse, 'Rei, lhe darei a resposta amanhã.' E o rei disse, 'É melhor você me dar uma resposta satisfatória amanhã, ou não pagarei qualquer daksina a você pelos serviços que executou, nem usarei seus serviços no futuro.'

O Pandit foi para casa cheio de tristeza e ansiedade. 'Que resposta darei ao rei?'

Aquela noite sua jovem filha olhou para seu pai e perguntou, 'Pai, você parece tão ansioso. Parece que mergulhou num mundo de preocupações. Qual é o problema?' O Pandit respondeu, 'O rei me disse que ele não conseguiu ser liberado por ouvir o Bhagavat por sete dias. Então ou o livro está errado ou o Pandit está errado. Qual está? E ele me disse "Ou você me responde amanhã ou não lhe pagarei por qualquer serviço." Você sabe qual, minha filha? Se o rei não pagar meu daksina, como comprarei os mantimentos e pagarei os gastos para cuidar de nossa família? Agora estou perdido. Que resposta darei ao rei?'

A filha disse, 'Pai, é fácil. Eu tenho a resposta!' O pai disse, 'Você tem?' E ela disse, 'Sim pai, você só tem que levar-me para a corte amanhã quando você for ver o rei, e eu darei a ele a resposta.' O pai concordou.

Na manhã seguinte eles foram ao palácio do rei. O rei disse, 'Certo Pandit, por que eu não me tomei um liberado? Eu tenho ouvido o Bhagavat por sete dias. Ou o livro está errado ou o Pandit está. Qual está?' O Pandit disse, 'Desculpe-me rei, minha filha quer dar a resposta a esta questão. Sua filha? Certo, vamos ver a resposta dela.' A jovem menina veio até o rei e disse, 'Rei, darei a você a resposta, mas prometa-me que irá cooperar comigo, e fazer o que eu falar para você fazer.' O rei disse, 'Tudo certo, eu irei cooperar.' A filha disse, 'Tudo bem, amare-me ao poste.' O rei disse, 'Capitão da Guarda, amare esta menina ao poste! E eles a amaram.' 'Está seguro?' perguntou ela. 'Sim, está seguro.' 'Vejam, não posso sair, posso?' e eles disseram, 'Não, você não pode sair.' E ela disse, 'Está certo, agora amarem rei ao poste. Rei você prometeu que iria cooperar, e faria o que eu dissesse: "Amarem ao poste." Ordenou o rei. E eles amaram o rei ao poste e a garota perguntou, 'Está seguro? O rei pode se mover?' E o rei disse, 'Está seguro, não posso me mover. Não posso sair.' E então a menina disse, 'Está certo rei, agora me desamare.' E ele disse, 'Não posso desamara-la! Também estou amarrado! E ela disse, 'Não, rei, venha e me liberte! Liberte-me!' E ele disse, 'Não posso liberta-la! Eu também estou amarrado! Como posso liberta-la quando eu também estou amarrado?' Então a filha disse, 'Você amarrou meu pai com o medo pelo dinheiro e o pagamento. Você o amarrou! Como ele pode livra-lo até você o libertar?' E o rei aceitou a resposta, e deu o daksina ao Pandit. Quando ele libertou a menina, ele ficou liberado por si mesmo. Quando nós amarramos outros, é muito difícil para eles nos libertarem. Como eles poderão nos libertar quando eles mesmos estão amarrados?'

O Debate Continua

"Assim pai, eu não quero me casar, porque penso que o casamento é um cativeiro. Você sabe, eu tenho este nascimento divino. Nasci do fogo sagrado, e não de algum ordinário útero de mulher. Não desejo os prazeres do mundo, mas desejo os prazeres da alma. E estes não são obtidos por se casar e tendo-se filhos, juntamente com as responsabilidades financeiras e o resto. É muito raro conseguir um nascimento humano, especialmente nascer na sagrada terra da Índia, e mesmo mais raro nascer na família de Brahmins, e ainda mais raro nascer do fogo sagrado e ter um pai como Veda Vyasa. Agora eu tenho estudado as Escrituras e Vedanta, e tenho tido a honra de aprender com um Guru como Bhaspati. Se seres como nós não podem aspirar a liberdade, então quem neste mundo pode tomar-se livre? Assim pai, por favor, eu farei o que quer que você diga, mas por favor não me diga para que eu me case."

Veda Vyasa deu sua resposta. Ele disse, 'Filho, a casa não é uma prisão da qual as pessoas buscam ficar livres. A casa é um templo de sua adoração. Você sabe que mesmo os Brahmins, os Vanaprasthas e os Sanyasis, quando eles estão famintos, eles devem vir fazer puja na entrada da porta dos Ghashtas. Por isso o Ghashta ashrama é chamado o mais elevado dos ashramas, porque o chefe de família é o suporte de toda a sociedade. Assim filho, não tenha medo do cativeiro. Permita a você mesmo fazer uma contribuição para este mundo. Olhe Vasistha e os outros grandes Rsis. Todos eles foram casados. Aquele que não toma uma esposa, é certo ser

enlouquecido pelos sentidos. Estes sentidos são como cavalos inquietos, e embora possam parecer estar tranqüilos por uns poucos momentos, em qualquer momento podem pular e correr para longe e levar a mente com eles. Assim filho, case-se. Cumpra seu drama por intermédio de Kama apropriado, e gradualmente alcance a mais elevada renúncia.

Olhe para Visvamitra. Mesmo praticando tremendas austeridades por tantos milhares de anos, quando a bela virgem Menaka, veio diante dele, ele esqueceu todas as suas virtudes espirituais em um momento, e gerou uma filha com ela, Sakuntala. Meu próprio pai, Parasara, quando viu Matsyagandha no barco, embora ela cheirasse como um peixe, ele não se importou. Ele perdeu a virtude, a quietude e o controle de seus pensamentos, e seus sentidos correram para longe com sua mente. Meu filho! Case-se! Realize seu drama, e vá passo a passo de ashrama em ashrama.”

Suk Deva respondeu, “Pai, você sabe, um homem casado está sempre buscando por dinheiro. Sempre precisa de dinheiro! Precisa de dinheiro para isso, precisa de dinheiro para aquilo. Portanto, está sempre ansioso. Ohe Indra! Indra é o Senhor dos Céus e ainda assim está sempre ansioso. Ele não quer que ninguém conquiste os céus ou se torne um sadhu tão grande quanto ele. Ele está sempre colocando obstáculo no caminho de todo buscador. Bahma não é feliz embora tenha criado todo este samsara, ou oceano de objetos e relações. Mesmo Visnu que tem a bela Laksmi como sua noiva, ainda assim não está sempre feliz e satisfeito. Ele é repetidamente requisitado a vir a terra lutar com ashuras. Shiva sofre incessantes problemas. Conhecendo bem a verdade do mundo, por que você está querendo me colocar neste terrível samsara cheio de sofrimentos e agonias? Por que está me mandando casar?”

Pai, há sofrimento em nascer, há sofrimento em morrer, há sofrimento em envelhecer e há sofrimento na vida no útero. Mas o sofrimento surge do desejo não realizado e a cobiça é o mais terrível de todos os sofrimentos mencionados. Um Brahmin tem somente seis atividades nas quais se tornar engajado: aprender e ensinar, adorar por si e por outros, dar o que pode e aceitar o que é oferecido com amor. Isto significa que um Brahmin não tem outro modo de ganhar seu sustento, mas aceitar presentes dos outros. Pode imaginar que sofrimento é viver na expectativa que após anos de estudo, anos de tapasya, um Brahmin é forçado a esperar pela generosidade de outros que nem mesmo foram treinados para apreciar este conhecimento? Há algo mais lamentável que isso na vida? Depois de estudar todos os Vedas e outras escrituras e adquirir sabedoria, por fim o Brahmin tem que ir aos ricos e rogar a eles na esperança que possa conseguir algum dinheiro com o qual possam sustentar sua família?

Enquanto que, se há satisfação na mente e um homem é só sem qualquer obrigação ou responsabilidades, ele pode de algum modo encontrar alguma coisa para satisfazer seus apetites. Pai, por favor ensine-me a Sabedoria da Verdade Eterna, o caminho para a felicidade completa. Diga-me como meus kamas podem ser completamente realizados. Não me fale sobre ter filhos ou esposa e uma casa, nem sobre ter contas e débitos, nem sobre ter que sair e rogar por dinheiro. Diga-me como posso obter silêncio e tranqüilidade em minha mente, assim não preciso de nada mais. Diga-me como esta grande ignorância da dualidade pode ser destruída.”

Quando Vasa Deva ouviu o discurso de Suk Deva, ele mergulhou no mar de ansiedade, e começou a pensar no que mais ele poderia fazer para convencer seu filho da verdade contida no caminho esboçado pelas escrituras. Suk Deva olhou Veda Vasa cheio de ansiedade e disse, “Ó que poder esta Maya tem! Nada é tão forte quanto Maya. Você quem dividiu os Vedas, definiu as escolas dos Vedas, que escreveu os dezito Puranas, quem escreveu as histórias, o Bhagavat, o Mahabharat, e o Devi Bhagavatam, você está sofrendo da ignorância da ilusão das ligações. Você quer que seu filho tenha uma esposa. Que prazer isso lhe trará? Pai, ver-me ligado pela eternidade no samsara de objetos e relações, é isso que fará você feliz? Como pode este ser tão maravilhosamente inteligente ser iludido por Maya? Que poder tem esta Maya que mesmo o Grande Vasa Deva, para quem todo mundo olha para ter inspiração, está sofrendo destas ilusões. Esta Maya iludiu Brahma, iludiu Visnu, e iludiu Shiva e todo o universo. Quem no universo não é fascinado sob a influencia de Maya. Eu me curvo a esta Maya. Eu tomo refúgio nesta Maya. Eu terei somente Maya como minha.

Pai, todo este universo é como uma rede de ilusão. Entenda isso, recorde isso, abandone seu pesar. Renuncie ao sofrimento. Conseguir um nascimento humano nesta terra de Kama é muito difícil. E novamente, conseguir um nascimento Brahmin é extremamente raro. E quando alcancei este belo nascimento como um forte e saudável menino Brahmin, que tem estudado a sabedoria das escrituras e Vedanta, e tenho servido a muitos professores espirituais, ainda assim tenho a idéia de que sou amarrado pelo mundo. Pai, como posso ser livre? Mesmo Veda Vasa não é livre. E você me diz que é para eu me casar?!”

E seu pai respondeu, “Meu filho, se você ainda não acredita em mim, por favor estude o Devi Bhagavatam. No Devi Bhagavatam estão muitas histórias, uma antologia de nosso Dharma Hindu, o Sanatana Dharma, o Bem Ideal de Perfeição na Sabedoria e Harmonia é expressado nos mais explícitos textos. Filho, estude as escrituras, e então diga-me se você tem forjado sua mente.”

Suk Deva estudou o Devi Bhagavatam, e mesmo depois disso ele ainda não quis aceitar a opinião de seu pai. E Veda Vjasa disse, “Meu filho, não posso dizer que sua mente está forjada. Mas antes de você tomar a decisão de entrar para o quarto estágio de Sannyasi, meu filho por favor visite Janaka, o Rei de Mithila. Ele é liberado enquanto vive no corpo, e ele é meu discípulo. Vá perguntar a ele e por favor ouça seu discurso. Então volte e diga-me sua decisão. Eu permitirei que você faça o que escolher. Eu lhe prometo, meu filho. Somente vá se encontrar com o rei Janaka.”

Suk Deva Visita o Rei Janaka

Recebendo as bênçãos de seu pai, Suk Deva começou a atravessar a Terra da Índia se dirigindo para Mithila. Por uns poucos anos ele caminhou sobre planícies e subiu montanhas, cruzou arroios e rios. Após algum tempo ele finalmente chegou a Mithila, a Cidade de Janaka. Do lado de fora do portão da cidade havia um soldado que ordenou-lhe, “Pare, por favor. Preciso saber quem é você, e que negócios você tem na cidade.”

Suk Deva olhou para o soldado e respondeu, “Eu sabia que estava errado em vir até aqui. Que tolo fui em acreditar que esse rei era liberado em vida! Para mim ser liberado significa que a pessoa vê todas as coisas como sendo a mesma. E ainda este rei tem tanta ligação que coloca soldados do lado de fora da cidade para perguntar a todo visitante, ‘Quem é você e que negócios faz para ter que vir aqui?’ Eu sabia que era impossível. Sinto muito, soldado. Não tomarei seu tempo. Voltarei para casa agora mesmo.”

O soldado respondeu, “Bem, você veio de tão longa distância. Eu não quis ofendê-lo. É apenas meu dever perguntar.”

Suk Deva disse, “Eu entendo que é seu dever e que você não quis me ofender. Um rei está correto em proclamar este dever. Mas este não é tipo de proclamação que um ser iluminado que vê tudo como o mesmo iria fazer! Que diferença tem para ele quem é uma boa pessoa e quem é uma má pessoa? Ele sabe que em todas as partes está a Unidade, e bom e mal são meramente valores julgados de acordo com as aspirações individuais. O que cada coisa é não faz qualquer diferença. Um ser liberado vê todos e todas as coisas como sendo a mesma. Ser iluminado significa ver que tudo é o Um! Não há dualidade, não há distinção, não há ilusão. Como ele pode ser liberado, quando coloca um guarda em frente de sua cidade? É impossível! Esqueça! Eu nem mesmo quero vir para esta cidade!”

O guarda disse, “Santo Brahmin, posso dizer que você é um homem muito respeitável e com muito conhecimento. Por favor, desculpe-me. Vá em frente e entre na cidade.”

Suk Deva disse, “Eu sei que o propósito de minha visita será infrutífero. Eu vim para uma conversa com um rei iluminado, mas obviamente ao invés de ver a Unidade em toda parte, este homem vê distinção em toda parte. Bem, já que você me convidou com tanta cortesia, e eu vim de tão longe, eu posso entrar e ver a cidade.”

Assim Suk Deva caminhou na cidade e olhou nos mercados. Ele viu pessoas normais. Algumas delas estavam felizes, e algumas estavam tristes. Algumas estavam discutindo e algumas estavam debatendo a qualidade das mercadorias e os preços que deviam pagar. De várias maneiras, várias pessoas estavam fazendo atividades variadas. Suk Deva pensou consigo mesmo, “Para mim não parece haver um sinal de uma administração iluminada nesta cidade. Estes cidadãos não são tão felizes. Estes cidadãos não estão irradiando alegria e bemaventurança de ter um mestre iluminado como rei. Eles parecem pessoas normais fazendo as mesmas coisas que todas as pessoas normais fazem. Que tipo de rei iluminado é este? Eu sabia que estava errado! Meu pai me deu uma informação errada; ele só estava tentando convencer-me a fazer a vontade dele.”

Quando o Rei Janaka ouviu que Suk Deva, o filho de seu Guru tinha vindo ao seu reino, seu coração ficou cheio de alegria! Ele imediatamente enviou seus ministros para encontrarem Suka Deva, e eles o escoltaram até ao belo palácio. Então muitas belas jovens do palácio vieram e prepararam seu banho. Elas deram a ele frescas

roupas, e prepararam deliciosas comidas. As senhoras fizeram uma bela cama sobre a qual ele pudesse descansar. Elas o colocaram na cama e começaram a massagear seus pés. Suk Deva estava inconsciente de todas essas coisas. Quando as meninas saíram, ele se sentou em sua postura de yogue e meditou. Então dormiu por algumas poucas horas.

Ao amanhecer, ele despertou e novamente sentou-se em meditação até o sol nascer. Então ele tomou seu banho e esperou pelo chamado do rei. Depois de um pouco de tempo um mensageiro do rei veio, "O rei deseja vê-lo. Por favor venha."

Suk Deva foi ver o rei. O rei levantou-se para saudá-lo, "Ó Suk Deva, por favor diga-me, a que eu devo a honra dessa visita?"

Suk Deva disse, "Ó rei, por doze anos eu estudei os Vedas e o Vedanta, vivendo no ashrama do Guru Bhaspati. Quando retomei de meus estudos do ashrama de meu Guru, eu perguntei ao meu pai, "O que devo fazer agora? Qual meu Karma nesta vida? Meu pai instruiu-me a que eu deveria me casar e ter filhos e livrá-lo dos débitos do Karma. E eu disse, 'Pai, por muitos anos estudei o conhecimento da não dualidade. Eu tive um nascimento divino; não vim de um útero qualquer, mas sim do Fogo Divino. Por que deveria me casar e colocar-me no cativeiro, quando o que busco não são os prazeres do corpo? Eu busco absorção da alma! Meu pai pareceu ficar tomado de ansiedade e me disse, 'Não filho, você deve se casar! E quando eu recusei ele disse, 'Certo, se você não cê em mim vá até Mihila para visitar o Rei Janaka. Após conversar com o rei Janaka, eu permitirei a você tomar a decisão que lhe agrade. Assim, rei eu vim tomar seu darsana. Por favor me ilumine. Quais são os deveres de um homem?"

Janaka respondeu, "Eu falarei a você sobre o caminho da liberação. Após completar os estudos como Brahmachari, a pessoa deve se curvar ao Guru e pagar o daksina. Então deve ir para casa e se casar. Após o casamento deve permanecer contente e livre de desejos, sem pecado e verdadeiro e ganhar o sustento com o coração puro, viver com justiça e conforme os ditames da consciência. E então quando as crianças são auto suficientes, o estágio de Vanaprastha pode ser iniciado, junto com a prática de tapasya. Por fim uma alma desenvolvida pode se tornar um Sannyasi, completamente absorvido na Verdade da Suprema Divindade. Este é o caminho da liberação proclamado pelo nosso drama. Veja, um verdadeiro buscador deve completar seus estágios de vida, os ashramas de vida, um por um, passo a passo. Ninguém deve saltar um passo. Ele deve completar o ashrama anterior sucessivamente, e então entrar no estágio seguinte."

Suk Deva disse, "Mas rei, se a pureza do desprendimento nasce da sabedoria interior do buscador, ainda é necessário para ele ir por todos os ashramas? Não é possível deixar tudo e residir na floresta?"

Janaka respondeu, "Não. Embora pareça que os sentidos se tomaram tranquilos por um tempo, isso não significa que eles sempre ficarão tranquilos por todo o tempo. Mesmo no estágio da Perfeita Yoga, pode parecer que os sentidos estão sob controle. Esta aparência não é confiável. A rede do desejo é muito difícil de ser conquistada e nunca morre. A mente é muito difícil de se controlar. Portanto, é necessário ir passo a passo, ashrama por ashrama. Ninguém salta. Veja, mesmo um chefe de família que realiza seus deveres sem ligações pode viver em pura felicidade, realizar seu próprio Ser e obter a liberação. Veja você, eu sou liberado enquanto vivo e estou engajado em proteger este reino. Não sou afligido pelo prazer ou pelo sofrimento e ainda assim continuo a atuar."

O mundo material é simplesmente um objeto de percepção sensorial. E a alma que percebe isso, é em si mesma não percebida. Assim diga-me como a criação perceptível pode encobrir a alma imperceptível? Esta é uma lógica impossível. O Ser que imutável, sem impureza, nunca pode ser atado pelo mutável, visível, coisa material tangível. Quando o coração toma-se puro e tranquilo, todas as coisas tomam-se cheias de pureza e totalmente tranquilas. É a mente que é a causa do cativeiro e da liberdade. Não é o corpo. Não é a alma. Não é o sentido. O Ser, a Alma de tudo, é sempre Pura Consciência, e é sempre livre, assim nunca pode ser atado. O cativeiro e a liberdade residem somente na mente. Assim quando a mente está em paz, o cativeiro da existência cessa. Este Ser individual, esta existência individual é Deus. Eu sou aquele Deus e nada mais."

"Mas rei," perguntou Suk Deva. "Tenho outra dúvida. Como pode um homem ser livre de desejos e das recompensas das ações quando ele vive no meio desta Míya? Todo este mundo material está sempre forçando a mente para dentro da ilusão. Mesmo adquirindo a sabedoria das escrituras e a discriminação do entendimento do que é real e o que não é, a ilusão da mente não é dispersada até que se pratique Yoga. Como pode a liberdade do desejo e a liberação vir ao chefe de família. Os munis e Rsis que vivem na floresta controlando sua dieta, seus

sentidos, vivendo suas vidas como eremitas e mendicantes, eles conhecem a natureza transitória deste mundo. Mesmo eles caem vítimas de Maya. Então o que esperar para você ou eu ou alguém mais que está agindo e interagindo na dualidade? Quando você está agindo na dualidade, está atado por Maya. Os cinco elementos vão com você onde quer que você vá, e estes elementos sempre nos trazem para Maya, a ilusão da dualidade."

Janaka respondeu, "O que você diz é verdade sem uma partícula de falsidade, Suk Deva. Você está certo. Os cinco elementos: Terra, água, fogo, ar e éter, fazem existir todas as coisas. Assim mesmo se você vai para a floresta eles irão existir com você lá. Você também se preocupará com seu bastão, sua manta, ou sua taça. Você irá se preocupar sobre se vai encontrar água e madeira. Iluminação não significa completa cessação de pensamento. Este estágio de Yoga, Citta Vrti Nirodh, a cessação de todas as modificações da Consciência. É passageira. Nem Brahma permanece lá. Nem Vishnu, e nem Shiva, nem mesmo qualquer outro ser personificado. Todos retomam a consciência da dualidade. Iluminação não significa liberdade da manifestação, não significa ser livre do pensamento. Iluminação significa liberdade de ligações!"

Vêja você, sua mente está cheia de dúvidas. Portanto você está viajando em busca da cessação de suas dúvidas. Mas você vê que minha mente está livre de dúvidas. Eu estou permanecendo aqui muito pacificamente e alegremente observando meu dhama. Não sou atado por este mundo. Esta idéia me dá constante felicidade do grau mais elevado. Você acha que você esta atado, e portanto você está em constante sofrimento. Não importa se você vai para a floresta ou se reside em sua casa, sua mente irá determinar seu estado de cativo ou de liberação. 'Este corpo é meu Esta idéia leva ao cativo. 'Este corpo não é meu.' Este conhecimento concede a liberdade Assim eu lhe digo verdadeiramente que todo este reino, toda esta riqueza, todos os súditos para quem eu executo deveres administrativos, nada é meu!"

Suk Deva ficou extremamente inspirado, "Você é um sadhu," disse ele ao rei Janaka se curvando com respeito. "Um sadhu é um Mestre de Eficiência. Você tem se tornado extremamente eficiente organizando sua vida. Eu me curvo a você em respeito à sua sabedoria."

Suk Deva olhou para seu próprio coração e pensou, "Eu posso viver neste mundo, e este mundo não é meu. Eu posso atuar neste mundo, e os frutos da ação não serão meus. Então eu posso me tornar um Karma Yogue, mantendo a pureza na ação. Mesmo se eu for para a floresta com minha vara, minha panela e minha manta, eu serei atado enquanto minha mente não estiver livre. Enquanto que este rei administrando todo o império como representante do maior poder, é liberado."

Suk Deva se curvou ao rei Janaka e pediu sua licença. Com esta realização ele retornou ao ashrama de seu pai nas margens do Sagrado Rio Saraswati.

O Casamento de Suk Deva

Veda Vyasa veio correndo para encontrar seu filho, estava muito feliz em vê-lo. E imediatamente perguntou, "Como está você meu filho? O que você determinou para sua vida?"

E Suk Deva respondeu, "Pai, conforme o teu desejo eu executarei. Nada disso é meu"

Então Suk Deva submergiu-se na prática da Yoga. Seu pai, Vyasa Deva, arranhou um casamento para ele com Pibari, uma bela filha de um Rsi. Esta bela jovem deu nascimento a quatro filhos que foram chamados: Krsna, Gauraprabha, Bhuri e Devasruta. E então ela deu nascimento a uma filha, cujo nome era Kirti.

Suk Deva viu a alimentação de seus filhos, educação e casamento, e manteve sua estrita aderência ao Dhama. Quando seus filhos cresceram e foram capazes de tomar conta deles mesmos, ele foi para o Monte Kailasa, onde começou a meditar. Então ele começou a flutuar no céu. Ele desenvolveu todos os oito siddhis. Lá estava ele, meditando nas alturas, lá no céu, sobre o Monte Kailasa. Ele começou a irradiar uma luz como o sol. Repentinamente ele tomou-se inerso no Parabrahma, o Paramatma. Ele tomou-se um com a Alma Universal, e desapareceu no ar!

Veda Vyasa ficou muito triste. "Meu filho, onde você foi? Por que me deixou? Você ainda tem que realizar meu funeral! Meu filho, volte!" Veda Vyasa ficou muito triste por Suk Deva ter partido.

Um dia Vyasa Deva estava vagueando e olhando para os céus, "Onde está meu filho Suk Deva?"

Então Suk Deva olhou para baixo dele do céu e numa voz que ressoou como um trovão ele disse, "Pai, não há diferença entre você e eu se você olhar para sua própria alma. Por que então você está se lamentando por mim? Vá para casa e realize tapasya."

Então Vyasa Deva voltou para seu ashrama no Rio Saraswati e começou a praticar tapasya.

Santanu Reunido com Devavrat

Desde que Ganga pegou seu filho Devavrat e deixou Santanu, o rei ficou muito triste. Depois de cumprir seus deveres de rei, toda tarde ele ia para as margens do Ganga em sua camuagem, onde se sentava em contemplação de sua amada perdida, esperando por alguma visão dela.

Toda noite, bem depois de escurecer, ele voltava ao seu palácio e no desespero de sua solidão, ele sentava-se por toda a noite, perdido em seu sofrimento, e sozinho. Deste modo muitos anos se passaram. O rei não tinha alegria em sua vida. Ele não celebrava qualquer festival ou realizava qualquer Puja ou adoração. Ele somente se sentava sozinho em seu próprio quarto. Os cidadãos, como o rei, não tinham alegria. Todos pareciam estar meramente tolerando a vida e esperando por mudanças.

Um dia Santanu foi para a margem do rio Ganga como de costume. Ele sentou-se em sua pedra, onde olhou por toda a margem do rio, quando ele de repente teve uma visão surpreendente. Um chuva de flechas descera e todas elas se prenderam umas as outras e criaram um dique que parou o fluxo do Ganga. Repentinamente havia um dique através do Ganga feito de flechas de algum arqueiro desconhecido. Santanu olhou surpreso. O Ganga tinha parado.

O rei ficou tão surpreso que correu para ver este dique, quando de repente Ganga apareceu. Ele a olhou e disse, "Minha bela, minha amada esposa, você me deixou, e agora você está de volta. O que é esta coisa surpreendente? Quem pode parar o fluxo de suas águas?"

Ganga disse, Olhe lá. Este é seu filho Devavrat. Este é um exemplo do conhecimento que ele obteve. Ele estudou política com Bhaspati, o Guru dos Deuses. Ele estudou sobre amamentos com Parasuram. Ele estudou todos os grandes de sabedoria dos mais elevados mestres disponíveis. Agora estou dando a você um filho ajustado para seguir seus passos."

Ganga chamou seu filho, Devavrat, e Devavrat veio. "Sim Mãe."

"Meu filho, por favor curve-se ao seu pai."

Santanu agarrou seu filho, abraçou-o e o beijou. Devavrat caiu aos pés do seu pai e fez Pranam. Ganga disse, "Agora meu dever está completo. Deixarei vocês dois. Não voltarei mais, Santanu. Somente quando meu filho estiver em profunda necessidade eu virei a ele." Com estas palavras, Ganga entrou no rio e desapareceu de vista.

Santanu ficou cheio de alegria por ter seu filho, um companheiro e herdeiro do trono. Devavrat foi de todas as maneiras o melhor filho que ele podia imaginar. Ele foi um bom guerreiro, despotista e artesão. Ele foi um grande ser benevolente e todos o amavam. Para o prazer de todos Santanu ungiu Devavrat para herdar o trono, o Herdeiro da Coroa, o próximo Rei de Hastinapura.

Devavrat Torna-se Bhishma

Embora Santanu tivesse seu filho e as pessoas tivessem um Herdeiro da Coroa, o coração de Santanu ainda não estava satisfeito. Havia ainda um lugar vazio que desejava ser preenchido. Um dia Santanu foi caçar com seu filho Devavrat e seus mais confiáveis conselheiros e amigos. Santanu saiu para longe em busca de algum precioso troféu. Ele seguiu neste jogo até que chegou as margens do Rio Jamuna, onde viu Satyawati sentada em seu barco. Satyawati tinha recebido a bênção de Parasara de que ela teria o mais delicioso perfume e beleza perpétua. Satyawati, Mitsyagandha, a filha do pescador, estava sentada no barco esperando para transportar passageiros através do rio. Ela estava exalando sua deliciosa fragrância e sua beleza era radiante. Santanu foi até

Satyavati e perguntou, "O que você está fazendo aqui?" Satyavati disse, "Espero por passageiros para transportá-los através do rio."

Santanu disse, "Você me conduziria através do rio?"

"Com muito prazer, ó rei." Respondeu ela.

Satyavati transportou Santanu através do rio, mas o rei não podia tirar os olhos dela durante toda a viagem. Quando eles alcançaram a outra margem o rei disse, "Eu cometi um engano, por favor leve-me de volta para a outra margem. Eu lhe pagarei o dobro da tarifa." Quando Satyavati remava o barco, o rei não podia ver nada além da beleza desta adorável jovem. Santanu disse a ela, "Eu vim para esta floresta caçar, mas parece que alguém me caçou. Eu me tornei a mira. Agora há somente uma pessoa que pode salvar o rei de Hastinapura. Esta pessoa é você, Satyavati. Você se tomaria minha esposa?"

Satyavati disse, "Eu ficaria honrada em ser sua esposa, ó rei. Mas você deve pedir a permissão de meu pai, Dusrj."

Santanu concordou, "Sim, sem dúvida eu irei até seu pai e lhe pedirei permissão para casar-me com você." E Santanu imediatamente foi até Dusrj e lhe falou, "Dusrj, Eu me apaixonei por Satyavati. Desejo fazer dela a minha esposa." E Dusrj disse, "Que maravilhosa oportunidade para minha filha. Mas como pai da noiva, tenho um pedido. Minha filha se casará com você somente se você fizer do filho dela o próximo rei."

Santanu disse, "Isto é impossível. Eu já ungi Devavrat. Ele é a pessoa mais perfeita para ser o rei. Ele já foi instalado como herdeiro do trono. Como posso roubar o reino de meu próprio filho que é qualificado para dar ao filho ainda não nascido de sua filha? Não posso cometer tal injustiça e ainda chamar-me de rei."

Dusrj disse, "Então você não pode se casar com minha filha."

Santanu ficou furioso e saiu da casa retomando ao seu acampamento. Seu coração estava triste. Todo dia ele ia para a margem do Jamuna e olhava Satyavati de longe, se escondendo atrás de uma árvore. Toda noite depois de escurecer, ele voltava para o acampamento de caça. Seu coração estava pesado. Devavrat foi até ele e disse, "Pai, qual é o problema? É algum problema com o reino? Se é, então como Herdeiro da Coroa do reino eu devo ser informado. Por favor compartilhe seus problemas comigo. Ou é um problema pessoal? Como seu filho você deve compartilhar seus fardos comigo. Por favor, pai, confie em mim. Confie em mim, desabafe seu coração, e vamos ver se não podemos encontrar uma solução."

O rei disse, "Meu filho, um homem não pode compartilhar todas as coisas. Nem um rei pode compartilhar todas as coisas, nem um pai pode compartilhar todas as coisas."

Devavrat disse, "Então vamos para casa, para Hastinapura. Temos assuntos importantes para cuidar lá. Nós já caçamos bastante e gastamos bastante tempo na floresta. Vamos voltar para Hastinapura."

O rei Santanu disse, "Não filho, agora não. Só mais alguns dias."

Todos os dias Santanu ia para a margem do Rio Jamuna e observava Satyavati enquanto ela trabalhava, levando as pessoas através do rio ou sentada na margem esperando por outro passageiro.

O rei voltou ao acampamento tarde certa noite e retirou-se para sua barraca. Devavrat, o filho do rei chamou o condutor da caruagem e disse, "Cocheiro, onde você leva meu pai todo dia?"

O cocheiro respondeu, "Este é um assunto privado entre seu pai e eu. Não posso trair a confiança dele."

Devavrat disse, "Cocheiro, o rei de nosso país está cercado de tristeza e de um pesado fardo. Sou o Herdeiro da Coroa e também seu filho. Devo saber qual a causa desta carga. O que posso fazer para aliviar meu pai desta tristeza? Por favor, diga-me onde você leva meu pai todos os dias?"

"As margens do Rio Jamuna."

"Por que você leva meu pai para as margens do Rio Jamuna? O que ele faz lá?"

“Ele olha Satyavati.”

“O dia inteiro ele olha para Satyavati? Ele nunca falou com Satyavati?”

“Sim, ele falou.”

“Bem, o que ele disse?”

“Ele disse, ‘Gostaria de me casar com você’.”

Devavrat perguntou novamente, “O que ela disse?”

“Ela disse, ‘Eu também gostaria de me casar com você, mas você deve pedir permissão ao meu pai.’”

Então Devavrat disse, “E ele não se encontrou com o pai dela? O que o pai dela disse?”

“Sim, disse o cocheiro. ‘O pai dela disse, ‘Você não pode se casar com minha filha a menos que tome o filho dela o próximo rei de Hastinapura.’ Então seu pai ficou furioso e saiu. E todo dia ele vai até a margem do Jamuna e olha para ela.’”

Devavrat disse, “Leve-me até Draj. Quero me encontrar com o pai de Satyavati.”

No meio da noite ele foi para a casa de Draj. Quando Draj levantou no meio da noite e viu o filho do rei, ele ficou muito surpreso. “O que você está fazendo aqui?” Perguntou ele. “E estou ainda mais surpreso com a hora de ver o filho do rei em minha casa.”

“Draj, eu vim para levar Satyavati para meu pai.”

“Ó Príncipe, você deve saber qual o meu desejo. Eu disse ao meu pai que não posso dar minha filha para ele a menos que o filho dela seja feito rei de Hastinapura. Seu pai disse que não podia conceder este desejo. Assim não posso dar minha filha para ser a esposa dele.”

Devavrat disse, “O rei está certo em dizer a você que não pode realizar este desejo, pois ele já deu este privilégio. O rei só pode conceder seu reino uma vez. Ele estaria sendo desonesto em tomar aquele reino de volta da pessoa a quem ele deu, para dá-lo a outro. Ele o prometeu a mim. Assim ele não pode dar novamente esta promessa a você. Draj, eu prometo. A promessa é agora comigo. E eu lhe dou a promessa que o filho de Satyavati será o próximo rei de Hastinapura. Eu não aceitarei o trono se isso significa a felicidade de meu pai. Em todas as histórias quantas vezes temos visto um pai fazendo sacrifícios pela felicidade de seu filho. Agora a história encontrará um exemplo de um filho fazendo o sacrifício pela felicidade de seu pai. Eu não aceitarei o trono. Eu darei o trono ao filho de Satyavati.”

Draj disse, “Que filho nobre você é para pensar tanto na felicidade de seu pai que você está disposto a sacrificar seu reino. Mas e se seus filhos não concordarem? E se seus filhos ao crescerem reclamarem o trono e com um exército lutarem com os filhos de Satyavati?”

Devavrat disse, “Você está absolutamente certo, Draj. Eu não posso prometer nada sobre o comportamento de meus filhos que ainda nem nasceram. Mas posso prometer nunca ter filhos. Assim eu, Devavrat, prometo que nunca terei filhos. Nunca me casarei. Nunca terei qualquer relacionamento físico com uma mulher.”

Quando esta promessa foi dada toda a terra tremeu. Os Deuses derramaram flores sobre ele. Draj se curvou para Devavrat e lhe deu a bela Satyavati. Satyavati foi na caruagem com Devavrat e juntos retornaram ao acampamento do rei. Já era manhã quando eles chegaram. Santanu estava muito ansioso querendo saber onde seu filho tinha ido no meio da noite. Quando Devavrat retornou de manhã cedo junto com Satyavati, Satyavati explicou toda a circunstância de como Devavrat deu a promessa que permitia a seu pai se casar. Santanu abençoou Devavrat e disse, “Devavrat, você tomou um voto poderoso agora. Você é Bhisma, o forte, o único de tal maravilhosa força e nobre caráter. Eu lhe dou a bênção de Icha Mityu. Você deixará seu corpo somente quando você desejar. Você será invencível a todos os seres. Nunca antes houve um homem tão forte e firme em seu voto, buscando apenas a felicidade de seu pai. Seu nome, Bhisma, será eterno. Você será o mais forte suporte de Dharma.”

Novamente Bhisma prometeu, “Pai, seus filhos com Satyavati continuarão sua linhagem. E não importa quem se sente no trono de Hastinapura, eu irei proteger o rei deste reino. Este é a minha promessa a você.”

O Casamento de Vicitravirya e a Maldição de Bhishma

Mesmo com sua bela esposa, Satyawati, Santanu não podia ter prazer. Sempre em algum lugar em seu coração, ambos, ele e sua esposa sentiam que sua união veio como resultado de um tremendo sacrifício de seu filho. Bhishma tinha um tão nobre caráter que deu tanto pela felicidade de seu pai, e todavia os pais estavam sempre orgulhados na tristeza.

Apesar desta tristeza, Satyawati e Santanu tiveram dois filhos. O primeiro era Citrangada e o segundo era Vicitravirya. Embora tivesse dois filhos, Santanu ainda não estava feliz. Quando Citrangada ficou um jovem homem, ele foi coroado como o Príncipe Regente. Logo depois de sua coroação Santanu morreu. Bhishma tomou-se o administrador de seu reino e guardou o trono, enquanto Citrangada e Vicitravirya cresciam para se tornarem jovens homens fortes e heróicos guerreiros.

Um dia Citrangada, o rei de Hastinapura, foi caçar na floresta. Durante a caçada, ele foi atacado por um leão e morreu naquele mesmo lugar. Então Vicitravirya tornou-se o rei de Hastinapura.

O rei de Kasi, que é agora chamada Benares, tinha três belas filhas: Arbe, Arbike e Arbalike. Quando veio o tempo para o casamento, ele chamou para o Svayanbara onde as meninas escolheriam seus maridos. Ele convidou todos os reis da Índia, príncipes e nobres, que todos viessem até Kasi para participar nas festividades nas quais as três virgens escolheriam seus maridos. Mas devido a uma derrota que os ancestrais de Kasi tinham sofrido nas mãos dos Reis de Hastinapura, o Rei de Kasi decidiu insultar o Reino de Hastinapura por não convidar o Rei Vicitravirya.

Bhishma tomou-se furioso com este insulto e, e por si mesmo imediatamente foi para Kasi. Quando Bhishma chegou no saguão do Svayambara, as três meninas estavam de pé com as guirlandas de casamento em suas mãos, esperando para escolher seus maridos. Bhishma entrou no saguão com muita raiva, seu retesado e com uma flecha e disse, "Rei de Kasi, você escolheu insultar Hastinapura por não convidar nosso Rei para tomar parte desta cerimônia. Portanto, eu estou agora dizendo que todas estas três meninas serão esposas do Rei de Hastinapura."

Todos os reis reunidos na sala puxaram suas espadas. Bhishma deixou suas flechas voarem, as quais penetraram nas coroas daqueles reis, e colocou todas aquelas coroas nos pés do Rei de Kasi. Portanto todos aqueles Reis derrotados abaixaram suas cabeças.

Bhishma disse, "Se alguém gosta de lutar, que aproveite esta oportunidade agora. Caso contrário eu levarei estas três meninas comigo."

O pai deu a ordem e as três meninas foram para a cavagem de Bhishma e foram levadas para Hastinapura. Quando eles chegaram em Hastinapura, Satyawati ficou feliz em ver as três meninas vindo, jovens noivas para seu filho. Quando elas foram apresentadas para Satyawati, Arbe disse, "Rainha Mãe, antes de Bhishma nos roubar da cerimônia de casamento eu já tinha me apaixonado por Salva. Eu tinha planejado dar minha guirlanda de casamento para ele, mas Bhishma veio e com a ponta de uma flecha me deteve em meu direito de como uma princesa, escolher meu próprio marido. Portanto se você me enviar ao marido que eu escolhi, eu ficarei muito agradecida."

Satyavati disse, "Certamente minha querida, Bhishma fará todos os arranjos para te enviar para Salva imediatamente e com grande honra."

Então eles enviaram um contingente do exército como uma escolta para levar Arbe para Salvaraj, para que ela se casasse com o homem que ela escolheu.

Enquanto isso, Vicitravirya casou-se com as duas irmãs Arbike e Arbalike. Quando Arbe chegou ao reino de Salvaraj, ela encontrou com o Rei Salva e disse, "Meu amado, eu quero me casar com você."

Salva disse, "Isto é um grande insulto. Você foi roubada de mim com a ponta de uma flecha. Eu não fui capaz de defendê-la. Como pode você vir a mim agora como um presente de Bhishma? Como posso aceitá-la? Eu

sinto muito, eu não posso. Meu dharma como um Rei guerreiro não me permite aceitar você como um presente de um homem que a roubou com a força das armas. É melhor você voltar para Hastinapura.

Arbhe ficou furiosa. Ela voltou para a corte de Vicitravirya em Hastinapura e disse, “Rei, Rainha Mãe, eu quero justiça. Bhisma arruinou minha vida. Ele roubou-me em minha cerimônia de casamento quando eu tinha a guirlanda nupcial em minhas mãos. Eu já tinha escolhido o homem a quem eu daria minha vida. E agora por causa de Bhisma, aquele homem não me aceita. Agora eu passarei o resto de minha vida como uma moça solteira? Eu quero ser casada. Rei, ordene Bhisma a casar-se comigo. Ele é a pessoa que arruinou minha vida, e só se ele se casar comigo poderei restituir minha satisfação.”

Bhisma que estava de pé disse, “Isso é impossível. Eu fiz uma promessa de que eu nunca me casaria.”
“Covarde! Você me roubou de minha cerimônia de casamento quando eu estava segurando a guirlanda em minha mão, e agora está se confiando naquela velha promessa para desculpar-se por seu mal comportamento. Meu amado não pode me aceitar porque você me roubou dele. Agora Bhisma, se você não se casar comigo eu prometo que serei a causa de sua morte!” Assim dizendo ela saiu violentamente do palácio e foi para a floresta realizar tapasya.

Satyavati Chama Veda Vyasa

No palácio Vicitravirya estava muito feliz com suas duas rainhas, Arbhe e Arbhe. Os três tinham um relacionamento maravilhoso, cada um respeitando e honrando aos outros.

Uma manhã quando Vicitravirya estava se vestindo para ir ao saguão de audiências, ele começou a tossir. E tossiu novamente. Repentinamente ele caiu ao chão e morreu. Houve muito lamento e tristeza em Hastinapura. O Rei estava morto e não havia nenhum herdeiro ao trono. Satyavati chamou Bhisma.

“Bhisma, você deve renunciar a sua promessa e tomar o trono.”

“Como posso renunciar a minha promessa, Mãe? Um voto dado aos Deuses é um pacto sagrado. Não posso renunciar a minha promessa.”

“Então ao menos renuncie ao voto de celibato e coloque uma semente dentro das duas esposas de Vicitravirya, Arbhe e Arbhe, assim nós temos um Rei.”

Bhisma disse, “Mãe, sinto muito não posso renunciar ao meu voto.”

Então Satyavati disse, “Bhisma, por favor vá até a floresta e encontre meu filho, Vyasa Deva. Traga-o a mim Dea a ele que sua mãe está em necessidade.”

Bhisma foi para a floresta onde encontrou o muni Veda Vyasa sentado em um asana nas margens do Rio Saraswati. Veda Vyasa disse, “Bênçãos à você Bhisma. Eu conheço as razões de sua vinda.”

Bhisma disse, “Satyavati está chamando você.”

Veda Vyasa disse, “Sei que minha mãe está precisando de mim agora. Eu irei com você. Você não é filho dela, assim não é necessário que obedeça as ordens dela. Mas eu não posso negar o chamado de minha mãe.”

Veda Vyasa foi com Bhisma até ao palácio de Hastinapura.

“Mãe, eu a reverencio. Namaste. Como está você?”

Satyavati disse, “Estou em terríveis dificuldades. Ambos os meus filhos morreram Bhisma prometeu nunca aceitar o trono e não ter filhos. Eu preciso de um herdeiro ao trono. Você é parte de minha família e eu desejo ter crianças pelas esposas de Vicitravirya e produzir um herdeiro ao trono.”

Vyasa disse, “Mãe, eu tenho feito sadhana na floresta, e não estou preparado para fazer esse ato agora. Dê-me o tempo de um ano e eu virei ajudar você.”

Satyavati disse, “Não posso esperar um ano. Preciso de um herdeiro tão logo quanto possível. Faça isso agora mesmo.”

Vasa disse, “Mãe, por favor entenda o resultado disso.”

Satyavati disse, “O que quer que Deus queira, assim será, mas eu não posso esperar.”

Aquela noite Vasa foi para o seu quarto e Arbike foi enviada para dormir com ele. Ela ficou assustada quando viu aquele homem velho com longos cabelos emaranhados, uma longa barba, pele espessa e enrugada, usando as marcas e roupas de um eremita da floresta. Ela fechou os olhos, se intimidou e começou a tremer.

Na manhã seguinte, Satyavati perguntou para Veda Vasa, “Como foi?”

“Mãe, ela fechou os olhos. Ela não agüentou me ver. Sua criança nascerá cega.”

Satyavati disse, “Ó isso é terrível. Eu preciso de um filho que seja capaz de tomar-se o Rei. Não posso ter um Rei cego. Enviarei a você a outra garota, Arbali.”

Na noite seguinte Arbali veio visitar Veda Vasa. Quando ela entrou na sala, viu aquele velho eremita com longos cabelos emaranhados e barba, e ficou com medo, tornando-se branca, pálida.

Na manhã seguinte Satyavati veio até Vasa e perguntou-lhe, “Como foi?”

Vasa disse, “Mãe, exatamente o que eu temia. Quando Arbali viu minha forma velha e esfarrapada, ela ficou pálida de medo. Como resultado seu filho será albino. Nascerá branco puro.”

Satyavati disse, “Isto é terrível. Preciso de um filho que seja satisfatório para se tornar o Rei. Falarei com as meninas.”

Quando ela falou para Arbike e Arbali, e ordenou que elas voltassem ao quarto novamente, nenhuma das duas quisera voltar. Elas disseram, “Não farei isso. Não me preocupo com o reino ou com o Rei. Enviaremos nossa criada.”

Assim elas enviaram a criada. Ela foi até Veda Vasa, e curvou-se e foi muito amável com ele. Ela o serviu sem pensar em si mesma. Ele a abençoou e disse, “Seu filho será o homem mais dramático da história. Ele conhecerá todas as regras da política e entenderá todas as filosofias e será o exemplo de sabedoria por todas as idades.”

As três crianças nasceram. O primeiro e mais velho foi Ditarashtra. Ele era cego. O segundo foi Pandu. Ele era pálido. E o terceiro, o filho da criada, foi Vidura. Ele foi o mais sábio, o mais justo e o mais nobre dos humanos.

As três crianças, Ditarashtra, Pandu e Vidura, começaram a crescer sob a tutela de Bhisma. Ele os ensinou tudo o que podia sobre amamentação, a arte de governar, política e Dharma. Eles cresceram para serem bons, fortes e cavalheiros. Ditarashtra, o mais velho, era cego. Pandu, de cor pálido, era muito forte e heróico. Vidura foi o mais sábio conselheiro que podia existir.

Quando os três irmãos cresceram, Bhisma os trouxe diante da Rainha Mãe, Satyavati. Satyavati olhou seus netos que tinham crescido e se tornado bons cavalheiros. Bhisma disse, “Tudo certo, mãe. Qual será o Rei?”

Satyavati disse, “Ditarashtra é o mais velho, mas é cego. Como pode ser o Rei?”

Vidura disse, “Mãe, se posso dar minha opinião, é impossível ter um Rei cego. Precisamos de um defensor e protetor da nossa nação.”

Satyavati disse, “Sim, Vidura. Concordo com você. Pandu será o Rei.” Pandu foi coroado Rei de Hastinapura e começou a reinar do modo mais dramático. Ele cuidou de todos os seus súditos como sua própria família.

Pandu Casa-se com Kunti e Madri

Certa vez havia um Rei de nome Surasena. Ele estava relacionado ao Rei de Mithura, Ugrasena, e um descendente da linhagem real estabelecida quando o Rei Satughna matou o malvado Lavanapura. O Rei Surasena tinha uma bela filha, a princesa chamada Kunti. Um dia o pai de Kunti a chamou para o seu Svayambara, para ela escolher seu marido entre os Reis da Índia. O Rei Pandu foi na cerimônia de casamento, e a princesa pegou a guirlanda da vitória, caminhou ao redor de todo o saguão e então escolheu Pandu. Pandu casou-se com Kunti.

Kunti tinha uma história muito interessante em sua juventude. Um dia, o grande Rei Durvasa veio visitar o seu pai. Kunti mesma realizou todo o seva para o Rei. Ela o abanou quando ele foi dormir. Ela preparou suas refeições e o serviu. Ela massageou seus pés a noite. Ela sentou-se aos seus pés para ouvir toda sua sabedoria. Durvasa Mini ficou muito satisfeito e disse, "Ó Kunti, eu lhe darei uma bênção. Escolha uma bênção de mim"

Kunti disse, "Mihiraj, eu não sei o que pedir. Por favor, você é trikaldasi, você conhece o passado, presente e futuro. Por favor dê-me aquela bênção que me beneficiará no futuro."

Durvasa pensou por um momento e disse, "Tudo bem Kunti. Eu darei a você um mantra. Por este mantra você pode chamar qualquer Deusa e ele virá e a abençoará com uma criança."

Kunti pensou que era uma bênção muito estranha para dar. Ela tomou a iniciação no mantra e Durvasa partiu. Aquela noite Kunti estava sentada em seu quarto pensando sobre o tipo de mantra que ela recebeu. Ela desejou saber se era verdade que se ela chamasse qualquer Deusa ele daria a ela uma criança. Ela não podia entender como aquilo iria ajudá-la no futuro. Ela duvidou que pudesse ser verdade. Ela sentou-se por toda a noite pensando sobre isso, e de manhã, justamente quando o sol estava nascendo, ela olhou o sol e disse, "Eu tenho que ver se isso é verdade ou não, e se realmente funciona ou não." E ela pronunciou o mantra. Infalivelmente, Surya Deusa, o Deus Sol, veio diretamente ao seu quarto. Surya disse, "Ó Kunti, você me chamou. Este é um mantra muito poderoso."

Kunti disse, "Ó sim Desculpe-me. Eu não quero incomodá-lo. Eu só queria ver se o mantra funcionava. Você pode ir de volta agora."

Surya, o Sol, disse, "Não, não pode ser desse jeito. Uma vez que você me chama por meio deste mantra, eu seria negligente se não desse a você uma criança. Assim, aqui está uma criança."

E Surya deu a Kunti o mais belo, forte e aparentemente heróico filho, que estava usando uma couraça e brincos que vinham do Sol. Então Surya partiu. Kunti olhou a criança e refletiu sobre o que iria fazer. Toda sua família iria ficar furiosa com ela e ninguém acreditaria de onde ela conseguiu a criança. Ela pegou a criança e disse, "Ó criança, por favor, perdoe-me. Sei que você tem um destino de grande Karma a sua frente. E ela colocou a criança numa cesta e colocou no rio. A cesta flutuou rio abaixo. E Adhirath, que era o cocheiro do Rei encontrou a cesta. A criança foi levada para a casa do cocheiro e criada como seu próprio filho. A esposa do cocheiro cujo nome era Radha, não tinha outros filhos, e ela chamou a criança de Radhe. Radhe cresceu na casa do cocheiro. Mas Kunti nunca contou a ninguém o segredo de seu primeiro e mais velho filho.

Após seu casamento, Kunti retornou com Pandu para Hastinapura. Então Pandu disse para ela, "Minha amada esposa, um Rei tem muitas obrigações. Meu primeiro dever é com minha gente, e mesmo antes de desfrutar os prazeres de nossa vida de casado, eu devo proteger as fronteiras desta nação. Assim irei certificar-me de que todas as fronteiras estão protegidas e seguras. Retornarei para desfrutar de nossa lua de mel tão logo eu possa." Pandu marchou com seu exército e conquistou toda a Índia. Ele fez todos os Reis da Índia subservientes ao trono de Hastinapura. Quando ele chegou ao reino de Midas, o Herdeiro do Trono veio encontrar-se com ele e disse, "Ó Rei, espero que você aceite nossa amizade."

Pandu ficou muito feliz e disse, "Certamente, eu aceito a amizade de vocês."

Então o Príncipe disse, "Bem, então você deve aceitar uma lembrança de nossa amizade."

Pandu disse, "Alegremente aceitarei qualquer presente que vocês queiram me dar."

O Príncipe ordenou, “Cocheiro.”

O cocheiro saiu da camuagem e veio para onde o príncipe estava em pé. “Eu estou lhe dando para o Rei de Hastinapura. Rei Pandu, este é meu cocheiro, minha querida irmã Mridi.”

Pandu olhou para a bela jovem que dirigia a camuagem. Ele estava surpreso. E disse, “Eu adoraria levar sua irmã consigo, mas já sou casado.”

Mridi disse, “Bem, então leve-me para a rainha Kunti. Eu já fui dada. Vamos ver se Kunti me aceitará ou não.”

Pandu respondeu, “Está certo, suba em minha camuagem Príncipe, por favor desculpe-nos mas temos que partir. Retornaremos para Hastinapura.” Então Pandu e Mridi retornaram para Hastinapura. Quando Kunti soube que Pandu tinha retornado ela ficou cheia de alegria. Quando ela viu a bela esposa que ele trouxe com ele, ela ficou surpresa. Mas Mridi veio até Kunti e curvou-se dizendo, “Minha irmã mais velha, por favor me abençoe, para que possamos todos vivermos juntos em paz e harmonia,” e Kunti ficou encantada em recebê-la em sua família. Assim Pandu ficou casado com ambas, Kunti e Madri. Ele e suas duas esposas viveram juntos em alegre harmonia.

A Maldição de Pandu

Alguns dias após o retorno de Pandu para Hastinapura, Satyawati disse, “Meu filho, é hora de você ter algum descanso. Pandu, você tem estado somente trabalhando lutando desde que se tornou o Rei. Por que você não leva suas duas esposas para nosso retiro na floresta. Temos uma pequena casa lá, onde vocês poderão ter algum tempo para vocês.”

Pandu disse, “É uma idéia maravilhosa. Agora meu reino está seguro e bem protegido. Vou desfrutar de algum tempo privado só com minha família.”

Antes de ir para o retiro da floresta Pandu veio até seu irmão mais velho Dtarashtra e disse, “Dtarashtra, não desejo deixar meu reino desprotegido. Por favor em minha ausência eu quero que você use a coroa. Você será o Rei em meu lugar.”

Dtarashtra ficou muito satisfeito em ter a coroa em sua cabeça. Tão logo Pandu partiu, Dtarashtra pensou nos meios pelos quais ele pudesse manter aquela coroa. A coroa deveria ter sido sua, e seria sua se ele não tivesse nascido cego. Ele era o mais velho. Ele desejava saber porque seu Karma o tratava deste modo, e ele queria manter a coroa de qualquer modo que pudesse.

Pandu foi descansar com suas duas esposas. Lá na floresta eles encontraram-se com o Rsi Kindal. Muitos dias eles passaram ouvindo a sabedoria do Dhama da boca do Rsi. Depois de muitos dias aprendendo a maravilhosa sabedoria e desfrutando do descanso do modo mais harmônico com suas esposas, um leão veio para perto do eremitério onde eles estavam residindo.

Mridi disse, “Meu marido, olhe aquele leão lá.”

Pandu imediatamente puxou seu arco e flechas e disse, “Hoje trarei um troféu para vocês”.

E ele correu para a floresta, O leão o levou a uma grande perseguição. Pandu corria logo atrás, mas o leão escondeu-se na parte mais espessa. Então Pandu ouviu algo. Lá estava um agito nas folhas. Pandu puxou sua e a lançou. Repentinamente ele ouviu o som de um ser humano chorando de dor. Pandu ficou surpreso com o som. Ele correu pela floresta até onde a flecha tinha sido lançada. Lá ele viu que a flecha tinha passado pelo coração do Rsi Kindal e de sua esposa.

Quando o Rsi agonizante viu Pandu ele disse, “O que é isso? O Rei supostamente é para proteger seus súditos, e aqui estou eu, um inocente ermitão da floresta. Este foi meu último tempo sozinho com minha esposa, e agora fui atingido por uma flecha que era supostamente para proteger os súditos de Hastinapura.”

O Rei disse, “Perdoe-me Rsi. Eu ouvi o som e pensei que era um leão. Eu atirei a flecha no som”

O Rsi disse, “Você não olhou e disparou a flecha, e matou eu e minha esposa! Eu o amaldiço! Quando você tocar em sua esposa, ou se você mantiver uma mulher num abraço íntimo, você morrerá assim como eu estou morrendo agora.” Então o Rsi e sua esposa abandonaram seus corpos. Pandu olhava sem acreditar e chocado. Ele retornou para o eremitério e levou suas duas esposas de volta para Hastinapura.

Imediatamente ele convocou uma assembleia de todos os sábios e seres eruditos do reino. Bhisma, Ditarashtra e Vidura se reuniram com todos os conselheiros da corte de Hastinapura. Pandu disse, “Sábios conselheiros de Hastinapura, foi um acidente, mas a flecha do Rei matou o Rsi e sua esposa. Agora devo realizar alguma penitência para expiar este horrível pecado de matar um Brahmin. Irei para a floresta realizar tapasya. Ditarashtra, meu irmão mais velho, você é atualmente o Rei. Você permanecerá Rei. Eu irei para a floresta fazer sadhana.”

Todos ficaram muito tristes em ver Pandu, Kunti e Madri caminhando para a floresta com os pés descalços. Por alguns anos eles realizaram tapasya, fortes disciplinas espirituais de yoga e meditação. Um dia Pandu teve um sonho. No sonho todos os Rsis estavam indo para o céu. Pandu também desejava ir com eles para o céu. Mas eles disseram “Onde você está indo? Você não pode ir para o céu porque ainda não pagou seu débito na terra. Onde estão os filhos que realizarão as oblações funerárias para você? Você não tem filhos. Você ainda não nutriu a próxima geração de modo a fazer da terra um lugar um pouco melhor. Como pode ir para o céu?”

Pandu ficou muito perturbado com este sonho. Quando ele despertou, perguntou para suas esposas. “O que farei? Não tenho filhos. Não posso ir para o céu, não importa quanta tapasya eu tenha executado.”

Kunti disse, “Meu Senhor e marido, quando eu era criança eu servi Durvasa Mini. Ele deu-me um mantra pelo qual eu posso ter um filho de qualquer Deus que eu escolher.”

Pandu ficou muito feliz e disse, “Use o mantra. Faça tapasya. Traga um filho para mim.”

Kunti disse, “Quem chamarei?”

Pandu respondeu com grande excitação, “Chame Dharma. Peça a ele para ser o pai de nosso primeiro filho.”

Kunti sentou-se na floresta e começou a realizar a recitação do mantra. Dharma veio e deu-lhe um filho, e Pandu ficou muito feliz. Pandu disse, “Agora Kunti, chame Pavan, o Vento.”

Kunti sentou-se novamente e chamou o Vento. O Vento veio e deu-lhe um filho. E Pandu disse, “Chame Indra.”

Kunti sentou-se novamente e chamou Indra. Indra veio e deu-lhe um filho. Então Kunti ensinou o mantra para Madri. Madri chamou os gêmeos Asvin e ela teve dois filhos.

O primeiro filho nascido de Dharma foi chamado Yudhishthira. O segundo nascido do Vento foi chamado Bhim. O terceiro, de Indra foi chamado Arjuna. O quarto foi Nakula e o quinto foi Sahadeva.

Enquanto isso o Rei cego, Ditarashtra, casou-se com Gandhari, que amarrou seus olhos com um pano para que assim ela compartilhasse da escuridão de seu marido. Juntos eles tiveram cem filhos. O mais velho foi chamado de Duryodhana.

Os cinco filhos de Pandu cresceram na floresta, aprendendo a sabedoria dos pés dos Rsis. Um dia Pandu estava sentado sob uma árvore perto de uma cachoeira meditando, quando Madri veio só tomar seu banho e pegar água. Ela parecia bela. Ela tomou seu banho e estava toda molhada e fresca. Quando ela voltou da cachoeira depois de pegar água, Pandu veio e a abraçou. Imediatamente ele caiu no chão e morreu. Madri e Kunti ficaram muito tristes que seu marido tivesse morrido na floresta.

Os Rsis vieram ao lugar e realizaram os ritos funerários, depois do que Madri subiu na pira funerária, fazendo-se uma Sati, uma mulher que deixa seu corpo mortal para acompanhar seu marido.

Os Cinco Filhos de Pandu Retornam para Hastinapura

Kunti retornou para Hastinapura junto com seus cinco filhos, onde Bhisma os fez bem vindos em casa. Ditarashtra, o Rei, deu a ordem que os filhos de seu irmão não deveriam experimentar qualquer dificuldade e deveriam ser tratados como membros da família real. Mas Duryodhana respondeu, "Aqueles eremitas habitantes da floresta não têm lugar em meu palácio. Esta é minha casa e eles não têm direito de ficar aqui."

Gandhari disse ao Rei, "Por favor explique ao nosso filho que esta é a casa deles também. Eles têm todo o direito de ficar aqui. Mesmo Yudhishthira é o mais velho filho do Rei autorizado. Este reino por direito pertence a ele. Por favor lembre-se meu marido, que seu irmão Pandu deu a você aquela coroa para usar como seu representante. Por favor explique isso para nosso filho."

Ditarashtra respondeu, "Gandhari, se eu não tivesse nascido cego, o reino teria sido meu por direito. Como posso convencer meu filho, quando eu mesmo não estou convencido? Ele é o filho mais velho do Rei. Como posso dizer a ele que este não é o seu reino? Por que deveria ele ser privado de seu justo nascimento, como eu fui privado do meu. Ele não nasceu cego. De qualquer modo eu tentarei instruí-lo a viver em harmonia."

Mas Duryodhana não queria ouvir.

Quando os meninos ficaram um pouco mais velhos, Bhisma os enviou para estudar com Kparacarya, o Guru da família. Kparacarya disse, "Yudhishthira é o mais velho dos estudantes, e portanto ficará encarregado do grupo." Isso fez Duryodhana ficar muito zangado, e ele começou a conspirar em como ele poderia livrar-se desses cinco irmãos.

O irmão mais velho de Gandhari, Sakuni, estava também muito irado com Hastinapura. Ele queria que sua irmã tivesse sido esposa de Pandu, e não de seu irmão cego, Ditarashtra. Agora Sakuni queria que Duryodhana se tornasse o Rei, e assim tentava envenenar a mente da criança. Ele sempre lhe dizia, "Seu pai deveria ter sido o Rei, mas ele nasceu cego. Seu irmão mais novo ficou com o reino em seu lugar. Mas você é o filho mais velho do Rei. Quem deverá tomar o reino em seu lugar? Você deve se assegurar de que os filhos de Pandu não tomem o reino de você, como o pai deles fez com seu pai. Você é o legítimo sucessor do Rei."

Todos sabiam que Yudhishthira, o filho de Drama, era o mais velho filho da família e o filho do primeiro Rei e portanto o legítimo herdeiro ao reino. Não somente ele era o herdeiro legítimo, mas também era o mais capaz e adequado para guiar a nação.

Um dia quando eles eram crianças, Duryodhana convidou Bhim, o segundo filho de Pandu, para comer pudim de arroz, no qual ele tinha misturado veneno. Bhim caiu inconsciente, e foi arremessado no rio. Quando ele afundou no rio, alguns Nagas do fundo da água vieram e disseram ao Rei dos Nagas. Eles disseram, "A este menino foi dado um veneno."

O Rei dos Nagas olhou para o menino e perguntou, "De quem você é filho?"

Bhim respondeu, "Sou o filho de Kunti."

O Rei dos Nagas disse, "Kunti é minha neta." Ele imediatamente trouxe um antídoto para o veneno e deu para Bhim, que ficou livre do efeito venenoso. Então ele pegou um grande elixir e disse, "Beba isso, meu filho. Isso dará a você a força de dez elefantes." Bhim bebeu. "Agora é melhor você voltar para casa, pois sua mãe deve estar preocupada com você."

Bhim voltou para casa e contou aos seus irmãos, "Duryodhana convidou-me para comer pudim de arroz, com o qual eu fiquei muito doente. Eles me jogaram no rio onde os Nagas me encontraram. Eles disseram que ele tinha colocado veneno no pudim. Eu encontrei nosso Grande Avô que me deu algo para beber e disse que me daria a força de dez elefantes."

Yudhishthira disse, "esteja certo de que ninguém mais saiba sobre isso. Não fale sobre isso com ninguém."

Dronacarya tomou-se o professor de amamentos para todos os estudantes. De todos os estudantes ele amava Ajuna, pois Ajuna era sempre muito cooperativo e disposto a aprender. Ele treinava com seu arco dia e

noite, e Arjuna tornou-se um mestre do arco e flecha. Deste modo os meninos cresceram todos juntos no eremitério guiados por Donacarya, mas lá havia sempre uma tenenda hostilidade e medo entre os filhos de Pandu e os de Dtarashtra.

Quando os meninos se graduaram na escola, seu Guru os levou a uma grande convocação para mostrar aos cidadãos de Hastinapura o que seus estudantes tinham aprendido. Cada um deles mostrava sua coragem com as várias armas que tinham estudado. Arjuna arremessou flecha após flecha. Ele fez chover. Fez o vento vir. Fez o fogo queimar com a força de suas flechas. Donacarya disse para a assembléia, "Por isso eu declaro que em toda a Índia não existe melhor arqueiro que Arjuna."

Repentinamente uma voz disse, "Pare! Donacarya! Você ainda não me deu a chance de mostrar minha coragem"

"Quem é você jovem?"

"Meu nome é Kama."

"Quem é sua mãe?"

"Se você quer julgar quem é o melhor arqueiro da Índia, não pergunte quem é minha mãe ou meu pai. Não olhe meu nascimento ou meus pais. Olhe o modo como eu puxo o arco. Olhe o modo como eu arremesso minhas flechas."

Kpacarya respondeu, "Não, esta convocação é somente para filhos de reis e príncipes, e não para qualquer um de qualquer casta ou qualquer disciplina. Não é permitido a você mostrar sua força aqui."

Dryodhana aprovou Kama e disse, "Posso dizer que você é um bom guerreiro, e quero ser seu amigo. Em minha infância meu pai me fez o Rei de Angadesa, e eu dou aquele reino para você em troca de sua amizade."

Kama disse, "Que generosidade! Eu lhe garanto que por toda minha vida serei seu amigo. Esta coroa é sua; e a cabeça que usa esta coroa é para você. Você é a pessoa que falou em minha defesa, e eu darei minha vida por você."

Assim Kama e Dryodhana tomaram-se bons amigos. Enquanto Dryodhana estava sempre conspirando em como conseguir o reino e ser apontado como o Herdeiro do Trono, Kama desejava ser conhecido como o maior arqueiro da Índia. Yudhisthira continuou em seu caminho do dharma. Todos os mentores, conselheiros e cidadãos de Hastinapura se preocupavam sobre quem iria tornar-se o próximo Rei.

Yudhisthira Torna-se o Herdeiro do Trono

Algum tempo se passou. Bhisma veio até Dtarashtra e disse, "Rei, é hora de apontar o Herdeiro do Trono."

Dtarashtra ficou apavorado. Ele se guardou de decidir sobre isso até que não pode mais esperar. Convocando todos no grande saguão de assembléia, ele teve que curvar-se diante da pressão da comunidade e dos anciãos, e apontou Yudhisthira como o próximo Rei.

Dryodhana furegou de raiva. Ele não podia esperar até encontrar um meio de tirar Yudhisthira. Com a ajuda de seu tio, Sakuni, ele preparou um grande palácio na floresta feito de resina, esperando atrair os cinco irmãos para queimá-los. Ele foi ao seu pai, o Rei Dtarashtra e disse, "Pai, por que você não manda Yudhisthira para um retiro na floresta, para se encontrar com todos os cidadãos da floresta?"

Dtarashtra concordou, "Esta é uma idéia maravilhosa."

Dryodhana disse, "Por que ele não leva os quatro irmãos com ele? Todos podem acompanhá-lo. Mesmo sua mãe, Kunti, pode ir junto também. Então todos os cidadãos se encontrarão com seu novo Rei, assim como com

toda a família real. E não é só isso, eu pessoalmente preparei para eles um novo palácio. Onde ficarão extremamente confortáveis.”

Drastra disse, “Que solícito você é. Por favor chame Yudhishthira.”

Yudhishthira veio e o Rei deu-lhe uma ordem, “Vocês, filhos de Pandu, devem ir para a floresta, todos os cinco juntamente com sua mãe. Fiquem alguns dias com os cidadãos moradores da floresta de nosso país.”

Yudhishthira ficou muito contente de receber esta ordem. Ele ficou igualmente satisfeito de ouvir que Duryodhana tinha preparado um palácio para sua estadia juntamente com sua família. Então Yudhishthira e sua família se encaminharam para a floresta e foram ao novo palácio.

“Este palácio tem só uma porta e não há janelas”, disseram uns aos outros. “Isto é muito estranho.”

Então Vidura, o Primeiro Ministro, soube da conspiração para queimar toda a família Pandava na casa feita de resina. Ele enviou a eles um cavador de túneis. O cavador veio e disse, “Vidura me enviou para preparar uma rota de escape para vocês. Devo fazer meu serviço muito silenciosa e rapidamente.” E todo dia e noite ele cavou até que preparou o túnel.

Então um dia, Duryodhana enviou o sinal. “Esta noite é a noite.”

Quando aqueles inimigos vinham para colocar fogo na casa, Bhim disse para Yudhishthira, “Aí vêm eles. Quando entrarem, nós mesmos colocaremos o fogo.”

Kunti juntamente com os quatro Pandavas foram para o túnel e começaram a andar para um lugar seguro, enquanto Bhim pegou a tocha para acender o fogo. Todas as pessoas que tinham vindo colocar fogo na casa foram pegadas dentro dela quando a casa queimou. Então Bhim desceu no túnel e os cinco irmãos escaparam juntamente com sua mãe Kunti.

Bhim e Ajuna ficaram inflexíveis, e não iam tolerar este insulto à família Pandava. “Isto não é o modo de membros de uma família se comportarem, construir uma casa feita de resina sem portas ou janelas pela qual se possa escapar.”

Bhim e Ajuna decidiram imediatamente, “Vamos atacar Hastinapura.”

“Não,” disse Yudhishthira. Não vê que quando atacamos Hastinapura, nosso Ptamaha Bhisma não terá outra escolha a não ser defender o trono? Não vê que nosso Guru Dronacarya não terá outra alternativa a não ser defender o reino? E Kpacarya, o Guru de nossa família, não teria ele também que defender o reino? Vocês gostariam de levantar suas armas contra nossos Gurus? Contra nosso avô? Sejam pacientes!”

Então Mãe Kunti disse, “Meus filhos, Hastinapura não tem nos dado nada mais que tristeza. Poderíamos pensar que eles dariam para nossa família uma casa feita de resina para viver? Não temos necessidade de voltar para Hastinapura. É melhor ficarmos como mendicantes na floresta que voltar para nossa capital.”

Aderindo ao desejo da mãe, os cinco irmãos Pandavas vestiram-se no pano branco de ascetas Brahmins e se retiraram para a floresta para proteger os cidadãos de seu país.

O Casamento de Draupadi

Um dia os cinco irmãos ouviram que o Rei Draupad estava chamando para o Swayambara, a cerimônia de casamento de sua filha, Draupadi. Draupadi era uma princesa divina, nascida do próprio fogo sagrado, e os irmãos Pandavas não puderam resistir em assistir e testemunhar a cerimônia de casamento de Draupadi. Vestidos de Brahmins eles foram para o saguão da assembleia, onde os Reis da Índia estavam reunidos.

O Rei Draupad anunciou, “Quero que minha filha Draupadi se case com o melhor arqueiro de toda a Índia.” Ele pegou um peixe de madeira, e o prendeu a um alvo giratório no teto do saguão da assembleia. Ele colocou um pote de água no centro do saguão e ordenou: “Ergam o arco e aperte a corda no lugar, então o

arqueiro olhará o reflexo na água e atrevesará sua flecha para acertar o olho do alvo giratório.” Os reis da Índia de cada vez tentaram acertar o alvo, mas ninguém foi capaz de sequer levantar o arco. Então Kama, o discípulo de Parasuram, levantou-se. Ele ergueu o arco, ajustou a corda e fez pontaria. Então Draupadi disse, “Pare, eu não o reconheço como um Rei! Embora seu amigo Duryodhana tenha lhe dado um reino, você ainda é o filho de um cocheiro! Eu não quero me casar com o filho de um cocheiro.” Kama sentou-se.

Todos os outros Reis tiveram sua vez de tentar mas ninguém foi capaz de erguer o arco. Então Ajuna vestido como um Bahmin, pediu permissão ao seu irmão Yudhisthira, “Por favor, irmão, eu posso tentar?”

Yudhisthira deu suas bênçãos. Então Ajuna pegou o arco, olhou na água embaixo, e atirou a flecha exatamente no centro do alvo. A guirlanda da vitória foi colocada ao redor de seu pescoço, e Ajuna ganhou a noiva.

Quando Duryodhana soube que Ajuna ganhou a noiva. Ele ficou muito admirado. Ele viu que os cinco irmãos Pandavas não tinham morido no fogo. Como é que eles ainda estavam vivos? Ele puxou sua espada e correu para atacar. Junto com ele veio Kama, e seu irmão Dusasana. Duryodhana disse para Draupad, “Esta assembléia é somente para Reis Ksatriyas! Com foi permitido a um Brahmin entrar? Isto não está de acordo com as regras! É um insulto aos reis da Índia!”

Bhim disse para Yudhisthira, “Yudhisthira, leve Nilakula e Sahadeva para longe daqui. Eu os manterei afastados.” Assim Yudhisthira, Nilakula e Sahadeva saíram enquanto Ajuna protegia a noiva e Bhim permanecia de pé como um pilar não permitindo qualquer outro passar. Então Ajuna tomou as bênçãos do Rei Draupad, e com seus irmãos levaram a noiva para a floresta para escaparem.

Quando Arjuna chegou ao eremitério, sua mãe, Kunti, estava preparando a comida lá dentro e ele chamou, “Mãe, nós conseguimos a coisa mais maravilhosa hoje!”

A mãe disse da cozinha, “Compartilhe-a entre vocês cinco! Quando Kunti voltou-se para ver o que eles tinham trazido, ela ficou muito surpresa de ver a princesa Draupadi. Ela ficou furiosa e disse, “O que? É uma esposa uma coisa a ser possuída, a ganhar ou perder de acordo com a sorte do momento? Ou é uma companheira com quem compartilhar os mais íntimos segredos de seu coração? Agora, como você viverá de modo que as palavras de sua mãe não se tomem falsas, e assim que você não desgrace esta princesa que colocou a vida ao seu cuidado?”

Justamente nesse momento, Krishna chegou, e quando ficou a par da situação, ele explicou, “Este não é momento para sofrimento. Lembre-se Draupadi, em sua última vida quando você realizou austeridades para o Senhor Shiva, e quando Shiva estava pronto para lhe conceder uma bênção, você disse, “Quero um marido que seja o ápice do Drama, que seja forte como muitos elefantes, que seja o maior arqueiro, o melhor espadachim, e que tenha beleza incomparável!” Então Mahadeva disse, “Todas essas qualidades não podem ser encontradas num só homem” E você respondeu, “Shiva você perguntou-me o que eu desejava e eu lhe disse “ Logo após Shiva disse, “Tata-stu, eu lhe concederei a dádiva!”

Também lembre-se Draupadi, em sua encarnação como Sita, quando você foi prisioneira de Ravana, repetidamente você orou a Shiva e disse, “Dê-me meu marido, dê-me meu marido” Cinco vezes você repetiu. E novamente Shiva concedeu aquela bênção. Assim, você não tem nada para ficar triste agora.”

Assim Draupadi tornou-se a esposa dos cinco irmãos, mas de fato ela era a esposa de Yudhisthira.

Dois Herdeiros ao Trono

Vêo o tempo dos cinco irmãos retomarem para Hastinapura. Em sua ausência, pensando que Yudhisthira tinha morido no fogo, Dtarashtra tinha apontado Duryodhana como Herdeiro da Coroa. Quando Yudhisthira e seus irmãos, junto com Kunti e Draupadi retomaram para Hastinapura, eles foram saudados com grande respeito por Bhishma, Vidura, Dronacarya e Kripacarya, mas Dtarashtra e Duryodhana não ficaram contentes de vê-los retornar. Agora dois Príncipes tinham sido apontados como herdeiros do trono, e Dtarashtra tinha que decidir quem seria o próximo Rei de Hastinapura.

Duryodhana foi ao seu pai e disse, “Pai, acredite em mim, se você tirar meu direito de nascimento ao reino e o der para Yudhisthira, eu me matarei. Sou o mais velho filho do legítimo herdeiro do trono. Não há razão para você tirar minha autoridade. Você já me apontou como Príncipe Herdeiro. Não permitirei a Yudhisthira ter qualquer parte do reino!”

Yudhisthira em consulta disse, “Dtarashtra, você é o Rei. O membro mais velho de nossa família. A decisão é sua. O que quer que você decida, eu aceitarei. Tudo que quero é harmonia e paz em nossa família.”

Os cidadãos, Bhishma, Vidura, os Gurus, Dronacarya e Krpacarya, todos votaram a favor de Yudhisthira. Mas Dtarashtra sentia que ele tinha sido roubado de seu reino devido a cegueira, e ele não queria que seu filho fosse privado do mesmo modo. Portanto, ele decidiu dividir o reino ao meio. Duryodhana ficaria em Hastinapura e aos irmãos Pandavas, liderados por Yudhisthira, seria dado alguma terra na extremidade do reino.

Todos ficaram tristes de ver o reino dividido. Quando Yudhisthira levou seus irmãos para a terra que lhes tinha sido dada, eles viram que foram levados para um deserto estéril. Sem nenhuma água. Era um solo improdutivo, destituído de vida, que lhes tinha sido dado como metade do reino.

A Linhagem de Krsna

Em dias antigos, Kasyapa ia realizar um grande Yajña, e foi buscar por uma bela vaca cujo leite seria desejável para o sacrifício. A vaca que ele buscava e buscava, ele veio até a vaca de Varuna que era como a Kama Dhenu, a vaca que concede os frutos de todos os desejos. Kasyapa pensou que o leite daquela vaca seria o melhor para oferecer aos Deuses no sacrifício. Assim, ele pegou a vaca. Quando Varuna veio para casa, ele soube que a vaca tinha sumido e começou a buscar sua vaca. Ele a encontrou perto do howan Kunda, o fogo sacrificial, onde Kasyapa estava realizando o sacrifício junto com suas duas esposas, Aditi e Diti. Varuna ficou muito zangado, e pegando um pouco de água em suas mãos ele amaldiçoou todos os três: “Vocês têm tanta cobiça por vacas que se tornaram ladrões! Desçam ao mundo dos homens e deem nascimento a um rebanho de vacas!” Com isso Varuna arremessou a água neles, e a maldição caiu sobre os três.

Algum tempo depois Aditi deu nascimento ao nobre Indra, que cresceu cada vez mais forte e foi reconhecido como Rei dos Deuses. Então Diti disse ao seu marido Kasyapa que ela também gostaria de ter um filho. Kasyapa Mini falou para Diti praticar um voto muito sincero de disciplina, e quando Diti empreendeu o voto, ela engravidou. Ela começou a se desenvolver no modo maternal. E seu corpo irradiava a luz de sua pureza.

Então Aditi disse para seu filho Indra, “Meu filho, se você deseja meu bem estar, então encontre um meio de destruir o feto no útero de sua madrastra. Meu filho, eu estou muito apreensiva de que o filho dela se torne mais poderoso que você, e também que nosso marido a ame mais. Portanto, invente algum plano pelo qual possamos causar a morte da criança dela.”

Uma noite exatamente após a sua refeição, Indra foi até Diti e disse, “Mãe, Sei que você está extremamente cansada das austeridades que tem feito. Por favor, deixe-me massagear seus pés.”

Diti respondeu, “Você é muito amável, mas ainda não completei todas as funções de meu voto. Primeiro eu devo lavar minha boca após comer e então devo limpar antes de poder descansar.”

Indra disse, “Mãe, você parece tão cansada de todas suas privações. Deixe-me massagear seus pés por pouco tempo, e então você pode completar seu trabalho.”

Indra começou a massagear os pés dela, e depois de um pouco de tempo Diti adormeceu. Como ela não observava seu voto, isto tornou-se a chance de Indra. Ele adornou-se com seu corpo sutil e entrou no útero de Diti. Então pegou seu raio e cortou o feto em sete partes. E cortou cada uma das sete partes em mais sete partes. E então os quarenta e nove Maruts nasceram.

Quando Diti despertou ela viu o que tinha acontecido. Ela ficou muito zangada e amaldiçoou Indra que seu domínio não se estenderia por mais tempo pelos três mundos. Desde agora ele teria sorte em manter sua soberania

sobre os céus. Mesmo seu puja não seria executado na terra. Entendendo que isso era uma falta de Aditi, ela amaldiçoou Aditi também e disse, “Seus filhos morrerão nem bem eles saíam de seu útero, e você viverá em uma prisão experimentando medo e ansiedade!”

Kasyapa Mini consolou Diti dizendo-lhe que seus filhos seriam muito poderosos e seres famosos. Eles se tornariam bons amigos de Indra, e o ajudariam a proteger o reino dos céus. “Certamente sua maldição se frutificará. Varuna Deva ordenou que nós três desçamos a terra, mas você será livre enquanto Aditi vive na prisão.” Disse o Muni.

Mas a história da linhagem de Krsna vai antes mesmo deste tempo. Do coração de Brahma um filho chamado Dhama nasceu. Ele era verdadeiro e sempre engajado em realizar ritos e cerimônias da Religião Védica. Dhama casou-se com as dez filhas de Daksa, e juntos tiveram quatro filhos: Hri, Krsna, Nara e Narayana. Todos os quatro eram manifestações de Vrsnu. Hri e Krsna ficaram na Divina Yuga, enquanto Nara e Narayana manifestaram-se na terra e foram para Badrinath praticar tapasya.

Nara e Narayana e o Nascimento de Urvasi

Nara e Narayana se engajaram em tais austeridades que Indra ficou apreensivo. Ele enviou todas as hostes do céu para tentar parar a meditação dos sadhus meditativos. A Primavera foi e causou uma brisa morna que soprava das montanhas cobertas de neve, enquanto as hostes de celestiais Apsaras, virgens celestiais, começaram a cantar suavemente e a dançar fazendo gestos amorosos. Anur se escondeu atrás de uma árvore esperando a oportunidade para arremessar suas flechas.

Nara e Narayana despertaram da meditação e pensaram que era muito estranho o inverno ter passado tão rapidamente. Então eles viram dez mil belas donzelas celestiais vindo em direção a eles e fazendo gestos sedutores, e Narayana imediatamente reconheceu que isso era trabalho de Indra. Ele ficou irado e bofetou sua coxa, e da coxa saiu a bela Urvasi. Vendo a radiante beleza de Urvasi, as donzelas celestiais ficaram envergonhadas. “Vocês digam a Indra que se estivéssemos interessados em prazeres físicos, nós mesmos poderíamos amarjar! Agradecemos a ele por pensar em nós, mas ele pode arranjar sedução para os outros, não para nós. Levem esta jovem Urvasi para Indra como um presente dos dois sadhus que têm repulsão por seu comportamento ciumento! E pensar que é o Rei dos Deuses!”

As dez mil jovens do céu ficaram extremamente impressionadas pelo poder de auto controle dos dois sadhus. “Ó Minis” disseram elas. “Não tínhamos idéia do poder de sua tapasya. Indra nos enviou aqui para perturbar sua meditação, mas por favor não se zanguem conosco. Tomamos refúgio em vocês e rogamos por sua misericórdia.”

“Não estou zangado com vocês.” Respondeu Narayana. “Vocês estão somente realizando suas tarefas. Vocês não precisam pedir misericórdia. Peçam bênçãos.”

Então as dez mil jovens disseram, “Ó Narayana, nunca vimos tanta generosidade da parte de ninguém. Não somente você é forte e cavalheiro, mas você é auto controlado e generoso. Se você é tão amável em nos conceder bênçãos, então todas nós gostaríamos de maridos como você. Você se casaria com todas nós? Que outra dádiva poderíamos pedir?”

Narayana respondeu, “Vocês podem ver que nesta vida estamos muito engajados em realizar tapasya. Portanto, nós somos incapazes de realizar seus desejos no momento. Mas desde já eu concedo uma dádiva, na Dvapara Yuga na forma de Krsna eu satisfarei seus desejos. Agora voltem ao céu com Urvasi, e diga a Indra que eu me casarei com vocês em algum tempo na história quando me for conveniente. Diga-lhe para deixar-me sozinho até então.”

As maldições de Sadgarbha

Svayambhava Minu teve seis filhos com sua esposa Ura. Um dia Brahma olhou para Saraswati muito amorosamente e ficou cheio de paixão. Saraswati ficou surpresa de ver seu pai em tal condição e começou a correr. Brahma esqueceu de si mesmo e correu atrás dela. Ela viu que ele estava sério e correu mais rapidamente.

Ela correu passando por aqueles seis filhos de Svayambhuva Manu, seguida por seu pai Brahma, em quente perseguição.

Quando aqueles seis viram Brahma em tal condição, eles começaram a rir: "Olhe aquele velho homem cheio de paixão, perseguindo a própria filha ao redor dos céus! Há algum limite ao egoísmo do homem? Você pode imaginar um homem velho como este tão enamorado que quer desfrutar de sua própria filha? Pode ter algo mais ridículo que isso?"

Brahma ficou muito embaraçado por ter se tomado o objeto do riso dos meninos. Então ele disse, "Vocês não entendem o que é estar sob o domínio do desejo. Mas vocês ousam rir de um homem velho? Eu amaldiçoou vocês. Nasçam na forma de ashuras!"

Brahma pegou Saraswati, e entre outras distinções, ele foi o primeiro a se casar com a própria filha. A Consciência Criativa se casou com o Conhecimento. E os seis filhos de Svayambhuva Manu renasceram na casa do demônio Kalanemi. Em seu segundo nascimento eles incarnaram na casa do Rei demônio Haryakasipu. Nesta vida eles recordaram sua maldição por Brahma e realizaram muitas austeridades. Brahma ficou satisfeito com eles e os abençoou com a invulnerabilidade aos Deuses, humanos, Nagas e Gandharvas. Porque eles receberam aquela dádiva de Brahma, seu pai, Haryakasipu, sentiu que seus filhos tinham o desconsiderado. Ele ficou furioso e os amaldiçoou, "Vocês nascerão um após o outro do Útero de Devaki. E seu pai de seu nascimento anterior, Kalanemi, renascerá como o malvado Kansa. Ele será um homem muito malvado e irá matar vocês tão logo vocês nasçam!"

O Nascimento de Krsna

Surasena, Ugrasena e Devaka eram três primos nascidos em Mithura na linhagem que tinha sido estabelecida pelo Rei Satrugna, o irmão de Rama. Ugrasena tornou-se o Rei de Mithura. Ele tinha um filho chamado Kamsa, a encarnação do próprio mal, o malvado demônio Kalanemi. Kamsa cresceu para ser odiado e temido por todo o reino. Embora o Rei Ugrasena fosse completamente puro e um amante do dharma, as pessoas oravam por proteção das violações de seu filho Kamsa.

Surasena tinha um filho chamado Vasudeva, a encarnação de Kasyapa Muni, e Devaka tinha uma filha chamada Devaki, a encarnação de Aditi.

Quando Kamsa ficou com mais idade, ele desenvolveu poder suficiente para encarcerar seu pai e usurpar o trono, e então sua supressão de dharma começou intensa. Kamsa proibiu a adoração dos Deuses e todos os ritos e cerimônias Védicas. Ele aprisionou muitos Rsis, matou muitos outros, e de muitas maneiras fez seu antagonismo à religião bem conhecido. Nesta época havia muitos outros reis malvados nascidos sobre a terra, e Kamsa fez alianças com todos eles. Juntos eles oprimiam as pessoas da terra, até mesmo a Deusa Terra apelou ao Senhor Visnu para encarnar na terra em sua forma de Krsna para aliviar os sofrimentos da humanidade.

Um dia Kamsa veio até Vasudeva e disse, "Gostaria que você se casasse com Devaki."

Vasudeva respondeu, "Eu já sou casado com Rohini."
"Isto não importa," disse Kamsa. "Você irá tomar Devaki também e fazer nossa casa poderosa."

Vasudeva se casou com Devaki. Quando eles completaram a cerimônia de casamento, uma voz disse dos céus, "Kamsa, o oitavo filho desta união será a morte para você."

Kamsa puxou sua espada e estava para matar Devaki. "Você não pode matar uma mulher desamada, sua própria parente, especialmente no dia do seu casamento!" disse Vasudeva. "Eu darei a você todas as crianças desta união, mas poupe a vida de minha esposa."

Então o Rei Kamsa ordenou que Devaki e Vasudeva fossem colocados na prisão, e todas as crianças nascidas dessa união fosse entregue a ele imediatamente. Tão logo a criança nascia o malvado Kamsa era informado. Ele vinha acompanhado de seus soldados, e forçosamente tomava a criança recém nascida de sua mãe, e batia com a sua cabeça contra a parede. Deste modo as seis crianças foram mortas, para a angústia dos parentes aprisionados, conforme as maldições de Varuna Deva e do demônio Hiranyakasipu.

No final do Ramayana, Laksman, que era a encarnação de Ananta, a serpente sobre quem o Senhor Visnu repousa no Oceano da Pureza, disse para seu irmão mais velho, Rama, "Respeitável Irmão, nesta encarnação eu lhe causei muito sofrimento e dor, muitos problemas porque sou seu irmão mais novo. Porque sou mais jovem, você tem sempre que olhar por mim e salvar-me de condutas imprudentes que eu venha a cometer. Em nossa vida seguinte, conceda-me a dádiva de vir como seu irmão mais velho, assim posso servi-lo e protegê-lo como você tem feito por mim"

Rama concordou, e agora a pura Devaki engravidou de sua sétima criança. Mas Devaki temendo pela conduta de seu primo Kamsa, matando todas as suas crianças quando ele as encontrava, e através da Míya de Yôga, ela transferiu o feto para Rohini. Assim Rohini deu nascimento ao nobre Balarama, enquanto Kamsa se alegrava por Devaki ter abortado.

Rohini ficou com muito medo de Kamsa na casa de Nanda Rao e sua esposa Yasoda na aldeia de Gokula, junto com seu bebê Balarama. Nesta época a Divina Mãe Yôga Míya entrou no útero de Yasoda. Na mesma época a encarnação do Senhor Supremo, Visnu entrou como Krsna no útero de Devaki.

Era o oitavo dia da quinzena escura do mês de Sravana, quando Devaki, na prisão deu a luz a bela criança, Krsna. Quando a criança saiu do útero, ambos, Mãe e Pai viram que ele era de fato o Senhor Visnu. Então Vasudeva pegou a criança em seus braços, ao que ele ouviu uma voz celestial proclamando, "Os portões estão abertos Vasudeva. Os guardas estão dormindo. Leve a criança até a casa de Nanda Rao em Gokula. Yasoda deu a luz à encarnação da Mãe Divina. Troque seu bebê com o dela, seu filho é destinado a grandeza. Cora, Vasudeva, cora!"

Vasudeva envolveu a criança num linho branco, e correu para a margem do Rio Jamuna. Caía uma chuva torrencial, e a serpente Ananta manteve seu capuz aberto para proteger a criança na fuga. Vasudeva chegou em Gokula e entrou na casa de Nanda Rao. Ele trocou seu bebê Krsna pela menina que nasceu de Yasoda. Então ele voltou para a cela da prisão em Mithura. Imediatamente os guardas despertaram e correram para avisar Kamsa do oitavo filho de Devaki, uma menina. Kamsa começou a rir. Então ele lembrou-se da voz celestial e decidiu que mesmo sendo uma menina deveria ser morta. Ele foi até a prisão e arrancou o bebê dos braços de Devaki. Então aquela criança voou e tomou a forma da Deusa de oito braços, Durga. Ela disse, “Pecador Tolo, por que tenta matar-me? Seu matador já nasceu. Ninguém pode escapar da vontade do Kama.” Então ela desapareceu nos céus.

Kamsa ficou com medo e enviou seus soldados para matar todos os bebês nascidos naquele dia em Gokula, mas miraculosamente a criança Krsna escapou. Então ele enviou muitos demônios com terríveis poderes para matar o bebê Krsna, mas a criança matou todos os demônios que vinham. Assim Kamsa decidiu esperar uma época mais favorável.

As Encarnações de Deuses e Ashuras

Brincando na Lila da história de Shri Krsna, muitos Deuses e ashuras se manifestaram para tomar parte neste drama. Shri Krsna era a manifestação de Narayana, o filho de Dharma e representante do Supremo Senhor Vrsnu. Balarama era a encarnação de Ananta. Vasudeva foi a manifestação de Kasyapa Mini, Devaki de Aditi e Rohini de Diti.

Yudhishthira nasceu de Dharma, Bhim de Vayu, o poderoso Ajuna era o filho de Indra e encarnação do irmão mais novo de Narayana, Nara. Nakula e Sahadeva nasceram dos dois gêmeos Asvins. Kama veio do Sol, Vidura de Yama, Dronacarya de Brhaspati, e seu filho Asvatthama era a encarnação parcial de Rudra Deva. Santanu era a encarnação de Milha Esa que veio de Sagar, o Oceano, e Ganga veio por si mesma como a sua esposa. O filho deles, Bhishma foi de fato o mais velho dos Vayus chamado Dyaus, Vrata conhecido como Matsya Raja, era parte da encarnação dos Maruts; Ditarashtra nasceu do Ditiya Himsa, o filho de Aistaneni. Kapacarya veio dos Maruts. Duryodhana de Kali (Escuridão), e Sakuni de Dvapara. Dhirstadyumna era a encarnação do Fogo, Sikhandi de Raksasa. Pradyumna de Sarat Kumara, e o Rei Draupad era uma encarnação do Senhor Varuna. Draupadi veio de Laksmi, seus cinco filhos dos Visvadevas, Kunti veio de Mati, e as dez mil esposas de Krsna vieram das Asaras que foram prometidas em casamento por Narayana.

Entre os Ashuras, Sisupala era a encarnação de Hiranyakasipu, Jarasandha de Viprachitta, Salya de Prahlad; Kamsa nasceu de Kalaneni, e Kesi de Hiyasira. Muitos outros ashuras se manifestaram durante o tempo de Shri Krsna. para a iminente batalha entre dharma e adharma.

Krsna Eleva a Montanha Govardana

Um dia todos os cidadãos de Nandagam que era a aldeia na qual Krsna cresceu, se reuniram para realizar um grande Puja. A jovem criança Krsna perguntou? “Que puja vocês estão fazendo?” Eles disseram, “Estamos fazendo um puja para Indra, para que ele traga chuva.”

Krsna disse, “Por que vocês deveriam fazer um puja para Indra? Façam o puja para alguém que merece receber um puja. Por que Indra? As chuvas vêm das estações. A chuva não vem de Indra. Façam o puja para as vacas. As vacas estão sempre nos dando alimentos. Façam o puja para a planta Tulasi. A planta Tulasi é sempre tão doce e nos perfuma. Indra às vezes está feliz, às vezes triste, constantemente coloca obstáculos no caminho dos Sadhus, que estão se esforçando para a perfeição da meditação. Por que fazer um puja para Indra?”

Os cidadãos de Nandagam não puderam argumentar com Krsna, assim Krsna organizou um puja e mostrou a eles como fazer adoração às vacas e à planta Tulasi. Indra ficou ofendido por este insulto e disse, “Mistarei aqueles cidadãos da floresta! Mistarei a Krsna!” E ele fez chover. E choveu tão pesadamente que não havia lugar onde se abrigar. Todos os cidadãos vieram até Krsna e disseram “Krsna, o que faremos? Está chovendo muito. Nós ofendermos Indra. Ele está zangado conosco. O que faremos? Onde nos tomaremos refúgio?”

Com um dedo a criança Kṛṣṇa ergueu a Montanha Govardana e a manteve no alto do céu, fazendo um enorme guarda-chuva da montanha. Todos os cidadãos da floresta vieram e ficaram sob a montanha juntamente com seu gado, suas vacas, e todos os seus animais. Kṛṣṇa disse, “Certo, deixe chover. Mas não vamos nos curvar para Indra.” E ele manteve a Montanha Govardana no alto enquanto a chuva caiu por quarenta e oito horas continuamente, causando grandes inundações ao redor. Mas todos os cidadãos ficaram secos, eles não tiveram dificuldades de qualquer tipo. Não importava quão forte Indra fazia chover, ele não conseguia fazer Kṛṣṇa sair de sua posição. Finalmente Indra reconheceu que todo seu poder não era nada comparado ao poder de Kṛṣṇa. Então Indra apareceu para Kṛṣṇa com as mãos postas e disse, “Eu sinto muito por essa ofensa. Por favor perdoe-me. Eu vi que meu poder não é nada comparado ao seu.”

Kṛṣṇa respondeu, “Estou satisfeito com sua humildade. Pare a chuva.” E Indra respondeu, “Kṛṣṇa, sempre proteja meu filho, Ajuna. Sempre esteja com ele e certifique-se de que ele não terá dificuldades na terra.”

Kṛṣṇa disse, “Tata-stu! Eu lhe concederei esta dádiva.” Então todos os cidadãos saíram debaixo da Montanha e olharam a frescura da floresta, enquanto Kṛṣṇa colocava a Montanha em seu lugar original.

A Morte de Kamsa

Quando o Senhor Kṛṣṇa e seu irmão mais velho Balarama tomaram-se jovens homens, Kamsa ficou louco de medo de quando sua morte viria. Ele não podia esperar mais tempo. Finalmente enviou um convite aos meninos de Gokula para que estivessem presentes na arena real em Mathura.

Quando os dois jovens chegaram, Kamsa já tinha preparado todo tipo de deslealdade para assegurar a morte deles. Um elefante louco foi para atacá-los, os mais fortes guerreiros do país lutaram com eles, e muitos meios inócuos foram empregados para matar os dois jovens vaqueiros. Mas os dois jovens meninos eram invencíveis a tudo. Eles derrotaram o elefante e todos os outros guerreiros. Então Kṛṣṇa ergueu Kamsa do trono real e o arremessou no ar, fazendo o malvado rei cair e morrer.

A nação se alegrou com a morte de Kamsa, e Kṛṣṇa imediatamente foi para a prisão onde libertou seus pais, libertou o Rei Ugrasena e o restituiu ao seu trono, libertou todos os sadhus que estavam presos. Mas uma vez as regras de dharma foram restabelecidas no Reino de Mathura.

Algum tempo depois da reunião com seus pais, Kṛṣṇa e Balarama foram enviados para a casa do Guru Sannidhapani. Eles cresceram no ashrama d Guru e receberam treinamento em todos os ramos de conhecimento das tradições dos reis e Rsis.

Os Pandavas em Indraprasta e o Sacrifício Rajasuya

Os cinco irmãos Pandavas foram para o seu novo reino no meio do deserto. Bhīm ficou muito zangado e disse, “O que é isso? O que faremos com este deserto? Eles têm o reino. Têm os palácios e tesouros cheios de ouro. Eles têm a cidade cheia de cidadãos e táxis. E nos deram este deserto desolado, sem água, nem vegetação. Vamos voltar para Hastinapura e lutar.”

Yudhisthira, o filho de Dhama disse, “Pare! Iremos ter bastante coisa a fazer. Vamos lutar. Devotar nossa energia para construir um propósito. Vamos construir nós mesmos um reino.”

Assim eles se sentaram com os Rsis e Minis da floresta e acenderam o fogo sagrado, e começaram o sacrifício para purificar a terra. Então Kṛṣṇa junto com seu irmão Balarama vieram e ofereceram ajuda para eles construir o reino. Kṛṣṇa disse para Balarama pegar seu arado e arara os campos. Ele disse para Visvakama, o arquiteto dos Deuses, se unir nos esforços, e instantaneamente os campos ficaram arados, as sementes foram semeadas, rios e correntes fluíam, o cultivo e as árvores cresciam, e um magnífico palácio foi construído da terra, e uma cidade com beleza além da comparação. Esta cidade muito bela foi chamada de Indraprasta.

Os irmãos se mudaram para a cidade e então Kṛṣṇa disse, “Agora Yudhisthira, conquiste toda a Índia. Realize o sacrifício Rajasuya.”

Assim Yudhishthira enviou Bhim, Arjuna, Nakula e Sahadeva por toda a extensão da Índia. E todos os reis reconheceram Indraprasta como a suprema autoridade de todos os reis, e Yudhishthira como o Imperador de Todos os reis. O exército vitorioso marchou de volta para Indraprasta, e então convides foram enviados a toda a Índia, convidando todos os reis para coroar Yudhishthira como o rei dos reis, o sacrifício Rajasuya. Os mensageiros vieram em Hastinapura, e convidaram Ditaratra, Bhisma, Vidura, Donacarya, Kipacarya e Duryodhana e outros da família, que todos viessem testemunhar o esplendor de Indraprasta, e participar do sacrifício Rajasuya. Todos os reis da Índia reconheceram Yudhishthira como o Rei dos Reis.

Arjuna Casa-se com Subhadra e o Nascimento do Deus do Amor

Após os irmãos Pandava realizarem o sacrifício Rajasuya, Balarama, o irmão mais velho de Krishna, foi até seus pais, Vasudeva e Devaki, e disse, “Você sabem eu tenho estado pensando sobre nossa irmã, Subhadra. Ela é uma excelente gema entre as mulheres, e estou pensando que o Herdeiro do Trono de Hastinapura, Duryodhana, seria um marido adequado para ela. Assim se vocês estão de acordo, vamos em frente e marçamos o casamento.” Vasudeva e Devaki, os pais, concordaram com ele. Então Krishna enviou uma mensagem urgente para Arjuna: “Arjuna, venha rapidamente e vá diretamente ao Templo da Deusa Gauri do lado de fora dos portões da cidade. Eu asseguro que Subhadra estará lá, e então a leve embora com você. Eu não quero que Subhadra se case com Duryodhana. Ela será feliz com você.” E Krishna adicionou uma pequena anedota. Ele disse, “Quando você dirigir em sua camuagem certifique-se de que Subhadra detém o domínio.”

Arjuna recebeu a mensagem e montou em sua camuagem e foi diretamente para o templo de Gauri, fora dos portões da cidade. Era a manhã justamente antes do casamento proposto, e Subhadra, vestida em suas belas roupas de casamento foi adorar a Deusa e orar por salvação. Ela não queria se casar com Duryodhana. Quando ela acabou a oração, caminhou para fora do templo, quando viu Arjuna dirigindo sua camuagem puxada por cavalos brancos. Arjuna parecia a salvação encarnada. Em suas mãos ela segurava a guirlanda de casamento, a qual tinha sido abençoada pela Deusa, e ela olhou diretamente nos olhos dele e colocou a guirlanda em seu pescoço. Arjuna disse, “Vamos voltar para nossa Cidade de Indraprasta.” Com grande alegria Subhadra montou na camuagem e Arjuna disse, “Aqui estão as rédeas Subhadra, você guia os cavalos.”

Subhadra pegou o domínio e começou a guiar, enquanto os guardas que estavam atendendo a princesa não podiam fazer nada. Eles correram de volta ao palácio e disseram a Balarama que Arjuna veio e roubou a noiva. Balarama ficou extremamente furioso. “Aquele Arjuna nunca irá parar sua iniunidade com Duryodhana. Toda vez que eles se juntam . há sempre um conflito de alguma espécie. Agora ele roubou a noiva. Irei junto com meu exército e os alcançarei, e irei ensinar aquele Arjuna uma lição.”

Justamente então Krishna veio e perguntou, “Guardas, quem estava guiando a camuagem e quando partiram?” Os guardas responderam “A princesa estava dirigindo a camuagem” E Krishna disse, “Balarama, parece que Subhadra roubou Arjuna, e não que Arjuna roubou Subhadra. Detenha seu exército, baixe suas armas. Não haverá luta aqui. Nossa irmã escolheu seu noivo. Ela exerceu o direito dela de como uma princesa real escolher seu próprio marido.”

O filho de Arjuna e Subhadra foi Abhimanyu. E Abhimanyu foi abençoado pelo Senhor Shiva, pois Abhimanyu era Kamadeva, o Deus do Amor.

A Fraude no Jogo de Dados

Duryodhana se queimou de inveja e ira. “Aqueles pessoas tomaram metade do meu reino e ainda o fizeram ficar melhor que o meu” Ele não podia pensar em outra coisa a não ser conspirar em como ele poderia privar seus primos do reino deles. Ele decidiu, junto com seu tio Sakuni, que eles convidariam os irmãos Pandava para jogar dado. Sakuni era mestre em malandragem e fraude, especialmente jogando com dado carregado, e era uma tradição entre os Reis da Índia nunca recusar um convite para o dado. Como um guerreiro que nunca deve recusar um convite para a batalha, similarmente os reis da Índia nunca podiam recusar um convite para o dado.

Bhim disse para seu irmão, “Não vá. Eles irão trapacear e nós certamente seremos enganados.”

Yúdhishthira disse, “Hastinapura é a casa de nossa família. Como podemos duvidar de nossa família? Nós devemos ir. É a honra dos reis. Onde Bhishma está presente, onde Dronacarya está presente, onde Kpacarya está presente, e onde Vidura está presente eles irão permitir que sejamos enganados? Nós somos a própria família deles!”

Assim falando, os cinco irmãos Pandavas juntamente com Draupadi, foram para Hastinapura, e entraram no jogo de dados. Sakuni, o trapaceiro, trapaceou em toda rodada do dado. E uma rodada após outra, era dobrar ou nada. As apostas cresceram e cresceram até que Yúdhishthira apostou o Reino de Indraprasta. E quando ele perdeu o reino, apostou seu irmão Nikula. Quando perdeu Nikula, apostou Sahadeva. Quando perdeu Sahadeva apostou Arjuna. Quando perdeu Arjuna apostou Bhim e quando perdeu Bhim apostou a si mesmo. Quando se perdeu apostou Draupadi. E quando perdeu Draupadi não havia nada para apostar.

Vidura disse para Dtarashtra, “Ó Rei, uma filha de nossa família, a Rainha de Indraprasta, não é um item a ser apostado. Ela não é uma coisa, uma propriedade, que possa ser comercializada, comprada ou vendida. Ela é a Rainha da terra.”

Mis Kama lembrou-se do dia quando ele ergueu o arco na assembleia de casamento e ela disse, “Eu não me casarei com o filho de um cocheiro.” E lembrando esse insulto ele disse, “Qualquer senhora que é casada com cinco homens não é uma senhora. Ela é uma prostituta, e não merece mais respeito que qualquer outra prostituta. Nós a ganhamos justa e honradamente! Por que não tratamos nosso prênio em nossa presença!”

Duryodhana pensou que era uma boa ideia e ordenou, “Disasana, traga Draupadi aqui na assembleia. Nós a ganhamos justa e honradamente. Traga-a aqui! Ela agora me pertence!” Disasana imediatamente foi ao apartamento de Draupadi e disse, “Draupadi, você está sendo chamada ao saguão de audiência na frente do Rei, Bhishma, Vidura, Dronacarya e Kpacarya. Você foi perdida num jogo de dados, e agora você é propriedade de Duryodhana. Venha diante de seu mestre!”

Draupadi disse, “Disasana, eu tenho meu período menstrual agora, e não posso sair para encontrar-me com qualquer de nossos anciãos conforme os costumes de nossa família. Assim como posso ir? Eu nem mesmo posso tocar os pés das senhoras mais velhas. Como posso ir diante do Rei?”

Disasana disse, “Não temos tempo para esse tipo de problema agora. Você vem comigo ou a anastarei pelo cabelo.”

Draupadi disse, “Disasana, sou a rainha da Família Real deste país, e você é meu irmão mais novo. Se você me anastar pelo cabelo, há cinco Pandavas que irão vingar esse insulto. Não pense que você irá longe com isso.”

Disasana respondeu, “Aqueles cinco Pandavas agora são escravos de Duryodhana. Eles também foram perdidos no jogo de dados! Agora ou você vem comigo por bem ou a anastarei pelo cabelo.”

Draupadi disse, “Disasana, isso não é jeito de falar com sua irmã mais velha ou com a rainha. Não pense que irá conseguir algo com isso.”

Disasana a agarrou pelo cabelo e disse, “Agora pare de falar e venha comigo.”

Ela disse, “Eu não vou!” E ele começou a anastar-la pelo cabelo. Ele a anastou até o saguão para a assembleia de todos os anciãos, onde ela caiu ao chão. Ele continuou a anastar, enquanto os cinco irmãos Pandavas ouviam ela gritar pedindo ajuda, mas eles estavam impotentes. Kpacarya parecia repugnar, mas ele era impotente para falar, Dronacarya observava em completa repulsão, ainda que fosse impotente para fazer alguma coisa. Bhishma agarrou sua espada irado, ainda que fosse impotente para falar, devido ao seu voto de proteger o Rei de Hastinapura.

Quando Draupadi foi anastada para o meio da assembleia, ela disse em tons lamentáveis. “Anciãos de Hastinapura, o que aconteceu ao Dharma em nosso país? É este o modo de tratar a Rainha de Hastinapura? É este modo de vocês tratarem uma filha de sua família? É este o modo de se tratar um ser humano?”

Duryodhana respondeu, “Você agora é minha propriedade! Você não merece qualquer respeito que eu deva dar a você. Você foi apostada e perdida num jogo de dados, e agora você me pertence.”

E Kama disse, "Bem, se ela é realmente uma prostituta, vamos ver como ela parece se qualquer roupa."

Duryodhana disse, "Está é uma idéia maravilhosa. Dusasana, tire o sari dela!"

E Draupadi disse, "Nenhum de meus cinco maridos heróicos irão me ajudar? Bhishma, o protetor do Dhama? Vidura, o ministro sábio e capaz. Ninguém virá socorrer-me?"

Dusasana agarrou o final do sari dela e começou a puxar. Draupadi orou, "Ó Krishna, nenhum dos membros de minha família pode me ajudar. Krishna, eu tomo refúgio somente em você."

Dusasana puxava o sari e Duryodhana ordenava, "Puxe, Dusasana, puxe! Tire o sari dela."

A medida que Dusasana puxava o sari dela, Draupadi girava e girava, e quando ela olhou para cima, lá estava Krishna de pé na galeria colocando mais pano à sua roupa. Ele concedeu a ela a dádiva da roupa infinita. Dusasana puxava o sari e continuava a puxar e a roupa se amontoava e amontoava, até encher metade da sala. Todos se olharam sem acreditar. De onde tinha vindo toda aquela roupa? Não importava quanto Dusasana puxasse, ele não podia tirar a roupa. A roupa ficava mais e mais longa, até que ele caiu no chão exausto.

Gandhari, a Mãe de Duryodhana, ouvindo a confusão, veio até o saguão da assembleia com pressa e perguntou, "O que é isso? Você deseja tirar as roupas de uma mulher da família real em público? É desta maneira que o meu filho foi criado? Você está tentando insultar as mulheres desta casa? Aqui, tire minhas roupas! Isso é um ultraje! Você não sabe que se esta mulher de nossa família quiser ela pode amaldiçoar-lo? Com uma palavra de seus lábios, ela pode parar a chuva! Ela poderia secar todos os vegetais, todas as colheitas de todas as fazendas do reino com uma palavra de seus lábios! E aqui está você a insultando? Ditarashtra, você é o Rei sentado em seu trono. Seu dever é proteger os cidadãos de nosso país. E aqui, justamente diante de seu trono, este ultraje está acontecendo?"

Ditarashtra chamou Draupadi, "Venha aqui, venha para perto de mim" Draupadi, em lágrimas e tristeza, veio ao pé do trono. Ditarashtra disse, "Draupadi, não nos amaldiçoe. Por favor contenha sua ira. Não amaldiçoe o trono de Hastinapura. Eu lhe darei três dádivas. Qualquer coisa que você queira!"

Draupadi com soluços disse, "Eu não irei amaldiçoar-lo. Primeiro, eu não quero ser escrava de Duryodhana."

Ditarashtra disse, "Eu lhe concedo este desejo. Você está livre."

E então ela disse, "Quero que os cinco Pandavas sejam livres também"

O Rei disse, "Eu lhe concedo este desejo. Eles estão livres."

E então Draupadi disse, "Por favor dê a eles as suas armas de volta."

Ele disse, "Eu lhe concedo este desejo. Eles podem ter as armas de volta. Escolha alguma coisa mais. Tome de volta seu Indrapasta."

Draupadi disse, "Não, você me deu três dádivas. Eu as tomei. Nós estamos livres e temos nossas armas. Não precisamos aceitar nosso reino como caridade. Nós tomaremos nosso reino por nós mesmos - pela força das armas. Ksatriyas guerreiros não tomam um reino com um presente. Os heróicos Pandavas irão retomar o reino deles com o sangue dessa enganosa escória!"

Os cinco Pandavas foram libertados e foram com Draupadi para o apartamento de sua mãe Kunti.

Enquanto isso, Duryodhana foi até Ditarashtra. Ele disse, "Pai, eu ganhei aquele reino justa e honradamente. Todos estavam presentes. Ninguém falou. Ninguém disse que Yudhishthira não tinha autoridade para jogar. Bhishma estava lá. Você estava lá. Vidura estava lá. Dronacarya estava lá. Krapacarya estava lá. Todos viram. Ninguém falou pois esperavam que Yudhishthira vencesse. Ninguém disse nada. Mas quando eu venci e me tornei vitorioso, então eles disseram 'Não, isso não foi justo! Yudhishthira nunca reclamou em qualquer tempo. Ele se manteve apostando e apostando. Agora você deu todas as minhas conquistas de volta. Por que eles não deveriam ser meus escravos? Sou o filho mais velho do Rei legítimo! Sou o legítimo herdeiro ao reino e eu venci! E você deu de volta todas as minhas conquistas. Não foram suas as conquistas que você deu de volta. Que tipo de pai é você?"

Então Ditarashtra chamou Yúdhishthira e disse, “Yúdhishthira, meu filho venceu legalmente. Embora eles tenham fraudado no jogo de dados, ninguém falou contra isso. Portanto eu digo que os irmãos Pandavas irão ficar doze anos exilados na floresta, e irão ficar no décimo terceiro ano se escondendo. Se eles não forem encontrados naquele décimo terceiro ano, naquele ano que estão se escondendo, então eles podem voltar e pedir a sua metade do reino e receberão sua parte. Esta é minha proclamação.”

Yúdhishthira disse, “Rei Ditarashtra, você é orei de nossa nação. Você é o membro mais velho de nossa família e é nosso dever obedecer qualquer coisa que você diga. Nós aceitamos sua ordem”

Os irmãos foram até sua Mãe e disseram, “Mãe, você fica aqui em Hastinapura. Nós iremos para a floresta junto com Draupadi.” Então Ajuna enviou Athinanyu com sua esposa Subhadra para a casa de Kṛṣṇa em Dwarka. Lá, com as bênçãos o Senhor Shiva, Athinanyu cresceu na mais forte, mais heróica encarnação do Deus do Amor.

E com a maior tristeza, os cinco irmãos junto com Draupadi, roubados de seu reino, riqueza e família partiram para o exílio na floresta.

A Tapasya de Arjuna

Bhim estava sempre cheio de ira. “Por que deveríamos esperar doze anos na floresta, e ficar um ano nos escondendo, e então voltar e implorar para Duryodhana? Você pensa que ele nos dará o reino em treze anos, quando não nos deu agora? Será diferente então? Venha, vamos atacar!”

Yúdhishthira, o filho de Dhama disse, “Não! Iremos atacar, mas devemos fazer isso como o último recurso. Quando tudo o mais fracassou nós podemos usar o recurso das armas. Agora temos essa excelente oportunidade para passar nosso tempo na floresta realizando sadhana. Vamos visitar todos os sábios e Minis e aprender sabedoria e praticar nosso Dhama com o qual podemos cultivar a capacidade de governar nosso reino com sabedoria.”

Assim os cinco irmãos foram para a floresta para se sentarem aos pés de Rsis e Minis para aprender sabedoria. Ó como aqueles dias se passaram no prazer da satsangha. Um dia Kṛṣṇa veio ao eremitério onde os irmãos Pandavas estavam e disse, “Meus irmãos, vocês estão fazendo um maravilhoso estudo de tapasya e sadhana enquanto vivem aqui na floresta. Quanta paciência vocês têm cultivado! Mas lá haverá uma guerra, e agora é o momento de se preparar. Ajuna, você irá precisar de armas divinas para lutar nessa guerra. Propicie o Senhor Shiva. Faça Puja para Shiva. Bhim, você precisará de uma força divina para lutar nessa guerra. Todos vocês irmãos realizem sadhana.”

Ajuna foi sentar-se sob uma árvore e começou a cantar, “Om Namah Shivaya.” Depois de algum tempo de intensa meditação, um dia um javali selvagem veio correndo no horizonte em direção ao local onde ele estava sentado. Aquele javali estava ganhando velocidade e parecia gostar de ir correr diretamente em direção a ele para fura-lo com suas presas. Quando Ajuna viu o javali, ele pulou, puxou seu arco e sua flecha, e deixou a flecha voar...Wsssh! E o javali caiu morto no chão. Ajuna caminhou até onde o animal estava deitado, e viu que havia duas flechas nele.

Ali nos arbustos um caçador nativo da floresta gritou. Ó Príncipe porque está reivindicando meu troféu?

Ajuna disse, “Caçador, você deve ter cometido um engano. Este é meu troféu.”

O caçador disse, “Príncipe, por favor olhe este animal. Creio que você encontrará minha flecha presa nele.”

“Ó sim, caçador, vejo sua flecha ao lado da minha. Este troféu é meu. Sou Ajuna, o discípulo de Dronacarya. Eu nunca erro meu alvo.”

“Mas”, disse o caçador. “Estou certo que agora você errou seu alvo, porque esta flecha que está furando este javali é minha.”

Ajuna disse, “Caçador, talvez você nunca tenha ouvido falar de Dronacarya, e você não conheça seu discípulo, Ajuna, o maior arqueiro que caminha hoje sobre a terra.”

O caçador respondeu, “Você tem um grande ego para um pequeno discípulo.”

Ajuna disse, “Não irei tolerar seu insulto,” e ergueu seu arco.

O caçador dividiu o arco com uma flecha, e com mais flechas ele fez toda a sua silhueta na árvore em frete da qual Ajuna estava.

Ajuna disse, “Há somente três pessoas na face da terra que poderiam fazer isso, A primeira é Dronacarya, meu Guru. A Segunda é Bhisma, e a terceira é Mahadeva. E eu sei que você não é Dronacarya, e sei que não é Bhisma. Om Namah Shivaya! Eu me curvo aos seus pés de lótus.”

Ajuna se curvou enquanto Shiva tomou sua forma real e disse, “Ajuna, estou satisfeito com sua tapasya. Escolha um desejo de mim”

Ajuna disse, “Mahadeva, Shiva, irá acontecer uma luta. Krishna disse-me que deveríamos conseguir amas divinas e ele me disse para orar a você.”

Shiva respondeu, “Ajuna, eu darei a você a ama Pasupati, minha própria flecha divina. Mas eu sugiro a você que vá até Indra e consiga mais amas divinas. Eu o abençoo. Você será vitorioso!”

Recebendo as bênçãos de Shiva, Ajuna sentou-se na mais profunda meditação e ascendeu até Indraloka, onde encontrou Indra e disse, “Indra, meu pai. Mahadeva me enviou. Eu estou para receber o arsenal de amas divinas. Haverá uma luta.”

Indra disse, “Fique aqui e estude por algum tempo.” E Ajuna começou seu estudo.

Bhim Convida Hanuman

Enquanto isso na terra, um dia Bhim e Draupadi estavam colhendo flores para o puja da família. Draupadi encontrou um lótus que era muito belo. Ela disse, “Bhim, olhe este lótus! Você já viu um lótus como esse? Não é o lótus mais belo que já viu? Bhim, veja se há mais algum lótus como esse. Eu pegarei este lótus de onde ele está vivendo e o oferecerei no puja. Vá em frente e veja se consegue arranjar mais lótus como esse.”

Bhim disse, “Está certo.” E saiu para procurar mais. Draupadi pegou o lótus junto com as outras flores e voltou ao eremitério, enquanto Bhim seguia a trilha da montanha em busca de mais lótus da mesma qualidade. Bhim continuou seguindo a trilha subindo cada vez mais alto na montanha até que chegou a uma clareira em uma área onde havia uma grande sombra de árvore. Debaixo da sombra da árvore um velho macaco estava sentado com um longo rabo, e rabo estava no caminho. “Ei Macaco, tire seu rabo! Eu estou procurando um lótus para Draupadi.”

E o macaco respondeu, “Cante o nome de Rama. Eu sou um velho macaco. Estou cansado.”

Bhim disse, “Ei Macaco, não me dê qualquer deste serviço, ‘Cante o nome de Rama’. Eu estou ocupado. Estou procurando por um lótus especial para Draupadi. Você pode tirar seu rabo do caminho para assim eu poder passar?”

O macaco disse, “A que chegou este mundo? Um velho macaco não pode nem mesmo encontrar um lugar para descansar em paz. Eu subi nesta montanha pensando que poderia ser deixado sozinho, e aqui estou sendo perturbado novamente. Estou velho e cansado. E não tenho força de mover meu rabo por mim mesmo. Poderia por favor movê-lo para mim? Se ele está aborrecendo você e você não quer dar a volta, mova o rabo você mesmo. E cante o nome de Rama.”

Bhim ficou zangado. Ele disse, Ei Macaco, estou certo de que você não sabe quem eu sou. Mas eu quero que você saiba que eu sou Bhim, o filho de Kunti, o filho do Vento, e tenho a força de dez elefantes. Tire seu rabo do meu caninho.”

O macaco disse, “Bhim, um dia você ficará velho e saberá o que é ficar cansado e sem qualquer força. Mas eu estou lhe falando, estou muito cansado para mover este rabo por mim mesmo. Você por favor tire-o do seu caninho. Cante nome de Rama, irmão, cante o nome de Rama!”

Bhim respondeu com raiva, “Tudo bem, eu lhe avisei, e agora eu mesmo tirarei o seu rabo.” Ele abaixou com uma de suas mãos e começou a levantar o rabo, mas o rabo não se movia. Ele tomou ambas as mãos e começou a levantar o rabo...mas ele não podia movê-lo nem um pouco!

O velho macaco olhou para ele e disse, Ei por favor levante o rabo. Venha, você é tão forte! Ah, levante o rabo irmão, venha! Levante o rabo venha e me ajude. Mova o rabo para fora do seu caninho.”

“Gmm..mm”. Bhim estava lutando com o rabo, mas ele não podia mover aquele rabo. Então ele olhou para o velho macaco e disse, “Você não é um macaco comum”

O macaco olhou para ele e disse, “Eu falei para você cantar o nome de Rama, cante o nome de Rama, irmão.”

Bhim perguntou, “Quem é você?”

O velho macaco respondeu, “Sou seu irmão mais velho. Eu também sou o filho do Vento. Agora veja minha forma real.” E ele se tornou Hanuman!

Bhim curvou-se ao seu irmão mais velho, Hanuman e disse, “Hanuman, haverá uma luta. Nós fomos roubados de nosso reino e iremos conseguí-lo de volta. Venha e nos ajude.”

Hanuman disse, “Bhim, esta não é minha Yuga para lutar. Eu já lutei contra Ravana, mas eu estarei com vocês. Eu estarei sentado na bandeira de Ajuna, e abençoarei todos vocês. Vocês serão vitoriosos. Mas relembre minhas palavras, Bhim, cante o nome de Rama! Cante o nome de Rama! Vá com o nome de Deus! Eu irei montado na bandeira de Ajuna e abençoarei seus exércitos. Mas cante o nome de Rama!”

Bhim encontrou um ramallete de lótus e o trouxe para Draupadi, e ela foi muito feliz fazer o puja com aqueles belos lótus. Os outros irmãos ficaram felizes por também ouvir que Hanuman iria abençoar seus exércitos.

Arjuna Completa seu Curso

Enquanto isso no céu, Ajuna foi até Indra e disse, “Indra, eu completei o curso de estudos e tomei-me um mestre de todas as armas divinas. Por favor abençoe-me e deixe-me retornar para a terra. Meus irmãos irão certamente estar preocupados comigo.”

Indra disse, “Não ainda. Eu quero que você aprenda como dançar primeiro. Esta é Citragupta, a divina Gandharva musicista dos céus e ela irá ser sua professora de dança.”

Ajuna disse, “Indra, haverá uma guerra. Eu vim aqui pelas armas. Por que preciso aprender a dançar?”

Indra disse, “Isso será conveniente.”

Citragupta começou as lições de dança com Arjuna, e Arjuna tornou-se um mestre de dança. Ele era muito gracioso. Um dia Ajuna estava dançando todos os ritmos divinos muito belamente. Uvasi, a Apsara divina, o viu dançando e seu coração foi roubado. Ela dançou junto com ele e os dois dançando juntos pareciam a graça encarnada.

Depois de dançar com Ajuna, ela disse, “Ajuna, meu coração foi roubado. Venha e faça amor comigo.”

Ajuna respondeu, “Mãe, você é a Mãe Divina para mim. Eu fui enviado aqui com uma missão específica para obter armas divinas para preparar para a guerra que acontecerá. Indra disse-me para aprender como dançar,

mas eu sinto muito que eu não tenha tempo para entrar em afazeres de amor e ter um romance agora. Por favor perdoe-me, Mãe.”

Ela disse, “Sou uma Apsara. Sou a luxúria encarnada. Não me chame de Mãe. Não sou sua mãe.”

Ajuna disse, “Mãe, quando Narayana bateu as coxas dele, você nasceu daquela coxa. Por isso seu nome é Uvasi. Uu significa coxa e vasi significa residente, Ela Que Reside na Coxa. E portanto, você nasceu de Narayana, você é parte de Deus, e você exemplifica a maternidade de toda a criação. Você é uma mãe para mim. Você não é a luxúria encarnada para mim. Assim Mãe, por favor, perdoe-me. Este não é o meu momento para ter uma relação.”

Uvasi ficou muito insultada. Ela disse, “Eu o amaldiçoo. Você recusou minha proposta. Você me insultou e rejeitou meu convite, o convite que é muito desejado por todos os honens do universo. Você se tomará um eunuco!” E ela atirou um pouco de água em cima dele.

Quando a água bateu nele, Ajuna disse, “Por uma pequena falta eu tive esta terrível maldição?”

Indra veio e disse, “Uvasi, este não é um comportamento muito divino. Mesmo sua terrível maldição deve ter algum limite.”

Ela disse, “Sim, Indra. Eu sei disso, mas estou muito insultada e muito zangada.”

Ele ordenou, “Bem então ponha um limite em sua maldição.”

Uvasi perguntou, “Qual deve ser o limite?”

“Faça-o eunuco por um ano.” Respondeu Indra. Então Uvasi concordou, “Está bem, ele pode ser eunuco por um ano.”

Assim Indra deu a Ajuna todas as amas divinas e o conhecimento da dança e abundantes bênçãos, e Arjuna retornou para a terra. Quando ele voltou para casa de seus irmãos eles ficaram muito felizes em ter toda a família junta novamente.

Quando os doze anos estavam completos, eles precisaram encontrar um lugar para se esconderem por um ano. Eles foram ao Rei de Cheddi, Matsya Raj, o irmão de Matsyagandha, que tinha se tornado Satyavati. Arjuna, o eunuco, vestido como uma senhora, tomou-se a professora de dança Pyanela. Bhim tomou-se o cozinheiro. Yudhishthira tornou-se um ministro e conselheiro. Nalakula e Sahadeva trabalharam nos estábulos e cuidaram de vacas, enquanto Draupadi tornou-se Sarendri, a chefe das servas da rainha. E deste modo um ano se passou.

Arjuna o Professor de Dança

A aluna de dança de Arjuna era a filha do Rei, e seu nome era Uttara. Uttara era a encarnação de Rati, cujo marido era Kamadeva, O Deus do Amor, que tinha sido reduzido a cinzas pela ira de Shiva. Uttara era uma bela menina e excelente estudante. Portanto Ajuna ensinou a ela todos os ritmos que ele tinha aprendido de Citragupta, quando estava estudando com a Mestre no céu. Uttara rendeu-se ao seu Guru com grande devoção, e aprendia cada movimento com tremenda graça.

As vezes quando Pyanela conversava com Uttara, Uttara dizia, “Priyanela, quando eu crescer quero ter um marido como você. Não há mais ninguém que exibe tal entendimento, tal graça e tal compaixão, e ainda assim é tão firme e forte em conhecimento.”

Priyanela respondia, “Você sabe que é impossível você casar-se comigo. Mas conheço um homem que será o marido perfeito para você.” E Ajuna pensava em seu filho, Abhimanyu, o Deus do Amor.

Draupadi e a Morte de Kitchat

Um ano se passou para os Pandavas que se escondiam trabalhando em serviços domésticos no palácio de Mítsya Raj, o Rei de Cheddi. O cunhado do Rei era o comandante chefe dos seus exércitos. Ele era um homem muito demoníaco chamado Kitchat. Um dia Kitchat veio ao quarto da rainha, onde ele viu Draupadi, a chefe das ajudantes da rainha. Então ele foi até sua irmã, a rainha, e disse, "Irmã, quem é aquela bela criada que você tem?"

A rainha disse, "Aquela é minha nova serva."

Kitchat disse, "Mande-a para mim esta noite."

A rainha disse, "Isto não é correto meu irmão. Ela é minha serva."

Seu irmão disse, "Eu ficarei feliz em ter aquela senhora esperando por mim. Envie-a para mim. Caso contrário, não ficarei satisfeito com você."

Assim a rainha chamou sua serva, Draupadi. Ela disse, "Quero que você leve um pouco de vinho para o comandante chefe dos exércitos esta noite."

E Draupadi respondeu, "Você entende que resultado isso terá?"

A rainha disse, Não, não sei nada de resultados. Meu irmão pediu que você fosse. Eu estou somente cumprindo o pedido dele. Vá para ele não argumente comigo."

Draupadi fez como ela instruiu, e levou o vinho ao apartamento de Kitchat. Quando ela chegou Kitchat estava bêbado, e quando ele viu a bela Draupadi entrar, ele a agarrou e tentou atacá-la. Ela lutou e correu para longe dele. Ela correu para a cozinha, onde Bhim estava, e fervendo de raiva ela disse, "Você deve vingar esse insulto."

Bhim respondeu, "Diga ao comandante do exército para encontrar você no meio da noite na sala de instrução de dança."

Draupadi estava no jardim quando Kitchat veio a ela e disse, "Você é a mais bela de todas as servas do palácio. Eu quero que você seja minha."

E Draupadi respondeu, "Venha encontrar-se comigo na sala de instrução de dança à meia noite."

Kitchat ficou muito feliz.

Aquela noite, à meia noite Bhim sentou-se na sala de dança com uma bela roupa sobre a cabeça. Kitchat estava muito bêbado quando entrou e disse, "Ó minha amada, você está aqui esperando por mim"

Bhim não respondeu. Então Kitchat veio e colocou sua mão no ombro de sua amada, e Bhim virou-se e arrebitou-lhe o nariz. Ajuna começou a bater os tambores e assim ninguém podia ouvir o barulho da luta, enquanto Bhim com suas próprias mãos desnudas estrangulou o comandante chefe.

As notícias da morte de Kitchat se espalharam por toda a Índia como incêndio na floresta, e quando estas notícias foram recebidas em Hastinapura, Duryodhana pensou: "Há somente três pessoas no mundo que poderiam ter matado aquele general: Bhisma, Dronacarya e Bhim. Bhisma está aqui em Hastinapura, e Dronacarya está aqui também. Isso significa que deve ter sido Bhim quem o matou. Agora sabemos onde os Pandavas estão se escondendo. Eles estão se escondendo no palácio de Mítsya Raj, o Rei de Cheddi. Rapidamente vamos pegar nossas armas e atacar."

Então Sakuni aconselhou, "Se pegarmos nossas armas e atacar, Bhisma nunca permitirá isso. Vamos dizer a Bhisma que porque eles não têm comandante para seus exércitos, seu território está débil e iremos dar-lhes proteção."

Então Duryodhana foi até Bhisma e disse, "Bhisma, Kitchat, o comandante chefe dos exércitos do Rei de Cheddi, foi morto. Devemos proteger o país deles."

Duryodhana juntamente com Bhisma, Dronacarya, Kpacarya, Kama e Disasara montaram em suas carruagens junto com o enorme exército de Hastinapura, e foram para as fronteiras ao norte do Reino de Cheddi.

Alguns outros reis malvados também ouviram as notícias que Cheddi não tinha comandante chefe, e eles foram para atacar pelo Sul. Mitsya Raj, o Rei de Cheddi, levou seu exército ao Sul e lutou com aqueles malignos inimigos.

Então os guardas da fronteira ao Norte enviaram notícias ao palácio de que todo o exército de Hastinapura estava reunido na fronteira norte. O Herdeiro do Trono era um jovem menino e ele orgulhosamente proclamou, "Eu marcharei por mim mesmo para a face do inimigo só para proteger nossa fronteira norte."

Yudhisthira disse, "Está certo Príncipe, defenda a honra de seu país. Mas leve a querida Priyanela como sua cocheira."

Ele disse, "O que? Aquele eunuco, instrutor de dança como meu cocheiro?"

Yudhisthira disse, "Sim, por favor, confie em mim. Leve o instrutor de dança como seu cocheiro."

O Príncipe consentiu e Ajuna montou na camuagem e começou a dirigir a camuagem diretamente para a face do inimigo. Quando o Príncipe viu numerosos soldados liderados por Bhishma, Dronacarya, Kpacarya, Kama, Duryodhana e Dusasana, seu coração afundou no estômago, e ele disse, "Eu vou sair daqui! Não vou enfrentar todo esse exército sozinho. Mesmo todo o exército de Cheddi não pode enfrentar aqueles guerreiros. Venha Priyanela, dirija a camuagem. Vamos sair daqui!"

Priyanela respondeu, "Não, Príncipe, nós viemos aqui defender nossas fronteiras e devemos defender! Não há volta para nós. Vamos nos dirigir até aquela árvore lá. Eles foram para a árvore e Ajuna disse, "Certo Príncipe, suba na árvore e você encontrará algumas amas divinas."

O Príncipe subiu na árvore e encontrou as armas, e as trouxe para baixo. Abrindo o pacote, ele exclamou, "Minha Deusa, isso parece com o Gandiva, o arco de Ajuna! Estas parecem as amas dos Pandavas! Estas amas são divinas. Como foram para aquela árvore?"

Priyanela disse, "Não importa! Você dirige a camuagem e eu ficarei no topo." Ajuna pegou seu arco e suas flechas e eles se dirigiram para enfrentar o inimigo. Ajuna sou o fio de seu arco e isso fez um estrondo nos céus. Todos sabiam que Arjuna tinha chegado!

Duryodhana disse, "aquele é o arco de Ajuna! Ah, nós encontramos os irmãos Pandavas! Nós os descobrimos em seu esconderijo e conforme as regras do exílio, eles devem ficar na floresta por mais doze anos."

Bhishma respondeu, "Não Duryodhana, nós não viemos aqui para encontrar os irmãos Pandavas. Viemos aqui para defender as fronteiras de Cheddi. Além disso, o décimo terceiro ano se completa hoje."

Duryodhana respondeu, "eu não aceito isso. Meus astrólogos disseram que o ano ainda não passou. Eles têm que ir para o exílio por mais doze anos."

Bhishma disse, "Bem, vamos discutir isso depois. Vamos proteger as fronteiras de Cheddi e não..."

Duryodhana disse, "Não, eu vou matar Ajuna agora mesmo. E ele ordenou as suas tropas atacar."

Arjuna lançou flecha após flecha e ninguém podia cortar suas flechas. Então ele convocou uma flecha divina e fez todo o exército de Hastinapura dormir. Ele disse, "Agora Príncipe, vá pegar o lenço de pescoço de Duryodhana, Kama e Dusasana e traga-os de volta. Eles irão ser um excelente presente para a princesa de Cheddi."

O Príncipe foi e tirou os lenços daqueles guerreiros, os quais ele levou para a princesa. Priyanela disse, "Ohe o heroísmo do Príncipe! Ele derrotou todo o exército de Hastinapura por si mesmo."

Todos ficaram surpresos por essa façanha do Príncipe, mostrando tal heroísmo em sua primeira batalha. Mas o Príncipe não podia tomar todos os créditos pela vitória e revelou a identidade dos Pandavas.

O ano de se esconder tinha passado. Os Pandavas reassuniram sua real identidade, tomaram suas amas divinas e enviaram mensageiros para Hastinapura. "Nossos treze anos se passaram. Doze anos no exílio e um ano se escondendo. Devolva nosso reino."

Todos os aliados dos Pandavas começaram a reunir-se e os amigos de Duryodhana reuniram-se, e o cenário era para a guerra. Os conselheiros aconselharam, "Vamos lutar."

Kisna caminhou para a frente do conselho dos Pandavas e disse, “vamos lutar somente com o último recurso. Quando nós formos lutar, estaremos indo lutar com Bhishma, seu avô, Dronacarya, seu Guru, , Krpacarya, o Guru de sua família. Vocês não vêm que irmão lutará contra irmão, tio contra tio, parente contra parente, amigos contra amigos. Vamos tentar tudo o que podemos para evitar a guerra. Somente então iremos aceitar que devemos lutar. Eu irei até Hastinapura como Embaixador dos Pandavas.”

Kisna foi para Hastinapura e disse, “Eu venho em interesse dos Pandavas. Os treze anos deles se completaram. Devolvam o reino deles. Sejam verdadeiros. Sejam justos. Evitem essa horrível guerra.”

Duryodhana disse, “Eu não darei o reino!”

E Kisna disse, “Dê a eles algumas aldeias e da parte dos Pandavas, declaro que haverá paz. Quaisquer cinco aldeias que você queira.”

Duryodhana disse, “Eu não darei um pé de espaço. Eu não darei um centímetro da terra de Hastinapura para aqueles Pandavas!”

Então não havia outro recurso, senão lutar.

Guerra!

Naquele fatídico dia os exércitos dos Kauravas, liderados por Duryodhana, Dusasana e seus cem irmãos juntamente com muitos heróicos guerreiros tais com Bhishma, Dronacarya, Krpacarya, Asvatthama, Jayadratha, Karna, se enfileiraram para enfrentar os exércitos dos Pandavas liderados por Yudhishthira, Bhim, Ajuna, Nakula e Sahadeva, com Kisna dirigindo a carruagem de Ajuna. Quando Ajuna viu seus parentes, amigos, primos e tios, todos se enfrentando com armas de destruição, prontos para destruírem toda a família por direito ao estado real e propriedade, ele abaixou seu arco e disse, “Kisna, eu estava enganado. Não há necessidade de lutar. Será melhor que eles fiquem com todas as coisas e nós não fiquemos com nada do que entrar nesta batalha de destruição. Que terá de bom em termos o reino para nós, se todos aqueles que amamos irão morrer na batalha por ele?”

Então Kisna narrou o Bhagavad Gita, a Canção do Senhor, e mostrou sua forma universal para Ajuna. Ajuna entendeu que tudo que existe vem de Kisna, e todo Karma que acontece é autorizado por Deus. Dentro de cada um de nós reside a faísca de Deus. E toda ação que executamos é ordenada por Deus. Então Arjuna rendeu sua vontade e disse, “Se Deus deseja me fazer lutar, faça de mim um instrumento de sua vontade.”

A luta começou e continuou com grande intensidade, e um por um os membros familiares caíram no campo de batalha. Houve graves ocasiões naquela luta, mas uma luta muito especial foi liderada por Abhimanyu. Justamente antes de Abhimanyu marchar para a guerra, sua esposa concebeu uma criança. E agora, Abhimanyu liderava o caminho para o exército dos Pandavas abrir a formação Chakravyu. A formação Chakravyu é uma série de círculos concêntricos feitos por poderes militares, no centro do qual estavam reunidos a mata dos guerreiros Kauravas. Abhimanyu dirigiu sua carruagem diretamente através do círculo como um chaveta, e penetrou no centro. Um por um os guerreiros Kauravas enfrentaram Abhimanyu na batalha, e uma a uma ele cortou suas armas em pedaços. Ninguém podia enfrenta-lo sozinho. Ele atirou flechas em Dronacarya e Krpacarya, e derrotou Duryodhana, Karna e Dusasana. Não havia nenhum guerreiro do exército oposto que podia enfrenta-lo.

Então Duryodhana deu a ordem “Vamos todos atacar de uma só vez!”

E Abhimanyu disse, “Espere as regras dessa guerra diz que um guerreiro só deve lutar com um guerreiro! Por que vocês estão quebrando sua verdade? Vocês prometeram lutar uma batalha dâmica baseada nas leis de coragem militar. Nós todos juramos manter o código de conduta militar de que somente um guerreiro lutaria com um guerreiro.”

Duryodhana disse, “Meu dever é defender-me de meu inimigo de qualquer forma que eu possa. Estou aqui para ganhar esta guerra. Não cuido de éticas do código militar. Todos ataquem-no de uma só vez!”

Abhimanyu atirou flecha após flecha e ninguém trespassa-lo. Ele feriu todos os guerreiros que o enfrentavam e ninguém podia tocar nele. Então Kama atirou uma flecha que avariou sua camuagem Abhimanyu caiu da carruagem no chão. Cada um dos guerreiros Kauravas pegaram suas espadas, e todos eles o atacaram de uma só vez. Abhimanyu apanhou a roda da camuagem e girou ao redor, assim ninguém podia aproximar-se dele. Mas enquanto ele estava lutando na frente, eles o agarraram por detrás, e eles o derrubaram e o apunhalaram com suas espadas. E Abhimanyu deixou seu corpo no campo de batalha.

Quando Ajuna soube da notícia, ele veio ao campo de batalha realizar os ritos para seu filho morto. Todos os grandes guerreiros de ambos os exércitos ficaram aquela noite ao redor da pira funerária e Dronacarya disse, "Ajuna, se não fosse por Abhimanyu, nós teríamos ganho a batalha hoje. Nunca houve um herói em qualquer batalha como seu filho. Sozinho ele derrotou todos os comandantes do exército Kaurava, e foi somente por fraude que ele caiu na batalha." E aquele dia Ajuna tomou o voto solene de que ele iria derrotar aquelas forças da fraude.

E ele fez. Um por um os guerreiros Pandava matou cada general do exército Kaurava. Bhisma, Dronacarya, Kpacarya, Asvatthama, Jayadratha Kama e Dsasana, todos encontraram suas mortes na batalha. Por fim Bhim encontrou Duryodhana em combate direto com a maça. Tendo matado Duryodhana os Pandavas recuperaram seu reino. Mas não havia alegria em ter um reino a tal custo.

Drastra, Gandhari, Kunti e Vidura partiram para a floresta para praticar meditação. Por fim eles deixaram seus corpos. Krishna foi confundido com um pavão e morreu com a flechada de um caçador. O final da Dapara Yuga estava vindo a se completar.

Os irmãos Pandavas não mais tinham qualquer desejo de manter o reino. Quando Pariksit, o filho de Abhimanyu nasceu do útero de Uttara, e completou seis anos de idade, os irmãos Pandava o coroaram como Rei, e eles também partiram para realizar tapasya nos Himalayas, e por fim deixaram seus corpos mortais.

Pariksit e a Vinda de Kali

Que poderoso Rei foi Pariksit! Ele não deixava que qualquer inimigo de dharma residisse em qualquer lugar do seu reino. Quando Pariksit ficou um homem velho, sua esposa concebeu um filho. Mas antes do filho nascer, uma coisa surpreendente aconteceu. Um dia o Rei estava caçando na floresta, e quando ele veio para perto da fronteira de seu reino, ele viu Kali Yuga se aproximando. Ele disse, "Kali, o que você está fazendo aqui? Você não pode vir ao meu reino!"

Ele pegou sua espada e começou a perseguir Kali. Kali correu de medo. Para onde quer que Kali corresse, Pariksit corria atrás, até que Pariksit finalmente alcançou e agarrou Kali pelo cabelo e segurando aquele cabelo, ele pegou sua espada e disse, "Eu cortarei sua cabeça. Eu não permitirei que Kali viva em meu reino!"

E Kali disse, "Espere Rei! Eu torno refúgio em você. Você não pode matar um ser que se refugia em você. Este não é o dharma dos reis. Eu me rendo a você. Não me mate."

"Por que eu não deveria matar você?" perguntou Pariksit.

"Eu tenho algumas boas qualidades também" Disse Kali.

Pariksit disse, "Diga uma."

Kali respondeu, "Qualquer Karma que um indivíduo realize na minha idade, ele receberá os frutos imediatamente."

Pariksit concordou, "Esta é uma boa qualidade. Se almas nobres realizam ações puras elas irão rapidamente avançar na vida espiritual. Mas eu não permitirei que você viva em meu reino enquanto eu for o Rei."

E Kali perguntou, "Então onde viverei?"

Pariksit respondeu, "Darei a você três lugares para viver. Você pode viver na luxúria, você pode viver na fraude e você pode viver nos jogos."

Kali disse, "Estes lugares são muito limitados. Dê-me um outro lugar para viver."

E Pariksit disse, "Você pode viver no ouro."

Kali disse, "Muito obrigado meu Rei. Eu prometo que não entrarei em seu reino enquanto você viver, mas irei somente habitar estes quatro lugares."

Mas o Rei esqueceu que a coroa em sua cabeça era feita de ouro, e Kali entrou na coroa.

A medida em que o Rei perseguia sua caça pela floresta, ele tomou-se muito cansado e sedento, quando ele veio ao eremitério de um Rsi. O Rsi estava sentado em profunda meditação. O Rei Pariksit disse, "Rsi, estou extremamente desorientado pela sede. Eu poderia, por favor, tomar um pouco de água?"

O som das palavras de Pariksit não entraram nos ouvidos do Rsi. Ele estava em profunda meditação. Pariksit limpou a garganta e disse novamente, "Hm, Rsi!" em mais alto tom "Rsi, por favor desperte! Eu estou profundamente desorientado pela sede. Por favor dê-me um pouco de água."

Mas o Rsi estava absorvido em Samadhi e não respondeu.

Da coroa de ouro no topo da cabeça do Rei, Kali disse, "Olhe que insulto. Ele está fingindo. Ninguém pode ser tão insensível para ignorar o Rei quando ele está sedento. Tudo o que você pediu foi um copo de água. Veja se realmente ele está meditando ou se está somente enganando."

Então o Rei olhou para o chão e viu uma cobra morta no chão. Sob a influência de Kali ele pegou aquela cobra morta, envolveu-a ao redor do pescoço do Rei e foi embora. Quando o filho do Rsi, Singa, retornou ao ashrama, ele viu seu pai meditando no mais profundo Samadhi, pura absorção intuitiva, com a cobra morta ao redor de seu pescoço. O filho disse, "Que insulto é este? Pode imaginar que alguém iria fazer isso ao meu pai, que está meditando na mais pura absorção da divina consciência?"

Ele pegou um pouco de água em suas mãos, e pronunciou uma maldição. "Quem quer que tenha feito esta odiosa ofensa, eu o amaldiço! Dentro de sete dias, Taksa, o Rei das Serpentes, irá picá-lo e este indivíduo irá morrer do veneno de cobra." E ele an�ressou a água.

Quando o Rei Pariksit ouviu que ele tinha sido amaldiçoado para morrer com a picada de uma cobra dentro de sete dias, ele chamou todos os ministros para juntarem-se e disse, "O que faremos?"

Eles disseram, "Ninguém pode evitar a vontade de Deus. O que quer que Deus proclame isso acontecerá. Todavia um indivíduo deve fazer todo o esforço para agir corretamente. Rapidamente vamos construir uma torre completamente impermeável. No topo da torre construiremos os quartos do Rei, e iremos colocar sentinelas ao redor e assim não permitiremos nem mesmo um inseto entrar. E lá o Rei ouvirá o Bhagavat, e todos nós iremos orar a Deus."

Imediatamente a imensa torre com os quartos do Rei em cima foi construída, e em toda a volta sentinelas foram colocados, de modo que nem mesmo um inseto pudesse entrar. Pariksit sentou-se no quarto de Rei e ouviu Sanat Kumara recitar o Bhagavat e contar as histórias da história e tradição do Sanatana Dharma.

Havia um Brahmin muito pobre cujo nome era Kasyapa. Quando Kasyapa soube que o Rei estava tomando refúgio numa torre elevada por medo de uma picada de cobra, ele pensou, "Eu tenho um mantra que cura picadas de cobra. Eu irei ao Rei e o ensinarei, assim quando Taksa o picar ele pode pronunciar o mantra e tomar-se curado imediatamente. Então talvez ele me dê algum dinheiro."

Kasyapa foi até a torre do Rei, e em seu caminho ele encontrou Taksa, o Rei das Serpentes. Eles começaram a caminhar pela estrada em direção a torre do Rei.

Taksa iniciou a conversa, "Ó Brahmin, onde você está indo?"

Kasyapa, o Bahmin, respondeu, “Eu ouvi que o Rei Pariksit foi amaldiçoado para morrer do veneno de uma serpente dentro de sete dias. Taksa, o Rei das Serpentes, está indo para picá-lo. Eu tenho um mantra que cura picadas de cobra.”

Taksa perguntou, “Verdade? Que tipo de mantra é este?”

Kasyapa respondeu, “Ó é de fato um mantra maravilhoso. Ele age muito bem com todos os tipos de venenos.”

E Taksa disse, “Você vê aquela árvore? Você acha que se eu colocar veneno naquela árvore, você pode curá-la?”

Kasyapa disse, “Certamente!”

Então Taksa injetou veneno na árvore com suas presas venenosas e a árvore imediatamente reduziu-se a cinzas. Taksa disse, “Você pensa que seu mantra pode curar aquela árvore?”

Kasyapa disse, “Certamente que pode! Ele fechou os olhos, esfregou as mãos juntas por um pouco de tempo e disse o mantra, e a árvore voltou a viver novamente.”

Taksa disse, “Que maravilha! Nunca vi uma coisa como essa em minha vida. O que você deseja?”

Kasyapa respondeu, “Sou um pobre Bahmin e preciso de algum dinheiro com o qual alimentar minha família. Assim darei este mantra ao Rei. Talvez ele me dê algum dinheiro com o qual eu possa alimentar minha família.”

Então Taksa disse, “Bem, eu lhe darei o dinheiro agora mesmo. Se você está indo lá só pelo dinheiro, você não tem que ter este trabalho de ir por todo o caminho. Por que você não vai para casa. Aqui, tome este dinheiro e volte para sua casa.”

Então Kasyapa sentou-se em meditação e viu que era o tempo do Rei deixar seu corpo de qualquer modo. Assim ele disse para Taksa, “Está certo, aceitarei seu dinheiro,” e ele voltou para casa.

Fia o entardecer do sétimo dia, e Sarat Kumara tinha justamente terminado a recitação do Bhagavat. Pariksit estava totalmente iluminado com a sabedoria, e ele disse, “Você sabe, meu Guru, qualquer que seja a vontade de Deus, será. E eu me curvo a vontade de Deus. Se Deus deseja que eu sobreviva, eu sobreviverei; e se Deus deseja que eu deixe esse corpo, eu o deixarei. Já não tenho mais ligação ao meu próprio desejo. Eu me rendo a vontade de Deus, e aceito qualquer que seja a Vontade Divina.”

Justamente então Taksa veio até a base daquela torre. Ele tomou a forma de um Bahmin e as outras cobras com ele tomaram todas as formas de Bahmins também. Eles disseram, “Capitão da Guarda, gostaríamos de ver o Rei.”

O Capitão da Guarda disse, “Eu sinto muito, ninguém pode entrar. O Rei não verá ninguém hoje.”

Então Taksa explicou ao Capitão da Guarda, “Nós somos santos Bahmins, e temos estado orando pelo bem estar do Rei. Temos feito puja pelo bem estar dele, e trouxemos alguma prasada dessas oferendas. Poderia ao menos dar essas frutas ao Rei?”

O Capitão da Guarda disse, “Certamente.” Ele pegou a cesta de frutas e a enviou ao quarto do Rei. O mensageiro disse, “Rei, alguns santos Bahmins da floresta têm feito adoração para o seu bem estar, e eles enviaram alguma prasada daquela oferenda. O sol está se pondo no horizonte e você se livrará do perigo. Você gostaria de aceitar uma oferenda da prasada deles?”

O Rei Pariksit disse, “Eu de fato não estou com fome agora. Pegue esta prasada e divida entre os soldados. Só me deixe esta pequena maçã.” Ele pegou a pequena maçã da cesta e disse, “Divida esta maçã entre os ministros.” Ele abriu a maçã, onde ele viu uma pequena pinta. E a pinta começou a crescer a crescer até tornar-se uma lombriga. E a lombriga cresceu até tornar-se uma serpente. E a serpente cresceu até tornar-se Taksa, o Rei das Serpentes, que picou o Rei Pariksit injetando-lhe o veneno mortal, e o Rei Pariksit deixou sua vida.

Rei Janamejaya e o Grande Yajña

Depois de algum tempo, a rainha deu nascimento a um filho muito belo cujo nome era Janamejaya. Janamejaya cresceu para ser o Rei. Após ele ter sido coroado como Rei e tomado os deveres de administrar sua nação, um dia ele virou-se para seus ministros e disse, "Fale-me sobre meu pai. Como ele morreu?"

Os ministros disseram, "Seu pai foi morto pela picada de cobra de Taksa, o Rei das Serpentes, devido a maldição de um Rei."

Janamejaya disse, "É dever do filho vingar a morte do seu pai. Agora eu declaro guerra a todas as cobras. Eu farei um grande Yajña de cobra, no qual queimarei todas as cobras no fogo de nosso altar sacrificial."

Ele enviou seus soldados em todas as direções procurando por todas as cobras que pudessem encontrar, e convidou os Rsis e Brahmins, que sentaram-se ao redor do fogo sagrado cantando mantras. Uma de cada vez ele atirava as cobras nas chamas ardentes.

Quando Taksa ouviu sobre o sacrifício de cobras, ele correu e se escondeu. Janamejaya chamou Garuda, a águia que é o transporte de Vishnu e ordenou, "Encontre Taksa. Eu o queimarei no fogo!"

Todos os seus soldados trouxeram muitas serpentes, e a medida em que as cobras eram trazidas, Janamejaya as atirava ao fogo. Todas as cobras que puderam escapar tomaram refúgio com Manasa Devi.

Manasa Devi era a esposa de Jaratkaru Muni, e eles tinham um filho chamado Astik Muni. Quando as cobras vieram até Manasa Devi elas disseram, "Mãe, por favor salve-nos! Somos inocentes. Não fizemos nada. É justo matar toda uma raça da criação por causa do delito de um de seus membros? Nós não somos responsáveis pela morte do Rei Pariksit. Salve-nos!"

Manasa Devi concedeu a elas a liberdade do medo e chamou seu filho, Astik Muni. Ela disse, "Muni, encontre um meio de parar este sacrifício de cobra."

Astik Muni disse, "Por favor dê-me sua bênção, Mãe, e certamente irei parar."

Manasa Devi deu-lhe suas bênçãos e Astik Muni, brilhando com o esplendor da tapasya, foi caminhando em direção à arena sacrificial, onde estava acontecendo o sacrifício de cobras.

Quando o Rei Janamejaya viu o brilhante Muni vindo até a área sacrificial para abençoá-lo, ele levantou-se de seu sacrifício e se curvou a ele e deu-lhe boas vindas com grande respeito. Ele disse, "Muni, peça-me algum benefício."

E o Muni disse, "Rei, tenho um pedido a você."

O Rei respondeu, "Qualquer coisa que seja será feito. Eu me curvo ao santo Brahmin. Eu me curvo ao esplendor de sua tapasya, à sabedoria que te ilumina. Certamente realizarei seu pedido. Por favor explique-me o que está em sua mente."

Então o Muni disse, "Um Rei é um protetor dos súditos de seu reino. Estas inocentes cobras não fizeram nenhum mal a ninguém. Elas também são súditos de seu reino. Portanto, você está transgredindo seu dharma por matar estes súditos inocentes. Seu dever é protegê-las. Proteger os indefesos e desvalidos, e se esforçar para a elevação dos oprimidos é dever de um Rei.. Aqui você está perseguindo os indefesos. Você está usando os poderes de seu dharma guerreiro para o mal em lugar de o usar para o bem, e os efeitos disso serão adversos. Portanto, Rei Janamejaya, eu lhe peço para parar este sacrifício!"

O Rei disse, "Eu tomei o sankalpa de vingar a morte de meu pai. Como posso parar o sacrifício, quando o matador de meu pai ainda está à solta, e o sacrifício ainda não está completo?"

Astik Muni disse, "Seu pai alcançou a liberação através da maldição do Rei. O Rei das Serpentes foi meramente o instrumento. Agora a maior honra que você poderia prestar à memória de seu pai é mudar a natureza

do seu sacrifício da destruição para a construção. Assim Rei, se você parar de destruir esta raça de cobras, você pode completar o sacrifício de todos os sacrifícios por ouvir a sabedoria das escrituras.”

Janamejaya concordou. Ele libertou todas as cobras restantes, e sentou-se para ouvir enquanto Veda Vyasa narrava as histórias do Swami Purana. Por fim ele obteve a liberação.

Quem quer que ouça estas histórias do Swami Purana com o coração aberto, e aprenda a Sabedoria de nosso Dharma com Pura fé e Atenção, irá certamente ser abençoado com Paz e Prazer, Saúde e Prosperidade, e a maior harmonia em cada ação executada.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.